LINGUÍSTICA IN FOCUS 14

# Saussure:
## manuscritos, aulas e publicações

Eliane Silveira
Stefania Montes Henriques
*Organizadoras*

EDUFU

Saussure:
manuscritos, aulas e publicações

*Reitor*
Valder Steffen Jr.

*Vice-reitor*
Carlos Henrique Martins da Silva

*Diretor da Edufu*
Alexandre Guimarães de Tadeus Soares

*Conselho Editorial da Edufu*
Amon Santos Pinho
Arlindo José de Souza Junior
Carla Nunes Vieira Tavares
Mical de Melo Marcelino
Sertório de Amorim e Silva Neto
Wedisson Oliveira Santos

*Equipe de realização*

| | |
|---|---|
| Coordenador de publicações | Eduardo Moraes Warpechowski |
| Editora de publicações | Mariana Araújo Zocratto |
| Revisão | Lúcia Helena Coimbra Amaral |
| Revisão ABNT | Paulo Sérgio Coelho de Sá Filho |
| Capa e diagramação | Heber Silveira Coimbra |

*Coordenadora da Coleção Linguística In Focus*
Marileide Dias Esqueda

*Comissão Editorial*
Guilherme Fromm
Maria Aparecida Resende Ottoni
Valeska Virgínia Soares Souza

*Comissão Consultiva*
Décio Bessa da Costa (UNEB)
Érica Luciene Alves de Lima (Unicamp)
Fabrício Tetsuya Parreira Ono (UFMS)
Gleiton Malta (UFBA)
Juliana de Freitas Dias (UnB)
Kleber Aparecido da Silva (UnB)
Sandra Aparecida Faria de Almeida (UFJF)
Thyago Madeira França (UEG)
Vanessa Regina de Oliveira Martins (UFScar)
Wagner Rodrigues Silva (UFT)

Eliane Silveira
Stefania Montes Henriques
Organizadoras

# Saussure:
# manuscritos, aulas e publicações

Linguística In Focus
Volume 14

EDUFU

ileel
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

Copyright 2022© Edufu
Editora da Universidade Federal de Uberlândia/MG
Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução parcial ou total por qualquer meio sem permissão da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

S259m 2022

Saussure [recurso eletrônico] : manuscritos, aulas e publicações / Eliane Silveira, Stefania Montes Henriques (organizadoras) -- Uberlândia : EDUFU, 2022.
324 p. : il. ; (Linguística in focus ; v. 14).

ISBN: 978--65-5824-024-2
Livro digital (e-book)
DOI: http://doi.org/10.14393/978--65-5824-024-2
Disponível em: repositorio.ufu.br/handle/123456789/29473
Inclui bibliografia.

1. Linguística 2. Linguagem. 3. Escrita. 4. Saussure, Ferdinand de, 1857-1913. I. Silveira, Eliane, (Org.). II. Henriques, Stefania Montes, (Org.). III. Série.

CDU: 801

---

André Carlos Francisco – Bibliotecário – CRB-6/3408

EDUFU – Editora da Universidade Federal de Uberlândia
Av. João Naves de Ávila, 2121
*Campus* Santa Mônica – Bloco 1S
Cep 38.400-902 – Uberlândia – MG
Tel.: (34) 3239-4293
www.edufu.ufu.br

Editora associada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

# Sumário

Apresentação ..... 7
*Eliane Silveira e Stefania Montes Henriques*

Capítulo 1
"Quantos Saussure" existem? ..... 13
*Valdir do Nascimento Flores*

Capítulo 2
O ponto de vista cria o objeto: o espraiamento
da proposição saussuriana ..... 35
*Allana Cristina Moreira Marques*

Capítulo 3
A *duplessência* da linguagem: afinal, de que duplo se trata? ..... 61
*Luiza Milano*

Capítulo 4
O prazer histórico de Ferdinand de Saussure e o Phonétique ..... 79
*Thayanne Raísa Silva e lima*

Capítulo 5
Repercussões do ouvido nos manuscritos Saussurianos ..... 97
*Aline Stawinski*

Capítulo 6
Rumo ao encontro de Saussure ..... 113
*Maria Fausta Pereira de Castro*

Capítulo 7
O conceito de dialeto em Saussure: convergências
e divergências ..... 129
*Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor*

Capítulo 8
Idiossincrônico: surgimento, abandono e propagação
de um conceito ..... 147
*Núbia Rabelo Bakker Faria*

Capítulo 9
"A linguagem é uma instituição SEM ANÁLOGO
(se a ela adicionamos a escrita)": a escrita como problema na reflexão
teórica de Saussure ..... 173
*Pierre-Yves Testenoire*

Capítulo 10
O que é um rascunho em ciências da linguagem? Notas preliminares
a uma edição digital dos manuscritos saussurianos ..... 197
*Estanislao Sofia*

Capítulo 11
A homologia nos escritos saussurianos, um conceito rasurado ..... 219
*Bruno Turra*

Capítulo 12
Digressões sobre o arbitrário: da potencialidade de uma premissa..... 245
*Stefania Montes Henriques*

Capítulo 13
"*A língua é forma e não substância*": revisitando
um aforisma saussureano ..... 269
*Maria Francisca Lier-De Vitto, Mariana Trenche de Oliveira
e Brenda Sousa*

Capítulo 14
A linguística geral em Ferdinand de Saussure ..... 281
*Micaela Pafume Coelho*

Capítulo 15
Saussure, Freud, Marx e Musil: o espírito da época..... 295
*Eliane Silveira e André Santos*

Capítulo 16
Algumas notas etimológicas de Ferdinand de Saussure nos *mémoires de la
société de linguistique, vi* ..... 311
*Vítor Jochims Schneider e Fernando Silva e Silva*

# Apresentação

*Eliane Silveira*
*Stefania Montes Henriques*

A publicação de um livro sobre Ferdinand de Saussure com o subtítulo *manuscritos, aulas e publicações* se justifica no sentido de apresentar ao leitor a produtividade de cada um desses diferentes espaços nos quais a produção do linguista foi depositada e reverbera em tantas áreas até hoje. Essa diversidade de suportes materiais nos quais se encontram as elaborações do linguista impõe aos pesquisadores uma via com vários caminhos: pode-se partir da obra responsável pela fundação da Linguística Moderna, como também de seus manuscritos, das anotações de seus alunos, ou ainda se deter em suas publicações.

O que ocorre com o arcabouço teórico saussuriano é que os caminhos escolhidos não se excluem, mas sim se relacionam, muitas vezes se sobrepõem, mostrando-nos uma inter-relação ainda mais profícua entre essas diferentes fontes da produção do genebrino. O resultado dessa diversidade, ao contrário do que se poderia pensar, contribui para uma discussão tanto mais aprofundada quanto complexa da herança intelectual do fundador da linguística moderna.

Mas, para além de mostrar toda a herança que Saussure nos deixou, este livro também pretende evidenciar a amplitude e fecundidade de suas elaborações. Conceitos, aforismas e axiomas que, por vezes, passam despercebidos entre os pesquisadores das ciências da linguagem ainda hoje são dignos de investigação justamente por sua importância e por levantar questões que ainda nos incomodam, sejamos linguistas ou simplesmente falantes

Assim, contando com pesquisadores de renome nacionais e internacionais, este volume da Série Linguística In Focus pretende

desvelar aspectos relacionados tanto à materialidade dos documentos saussurianos como também recuperar debates e colocar novas questões acerca de seu arcabouço teórico. Talvez não se possa dizer de um retorno a Saussure, pois ao que parece ele nunca se deixou esquecer, mas sim de um novo olhar, mais atento e atual, com o potencial de contribuir para as ciências da linguagem.

Iniciamos com o capítulo "Quantos Saussures existem?", que consiste em um desafio proposto e habilmente enfrentado por Valdir do Nascimento Flores ao longo da sua reflexão. Esse desafio aponta para um fenômeno presente na historiografia que discute a produção do fundador da linguística moderna: a fractalidade em torno do seu nome.

Em "O ponto de vista cria o objeto: o espraiamento da proposição saussuriana", por sua vez, Allana Cristina Moreira Marques nos leva ao âmago da afirmação de Ferdinand de Saussure de que "o ponto de vista cria o objeto". A autora parte da hipótese de que essa afirmação, considerada como escandalosa por alguns, se espraia nas elaborações saussurianas atingindo a própria compreensão do conceito de língua e suas relações constitutivas. Esse capítulo nos permite, então, não somente apreender a importância epistemológica dessa afirmação, como também perceber os efeitos da teoria linguística de Saussure.

Em "A *duplessência* da linguagem: afinal, de que duplo se trata?", Luiza Milano investiga o estatuto do aspecto fônico da língua no pensamento de Ferdinand de Saussure, especificamente a partir no manuscrito *Essência dupla da linguagem*, o último documento saussuriano descoberto, para mostrar o quanto esse estatuto contribui para a discussão sobre a *unidade* na reflexão do genebrino.

Thayanne Raísa Silva e Lima, por sua vez, nos leva a um passeio pelo manuscrito *Phonétique*, em seu texto "O prazer histórico de Ferdinand de Saussure e o *Phonétique"*. A autora estabelece uma relação entre a célebre carta enviada a Meillet em 1894 e alguns manuscritos saussurianos, detendo-se de maneira mais detalhada no *Phonétique*, documento datado de 1881-1884. O que se percebe com a leitura desse texto é o movimento saussuriano em busca por uma teoria da língua, entremeado ao mesmo tempo pela história e pelo funcionamento do sistema.

O capítulo "Repercussões do *ouvido* nos manuscritos saussurianos" é, como diz a autora, um "convite para a escuta". Aline

Stawinski, de maneira pontual e bem fundamentada, faz um percurso pelo *Curso de linguística geral* e pelos *Escritos de linguística geral* buscando evidenciar o ouvinte nas elaborações do linguista suíço. Seu texto nos instiga a refletir sobre a escuta, abrindo novos caminhos para a reflexão sobre o funcionamento da língua.

Maria Fausta Pereira de Castro, em "Rumo ao encontro de Saussure", retoma a produção do linguista lá onde a área de pesquisa da autora, aquisição da linguagem, lhe permite uma profícua reflexão sobre a fala da criança a partir da elaboração saussuriana, mais especificamente quando articulada à reflexão de Freud, que permite uma discussão sobre o esquecimento na aquisição da linguagem.

Em "O conceito de dialeto em Saussure: convergências e divergências", Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor retoma Whitney e coloca a sua produção em contraste com a do genebrino tendo em vista o conceito de dialeto e descobre nessa contraposição mais elementos de convergência do que de divergência entre os dois autores.

Núbia Rabelo Bakker Faria, em "*Idiossincrônico*: surgimento, abandono e propagação de um conceito" nos traz uma consistente discussão acerca do termo *idiossincrônico* na produção de Saussure, considerando tanto a publicação de 1916 quanto um manuscrito do genebrino e o caderno de dois de seus alunos.

Em "'A linguagem é uma instituição sem análogo (se a ela adicionamos a escrita)': a escrita como problema na reflexão teórica de Saussure", Pierre-Yves Testenoire traz uma reflexão necessária sobre a escrita em Saussure a partir da analogia entre o sistema de língua e o sistema da escrita, que permite tanto as abordagens linguísticas quanto as semiológicas, configurando, segundo o autor, uma das questões mais relevantes entre as reflexões de Saussure.

No capítulo intitulado "O que é um rascunho em ciências da linguagem? Notas preliminares a uma edição digital dos manuscritos saussurianos", Estanislao Sofia, utilizando-se da Crítica Genética, tece considerações a respeito do tratamento dos manuscritos modernos e, mais especificamente, do objeto "rascunho". O autor se detém no conceito de rascunho como objeto semiótico e nos esclarece a relevância de uma abordagem genética das notas não publicadas de Ferdinand de Saussure e as distintas possibilidades de edição desses documentos. Esse capítulo possui, então, uma importância ímpar na formação e prática daqueles que se detêm nos manuscritos saussurianos.

Bruno Turra, em "A homologia nos escritos saussurianos, um conceito rasurado", nos leva a um percurso pelas elaborações de Ferdinand de Saussure em busca da homologia, conceito que a princípio não parece desempenhar um papel importante nas elaborações do linguista. O autor não só delineia com acuidade a definição de homologia no arcabouço saussuriano como também toca na analogia e no processo de elaboração teórica desses fenômenos.

Em "Digressões sobre o arbitrário: a potencialidade de uma premissa", Stefania Montes Henriques se propõe a refletir sobre o princípio da arbitrariedade e sobre as relações estabelecidas entre ele e outros conceitos nas elaborações saussurianas. Utilizando-se do *Curso de linguística geral*, passando pelo debate sobre o arbitrário na década de 1930 e 1940 e desembocando no manuscrito *Caractères du Langage*, a autora nos mostra como o primeiro princípio do sistema linguístico se coloca como potencial abertura para a constituição de conceitos nodais das elaborações saussurianas.

O capítulo de Maria Francisca Lier-de Vitto *et alia,* "'A língua é forma e não substância': revisitando um aforisma saussureano", traz para o leitor a célebre e polêmica afirmação de Saussure presente no *Curso de linguística geral* e nos mostra a rede de relações teóricas que ela implica, elevando o aforisma ao estatuto de pedra angular que sustenta a formulação teórica que concerne ao objeto da linguística.

No capítulo "A Linguística Geral em Ferdinand de Saussure", Micaela Pafume Coelho parte de uma pergunta que, a princípio, poderia ser óbvia: é a linguística geral um legado de Saussure? Em seus apontamentos, a autora demonstra que, apesar da expressão ser utilizada por estudiosos da linguagem anteriores ao linguista suíço, ainda assim são as suas reflexões que permitem uma ressignificação a ponto de "linguística geral" estar intrinsecamente relacionada à noção de sistema e de língua na teorização de Saussure.

Em "Saussure, Freud, Marx e Musil", Eliane Silveira e André Santos abordam a questão do "espírito da época", ou *Zeitgeist*, na obra dos autores a partir da teoria do valor e das relações sintagmáticas e associativas, contribuindo para o movimento de reinterpretação das elaborações saussurianas.

Por fim, em "Algumas notas etimológicas de Ferdinand de Saussure nos *Mémoires de la Société de Linguistique, VI*", Vítor Jochims Schneider e Fernando Silva e Silva nos apresentam a tradução de um

pequeno conjunto de textos publicados em vida por Ferdinand de Saussure nos *Mémoires de la Sociéte de Linguistique*, de 1889. As sete notas etimológicas escolhidas pelos tradutores nos evidenciam a importância de se considerar os estudos histórico-comparatistas na construção da figura do linguista suíço e indicam uma necessidade premente de leitura pelo público brasileiro.

Assim, a heterogeneidade das fontes da produção saussureana se mostram, neste livro, produtivas e constitutivas da discussão sobre o autor, bem como estimulam uma interpretação que, se, por um lado, reconhece algumas direções históricas, por outro, estão muito longe de constituir uma homogeneidade. Antes, a singularidade do(s) autor(es) e as suas caraterísticas institucionais diferenciam os trabalhos mesmo que "o ar dos tempos" em que são produzidos os toquem, a todos. Entretanto, deixamos a última palavra a Benveniste, um inspirador intérprete de Saussure: "Talvez o melhor testemunho da fecundidade de uma doutrina consista em engendrar a contradição que a promove".

# Capítulo 1

# Quantos “Saussure” existem?

*Valdir do Nascimento Flores*

## 1 Introdução

A pergunta que serve de título a este texto certamente deve provocar alguma inquietação ao leitor. Afinal de contas, não é comum duvidar-se da unicidade que o nome próprio designa. Porém, apesar do inusitado da indagação, sua formulação é, na atualidade, necessária, e veremos o motivo.

Em primeiro lugar, é importante lembrar que não é de hoje que ouvimos falar em “mais de um” Saussure. Testenoire (2019, p. 398-399), ao comentar o momento específico da recepção saussuriana em que a leitura do *Curso de linguística geral* (CLG) (1975 [1916]) encontra a dos anagramas, lembra que “Les deux Saussure” [Os dois Saussure] é o título dado a um colóquio – ocorrido em abril de 1974, em Nova York –, dedicado aos anagramas saussurianos. O colóquio teve suas atas reproduzidas no número 16 da revista *Recherches Sémiotextes*, também em 1974. O número foi intitulado, a exemplo do colóquio, “Les deux Saussure”. Em 1975, Louis-Jean Calvet, em *Pour et contre Saussure* [A favor e contra Saussure], contrapõe o Saussure dos anagramas ao Saussure do *Curso* (dois, novamente, portanto). Em 1981, Michel Pêcheux e Françoise Gadet, no livro *La langue introuvable*, num capítulo também intitulado “Deux Saussure”, se esforçam para articular o Saussure do *dia* e o Saussure da *noite* de modo a ler conjuntamente a linguística geral e as pesquisas poéticas do genebrino. Françoise Gadet, por sua vez, inicia seu *Saussure. Une Science de la langue*, de 1987, com um capítulo não por acaso denominado “Isso maître qui n’isso était pas isso” [Um mestre

que não era um], no qual fala das "revoluções saussurianas"[1]: a primeira, devida à publicação do CLG; a segunda, aos anagramas. Fala também a respeito do trabalho sobre as lendas germânicas dos *Niebelungen*. Mais recentemente, Bouissac (2012 [2010], p. 239-240) lembra que o linguista britânico Roy Harris "distinguiu três Saussure: primeiro, o suposto autor do *Curso de linguística geral* [...]", enquanto "o segundo Saussure é o professor dos três cursos de linguística geral [...]. Em terceiro lugar, existe um Saussure ainda mais complexo que escreveu milhares de páginas e desenhou inúmeros diagramas".

Entre nós, no Brasil, Edward Lopes (1997), em um livro importante na historiografia linguística brasileira, mapeia nada menos que quatro Saussure. Segundo sua avaliação,

> ao sabor das modas e à medida que surgiam à luz seus inéditos, em que se publicavam seus manuscritos ou se revisavam antigas comcepções a seu respeito, foram precisando-se aos poucos, sucessivamente, os traços característicos de pelo menos quatro Saussures diferentes, na mesma pessoa – um comparatista, um geralista, um estruturalista e um semiolinguista (LOPES, 1997, p. 49).

Observe-se que a análise de Lopes coloca no mesmo plano o que é da ordem propriamente da produção intelectual de Saussure e o que é da ordem de sua recepção[2] (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2010). O fato de se admitir haver um Saussure estruturalista, por exemplo, é algo que pode ser relacionado à recepção de Saussure pela intelectualidade de uma determinada época e não propriamente algo que se possa impingir diretamente à sua obra.

Além desses Saussure, sabemos que há também um Saussure especificamente da gramática comparada, cujos estudos se tornaram célebres ainda durante a vida do mestre: o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1879) e a tese de doutorado *De l'emploi du génitif absolu em sanscrit* (1881).

---

[1] Essa expressão é normalmente atribuída a Jakobson. Testenoire (2019, p. 397) explica que sua "paternidade se deve, na verdade, a Thomas Aron, em um artigo de 1970 intitulado 'Uma segunda revolução saussuriana?'".

[2] Para uma visão sobre a recepção de Saussure no Brasil, ver Flores (2017).

Como se não bastasse essa multiplicidade, diriam os mais apreensivos, há ainda a infinidade de manuscritos saussurianos – sobre linguística geral ou não –, as cartas de Saussure, os cadernos com anotações de seus alunos etc. Bons exemplos ilustrativos aqui não faltam. Basta lembrar o livro de Simon Bouquet (2000 [1997]), *Introdução à leitura de Saussure,* que, com base nesses manuscritos, busca "permitir a releitura de Saussure em sua letra original" (BOUQUET, 2000 [1997], p. 18), ou o livro de Loïc Depecker (2012 [2009]), cujo título emblemático, *Compreender Saussure a partir dos manuscritos,* já dá mostras do que a obra pretende. A introdução do livro de Depecker intitula-se, exatamente, "Outro Saussure".

Há também, evidentemente, o livro póstumo atribuído a Saussure, o *Curso de linguística geral*, com suas edições críticas – *Cours de linguistique générale. Édition critique par Rudolf Engler* (cf. SAUSSURE, 1989 [1968]; SAUSSURE, 1990 [1974]) e *Cours de linguistique générale. Édition critique par Tullio De Mauro* (cf. SAUSSURE, 1976 [1968]) – e o inventário de suas fontes – *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale* (cf. GODEL, 1969 [1957]).

Por último, não podemos ignorar uma situação nova, instaurada, desta vez, pela publicação dos *Escritos de linguística geral* (ELG) (cf. SAUSSURE, 2004 [2002]), livro que reúne manuscritos de Saussure acerca da linguística geral, organizado e editado por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Trata-se, aqui, de uma situação absolutamente singular na história recente das ciências. Diferentemente da realidade descrita nos parágrafos anteriores, que é mais circunscrita ao âmbito da especializada filologia saussuriana, temos agora "dois Saussure" circulando no mercado editorial, portanto em um âmbito cultural amplo, não necessariamente exclusivo dessa filologia.

Na verdade, embora o livro não seja um acontecimento completamente novo para o público especializado – uma vez que apresenta, além de manuscritos inéditos, outros manuscritos já há algum tempo conhecidos dos estudiosos saussurianos –, para o público em geral, o fato de existir um livro intitulado *Escritos de linguística geral* com autoria atribuída a Saussure instaura uma realidade inusitada, qual seja: há um segundo livro de Saussure sobre a linguística geral. E qual deles se deve utilizar? O *Curso* ou os *Escritos*? Ambos? E de que maneira? Contrastivamente ou articuladamente?

Essa realidade é a origem de outras indagações, muito comuns, que são dirigidas àqueles que se dedicam a falar sobre a obra e o pensamento de Saussure. Por exemplo, perguntam jovens linguistas, professores de linguística e estudantes em geral: qual é o Saussure mais correto atualmente? O do *Curso* ou o dos *Escritos*? Qual é o verdadeiro Saussure? Que Saussure deve ser ensinado nos bancos universitários? Tudo o que se sabia sobre Saussure antes da publicação dos *Escritos* deve ser abandonado?

Ora, é inegável que essas perguntas são, no mínimo, corriqueiras para todos os que se ocupam de Saussure nos dias de hoje. Quem nunca foi inquirido com uma dessas perguntas após ter ministrado alguma conferência ou mesmo uma aula sobre o genebrino em que a questão da heterogeneidade das fontes tenha sido evocada?

Dito de outro modo, se, antes da publicação do ELG, já era bastante conturbada a situação em torno da obra saussuriana, marcada por uma comunidade de especialistas que se divide entre aceitar um ou mais Saussure (não raras vezes, clivada em paradigmas epistemológicos complexos que vão desde a oposição verdadeiro/falso, a filósofo/linguista, linguística/semiologia etc.), agora essa situação se complexifica. De certa maneira, a dúvida sobre "quantos Saussure existem" adquire um certo *laissez-passé* em âmbito mais amplo, não restrito à comunidade de especialistas.

Admitida a realidade que traçamos em linhas gerais até aqui – tanto no contexto especializado quanto no contexto do público mais amplo –, caberia voltar à pergunta-título deste texto para tomá-la em uma perspectiva mais determinada. Para tanto, achamos importante referi-la a uma clivagem definida também por uma pergunta, ou seja, gostaríamos de introduzir nessa discussão um "para quem?". Em outras palavras, à pergunta "Quantos Saussure existem?", gostaríamos de contrapor outra: "para quem?".

Ora, uma rápida observação do cenário em que se encontra a "obra" saussuriana – e usamos, conscientemente, a palavra "obra" aqui em um sentido pouco técnico de conjunto de produções de um cientista ou mesmo de um artista – é suficiente para mostrar que o debate em torno dos "múltiplos" Saussure é, em um primeiro momento, circunscrito a um ambiente acadêmico, científico e especializado. O transbordamento para o campo da cultura em geral se dá *a posteriori*, em decorrência desse embate especializado, sem dúvida, mas principalmente graças à publicação do ELG. Bem entendido, o

que se quer dizer é que os estudos especializados há muito – desde, no mínimo, a metade do século XX – se interessam pelas várias faces de Saussure, sem que isso, no entanto, tenha provocado algum efeito mais importante que possa ser estendido para além do grupo de doutos que o examina. Essa extensão é mais recente e devida à publicação do ELG.

Então, é preciso admitir que a clivagem instaurada pela pergunta "para quem?" impõe, no mínimo, duas perspectivas: em um primeiro momento, há diferentes Saussure para os especialistas, e isso há muito tempo; em um segundo momento, há diferentes Saussure para o público em geral (aí incluído o público afeito à didatização, como professores e alunos universitários), e isso há pouco tempo, desde o aparecimento do livro *Escritos de linguística geral* em 2002, na França, e em 2004, no Brasil.

Isso requer maior reflexão, uma vez que é evidente que, em cada caso, há particularidades a serem levadas em conta. Dito de outro modo, há "diferentes Saussure".

## 2 Os diferentes Saussure dos especialistas

Quando observamos a comunidade de especialistas debater acerca dos diferentes Saussure, muito facilmente percebemos que a discussão adquire contornos filológicos, exegéticos e até mesmo fundamentalistas. O conjunto das produções em torno do nome Saussure é distribuído em vários subconjuntos, em função do paradigma teórico-metodológico a partir do qual é mobilizado. Para ilustrar isso, tomemos alguns exemplos que, em algum momento, buscaram sistematizar a obra saussuriana.

Um primeiro exemplo pode ser encontrado na segunda parte do livro *Saussure: entre linguistique et sémiologie* [Saussure: entre linguística e semiologia], de Johannes Fehr (2000 [1997]). Nele, vemos uma distribuição da obra nos seguintes termos (cf. a seguir, no Quadro 1):

Quadro 1 – Bibliografia de Saussure

I – Escritos de Ferdinand de Saussure e documentos biográficos

1. Publicações de 1877 a 1913
2. Publicações póstumas
3. Lista de cartas e rascunhos de cartas redigidas por Saussure e não publicadas
4. Documentos

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Fehr, (2000 [1997]).

Nessa proposta, tem-se uma apresentação feita de acordo com a divisão entre o que é póstumo e o que não é póstumo. Além disso, são apresentados documentos de natureza diversificada.

Um segundo exemplo vem da *Bibliographie* organizada por Mareike Buss, Lorella Ghiotti e Ludwig Jäger para o número 76 do *Cahiers de L'Herne*. Ela se divide conforme o Quadro 2, abaixo:

Quadro 2 – Obras de Saussure

1. Obras de Saussure

1.1 Obras publicadas por Saussure

1.1.1 Monografias

1.1.2 Artigos

1.2 Edições póstumas

1.2.1 Cursos e notas de cursos

1.2.2 Escritos

1.2.3 Correspondência

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Buss; Ghiotti; Jäger (2003).

Vê-se, no Quadro 2, que o princípio da organização proposta leva em consideração o que efetivamente foi publicado por Saussure e o que é póstumo, esse último subdividido entre o que é de natureza oral (cursos e notas dos cursos) e o que é de natureza escrita (escritos e correspondências).

Diferente desses dois exemplos – que são, por assim dizer, gerais – é a proposta de Simon Bouquet (1998). Em seu artigo intitulado "Les deux paradigmes éditoriaux de la linguistique générale de Ferdinand de Saussure" [Os dois paradigmas editoriais da linguística geral de Ferdinand de Saussure], publicado no número 51 dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Bouquet se dedica apenas ao que considera ser "a linguística geral" de Saussure, expressão usada para designar o conjunto de reflexões de um domínio específico da produção intelectual do genebrino. Sobre isso, explica ainda Bouquet:

> O que designo pela expressão "a linguística geral de Ferdinand de Saussure" é um corpus composto por três tipos de textos: (1) os textos autógrafos de Saussure, (2) as notas feitas por seus alunos durante as três sessões de cursos intitulados "linguística geral" ministrados em Genebra entre 1907 e 1911, (3) o texto publicado em 1916 com o título *Curso de linguística geral*. (BOUQUET, 1998, p. 287-288, tradução nossa).

Observe-se que o recorte feito por Bouquet exclui uma série de trabalhos outros de Saussure que não dizem respeito diretamente ao que considera a linguística geral. Bouquet explicita isso na primeira nota de seu artigo:

> deixo de lado os trabalhos técnicos de gramática comparada (a maioria deles republicados no *Recueil des publications scientifiques* de 1922), as pesquisas sobre as lendas e os anagramas e outros textos de reflexão filosófica ou psicológica como os textos sobre a filosofia hindu (manuscritos de Harvard, parcialmente publicados na segunda metade do século XX), mesmo que apareçam esporadicamente nessas obras proposições que podem ser consideradas de "linguística geral". O mesmo é verdade para outros cursos de Genebra (notadamente o curso de etimologia grega e latina de 1911-1912 e os dois cursos de gramática comparada – fonética e morfologia – de 1909-1910). Também deixei de lado a correspondência (publicada de forma parcial e dispersa) que às vezes pode conter elementos de interesse para a linguística saussuriana em geral (BOUQUET, 1998, p. 287, tradução nossa).

O que vemos de muito interessante nessa nota de Bouquet é que, ao mesmo tempo em que explicita o que o autor exclui de seu

horizonte de pesquisa, ela detalha, no grupo do que é excluído, outra possibilidade de visão geral do conjunto da produção de Saussure.

A síntese do que defende Bouquet (1998) acerca do estado dos textos saussurianos de linguística geral pode ser visualizada no Quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Categorias de textos de linguística geral de Saussure

| |
|---|
| 1ª categoria de textos: os textos autógrafos de Saussure |
| 2ª categoria de textos: as notas dos estudantes dos cursos de linguística geral em Genebra |
| 3ª categoria de textos: o *Curso de linguística geral* |

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Bouquet (1998).

Observe-se que Bouquet apresenta essa classificação de um ponto de vista muito preciso: a) trata-se de uma proposta apenas do paradigma editorial; b) trata-se apenas dos trabalhos concernentes à linguística geral; c) embora isto não seja claramente explicitado, trata-se apenas do reconhecimento do que ele considera textos autênticos. Além disso, cabe ver que, nessa proposta de Bouquet, ficam a descoberto as demais produções saussurianas e/ou publicações a elas relativas.

Por último, gostaríamos de lembrar aqui o estudo de Rossitza Kyheng (2007), "Principes méthodologiques de constitution et d'exploitation du corpus saussurien" [Princípios metodológicos de constituição e exploração do corpus saussuriano]. Nele, vê-se a busca do estabelecimento de uma gradualidade da autenticidade da produção de Saussure. Para Kyheng, há, de um lado, o *arquivo saussuriano*, isto é, "a coleção de documentos historicamente ligada à personalidade de Saussure" (KYHENG, 2007, p. 2, tradução nossa). Para ela, "este arquivo está aberto e recebe textos de vários autores" (KYHENG, 2007, p. 2, tradução nossa), além de, por óbvio, do próprio Saussure, na medida em que são revelados ao público. De outro lado, há o *corpus saussuriano*, isto é, "o conjunto dos textos de Ferdinand de Saussure (obras, artigos, notas, rascunhos, lições, cartas, etc.), e nada além de textos cujo autor legítimo é o próprio Saussure" (KYHENG, 2007, p. 2, tradução nossa).

Além dessa distinção entre *arquivo* e *corpus*, sobre a qual não nos manifestaremos aqui, Kyheng procede a uma segunda distinção, que distribui os textos de acordo com um julgamento de autenticidade. A síntese de sua proposta pode ser visualizada abaixo, no Quadro 4.

Quadro 4 – Gradualidade da autenticidade da produção de Saussure

| | |
|---|---|
| A R Q U I V O S A U S S U R I A N O | ***Corpus* saussuriano**<br>1. Escritos autênticos: textos autógrafos de Ferdinand de Saussure<br>1. Categoria 1 – textos autênticos, cuja versão final foi estabelecida pelo próprio Saussure<br>2. Categoria 2 – textos autênticos, cuja versão final não foi estabelecida pelo próprio Saussure. Essa categoria inclui os textos autógrafos de Ferdinand de Saussure (manuscritos, notas, rascunhos) não publicados durante a vida do autor<br>2. Escritos quase autênticos: textos de Ferdinand de Saussure registrados por seus interlocutores<br>1. Categoria 3 – textos orais ou escritos comprovados por várias versões de transcrições de ouvintes ou leitores reais<br>2. Categoria 4 – textos orais ou escritos atestados por uma única versão de transcrição de ouvinte ou leitor real<br>3. Escritos pseudoautênticos: *Curso de linguística geral* |

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Kyheng (2007).

Observe-se que, nessa proposta, o CLG, embora pertença ao arquivo, não faz parte do *corpus,* em função do uso do critério de autenticidade. Independentemente da pertinência em classificar a produção saussuriana de acordo com uma suposta *autenticidade*, o que

nos interessa na classificação de Kyheng é, em especial, seu valor ilustrativo da radicalidade a que se pode chegar na busca de taxonomias. Sem dúvida, o critério, nesse caso, é a presumida autenticidade do texto em exame, o que implica um debate que leva em conta questões teóricas e metodológicas, sem dúvida, mas também éticas e políticas.

O que esses exemplos permitem concluir a respeito dos "diferentes Saussure" para a comunidade de especialistas?

Ora, a rápida observação dessas propostas leva a perceber que, quando se fala em Saussure, necessariamente se evocam problemáticas relativas à autoria, à constituição de um *corpus* de estudo ou de análise e à formulação de critérios de exploração da obra, entre muitas outras. Quer dizer, haveria tantos Saussure quantos fossem os pontos de vista utilizados para examinar a sua produção.

Detendo-nos apenas nos exemplos aqui trazidos (outros, certamente, poderiam ser evocados), conclui-se que há em ação, nesse caso, no mínimo, os seguintes critérios:

a. publicação em vida/publicação póstuma: é o caso dos dois primeiros exemplos (cf. FEHR, 2000 [1997] e BUSS; GHIOTTI; JÄGER, 2003), embora cada um a seu modo;
b. natureza da pesquisa: é o caso do terceiro exemplo (cf. BOUQUET, 1998), em que vemos uma delimitação de fontes em função exclusivamente do domínio específico da linguística geral[3];
c. autenticidade dos textos: é o caso do quarto exemplo (cf. KYHENG, 2007).

Esse pequeno exame é suficiente para autorizar uma primeira conclusão de nosso estudo, qual seja: quando se fala em diferentes

[3] De maneira diferente, mas com igual propósito, é o recorte instaurado por Depecker (2012 [2009], p. 9): "entre os milhares de folhas manuscritas de Saussure, foi necessário escolher. Aqui foram privilegiados os principiais elementos suscetíveis de ressituar a evolução do pensamento de Saussure e de servir para a reflexão linguística de hoje. Portanto, fomos conduzidos a falar muito pouco sobre os manuscritos de fonética ou da soma das folhas que tratam das pesquisas dos anagramas na poesia, em que Saussure se dedicou a descobrir a inscrição dos nomes codificados no corpo de poemas antigos. São principalmente os manuscritos que tratam das questões de linguística geral que são aqui evocados: conjunto esparso, disperso, heterogêneo, no qual foi necessário, como em um labirinto, reencontrar o caminho".

Saussure no interior do campo especializado, necessariamente está-se falando em recortes determinados a partir da adoção de critérios.

Dito de outro modo, é possível estudar o Saussure dos anagramas (p. ex. TESTENOIRE, 2013; SOUZA, 2018), o das lendas (p. ex. KIM, 1995; TURPIN, 2003; PINHEIRO, 2016; HENRIQUES, 2018), o da linguística geral (p. ex. BOUQUET, 2000 [1997]; DEPECKER, 2012 [2009]), o da gramática comparada (p. ex. BÉGUELIN, 2003), o dos estudos indianos (p. ex., D'OTTAVI, 2014) e o da fonética (p. ex. PARRET, 2014), entre outros. Nesse caso, parece que é importante precisar o escopo da produção intelectual de Saussure. Pode-se também querer estudar "o verdadeiro" Saussure, por oposição ao "falso". Nesse caso, o esforço será demonstrar – e justificar – essa fidedignidade em relação ao conjunto de fontes selecionadas. Pode-se estudar o Saussure das cartas (p. ex. GANDON, 2011), dos manuscritos (p. ex. SILVEIRA, 2007), dos trabalhos efetivamente publicados etc. Nesse caso, importa delimitar cada conjunto e projetar, sobre cada um, recortes que permitam delinear alguma especificidade.

Tais possibilidades – elencadas apenas na qualidade de ilustração – não se excluem mutuamente e podem, inclusive, se articular (p. ex. TURPIN, 1995; FEHR, 1996[4]). O importante é que se perceba que a resposta à pergunta "quantos Saussure existem?" – clivada pela pergunta "para quem?" – exige, antes de qualquer coisa, a instauração do *ponto de vista* a partir do qual a produção intelectual de Saussure pode ser examinada. Um ponto de vista teórico-metodológico, sem dúvida, mas também (principalmente?) crítico, o que implica uma ética da produção do conhecimento.

[4] Esse trabalho de Johannes Fehr, por ser um excelente exemplo de como as "múltiplas" faces de Saussure podem estar articuladas, merece atenção. Nele, o autor busca, entre outras coisas, relacionar a obra póstuma de Saussure e a publicada durante sua vida. Dedica-se a estudar com maior detalhe as notas sobre lendas germânicas e, de uma perspectiva *de la science en train de se faire* [da ciência se fazendo], mostra que não há demarcação clara entre a linguística comparativa e a linguística geral, por um lado e, por outro, as atividades e os interesses extralinguísticos de Saussure. Fehr defende que é por meio desses diferentes campos de pesquisa que o projeto de uma ciência semiológica se concretiza em Saussure.

## 3 Os diferentes Saussure para o público em geral

No item anterior, mesmo de maneira bastante resumida, detivemo-nos no exame preliminar de algumas possibilidades de ordenamento da produção intelectual de Saussure estabelecidas pela meta-filologia (cf. TESTENOIRE, 2019) saussuriana. Agora, nosso interesse recai sobre outro aspecto da propalada multiplicidade de Saussure. Ele diz respeito a um acontecimento muito pontual que, em nossa opinião, reconfigurou a presença de Saussure no âmbito público em geral, qual seja, a publicação dos *Escritos de linguística geral* (ELG) (SAUSSURE, 2004 [2002]).

A hipótese aqui é que essa publicação produziu retroativamente um efeito de ressignificação da presença de Saussure – e, por conseguinte, do CLG – no âmbito da cultura em geral. Isto é, o ELG produziu um retorno ao CLG, o que limita, amplia ou circunscreve outras (novas?) possibilidades de sentido para o CLG e para a presença do próprio Saussure na cultura.

A perspectiva a partir da qual compreendemos essa ideia de retorno do último elemento sobre os anteriores – retorno este desencadeador de outros sentidos – é teorizada pelo psicanalista Jacques Lacan (1998 [1953]) em sua releitura de Sigmund Freud, sob a denominação de *après coup*. O *après coup* opera uma intervenção que faz aparecer um sentido que vai além do conteúdo manifesto. O (outro) sentido decorre, diria Lacan, de um trabalho que implica a colocação em jogo de uma cadeia que rege os significantes.

Ora, com isso, estamos querendo dizer que há, hoje em dia, dois Saussure nesse espaço social que temos denominado de "âmbito da cultura em geral". Intelectuais de diferentes áreas, linguistas, professores de linguística, estudantes, entre outros, foram levados, após a publicação do ELG, a se questionar: "o Saussure do CLG é diferente do Saussure do ELG?"

Evidentemente, esse questionamento – é importante frisar – tem um escopo determinado, não chegando a atingir a especializada metafilologia saussuriana. Esta, por sua vez, talvez tenha se pronunciado mais sobre os procedimentos editoriais adotados por Simon Bouquet e Rudolf Engler do que propriamente sobre o conteúdo reunido no livro. E isso por dois motivos: em primeiro lugar, como dissemos antes, porque boa parte dos manuscritos reunidos no ELG já

era de conhecimento[5] dos especialistas saussurianos (eles provêm da edição do *Curso* organizada por Engler (SAUSSURE, 1990 [1974]); em segundo lugar, porque os especialistas se ocuparam insistentemente em criticar os critérios adotados para a elaboração da edição do ELG, o que produziu uma verdadeira cisão entre eles, dividindo-os entre os que aceitam e os que não aceitam o destino dado aos manuscritos de Saussure nessa obra. Prova disso, por exemplo, é a publicação posterior de uma edição crítica dos manuscritos inéditos presentes no ELG, intitulada *Science du langage: de la double essence du langage*, organizada por René Amacker (SAUSSURE, 2011)[6].

Ora, a indagação do público amplo é, sem dúvida, legítima e distinta das questões postas na literatura especializada. Afinal, o ELG é um objeto editorial, um livro publicado e traduzido em muitas línguas (tal como o CLG), um livro que tem um autor claramente identificado, Ferdinand de Saussure. Não é de se estranhar, portanto, que tantos se perguntem sobre os termos pelos quais é possível compreender esses dois Saussure que o mercado editorial coloca à disposição de todos.

Observe-se que estamos nos desviando de uma discussão técnica acerca da relação CLG/ELG. Essa discussão já foi feita por grandes especialistas da obra saussuriana[7]. Não se trata, nesse caso, de pensar sobre quais posicionamentos de pesquisa assumir quanto a

---

[5] Os próprios editores do ELG explicam isso no prefácio que fazem à obra: "pareceu-nos útil, na edição desses novos textos, agregar, no mesmo volume, o conjunto dos textos manuscritos de Saussure sobre a linguística geral, igualmente conservados na Biblioteca pública e universitária, integrados na edição de Engler 1968-1974. A apresentação desses textos, chamados, em nosso sumário, de 'Documentos antigos', segue normas filológicas muito diferentes das da edição precedente, homogeneizadas com as dos textos novos" (BOUQUET; ENGLER, 2004 [2002], p. 16).

[6] Para um excelente estudo sobre a edição de Amacker em relação com o ELG, ver: Scherer; Costa (2019).

[7] Trabant (2005) fala – em tom crítico a respeito da supervalorização de uma suposta autenticidade do ELG – em quatro distintas atitudes possíveis do pesquisador diante da relação CLG/ELG: a) pode-se ignorar o "verdadeiro" Saussure e restringir-se ao estudo apenas do *Curso*; b) pode-se levar em conta o "verdadeiro" e fazer dele ou um uso (b.1) eufórico – como informação etimológica que enriquece a leitura do *Curso* –, ou um uso (b.2) disfórico – como informação etimológica que vai contra o *Curso*; c) pode-se apenas ler o "verdadeiro" Saussure, sem levar em consideração o *Curso*. Nesse último caso, o *Curso* é realmente tratado como "um erro, uma catástrofe intelectual e se lê apenas os *Escritos de linguística geral*" (TRABANT, 2005, p. 121, grifos do autor, tradução minha).

essa relação, nem mesmo de avaliar como lidar com as diferentes edições dos manuscritos numa contraposição ELG/*Science du langage: de la double essence du langage* (SAUSSURE, 2011). O ponto que se coloca para nós é outro, e gostaríamos de ilustrá-lo com a narrativa de uma situação fictícia, quase caricata:

> O professor de linguística ministra uma aula de conceitos básicos de linguística nos semestres iniciais do curso de Letras. Estamos na aula sobre "o objeto da linguística". De posse do *Curso de linguística geral*, nosso professor esforça-se para, com base no "Capítulo III" da "Introdução" do livro, explicar que o objeto da linguística é a língua, entendida como um sistema de signos. O professor – já bastante ressabiado com as inúmeras inconclusões e mesmo inconsistências conceituais desse capítulo do CLG – apressa-se em fechar um consenso em torno dessa definição única; ela, inclusive, será tema de alguma avaliação posterior. Enfim, explica o professor, segundo Saussure (sim, o próprio Saussure), o objeto da linguística é a *língua*, e *língua*, para Saussure, é um sistema de signos. *Ponto final*.

Ora, a leitura dos *Escritos de linguística geral* permite ver que esse conceito de língua não é nem o único nem o mais importante utilizado por Saussure. Na verdade, a noção de *língua* é algo que Saussure constrói ao longo de sua vida. No ELG, encontramos, no mínimo, os seguintes entendimentos de *língua*, elencados por Depecker (2012 [2009], p. 191):

> Faculdade humana de utilizar a linguagem. 2) Uma língua (francês, alemão, italiano etc.): equivalente a idioma. 3) A língua: soma das formas ouvidas e praticadas e de seu sentido para cada um dos sujeitos falantes. 4) A língua: estudo da língua. 5) A língua: resultado desse estudo, isto é, o conjunto dos princípios coletados da observação das línguas. 6) A língua: realização social da linguagem. 7) A língua: consagração daquilo que foi evocado pela fala. 8) Soma dos depósitos das formas, de suas significações e de suas combinações em cada indivíduo.

Diante desse quadro, que atitude deveria tomar o nosso fictício professor de linguística? Ignorar o ELG e limitar-se apenas ao CLG, afinal foi o CLG que foi considerado o marco fundador da linguística moderna? Relativizar a noção presente no CLG a partir do

que coloca o ELG? Usar somente o que está exposto no ELG, afinal, ali estaria "o verdadeiro" Saussure?

As respostas não são óbvias! Elas implicam uma tomada de posição importante com relação ao conhecimento que se transmite na universidade, que é, em grande medida, responsável pela formação dos jovens pesquisadores. Como equacionar respostas a tais questões que sejam tecnicamente relevantes e eticamente aceitáveis?

Pode-se claramente perceber, hoje em dia, a ausência de um projeto de moderação concebido nesses termos. Esse projeto é, em nossa opinião, exigido pelas circunstâncias.

## 4 Para concluir (com moderação): o *corpus saussuriano*, o *corpus de pesquisa*, o *ponto de vista*

Em 2013, por ocasião das homenagens relativas aos 100 anos da morte de Saussure, tivemos a oportunidade de apresentar à comunidade um livro que reúne especialistas brasileiros em torno da obra saussuriana, *Saussure: a invenção da linguística.* Logo no primeiro capítulo, explicávamos, após reconhecer as dificuldades em tratar de um pensamento cujas fontes documentais são extremamente complexas, que o panorama exige a instauração de "um ponto de vista a partir do qual se torna possível selecionar um *corpus de pesquisa*" (FIORIN; FLORES; BARBISAN, 2013, p. 19). Isso, em nossa opinião, dizíamos, dever-se-ia ao fato de que não há como falar em Saussure, na atualidade, sem operar recortes na infinidade de textos que fazem parte do *corpus saussuriano*. Enfim, "do *corpus saussuriano* – entendido como um conjunto de documentos formado por fontes de natureza heterogênea – recorta-se, com base em objetivos próprios, um *corpus de pesquisa* em função dos objetivos que se têm" (FIORIN; FLORES; BARBISAN, 2013, p. 19).

Voltamos ao tema, em 2016, para considerar que a heterogeneidade das inúmeras fontes saussurianas leva a ver que o tratamento de qualquer tema é sempre acompanhado de inúmeras discussões, de toda a ordem (teórica, metodológica, documental etc.). Trabalhar com tais fontes "exige de quem o faz uma série de cuidados metodológicos referentes à análise documental complexa – que inclui [...] textos de autoria atribuída, manuscritos etc." (FLORES,

2016, p. 70). Além disso, é fundamental que se resguarde as especificidades de cada fonte, pois

> evidentemente, uma carta pessoal não pode ser equiparada a uma carta profissional; uma nota manuscrita encontrada postumamente não tem o mesmo valor que um texto estabelecido em função de anotações de alunos feitas a partir de aulas. São fontes diferentes e devem ser usadas para fins científicos distintos, obedecendo a critérios pontuais (FLORES, 2016, p. 71).

Com base na distinção entre *corpus saussuriano* e *corpus de pesquisa*, cremos que é possível estabelecer um fio condutor de seleção das fontes: o *ponto de vista*. Quer dizer, a ideia é assumir sempre um ponto de vista a partir do qual a complexidade do *corpus saussuriano* pode ser recortada, com vistas ao estabelecimento de um *corpus de pesquisa*.

A noção de *ponto de vista* não é nova e tem larga tradição de referência à teoria saussuriana. A máxima "é o ponto de vista que cria o objeto" (SAUSSURE, 1975 [1916], p. 15), normalmente aplicada ao esforço do mestre para dar um objeto à linguística do início do século XX, é célebre. Claudine Normand, uma das maiores especialistas em Saussure, dedica-se a pensar sobre o assunto. Para ela, a questão do ponto de vista, em Saussure, tem estatuto de um *princípio epistemológico*, quer dizer, uma proposição fundamental que constitui a base teórica a partir da qual são elaborados os conceitos e o método da linguística saussuriana. Normand (2011) defende que, entre os vários caminhos possíveis, deve-se adotar um ponto de vista, necessário para que se obtenha um método de descrição adequado. A ideia de que o ponto de vista determina o objeto a ser estudado, segundo Normand (2011), permite a Saussure determinar o que se pode, ou não, tratar como fato linguístico (uso atual da língua ou mudança no tempo?), além de organizar a massa de dados recolhida, no século XIX, pela comparação e pela história das diferentes línguas.

Para nós, o *ponto de vista*, além de ter o estatuto epistemológico de que fala Normand, na medida em que norteia a reflexão de Saussure na determinação e análise do objeto a ser estudado, pode ser alçado a uma ferramenta de leitura – no sentido de um meio – da produção intelectual saussuriana. Quer dizer, impõe-se admitir que,

para instaurar um *corpus de pesquisa* no interior do enorme *corpus saussuriano*, é necessário implantar uma perspectiva de percepção relativa a algo. Haveria, portanto, uma relatividade na percepção porque haveria, necessariamente, uma diversidade de focos de convergência.

Evidentemente, um *ponto de vista* não implica uma via única de configuração da convergência. O importante é perceber que vemos a partir de um *ponto de vista*, o que implica um observador que está, por sua vez, situado em uma dada situação espaço-temporal.

Esse princípio, acreditamos, pode orientar e mesmo subsidiar um estudo tanto no âmbito especializado quanto no âmbito que denominamos da "cultura em geral", para referir a presença concomitante do CLG e do ELG. Cada caso deve ser, ao menos sumariamente, examinado.

Comecemos falando sobre a relevância de nossa proposta para a pesquisa saussuriana *stricto sensu*. Como se sabe, as várias possibilidades da abordagem especializada do conjunto da produção intelectual de Saussure gravitam em torno de temas espinhosos, tais como: póstumo/não póstumo; autógrafo/apócrifo; verdadeiro/falso; entre outros.

Ora, independentemente da pertinência, ou não, dessas dicotomias, da atitude de tomá-las em uma relação contraditória ou complementar e do alcance que têm na produção de uma melhor e mais completa abordagem do pensamento saussuriano – uma avaliação de tal natureza excede os nossos objetivos no presente trabalho –, o fato é que cada uma só é possível a partir da instauração de um *ponto de vista* focalizado por um "observador". Dito de outro modo, é a explicitação desse *ponto de vista* que determina objetivos de pesquisa, escolha de *corpus* e procedimentos analíticos. Qualquer coisa que não esteja contida nessa atitude está exposta à crítica de nulidade.

Um pouco mais complicado é observar a incidência da ideia de *ponto de vista* e sua associação à abordagem dos diferentes Saussure no campo da cultura em geral. E isso por um motivo: não se trata aqui propriamente de constituir um *corpus de pesquisa* em um sentido técnico do termo, mas um *corpus de pesquisa* em sentido amplo.

Nesse caso, a concomitância no mercado editorial e nos bancos universitários do CLG e do ELG exige a formulação de um ponto de vista específico, a partir do qual ambos os livros possam ser abordados em articulação, em complementação e mesmo em oposição.

Assim, se o que está em tela, por exemplo, é o surgimento da linguística como ciência no início do século XX, é evidente que o CLG tem lugar inconteste na reflexão. Afinal, independentemente do que as fontes saussurianas ratifiquem ou retifiquem daquilo que aparece no CLG, como objeto de pesquisa historiográfica, o lugar do CLG é assegurado. Por outro lado, se o que se pretende, por exemplo, é buscar os matizes de alguma noção, talvez seja pertinente buscar uma pluralidade maior de fontes textuais e, nesse caso, ELG e CLG podem ser mobilizados.

Enfim, a proposta aqui apenas esboçada busca valorizar, no estudo atual da produção intelectual de Saussure, um sistema de relações determinado pela simultaneidade do *ponto de vista* e do observador em relação ao *corpus saussuriano* no estabelecimento de um *corpus de pesquisa.*

A evidente disparidade e o enorme descompasso entre as atitudes dos especialistas e as do público geral – que, esperamos, nosso texto tenha trazido à tona – permitem acrescentar algo fundamental sobre o qual não faremos mais do uma lembrança aqui: o interlocutor[8].

Dito de outro modo, se, de um lado, há a necessidade de o público mais geral entender melhor a complexidade da produção intelectual de Saussure, de outro, há também a necessidade de o público de especialistas considerar com quem está falando. Assim, o *ponto de vista* sobre a obra saussuriana adotado por um *observador* deve, necessariamente, levar em conta o *interlocutor*. Ambos – observador e interlocutor – estão ancorados em uma dada situação espaço-temporal. Isso é determinante do que cabe, ou não, ser dito a respeito de Saussure.

Enfim, em resposta à pergunta que intitula este texto, talvez fosse prudente reiterar a unicidade do nome próprio, resguardando a possibilidade de, eventualmente, o desconhecido se fazer presente.

[8] Esta conclusão foi-nos sugerida pela colega Sara Luiza Hoff, a quem agradecemos a leitura e a sugestão.

## Referências


BÉGUELIN, M. J. La méthode comparative et l'enseignement du Mémoire. In: BOUQUET, S. (ed.). *Cahiers de L'Herne 76* – Ferdinand de Saussure. Paris: Éditions de L'Herne, 2003, p. 150-164.

BOUISSAC, P. *Saussure*: um guia para os perplexos. Tradução: Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure.* Tradução: Carlos Salum, Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.

BOUQUET, S. Les deux paradigmes éditoriaux de la linguistique générale de Ferdinand de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genebra, v. 51, p. 187-202, 1998. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/27758563. Acesso em: 15 dez. 2020.

BOUQUET, S.; ENGLER, R. Prefácio dos editores. In: SAUSSURE, F. de. *Escritos de linguística geral.* Organização e edição: Simon Bouquet, Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. Tradução: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 11-17.

BUSS, M.; GHIOTTI, L.; JÄGER, L. Bibliographie. *Cahiers de L'Herne 76* – Ferdinand de Saussure. Paris: Éditions de L'Herne, 2003, p. 505-512.

CALVET, L. *Pour et contre Saussure*: Vers une linguistique sociale. Paris: Payot, 1975.

COLOMBAT, B.; FOURNIER, J.-M.; PUECH, C. *Histoire des idées sur le langage e les langues*. Paris: Klincksieck, 2010.

D'OTTAVI, G. Saussure e a Índia: a teoria do apoha e as entidades negativas da linguagem. In: BRONCKART, J.-P.; BULEA, E.; BOTA, C. (org.). *O projeto de Ferdinand de Saussure*. Tradução: Marcos Bagno. Fortaleza: Parole, 2014, p. 205-231.

DEPECKER, L. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Tradução: Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2012.

FEHR, J. *Saussure*: entre linguistique et sémiologie. Tradução : Pierre Caussat. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

FEHR, J. Saussure: cours, publications, manuscrits, lettres et documents. Les contours de l'France posthume et ses rapports avec l'France publiée. *Histoire Épistémologie Langage*, Les Ulis, v. 18, n. 2, p. 179-199, 1996.

FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. Por que ainda ler Saussure? In: FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (org.). *Saussure*: a invenção da Linguística. São Paulo: Contexto, 2013, p. 7-20.

FLORES, V. N. Os *ditos* e os *escritos de Ferdinand de Saussure*: uma reflexão sobre a pesquisa com fontes documentais complexas. In: CRISTIANINI, A. C.; OTTONIGS, M. A. R. *Estudos linguísticos*: teoria, prática e ensino. Uberlândia: EDUFU, 2016, p. 63-72.

FLORES, V. N. *Saussure e Benveniste no Brasil*: quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola, 2017.

GADET, F. *Saussure*: Une science de la langue. Paris: Presses Universitaire de France, 1987.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. *La langue introuvable*. Paris: Maspéro, 1981.

GANDON, F. *La morale du linguiste*: Saussure entre affaire Dreyfus et massacres des Arméniens (1894-1898). Limoges: Lambert-Lucas, 2011.

GODEL, R. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale*. Genève: Droz, 1969.

HENRIQUES, S. M. O Estudo Saussuriano sobre as Lendas Germânicas. *DELTA*, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 997-1017, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502018000300997&lng=pt&nrm=isso. Acesso em: 02 dez. 2020.

KIM, S. La mythologie saussurienne: une ouverture sémiologique. *Linx*, Paris, v. 7, p. 293-300, 1995.

KYHENG, Rossitza. Principes méthodologiques de constitution et d'exploitation du corpus saussurien. *Texto!*, [s. l.], v. XII, n. 2, avr. 2007. Disponível em: http://www.revue texto.net/Saussure/Sur_Saussure/Kyheng/Kyheng_Corpus-saussurien.pdf. Acesso em: 15 out. 2020.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *In*: LACAN, J. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 238-324.

Sylvère Lotringer (org.). Les deux Saussure. *Revue Recherches – Sémiotexte*. França: Éditions Recherche, n. 16, set. 1974.

LOPES, E. *A identidade e a diferença*. São Paulo: EDUSP, 1997.

NORMAND, C. Saussure: uma epistemologia da Linguística. In: SILVEIRA, E. M. (org.). *As bordas da linguagem*. Uberlândia: EDUFU, 2011, p. 11-30.

PARRET, H. *Le son et l'oreille*: six essais sur les manuscrits saussuriens de Harvard. Limoges: Lambert-Lucas, 2014.

PINHEIRO, C. L. Os manuscritos de Saussure sobre as lendas germânicas: pontos de vistas e questões. *Eutomia*, Recife, v. 17, n. 1, jul. 2016, p. 55-66.

SASSURE, F. de. *De l'emploi du génitif absolut en sanskrit*. Genebra: Imprimerie Jules-Guillaume Fick, 1881.

SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*. Edição crítica por Rudolf Engler. Tomo 1. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1989.

SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale.* Edição crítica por Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1976.

SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*. Edição crítica por Rudolf Engler. Tomo 2 – Apêndice. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1990.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral.* Organização: Charles Bally, Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975.

SAUSSURE, F. de. *Écrits de linguistique générale***.** Edição estabelecida e editada por Simon Bouquet, Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. Paris: Gallimard, 2002.

SAUSSURE, F. de. *Escritos de linguística geral.* Organização e edição: Simon Bouquet, Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. Tradução: Carlos Augusto Leuba Salum, Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAUSSURE, F. de. *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Leipzig: Teubner, 1879.

SAUSSURE, F. de. *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*. Organização: Charlles Bally, Léopold Gautier. Genebra/Paris: Slaktine Reprints, 1984.

SAUSSURE, F. de. *Science du langage*. De la double essence du langage. Edição dos *Écrits de linguistique générale* estabelecida por René Amacker. Genève: Librairie Droz, 2011.

SCHERER; A. E.; COSTA, M. I. S. A problemática acerca da edição das notas saussurianas: um livro sem fim nem começo ou um livro de areia a la Borges? *Leitura*, Maceió, v. 1, n. 62, p. 191-214, jan./jun. 2019. DOI: https://doi.org/10.28998/2317-9945.2019v1n62p191-214. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/4944. Acesso em: 19 set. 2020.

SILVEIRA, E. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. São Paulo: Mercado de Letras, 2007.

SOUZA, M. de O. *Os anagramas de Saussure*: entre a poesia e a teoria. Uberlândia: EDUFU, 2018.

TESTENOIRE, P.-Y. A sombra do Curso (1960-1980). *Leitura*, Maceió, v. 1, n. 62, p. 394-414, jan./jun. 2019. DOI: https://doi.org/10.28998/2317-9945.2019v1n62p394-414. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/5480. Acesso em: 10 nov. 2022.

TESTENOIRE, P.-Y. *Ferdinand de Saussure à la recherche des anagrammes.* Limoges: Lambert-Lucas, 2013.

TRABANT, J. Faut-il défendre Saussure contre ses amateurs ? Notes sur l'etymologie saussurienne. *Langages*, Paris, n. 159, p. 111-124, 2005. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-langages-2005-3-page-111.htm. Acesso em: 10 set. 2018.

TURPIN, B. Discours, langue et parole. Une comparaison entre la réflexion sur les anagrammes et les études sur les légendes. *Linx*, Paris, v. 7, p. 301-312, 1995. Disponível em: https://journals.openedition.org/linx/1173. Acesso em: 15 mar. 2018.

TURPIN, B. Légendes et récits d'Europe du Nord: de Sigfrid à Tristan. *Cahiers de L'Herne 76* – Ferdinand de Saussure. Paris: Éditions de L'Herne, 2003. P. 351-429.

Capítulo 2

# O ponto de vista cria o objeto: o espraiamento da proposição saussuriana

*Allana Cristina Moreira Marques*

## 1 Introdução

A intrincada relação estabelecida entre o ponto de vista e o objeto da Linguística tem referência marcada na elaboração teórica de Ferdinand de Saussure: a afirmação, cuja autoria é atribuída a ele pela via póstuma da edição do *Curso de linguística geral* (CLG), é que, na Linguística, o ponto de vista cria o objeto.

Essa célebre afirmação saussuriana – retomada inúmeras vezes ao longo dos mais de cem anos de publicação do CLG, seja para elucidar questões próprias do pensamento de Saussure ou para fundamentar outras questões fora dele – aparece, no livro publicado em 1916, em um capítulo central, aquele reservado a tratar do "Objeto da Linguística", e em resposta a um dilema inicial: "qual é o objeto, ao mesmo tempo, integral e concreto da Linguística?" (SAUSSURE, 2012[1916], p. 39).

Tal problemática, anunciada nos primeiros parágrafos deste capítulo, lança luz ao fato de que, no campo de investigação da língua, diferentemente do que se passa em outras ciências, o objeto não é dado de antemão, de maneira que seja possível sustentá-lo a partir de diferentes pontos de vista. É devido a esse impasse, então, que Saussure apresenta, como uma solução epistemológica para seu obstáculo, uma relação inversa entre o ponto de vista da análise e o objeto de investigação: na Linguística, postula o suíço, o objeto não precede o ponto de vista; é, ao contrário, criado por ele.

A força epistemológica dessa afirmação não passou despercebida aos olhos dos leitores saussurianos. Para Normand (2009[2000], p. 37), por exemplo, a proposição de que o ponto de vista cria o objeto – a qual, segundo ela, "curiosamente, pareceu sempre escandalosa" – levanta uma série de questões para a tradição linguística, bem como aponta para a necessidade de repensar o papel do linguista e a natureza de suas análises. Para Engler (1995), o teorema epistemológico do ponto de vista, como ele assim denomina a proposição saussuriana em questão, funciona como um antídoto que Saussure apresenta aos erros e às ilusões da Linguística então vigente.

Com um maior acesso aos documentos autógrafos saussurianos, sejam aqueles utilizados como fonte para a edição do CLG, sejam os descobertos apenas depois do evento de publicação do texto de 1916, a questão do ponto de vista e do objeto ganhou novos desdobramentos. Isso porque, se, por um lado, ela tem lugar central e, à primeira vista e paradoxalmente, pontual na reflexão que se apresenta no CLG, por outro, em certos manuscritos, o ponto de vista em sua relação com o objeto apresenta-se como uma questão constante para Saussure. É o que se observa, especificamente, no documento utilizado como fonte pelos editores para a elaboração da proposição de que o ponto de vista cria o objeto, a saber, *Notes pour um livre sur la linguistique générale 10f.* (N9), e também no manuscrito *De l'essence double du langage* (EDL), documentos descobertos em momentos distintos, arquivados e catalogados separadamente, mas que, segundo hipótese levantada, primeiramente, por Engler (1997, p. 207), fazem parte de um mesmo projeto saussuriano.[9]

Uma incursão pela fortuna crítica de Saussure com foco na proposição em questão mostra-nos, por um lado, que há um consenso em reconhecer a importância dessa asserção para o pensamento saussuriano. Para Godel (1969[1957]), p. 136), por exemplo, o texto-fonte da afirmação de que o ponto de vista cria o objeto merece uma atenção especial, porque "ele representa talvez o nó das

[9] Neste trabalho, limitaremos nossa leitura a fragmentos do primeiro documento. Uma análise conjunta de ambos os manuscritos poderá ser acompanhada em "O enigma saussuriano do ponto de vista-objeto", de Marques (no prelo).

reflexões de Ferdinand de Saussure"[10]; para Engler (1995), o teorema do ponto de vista talvez[11] seja o fundamento de toda teoria saussuriana. Por outro lado, essa incursão mostra-nos que, em alguns casos, a leitura da afirmação de que o ponto de vista cria o objeto é acompanhada de críticas à edição do CLG, acusada de descontextualizar a discussão que Saussure faz nas notas manuscritas (ENGLER 1974-75, 1977) que serviram de fonte para os editores e de fazer desaparecer quase definitivamente o conceito de ponto de vista no livro póstumo (PÉTROFF, 2004).

Por esse modo de abordagem, à primeira vista, a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto poderia, então, ser caracterizada simultaneamente pelo par *escândalo* – para nos valermos do termo de Normand (2009[2000], p. 37) – e *silenciamento*. Escandalosa porque se trata de uma afirmação surpreendente e radical que, certamente, trouxe novos desdobramentos para o modo de conceber os fenômenos linguísticos. Silenciada porque, sob a perspectiva de alguns autores, foi descontextualizada de sua reflexão original, advinda das anotações manuscritas do próprio Saussure, e apagada das demais páginas do CLG.

Uma análise mais profunda da elaboração teórica de Saussure leva-nos, porém, a tomar o modo como a afirmação em questão aparece no CLG a partir de outra caracterização, o que nos encaminha a uma chave alternativa de leitura para a proposição saussuriana, distinta do modo como já foi lida. De nossa parte, postulamos que o *escândalo* dessa assunção teórica é seguido, na teoria saussuriana, de um *espraiamento*, e não de um *silenciamento* ou *apagamento*. Isso porque, a nosso ver, a reflexão em torno do ponto de vista aparece, no pensamento de Saussure, amplamente articulada à compreensão da língua a partir de suas relações constitutivas. Assim, convencidos de que as falhas do processo editorial não foram capazes de apagar

[10] Tradução nossa de: "[...] il represente peut-être le noeud des réflexions de F. de Saussure."

[11] Apesar de ressaltarem a importância da proposição saussuriana, fato para o qual chamamos a atenção, é válido destacar também, nas citações de Godel e de Engler por nós apresentadas, certa hesitação em afirmar a centralidade dela, que pode ser lida no modalizador "talvez" empregado por ambos os autores. A nosso ver, tal hesitação está associada ao escândalo da proposição de que o ponto de vista cria o objeto, destacado por Normand.

os efeitos e os desdobramentos da compreensão de que, na Linguística, o ponto de vista cria o objeto na teoria linguística de Saussure, apresentamos este estudo.

## 2 Do escândalo ao apagamento: o que seu leu sobre o ponto de vista e o objeto em Saussure?

Uma primeira crítica à edição do CLG, no que concerne à afirmação de que o ponto de vista cria o objeto, pode ser acompanhada em estudos assinados por Rudolf Engler, conhecido nome da literatura especializada em Saussure, sobretudo por ser autor da principal edição crítica do CLG – publicada em dois tomos, respectivamente nos anos 1968 e 1974 –, que coloca lado a lado as passagens da edição e os materiais que lhe serviram de fonte.

Exemplo disso é uma nota que aparece no artigo "Sémiologies saussuriennes: de l'existence du signe", publicado na edição de número 29 do *Cahiers Ferdinand de Saussure* (CFS). Nele, Engler lança mão da discussão saussuriana sobre a análise dos fatos e, consequentemente, toca a questão do ponto de vista e do objeto:

> Não se trata, por ora, de julgar a justeza dos fatos invocados [por Saussure nas lendas germânicas], nem a validade da teoria à luz dos conhecimentos atuais; só importa o lado formal do raciocínio. Evidentemente ele parte de uma análise comparativa dos fatos – fatos escolhidos, ou cuja escolha resulta da correspondência entre um ponto de vista e uma matéria capaz de oferecer o objeto próprio ao ponto de vista. [12] (ENGLER, 1974-1975, p. 63)

Tal afirmação recebe uma nota explicativa, que, nesta ocasião de reflexão, mais nos interessa, pois lança luz à crítica de Engler à edição do CLG no que tange à nossa questão:

---

[12] Tradução nossa de: "Il ne s'agit pas, pour le moment, de juger de la justesse des faits invoqués, ni du bien-fondé de la théorie à la lumière des connaissances actuelles; seul importe le côté formel du raisonnement. Manifestement celui-ci part d'une analyse comparative de faits - faits choisis, ou dont le choix résulte de la correspondance entre un point de vue et une matière capable d'offrir l'objet propre au point de vue."

> Há um equívoco na citação demasiado conhecida de que o ponto de vista cria o objeto: Saussure afirmou a pluralidade dos pontos de vista (e dos objetos) e a necessidade de uma crítica dos pontos de vista. Em outras palavras, objeto e ponto de vista se constituem em um julgamento de identidade que deve corresponder a certos dados intelectuais e materiais.[13] (ENGLER, 1974-1975, p. 63).

A crítica que Engler traça está, então, no fato de que, para ele, há um equívoco na formulação do CLG de que o ponto de vista cria o objeto. Embora a explicação desse desacerto seja condensada nas poucas linhas de uma nota, tomemos em detalhe cada um dos elementos pontuados pelo austríaco, de maneira a esclarecer seu posicionamento.

O primeiro aspecto relevante é que, segundo ele, Saussure afirma a pluralidade dos pontos de vista. Desse modo, entende-se que, se, por um lado, o suíço toma os pontos de vista numa flexão e numa compreensão plurais, por outro, a edição opta por uma flexão e, portanto, por uma compreensão singular: o ponto de vista cria o objeto. Mais do que uma questão estilística, na visão de Engler vislumbrada em estudo de 1977, trata-se de um erro, uma vez que, na redação do CLG: "o dinamismo metódico dos pontos de vista múltiplos e concorrentes, justificáveis e criticáveis dão lugar ao ponto de vista inventado ou dado[!]"[14] (ENGLER, 1977, p. 98). Desse modo, a necessidade do que Saussure chama de crítica dos pontos de vista – uma vez concebida a variedade deles – é apagada da edição, embora tenha sido sustentada nas anotações manuscritas. A escolha pelo termo objeto no singular, que se faz na edição, também é, para Engler, problemática. Isso porque, como acrescentam os parênteses em sua redação, no excerto destacado, o termo objeto também é plural. Dito de outro modo, em suas anotações, Saussure remete a vários objetos.

---

[13] Tradução nossa de: "Il y a une équivoque dans la citation presque trop connue du point de vue qui crée l'objet : Saussure affirmait la pluralité des points de vue (et des objets) et la nécessité d'une critique des points de vue. En d'autres termes, objet e point de vue se constituent dans un jugement d'identité qui doit correspondre à certaines donnés intellectuelles et matérielles."

[14] Tradução nossa de: "[...] le dynamisme méthodique des point de vue multiples et concurrents, justifiables et criticables fait place au point de vue inventé ou donné[!]."

Ainda com Engler, reiteramos o fato de que, segundo ele, objeto e ponto de vista "se *constituem* em um julgamento de *identidade* que deve corresponder a certos dados intelectuais e materiais" (ENGLER, 1977, p. 63). Em sua perspectiva, acompanhada no último excerto em voga, objeto e ponto de vista *constituem-se*. Logo, pode-se afirmar que o objeto e o ponto de vista são constitutivos um do outro. Desse modo entendida, apesar das críticas à edição, nesse aspecto, a relação evidenciada por Engler parece não se distanciar daquela apresentada no CLG, tendo em vista que podemos entender por constituinte algo que dá existência ou início a alguma coisa, ou é parte essencial de algo, ou, ainda, é essencial para criação de algo.

O que distancia a compreensão de Engler daquela da edição do CLG é um segundo aspecto que merece destaque nesse entendimento: o modo como ponto de vista e objeto se constituem a partir da identidade "correspondente a certos dados intelectuais e materiais" (ENGLER, 1977, p. 63). Dessa maneira, segundo ele, objeto e ponto de vista seriam, então, correspondentes, dada a correspondência necessária que deve haver entre certos dados intelectuais – ao que nos parece, os próprios pontos de vista – e certos dados materiais – os objetos[15].

Ainda no que diz respeito à crítica à edição, destacamos o trabalho publicado por Engler em 1977, que recebe o nome *"Premiers spécimens d'um index des matières au CLG/E"*. Nele, o austríaco propõe-se a antecipar alguns artigos e a submetê-los, ainda que inacabados, a uma crítica.

> Nós apresentamos aqui – e estamos felizes em poder fazer isso em homenagem ao Sr. Godel – duas séries de artigos: a) *abstração*, *generalização*, *ponto de vista*, b) *ablaut*, *alternation*, *umlaut*. Comentaremos brevemente: sua escolha deve permitir reconhecer problemas metódicos e teóricos. O leitor julgará por si mesmo se e em que medida o índice projetado e os exemplos produzidos podem influenciar ou corrigir as interpretações do CLG, se e em que medida eles renovam os pontos de vista na atualização de um pensamento

[15] A separação entre os dados intelectuais e os dados materiais não é uma distinção claramente colocada por Saussure nos documentos consultados por Engler. Trata-se de uma interpretação dada pelo austríaco.

> "clássico" para a necessária integração das tendências modernas na pesquisa.[16] (ENGLER, 1977, p. 90)

Nesse estudo, em específico, o propósito do autor é, então, a partir de sua própria síntese de excertos autógrafos de Saussure, permitir o reconhecimento de problemas metódicos e teóricos a respeito da *generalização*, da *abstração* e do *ponto de vista,* como também da *apofonia*, da *alternância* e da *metafonia*. O autor propõe, como se lê no trecho anterior, que caberá ao leitor julgar em que medida o índex a ser apresentado por ele pode influenciar ou corrigir as interpretações do CLG. Apesar de atribuir a tarefa ao seu leitor, há implícito um intuito de Engler em dirigir uma *correção* da edição póstuma, o que nos permite entender que, para ele, algo falha no que se refere ao modo como esses termos foram tratados, abordados ou expostos nela. Sobre o ponto de vista, em particular, sabemos, com base no texto de 1974-1975, que se trata, em sua perspectiva, de um equívoco.

Esse trabalho, conduzido para reparar os erros do CLG, é pautado em uma série de excertos ou afirmações saussurianas em torno dos termos elencados pelo autor. Neles, Engler (1977) traça um panorama das anotações manuscritas de Saussure sobre o ponto de vista no intuito de evidenciar que seu tratamento no CLG se dá de forma distinta do tratamento dado por Saussure nas fontes autógrafas. Do levantamento feito pelo austríaco, chamamos a atenção para alguns aspectos. O primeiro deles diz respeito às definições que o ponto de vista ganha na síntese do autor:

> PONTO DE VISTA: [def.] a) maneira de estudar um objeto* dado 125 N; b) modo de constituir e de estudar um objeto em linguística (semiologia inclusive): princípio metódico necessário que implica um julgamento de identidade* 126ss. N; - por extensão, nas ciências

[16] Tradução nossa de: "Nous présentons ici - et nous sommes heureux de pouvoir le faire en hommage à M. Godel deux suites d'articles: a) abstraction, généralisation, point de vue, b) ablaut, alternance, umlaut. Nous les commenterons brièvement: leur choix devrait permettre de reconnaître des problèmes méthodiques et théoriques. Le lecteur jugera par lui-même si et dans quelle mesure l'index projeté et les exemples produits sont susceptibles d'influencer ou de corriger les interprétations du CLG, si et dans quelle mesure ils renouvellent des points de vue dans l'actualisation d'une pensée 'classique' vers l'intégration nécessaire de tendances modernes de la recherche."

> humanas (b'); - necessidade de uma delimitação de P' DE V' para julgar o valor de uma substância 132 N; modo de proceder no interior de um P 'DE V' (*a / b*).[17] (ENGLER, 1977, p. 92)

O ponto de vista ganha, bem se vê no excerto em destaque, algumas atribuições. Tais definições, que figuram uma tentativa de precisar a noção de ponto de vista no interior da produção teórica saussuriana, mostram-se relacionadas também ao tratamento terminológico do ponto de vista apresentado por Engler. Por esse viés, o ponto de vista é modo de considerar, é perspectiva; por isso, comporta qualificativos, ponto de vista sincrônico, ponto de vista diacrônico. É preciso adiantar, no entanto, que Saussure não chega a definir *ponto de vista* nas anotações manuscritas analisadas por Engler, como também não o faz no CLG, obra em que não se observa um exercício de elaboração conceitual em torno da locução ponto de vista[18]. Isso posto, entende-se que as definições para o ponto de vista apresentadas por Engler em sua síntese constituem uma interpretação das elaborações que se dão nas notas autógrafas.

Além dos trabalhos de Engler, outra crítica importante feita à edição no que concerne à questão do ponto de vista é vislumbrada no capítulo "L'illusion de la substance: matière et point de vue", do livro *Saussure: la langue: l'ordre e la desordre*, assinado por Pétroff. Nele, o semiologista estabelece uma articulação entre a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto, apresentada pela edição no capítulo "Objeto da Linguística", e a compreensão de que a língua é uma forma e não uma substância, que comparece, por duas vezes, no capítulo "O valor linguístico". É, portanto, por meio da análise das fontes manuscritas de Saussure, mais precisamente de suas edições,

---

[17] Tradução nossa de: "POINT DE VUE: *[déf.] a)* façon d'étudier un objet* donné 125 N; *b)* façon de constituer et d'étudier un objet en linguistique (sémiologie incluse): principe méthodique nécessaire impliquant un jugement d'identité * 126ss. N; - par extension, en sciences humaines *(b');* - nécessité d'une délimitation de P' DE V' pour juger de la valeur d'une substance 132 N; *c)* façon de procéder à l'intérieur d'un P' DE V' *(a/b)*."

[18] A elaboração de um conceito pressupõe demonstrações e definições. Embora haja no CLG demonstrações de que, em matéria de Linguística, o ponto de vista cria o objeto – tal qual a que é apresentada no capítulo "Objeto da Linguística" a respeito da palavra *nu*, que pode ser tomada como um som, uma expressão de uma ideia, um correspondente do latim *nudum* – , a locução *ponto de vista* não recebe nas páginas da edição uma definição.

que Pétroff ressalta ser possível essa articulação, a seu ver negligenciada pela edição do CLG.

Em sua reflexão, Pétroff parte da compreensão saussuriana de que a língua não é uma sustância. Por isso, como concebida pelo genebrino, é objeto sem comparativo, uma vez que depende de um ponto de vista, seja de seus sujeitos falantes, seja dos linguistas que se põem à sua observação. É nesse sentido, atesta o autor, que, para Saussure, "todo fenômeno linguístico é o produto de um *ponto de vista*"[19] (PÉTROFF, 2004, p. 55, grifo do autor).

Quanto a essa articulação saussuriana que coloca em causa a relação entre o observador e o objeto linguístico, esclarecida no documento N9, Pétroff (2004) afirma que foi completamente obscurecida pela interpretação não menos tímida dada pelos editores do CLG. Isso o leva a afirmar que "a forte ideia de que a língua é um ponto de vista aparece de forma fortemente degradada"[20] e que "a importância heurística que Saussure dá ao conceito de ponto de vista é completamente destruída em um 'diríamos que' surpreendente"[21] (PÉTROFF, 2004, p. 57). É preciso lembrar que, nas páginas da edição do CLG, a relação entre o ponto de vista e o objeto é assim colocada: "Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, *diríamos que* é o ponto de vista que cria o objeto" (SAUSSURE, 2012[1916], p. 39, grifo nosso). Desse modo, o que, para Pétroff (2004), está colocado na formulação dos editores é uma dúvida sobre a relação entre o objeto e o ponto de vista, conceito esse que, doravante, é, a seu ver, definitivamente ignorado na edição. É por isso que, para o autor, há um erro da edição no que tange a esse postulado teórico, figurado na eliminação do conceito de ponto de vista.

Além do mais, para Pétroff (2004), a relação entre a compreensão da ausência de substância no fenômeno linguístico – expressa na edição do CLG nas formulações estabelecidas pelos editores de que a língua "produz uma forma, não uma substância" (SAUSSURE, 2012[1916], p. 160) e de que "a língua é uma forma, e não uma substância" (SAUSSURE, 2012[1916], p. 170) – e a compreensão segundo

---

[19] Tradução nossa de: [...] tout phénomène linguistique est le produit d'un *point de vue*.

[20] Tradução nossa de: [...] l'idée forte que *la langue est un point de vue* apparaît sous ne forme nettement dégradée.

[21] Tradução nossa de: L'importante heuristique que donnait Saussure à ce concept de point de vue est complètement détruite dans un 'on dirait' surprenant.

a qual o ponto de vista cria o objeto, claramente postulada pelo raciocínio de Saussure que se dá na edição do manuscrito analisada por ele, foi quase que completamente rompida.

Para Pétroff, a afirmação de que a língua é uma forma e não uma substância, além de desarticulada daquela de que o ponto de vista cria o objeto, também guarda equívocos. Isso porque a noção de forma é insuficientemente definida por Saussure. Assim, tendo em vista a imprecisão em torno da noção de forma, que na edição do CLG não se apresenta associada ao conceito de ponto de vista, Pétroff atesta que a afirmação de que a língua é forma e não uma substância é mais do que contestável. A seu ver, "o que provavelmente resumirá melhor o pensamento de Saussure sobre esse ponto será: a língua é um ponto de vista e não uma substância"[22] (PÉTROFF, 2004, p. 62).

No entanto, afirmar a língua como sendo produto de um ponto de vista, quer dizer, que a língua é um ponto de vista, instaura, segundo Pétroff (2004, p. 63), uma problemática para a objetividade científica. Isso porque a questão do ponto de vista parece pertencer claramente ao domínio da subjetividade: é o espírito quem estabelece as relações constitutivas dos fenômenos linguísticos. Quanto à relação entre o observador e o objeto observado, nos termos de Saussure, entre o espírito e o objeto, Pétroff relembra que, em discussão acompanhada nas páginas da edição, Saussure mostra-se explicitamente a favor da análise subjetiva dos sujeitos falantes em comparação com a análise objetiva dos gramáticos.

Apesar disso, Pétroff defende que o desaparecimento quase definitivo do conceito de ponto de vista no CLG e a afirmação de que a língua é forma e não substância eliminam o papel dos sujeitos falantes e, consequentemente, o ponto de vista que cria as formas. De sua parte, argumenta que é a ausência de substância e a primazia do ponto de vista que explicam a compreensão central de Saussure de que tudo não são mais que diferenças.

[22] Tradução nossa de: "Ce qui probablement resumerait le mieux la pensée de Saussure sur ce point serait: *La langue est un point de vue et non une substance*."

## 3 O *making off* do CLG, o ponto de vista e o objeto: entre a inutilidade e o apagamento da questão

Enquanto Engler e Pétroff partem de uma análise das fontes manuscritas para atestarem o apagamento da questão do ponto de vista no CLG, as edições críticas do texto publicado em 1916 dão vistas a outros panoramas editoriais que apontam para seu apagamento no livro póstumo. É o que nos faz conhecer o trabalho de Godel (1969[1957], p. 96), para quem a utilização do documento-fonte da proposição de que o ponto de vista cria o objeto foi proposta por Sechehaye, no entanto, Bally o queria deixar de lado. Segundo o que certifica Godel (1969[1957], p. 96), à margem do documento *Extraits*[23] – cópia feita por Sechehaye das anotações de Saussure disponibilizadas a ele –, há anotações de ambos os editores. Nas bordas do extrato 9, anotações correspondentes ao manuscrito N9, encontram-se as seguintes afirmações de Albert Sechehaye e Charles Bally, respectivamente: "Aqui está um ponto que *nossa redação* apagou quase inteiramente" e "Inutilizável, como já observei no início: inútil para mim"[24] (BALLY; SECHEHAYE apud GODEL, 1969[1957], grifo do autor).

As palavras dos editores trazem para nosso estudo questões importantes. A primeira é o fato de Sechehaye, por si mesmo, reconhecer que a redação do CLG apagou quase inteiramente a discussão do manuscrito N9, em que Saussure propõe a compreensão de que na língua não há substância, o que o levará à intrincada relação entre o ponto de vista e o objeto. A segunda é que Bally foi categórico em afirmar a inutilidade de tais notas autógrafas: eram, para ele, inutilizáveis, inúteis. A nosso ver, a confissão de Sechehaye e a assunção de Bally poderiam confirmar as críticas estabelecidas por Engler e por Pétroff, acompanhadas anteriormente, que, embora não se valham dessa informação, acusam a edição por isso mesmo.

---

[23] Em 1954, Godel publicou, na 12ª edição do *CFS*, as anotações de Saussure depois de já copiadas por Sechehaye e que foram arquivadas na Biblioteca de Genebra sob a inscrição Ms. Cours univ. 435. Segundo Sofia (2015), ao que tudo indica, Sechehaye havia copiado as anotações de Saussure porque tinha de devolver tais documentos.

[24] Tradução nossa de: "Voilà un point de vue que *notre rédaction* efface quasi entièrement " e "Inutilisable, qui a déjà noté au début: Inutile selon moi".

De nossa parte, parece-nos válido sustentar que o modo como as anotações de Saussure sobre a substância, o ponto de vista e o objeto são tratadas por Sechehaye e caracterizadas por Bally, isto é, como inúteis, lançam luz ao fato de que as ideias de Saussure seguiram, ao longo de sua história, seu curso próprio, inimaginável, é claro, na ocasião de edição do CLG. Isso porque, embora quase inutilizada, sob a proposição de Bally, e quase apagada, pela redação de Sechehaye, a questão do ponto de vista em Saussure não deixou de ser lida, nas páginas da edição, a partir do que Normand (2009[2000]) chamou de novidade radical.

Quem diria hoje, depois de tantos anos, que a discussão sobre o ponto de vista e seu papel na criação do objeto seria inútil? É o que Godel, já na ocasião de sua edição crítica, procura fortemente rebater, afirmando que talvez ela seja o nó do pensamento saussuriano. Parece-nos, então, que, a contragosto de Bally e do lugar restrito reservado a ela por Sechehaye, a questão do ponto de vista no pensamento de Saussure não pode ser apagada das páginas da edição.

Apesar de sua pontualidade no texto de 1916, a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto compõe coro com o cabedal teórico de Ferdinand de Saussure, o que, a nosso ver, levou Godel, Engler, Normand, Pétroff, para citar alguns, a observar sua centralidade para o pensamento do mestre. Resta-nos demonstrar adiante de que maneira a força dessa reflexão, cuja tendência à inutilização e ao apagamento não foi capaz de aniquilá-la, pode ser lida em composição com as demais proposições saussurianas.

## 4 Do escândalo ao espraiamento: o que se pode ler sobre o ponto de vista e o objeto em Saussure?

Segundo o que esclarece a edição crítica do CLG proposta por Engler (1989[1968]), a fonte utilizada para a formulação da asserção de que o ponto de vista cria o objeto no CLG foi o manuscrito *Notes pour um livre sur la linguistique générale 10f.* De acordo com Godel, o catalogador do documento saussuriano, esse conjunto de notas foi doado à Biblioteca de Genebra em 1955 por Jacques de Saussure e Raymond de Saussure. Lá ele foi arquivado sob a inscrição Ms. Fr. 3951/9 – por isso referido pela literatura como N9, notas 9 – e no-

meado pelo próprio catalogador. De acordo com Godel, essas anotações foram escritas entre os anos de 1893 e de 1894 e constituem "fragmentos de um livro inacabado" (GODEL, 1954, p. 48), presumidamente, o livro de Linguística Geral prometido por Saussure em carta enviada a Meillet no ano de 1894 (GODEL, 1969[1957], p. 36).

A hipótese levantada por Godel acerca da natureza do manuscrito N9 parece estar calcada, sobretudo, na reflexão saussuriana que se apresenta nas primeiras folhas do documento. Nelas, tal qual na carta, Saussure sustenta a necessidade de um trabalho de reformulação da terminologia da teoria da linguagem. Para ele, a inadequação da terminologia corrente estava na suposição da existência de substância no fenômeno linguístico. Assim, é em defesa do argumento de que a linguagem não oferece, em nenhuma de suas manifestações, qualquer substância, que Saussure desenvolve as reflexões ao longo do manuscrito, demonstrando o caráter relacional dos fatos de linguagem e apontando, nesse sentido, para o papel capital do ponto de vista diante deles.

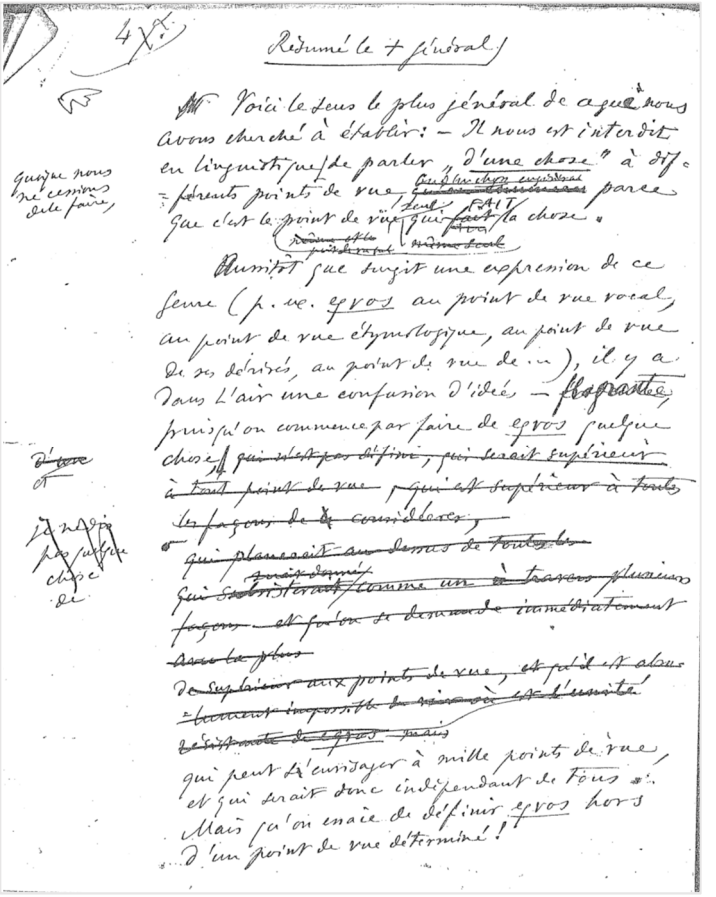
Como já esclareceu o trabalho de Pétroff (2004), visitado na seção anterior, as reflexões desse manuscrito também funcionaram como fonte para a importante compreensão, trazida pelo CLG, de que a língua é uma forma e não uma substância. De nossa parte, chamamos a atenção para o fato de que tais reflexões, condensadas nas páginas do manuscrito N9, podem também ser articuladas a outras discussões que se desenvolvem ao longo de todo o CLG[25]. Neste estudo, chamamos a atenção, especificamente, para como a discussão que se dá nesse manuscrito – cujo objetivo é sustentar a natureza não substancial do fenômeno linguístico e, por isso, o papel capital do ponto de vista da análise para a criação do objeto – articula-se com a discussão a respeito das entidades concretas, das identidades e dos valores em Linguística apresentados no CLG. Com isso, intentamos demonstrar que, apesar da tendência ao apagamento da reflexão acerca do ponto de vista e do objeto pela edição, a compreensão de que o primeiro cria o segundo espraia-se nas demais reflexões saussurianas, uma vez que está articulada com a compreensão da língua não como uma substância, isto é, uma materialidade física, mas como

[25] Uma análise mais completa acerca disso pode ser acompanhada em "O enigma saussuriano do ponto de vista-objeto" de Marques (no prelo).

constituída a partir de relações que cabe ao linguista, a partir da adoção da perspectiva do sujeito falante, estabelecer (SAUSSURE, 2012[1916], p. 123).

Tomemos como ponto de partida aquilo que configura, na reflexão de Saussure no manuscrito N9, seu ponto de chegada: a conclusão de que, na Linguística, o ponto de vista faz sozinho a coisa. Vejamos como, em folha intitulada "Resumo mais geral", Saussure postula essa asserção fundamental.

Figura 1. Reprodução de fragmento de página entre as páginas 8 e 9 do manuscrito Notes pour um livre sur la linguistique 10f.



Fonte: BGE, Ms. Fs. 3951/9.

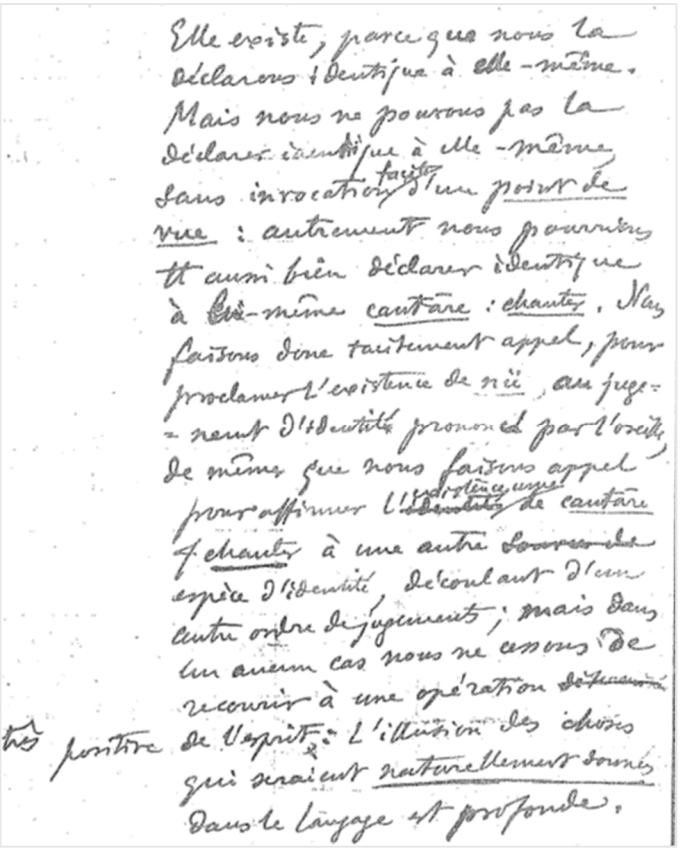
> Resumo o + geral. ~~X~~ Eis o sentido mais geral que procuramos estabelecer: – Para nós, é proibido, na Linguística, <embora não cessemos de fazer> falar de "uma coisa" de diferentes pontos de vista ~~[x]<~~ou de uma coisa em geral> porque é o ponto de vista < mesmo e o ponto de vista faz> <mesmo sozinho> <sozinho> que faz FAZ a coisa.
>
> Quando surge uma expressão desse gênero (por exemplo egvos do ponto de vista vocal, do ponto de vista etimológico, do ponto de vista das derivações, do ponto de vista de ...) há no ar uma confusão de ideias – flagrante, já que se começa por fazer de eqvos alguma coisa ~~< que não é definida, que será superior a todo ponto de vista, que é superior a toda maneira de x considerar, que pairaria acima de tudo o que subsistirá <será dado> como um através de várias maneiras e que se xxx imediatamente com a mais de superior dos pontos de vista, e que é absolutamente impossível de ver onde está a unidade xxx de eqvos mais~~ que se pode considerar de mil pontos de vista, e que seria, portanto, independente de todos eles. Mas, tente-se definir eqvos fora de um ponto de vista determinado!

Pelo que se observa a partir da Figura 1, a escrita da proposição por nós investigada não se deu sem um intenso trabalho de elaboração teórica desenvolvido por Saussure. Como demonstram as variadas rasuras, incisos e correções em torno da sentença de que o ponto de vista FAZ sozinho a coisa, Saussure procurou a melhor maneira de reduzir, em uma única proposição, o que demonstrou ao longo de todo o manuscrito e que, agora, é nomeado como resumo mais geral.

Assim, se seu ponto de partida é a incongruente suposição de que a língua oferece substância, se seu trajeto é a demonstração de que os fatos linguísticos são resultantes das relações estabelecidas pelo espírito a partir das operações de abstração e de generalização, sua conclusão é que nada preexiste ao ponto de vista e que, portanto, ele faz os objetos na Linguística.

Para compreender a operação teórica de demonstração do teorema, assim nomeado por Engler, de que o ponto de vista faz sozinho – na falta de um vocabulário especializado ou de uma terminologia ainda por se estabelecer – a coisa, o objeto para o linguista, detenhamo-nos um pouco mais na reflexão que Saussure faz acerca das unidades em Linguística.

Figura 2. Reprodução de página entre as páginas 4 e 5 do manuscrito Notes pour um livre sur la linguistique 10f.

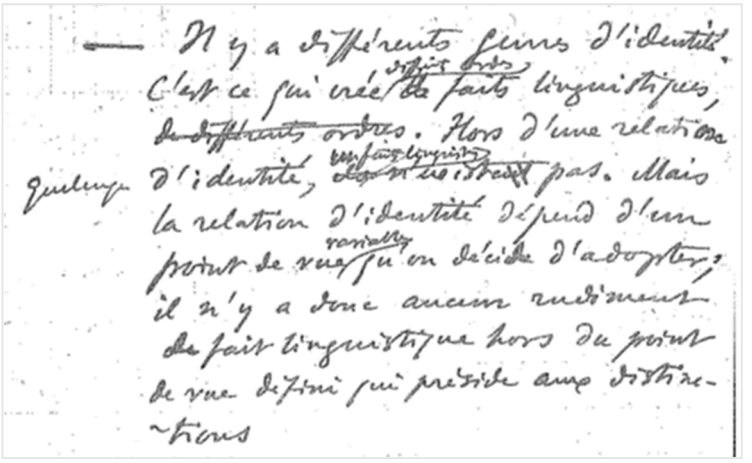


Fonte: BGE, Ms. Fs. 3951/9.

Ela existe porque nós a declaramos idêntica a si mesma. Mas não podemos declará-la idêntica a si mesma sem a invocação <tácita> de um ponto de vista: senão, poderíamos, do mesmo modo declarar idêntica a si mesma cantare:chanter. Apelamos, então, tacitamente para proclamar a existência de nü, ao julgamento de identidade pronunciado de ouvido, do mesmo modo que apelamos para afirmar a ~~identidade~~ <existência unida> de cantare e chanter a uma outra sorte de espécie de identidade, decorrente de uma outra ordem de julgamento; mas em nenhum caso deixamos de recorrer à operação determinada <muito positiva> do espírito: a ilusão de coisas que sejam naturalmente dadas na linguagem é profunda.

Segundo o que Saussure esclarece na figura em destaque, é necessário distinguir a identidade de uma figura vocal consigo mesma e proclamar sua existência na língua (*nü* : *nü*, logo *nü* existe enquanto figura vocal no francês) – para nos valermos dos termos saussurianos, numa sincronia dada – daquela que se estabelece entre, por exemplo, *cantare* : *chanter*, isto é, que considera dois estados de língua distintos. Trata-se de diferentes ordens de julgamento, "mas em nenhum caso deixamos de recorrer à operação ~~determinada~~ muito positiva do espírito" (SAUSSURE, 1983-1984?, p. s/p entre fº4 e fº5). Assim, tanto para estabelecer a identidade/existência de uma figura vocal num momento dado quanto para estabelecer a identidade de uma figural vocal em estados de língua diferentes, recorremos a uma operação muito positiva do espírito. Em todos os casos, trata-se de uma relação criada, estabelecida pelo espírito, pelo ponto de vista do linguista. Não se pode, desse modo, ter a "ilusão de que as coisas seriam naturalmente dadas na linguagem" (SAUSSURE, 1983-1984?, p. s/p entre fº4 e fº5). Tendo em vista, então, que as identidades não são dadas, são estabelecidas a partir de uma operação do espírito, de uma operação de análise, de uma operação de abstração e de generalização, cabe ao linguista explicitar em nome de qual ponto de vista essa identidade é estabelecida. Dessa forma, será possível falar que "*cantare*, do ponto de vista da figura vocal que a representa é idêntica àquela palavra *cafre* em samoyède; [que], do ponto de vista da continuação regular, é idêntica ao francês *chanter*; [que], do ponto de vista de seu valor em latim, é []" (SAUSSURE, 1983-1984?, p. 5).

Figura 3. Reprodução de primeira página entre as páginas 6 e 7 do manuscrito Notes pour um livre sur la linguistique 10f.



Fonte: BGE, Ms. Fs. 3951/9.

> – Há diferentes gêneros de identidade. É isso que cria <diferentes ordens> de fatos linguísticos de diferentes ordens. Fora de uma relação de identidade, eles não existem <um fato linguístico> não existe. Mas a relação de identidade depende de um ponto de vista <variável> que se decide adotar; não há, portanto, nenhum rudimento de fato linguístico fora do ponto de vista definido que preside às distinções.

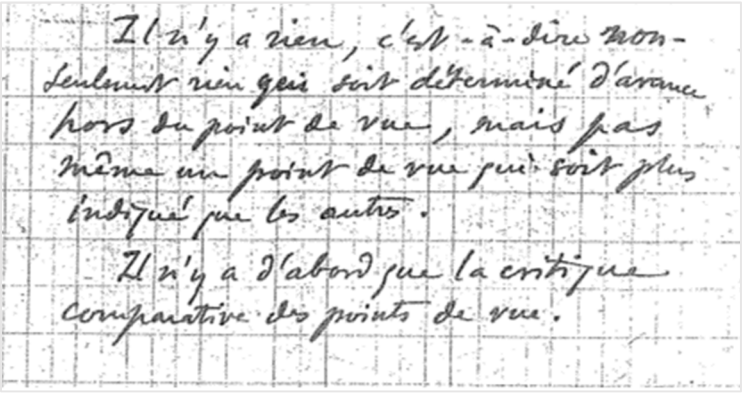
Chamamos a atenção para os novos desdobramentos que a reflexão de Saussure ganha e que podem ser acompanhados na Figura 3. Segundo o que postula o genebrino, os diferentes gêneros de identidade criam diferentes ordens de fatos linguísticos que só existem nessas relações de identidade. Como propõe Saussure, fora das relações de identidade, um fato linguístico não existe. Mas é preciso considerar que essa relação, por sua vez, depende de um ponto de vista. É por isso que, defende Saussure, não há nenhum rudimento de fato linguístico fora do ponto de vista, fora da análise, fora do recorte feito pelo linguista.

A nosso ver, a reflexão sobre o fragmento em destaque traz importantes aspectos que é preciso considerar. Nele, como se pode

ver, o ponto de vista é determinante para a própria existência dos fatos linguísticos, não enquanto realidade para os sujeitos falantes, mas enquanto fenômenos passíveis de serem analisados pelos linguistas. Ora, se a linguagem não oferece, em nenhuma de suas manifestações, substância, em que seria possível repousar a análise do linguista, então? Saussure reforça que não há fato linguístico fora das relações de identidade. Não há relações de identidade fora da adoção de um ponto de vista determinado. Não há fato linguístico fora do ponto de vista. Assim, se a língua não oferece materialidade primeira que possa ser analisada, é, então, o próprio ponto de vista da análise que faz o fato linguístico.

Como se pode ver, no desenvolver da reflexão que se dá no manuscrito N9, cada vez mais é incutido ao ponto de vista função primordial. Para o genebrino, não há nada determinado de antemão fora de um ponto de vista. Igualmente, não há nenhum ponto de vista mais indicado que o outro ou superior aos outros. O que há, de início, para ele, e como destaca Engler (1974-1975, 1977) em suas análises, é a crítica comparativa dos pontos de vista.

Figura 4. Reprodução de fragmento da página 6 do manuscrito Notes pour um livre sur la linguistique 10f.


Il n'y a rien, c'est-à-dire non-
seulement rien qui soit déterminé d'avance
hors du point de vue, mais pas
même un point de vue qui soit plus
indiqué que les autres.
Il n'y a d'abord que la critique
comparative des points de vue.

Fonte: BGE, Ms. Fs. 3951/9.

> Não há nada, isto é, não – somente nada que seja determinado de início fora de um ponto de vista, nem mesmo um ponto de vista que seja mais indicado do que os outros. Não há nada a princípio que não a crítica comparativa dos pontos de vista.

Se não há nada de determinado que possa ser tomado como fato de análise, somente o ponto de vista, que por sua vez não é mais ou menos indicado do que outros, o que resta para começar é, segundo Saussure, uma crítica comparativa dos pontos de vista. A respeito dessa crítica, em leitura à Figura 4, tem-se apenas que é preciso decidir qual ponto de vista adotar, como vimos nas páginas anteriores: aquele que, por exemplo, cria a identidade entre uma figura vocal em épocas distintas, aquele que cria uma identidade entre a figura vocal e seu significado, aquele que cria uma identidade com ela mesma. O ponto de vista preside as distinções, por isso é preciso definir qual, dentre aquelas possíveis, será adotado.

Voltando nossa atenção para o modo como a reflexão acerca do ponto de vista e do objeto, levantada no manuscrito N9, espraia-se no CLG, observamos, desta vez, como a compreensão do papel capital do ponto de vista no estabelecimento das relações constitutivas dos fenômenos linguísticos passa a compor o próprio cabedal teórico saussuriano quando é colocada no âmago da reflexão acerca do objeto da linguística. É para seu alcance na discussão sobre as entidades concretas, sobre a identidade e o valor linguístico, que tem em seu cerne a natureza relacional dos objetos em linguística, que, desta vez, chamamos a atenção.

A característica de concretude dos objetos em nosso campo de investigação – problematizada já no início do capítulo "Objeto da Linguística" e que, em certa medida, leva à conclusão de que, na Linguística, o ponto de vista cria o objeto – ganha fôlego nas reflexões do CLG que se desenvolvem, especialmente, nos capítulos 1 e 2 da segunda parte, Linguística Sincrônica, a saber: "As entidades concretas da língua" e "Identidades, realidades, valores".

No primeiro deles, o que antes era uma questão para Saussure, agora aparece como resolvido. "Os signos de que a língua se compõe não são abstrações, mas objetos reais; é deles e de suas relações que a Linguística se ocupa; podem ser chamados *entidades concretas*" (SAUSSURE, 2012[1916]). Tal compreensão é já resultado das elaborações saussurianas que concebem, em primeiro lugar, a língua enquanto um sistema de signos – em que de essencial está a relação que eles estabelecem entre si e da qual cabe à Linguística ocupar-se – e o signo linguístico, por sua vez, enquanto entidade psíquica cujas

partes estão unidas por uma relação de arbitrariedade – são elas o significante e o significado.

No capítulo sobre as entidades concretas da língua, porém, o que Saussure procura esclarecer é a dificuldade que há em determinar tais entidades, visto que, na ciência linguística, como vimos no contexto da proposição de que o ponto de vista cria o objeto, os objetos não são dados de antemão.

> Na maioria dos domínios que são objeto da Ciência, a questão das unidades sequer se esboça: são dadas de começo. Assim, em Zoologia, é o animal que se oferece desde o primeiro instante. A Astronomia opera também com unidades separadas no espaço: os astros; em Química, podem-se estudar a natureza e a composição do bicromado de potássio sem duvidar um só instante de que seja um objeto bem definido (SAUSSURE, 2012[1916], p. 151).

Novamente, Saussure é enfático em distinguir o que ocorre na Linguística concernente à observação do objeto das outras ciências, é válido observar, das ciências naturais. Nelas, os objetos e suas unidades são dados de começo. O animal é unidade de estudo da Zoologia; o astro, da Astronomia. Na Química, a unidade básica da matéria, seu objeto, é o átomo, que pode ser tomado numa composição, como o bicromado de potássio, para usar o exemplo de Saussure. Se, na Linguística, o objeto não se apresenta de antemão, tampouco as unidades desse objeto o fazem.

Na concepção de Saussure, "a língua apresenta, pois, esse caráter estranho e surpreendente de não oferecer entidades perceptíveis à primeira vista, sem que se possa duvidar, entretanto, de que existam e que é seu jogo que a constitui" (SAUSSURE, 2012[1916], p. 152). Desse modo entendido, embora as entidades concretas, reais, da Linguística não se ponham à análise de antemão, para Saussure, não podemos deixar de acreditar que elas de fato existem e que são as relações estabelecidas entre elas que constituem seu jogo, seu sistema.

Segundo Saussure, essa constatação, de que a língua não oferece entidades perceptíveis à primeira vista, coloca uma problemática para a Linguística estática: qualquer noção primordial depende do que se toma como unidade. Em função disso, no capítulo "Identidades, realidades e valores", Saussure apresenta uma reflexão sobre os termos identidade, realidade e valor sincrônico, problematizando

os dois primeiros e dando preferência ao último para o tratamento da questão do objeto e de suas unidades na Linguística.

O dilema da identidade está no fato de que, embora, à primeira vista, possamos tomar como idênticos termos cuja ocorrência se dá a partir de uma mesma porção sonora, a identidade pode ser comprometida pela não correspondência da ideia "*adotar* uma moda" e "*adotar* uma criança" (SAUSSURE, 2012[1916], p. 154), que, embora apresentem identidade da porção sonora, possuem um sentido completamente outro. É o que leva Saussure a concluir que o "vínculo entre dois empregos de uma mesma palavra não se baseia na identidade material nem na exata semelhança de sentido, mas em elementos que cumprirá investigar e que nos farão chegar bem perto da verdadeira natureza das unidades linguísticas" (SAUSSURE, 2012[1916], p. 154).

Por sua vez, a problemática da realidade está em tomarmos conceitos abstratos e, portanto, extralinguísticos, dos quais se valem o gramático, tais como o de substantivo, de adjetivo etc. como se fossem realidades linguísticas. "A Linguística trabalha incessantemente com conceitos forjados pelos gramáticos, e sem saber se eles correspondem realmente a fatores constitutivos do sistema da língua. Mas como usá-los? E se forem fantasmas, que realidade opor-lhes?" (SAUSSURE, 2012[1916], p. 155).

É em face da insuficiência da explicação dada às relações a partir da noção de identidade – é preciso destacar, amplamente perseguida pelos estudos comparativos para o estabelecimento dos parentescos linguísticos – e do perigo de trabalharmos com conceitos que sequer são realidades na língua que Saussure propõe que tomemos a questão da unidade na Linguística pelo aspecto do valor, que recobre, para ele, as de unidade, de entidade concreta e de realidade, e que é, a seu ver, o aspecto primordial.

> Para escapar às ilusões, devemos nos convencer, primeiramente, de que as entidades concretas da língua não se apresentam por si mesmas à nossa observação. Mas se procuramos apreendê-las, tomaremos contato com o real; partindo daí, poder-se-ão elaborar todas as classificações de que tem necessidade a Linguística para ordenar os fatos de sua competência. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 156)

Diante do fato de que o objeto da Linguística e suas unidades não se apresentam de antemão, e ao propor que tomemos tal problemática pelo aspecto do valor, Saussure destaca a natureza relacional dos fatos linguísticos, que só podem, assim, ser criados pelo ponto de vista de análise.

> Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são. [...] Se a parte conceitual do valor é constituída unicamente por relações e diferenças com os outros termos da língua, pode-se dizer o mesmo de sua parte material. O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam à significação. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 164-165)

A proposta de Saussure em tomarmos a questão do objeto pelo aspecto do valor é capital para colocar no bojo da discussão do objeto da Linguística, isto é, do sistema da língua e de suas unidades, a noção de relação. É nesse sentido que, para Normand (2009[2000], p. 79), "ao termo *unidade* – que implica sempre a possibilidade de isolar elementos – e ao termo *entidade* – que é uma interrogação filosófica –, preferir-se-á, pois, *valor*, que supõe a existência de uma relação" (NORMAND, 2009[2000], p. 79, grifo nosso).

Ainda de acordo com as palavras da autora:

> é impossível apreendê-las [as unidades linguísticas] fora do sistema específico em que elas são tomadas, pois **é nele que está seu modo de realidade**; elas só possuem existência para um locutor nas relações recíprocas que mantêm e que lhes dão sentido. Abordadas **fora dessas relações**, as unidades linguísticas não passam de elementos materiais desprovidos de significação; em outras palavras, **elas não são mais linguísticas** (NORMAND, 2009 [2000], p. 50, grifos nossos).

Assim, como propõe o mestre genebrino:

> Unidade e fato de gramática não se confundiriam se os signos linguísticos fossem constituídos por algo mais que diferenças. Mas sendo a língua o que é, de qualquer lado que a abordemos, não lhe encontraremos nada de simples; em toda parte e sempre, esse mesmo equilíbrio de termos complexos que se condicionam reciprocamente. Dito de outro modo, a língua é uma forma e não substância. Nunca nos compenetramos o bastante dessa verdade, pois todos os erros de nossa terminologia, todas as maneiras incorretas de designar as coisas da língua provêm da suposição involuntária de que haveria uma substância no fenômeno linguístico. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 169-170)

Entendemos, então, a partir do que vimos anteriormente e do que se pode observar no trecho em destaque, que a problemática do objeto, das unidades e, consequentemente, do que se pode dizer dos fatos na Linguística está no fato de que o signo linguístico não é nada mais do que diferenças. Tal como proposto por Saussure, o signo da língua não é definido por sua materialidade física. Suas partes, isto é, a imagem acústica e o conceito, são igualmente psíquicos. O que define os signos linguísticos são as relações de oposição, porque são opostos uns aos outros; negatividade, porque não são definidos por qualquer traço material ou substância; e diferença, porque sua característica mais exata é ser o que os outros signos não são. É nesse sentido que Saussure postula, no trecho em destaque, que a língua é uma forma e não uma substância. Não há, na língua nem no signo linguístico, qualquer traço de substância, uma vez que esses últimos são definidos inteiramente por suas relações de valor estabelecidas no sistema.

> Para compreender a verdadeira natureza das unidades linguísticas, é necessário parar de querer isolar formas que seriam observáveis em si e admitir que elas não podem ser apreendidas se não em suas relações com outras, que elas só existem, do ponto de vista linguístico, nessas relações (NORMAND, 2009 [2000], p. 79).

Uma vez que as unidades linguísticas não podem ser compreendidas por seus valores intrínsecos ou por sua substância, mas unicamente pelas relações que estabelecem no jogo da língua, como destaca Normand, destaca-se a forte dependência que há entre a compreensão da língua por seu caráter relacional e a proposição de que, desse modo, é o ponto de vista que cria o objeto.

## Considerações finais

Depois de conhecidas as razões que fundamentam as críticas a respeito do modo como a questão do ponto de vista em sua relação com o objeto foi tratada na edição e depois de uma leitura de fragmentos do manuscrito N9 e de passagens do CLG, chamamos a atenção para o fato de que, apesar do lugar pontual que ocupa na edição, a compreensão de que, na Linguística, o ponto de vista cria o objeto espraia-se nas demais reflexões saussurianas veiculadas pelo CLG, de modo a sustentá-las teoricamente. Foi o que procuramos demonstrar ao tratar reflexões acerca das entidades concretas, das identidades e dos valores. A nosso ver, isso explica o fato de, embora aparentemente ser marginalizada pela edição, tendo em vista seu apagamento ao longo do texto, ela ser condição *sine qua non* para outros itens da teoria linguística de Saussure.

Lembremos, com Saussure, que a língua é um sistema de signos em que, de essencial, há a relação opositiva, negativa e diferencial que eles estabelecem em seu interior. É nessas relações, constitutivas do signo linguístico, que está a existência concreta da língua. Para dar conta desse fenômeno tão distinto, o ponto de vista de análise precisa considerar a natureza relacional desse objeto. Não se trata de um ponto de vista que disseca as características inerentes. Trata-se do ponto de vista como essencial para o estabelecimento das relações linguísticas.

## Referências

ENGLER, R. Sémiologies saussuriennes: de l'existence du signe. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, v. 29, n. 1, p. 45-73. Genève : Droz, 1974-1975.

ENGLER, R. La forme idéale de la linguistique saussurienne. In: *Saussure and linguistics today*. Ed. Tullio de Mauro and Shigeaki Sugeta. Roma: Bulzoni Editore, 1995.

ENGLER, R. Premiers spécimes d'un index des matières au CLG/E. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, v. 31, n. 1, p. 88-99. Genève : Droz, 1977.

GODEL, R. *Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*. Genebra: Libraire Droz, 1969[1957].

MARQUES, A. C. M. *O enigma saussuriano do ponto de vista-objeto*. 2021. 196 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/31259. Acesso em: 07 jun. 2021.

NORMAND, C. *Saussure*. Tradução: Ana de Alencar, Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009[2000].

PÉTROFF, A-J. *Saussure:* la langue, l'ordre e et le désordre. Paris: L'Harmattan, 2004.

SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. Edição crítica de R. Engler. (Tome 1 e 2). Wiesbade: Otto Harrassowitz, 1968 e 1974.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger (org.); prefácio da edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. Tradução : A. Chelini, J. P. Paes, I. Bliksten. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012[1916].

SAUSSURE, F. Notes pour un livre sur la linguisitc générale 10f. In: *Papiers Ferdinand de Saussure*, 3951: Notes de Linguistique Générale. Bibliothèque de Genève, 1891.

Capítulo 3

# A *duplessência* da linguagem: afinal, de que duplo se trata?

*Luiza Milano*

## 1 Introdução

O presente capítulo tem a intenção de dar seguimento a uma reflexão que empreendo já, assumidamente, desde 2013: investigar o estatuto do aspecto fônico da(s) língua(s) no pensamento de Ferdinand de Saussure. No decorrer de minha pesquisa, fui me dando conta de que essa não seria uma tarefa fácil. Afinal, várias pistas foram mostrando que o mestre genebrino se ocupou da face significante do signo linguístico, e, considerando-se mais amplamente, do aspecto material das línguas, em muitos de seus estudos. Para aqueles que intentam se profundar no pensamento de Saussure isso representa um desfio e um empreendimento enormes, pois múltiplas são as fontes de pesquisa sobre o tema, hoje em dia ainda mais, e já bastante grande a quantidade de intérpretes de seu legado. Por esse motivo, foi necessário, no decorrer de meus estudos, realizar recortes pontuais, selecionar fontes específicas a serem consultadas e, em alguns momentos, operar deslocamentos a partir de temáticas que mobilizassem o aspecto fônico (ou material, ao considerarmos também as formas gestual e escrita) da(s) língua(s).

Meu percurso nesse terreno iniciou anunciando uma indagação não muito diferente da que intitula o presente escrito: no artigo "O rastro do som em Saussure", eu já me perguntava sobre como lidar com o impasse diante do caráter duplo do significante: "Afinal, o significante é ou não

fônico?" (SURREAUX, 2013, p. 289). Naquela época, chamavam a minha atenção as oscilações presentes principalmente no *Curso de linguística geral* (doravante, CLG) quando se tratava de qualificar a porção significante do signo linguístico. Partindo, então, de uma exploração inicial, pude verificar ocorrências que, em um primeiro momento, soavam deveras contraditórias. Ilustro muito rapidamente a seguir exemplos desses dois vieses que evidenciavam meu mal-estar na leitura dessa obra de referência dos estudos saussurianos. Repare-se que aí o *duplo* já estava sinalizado.

Por um lado, havia indícios de que o significante não parecia ser considerado por sua materialidade fônica:

- "O essencial da língua é estranho ao caráter fônico do signo linguístico" (SAUSSURE, 1974, p. 14);
- "[...] a fonação, vale dizer, a execução das imagens acústicas, em nada afeta o sistema em si" (SAUSSURE, 1974, p. 26);
- "Em sua essência, este [o significante linguístico] não é de modo algum fônico" (SAUSSURE, 1974, p. 138).

Por outro, deparava-me com passagens que pareciam afirmar exatamente o contrário:

- "O significante, sendo de natureza auditiva, ..." (SAUSSURE, 1974, p. 84);
- "[...] mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações" (SAUSSURE, 1974, p. 22);
- "[...] transmissão fisiológica da imagem acústica" (SAUSSURE, 1974, p. 19).

Foi um tanto intrigada com esses recortes que, ainda nesse estudo de 2013, realizei também uma exploração inicial dos *Escritos de linguística geral* (doravante, ELG). Naquela época, passou desapercebido talvez o trecho mais importante, ao menos para quem, como eu, estivesse tão preocupada com as pistas sobre o fônico no legado do genebrino. Na verdade, a "boa nova", tal como a carta roubada de Poe[26], estava já anunciada nas primeiras linhas do manuscrito *Sobre a essência dupla da linguagem*, con-

[26] "A carta roubada" é um conto de Edgar Allan Poe (1981) no qual uma pista (no caso, a tal carta roubada), estando à vista de todos, passa despercebida por aqueles que se apressam em tentar encontrá-la.

forme se pode ler a seguir: "É errado (e impraticável) opor a *forma* e o *sentido*. O que é certo, em troca, é opor a *figura vocal*, de um lado, e a *forma-sentido* de outro" (SAUSSURE, 2004, p. 21, grifos do autor).

Se, naquela época, tivesse eu a perspicácia de, ao ouvir esse alerta, refugiar-me imediatamente no capítulo "O valor linguístico", presente no CLG, teria então percebido mais uma preciosa recomendação a esse respeito: "O que importa na palavra *não é o som em si*, *mas as diferenças fônicas* que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam à significação" (SAUSSURE, 1974, p. 137, grifo nosso).

Mas, como aprendi bastante cedo que cabe ao pesquisador ir em busca de marcas e rastros, meu caminho felizmente não foi abreviado pela(s) evidência(s). É, então, após alguns tantos desvios que hoje retorno a essa discussão, buscando apontar algumas das pistas que encontrei ao longo desses primeiros tempos de pesquisa sobre "O rastro do som em Saussure"[27].

## 2 Um percurso sobre o fônico

Meu percurso de estudos sobre o fônico em Saussure, em um primeiro momento, teve como objetivo buscar entender como as noções de fonética, fonologia e também de fonema eram mobilizadas pelo pesquisador genebrino à sua época[28]. Para esse mergulho inicial, parti do clássico

[27] *O rastro do som em Saussure* é também a forma como nomeei o grupo de pesquisa que coordeno no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[28] Há uma série de outros documentos saussurianos que merecem um estudo detalhado acerca do fônico. No *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européenne* (1879), por exemplo, já se encontra alusão ao termo fonema. Em uma leitura exploratória inicial desse trabalho do jovem Ferdinand de Saussure, percebe-se o embrião de uma reflexão sobre sistema ancorada em análises da alternância de emprego das vogais no indo-europeu. Também em seus estudos sobre a acentuação do lituano há uma especial atenção ao aspecto fônico, na tentativa de entender a função atribuída ao acento naquela língua. Igualmente, as pesquisas sobre os anagramas nos textos poéticos evidenciam esse interesse por parte de Saussure.

CLG, percorri múltiplos manuscritos presentes nos ELG e investiguei o ainda pouco conhecido manuscrito *Phonétique*[29].

No CLG, recolhem-se informações importantíssimas sobre essa questão, principalmente no capítulo VII da Introdução e no Apêndice sobre Fonologia. É nessas páginas que se lê que o termo *fonética* está relacionado ao estudo da evolução histórica dos sons das línguas (SAUSSURE, 1974, p. 42-43). Já o termo *fonologia* aparece em oposição a essa abordagem diacrônica, sendo nomeado também como "fonologia combinatória" (SAUSSURE, 1974, p. 64). Sublinho que é muito importante ler tal passagem relacionando-a ao capítulo do valor (cf. SAUSSURE, 1974, p. 130), no qual se encontra uma exemplificação acerca do princípio do valor linguístico diretamente atrelada a essa *fonologia combinatória*: "os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas" (SAUSSURE, 1974, p. 138). Percebe-se, então, a indicação da interdependência entre as entidades sonoras da(s) língua(s), o que aponta o caráter sistêmico da leitura saussuriana acerca do fônico.

No manuscrito *Phonétique*, a referência aos estudos do fônico é sugerida como *fonética semiológica*[30] (SAUSSURE, 1995, p. 120). Nessa fonte, também se podem encontrar alguns esboços de definição de fonema como unidade sonora com a qual o linguista trabalha, conforme pudemos ilustrar em estudos anteriores (cf. MILANO, 2016b; GARAY, 2016).

Na leitura que empreendi desses materiais (CLG, ELG e *Phonétique*), percebi indícios de uma relativa primazia do estudo do aspecto fônico da(s) língua(s) por parte de Saussure, pois a necessidade e a preocupação recorrente de configurar seu objeto de análise parecia estar na dependência metodológica de como recortar esse objeto.

Portanto, penso que, para que o som, ou outra materialidade que se queira analisar a partir da porção significante, seja elevado à categoria de signo linguístico, é necessário que seja reconhecido como passível de

[29] O manuscrito *Phonétique*, também conhecido como manuscrito de Harvard por estar depositado na Houghton Library of Harvard University, tem datação aproximada entre os anos 1883 e 1884 (cf. MARCHESE, 1995).

[30] "Phonétique sémiologique: s'occupe des sons et des successions de sons existant dans chaque idiome en tant qu'ayant une valeur pour l'idée (cycle acoustico-psychologique)" (SAUSSURE, 1995, p.120).

evocar simultaneamente, através de sua materialidade fônica, uma impressão acústica e um registro de diferença(s), ao mesmo tempo em que remeta a uma ideia/um significado. Conforme apontei em outra oportunidade, considerar o signo como uma unidade de interdependência recíproca entre o significado e o significante é afirmar que a imagem acústica não figura ali como puro som material, ela representa uma impressão acústica (MILANO, 2017, p. 87).

A leitura do significante como imagem e como impressão acústica renovou a leitura sobre a dupla existência – concreta e abstrata – da entidade (o fonema ou outra unidade que se queira recortar, como a sílaba ou a palavra). Acredito que essa consideração do aspecto duplo tenha permitido a Saussure avançar teórica e metodologicamente em relação ao caráter representacional das unidades linguísticas. É nessa direção que aponta Marchese (1995, p. XXIII), ao dizer que o dualismo acústico e articulatório do fonema deve ser considerado a partir da ideia de unidade proposta pelo próprio mestre genebrino em seus manuscritos, segundo destaca a pesquisadora italiana.

Novamente, vemo-nos diante de dualismos: concreto e abstrato, acústico e articulatório. Apontar essas dualidades parece ter sido fundamental para o reconhecimento de que a tarefa do linguista é partir não da realização fônica em si, mas dos efeitos que ela produz. Afinal, a significação e o valor constituir-se-ão através do jogo de diferenças e oposições veiculados pelas materialidades (fônicas, gráficas ou gestuais) próprias a cada língua.

Minha incursão que nos primeiros tempos de pesquisa possibilitou essas constatações foi fundamental para certificar-me, a partir de fontes manuscritas e editadas, de que a hipótese acerca do lugar de importância do estatuto do fônico para Saussure não estava equivocada. Conforme fui encontrando algumas pistas, busquei registrar esses achados em diferentes publicações (cf. SURREAUX, 2013; MILANO, 2015, 2016a, 2016b, 2017), assim como acompanhei de perto pesquisas que igualmente se ocuparam dessa investigação. Algumas dessas pesquisas lidaram com desafios teóricos pontuais (cf. STAWINSKI, 2016; GARAY, 2016), outras operaram deslocamentos para pensar a relação dos aportes saussurianos com temáticas não necessariamente estudadas por Saussure (cf. FRYDRYCH, 2013; GOMES, 2016; SORTICA, 2016; DE JORGE, 2017).

Na leitura que faço hoje, sigo acreditando que, para alicerçar uma proposta científica no campo da linguagem, Saussure perguntava-se muito frequentemente sobre como dar conta metodologicamente da necessária abstração dos conceitos e da incontornável materialidade do objeto *língua* (cf. STAWINSKI, MILANO, 2017; MILANO, STAWINSKI, 2020). É, então, através desse movimento pendular entre concreto e abstrato que insisto na importância dada ao lugar do fônico nos estudos do autor. Nesse sentido, o suporte das reflexões de Semir Badir destacando a simultaneidade do estatuto concreto/abstrato na fonética e na fonologia de Saussure (cf. BADIR, 2012) e apontando os indícios de assimetria presentes nos estudos saussurianos do signo (cf. BADIR, 2017) foram ponto de apoio fundamental.

E, se é por ter sustentado a abstração e a radical arbitrariedade dos signos no seio do sistema que Saussure pôde avançar em suas reflexões sobre objeto e método, entendo que, para lidarmos com o fônico (a materialidade, a concretude), é antes necessário compreendermos que é possível veicular formas e sentidos sem as pretensas garantias materiais em si mesmas. Ou seja, a potência semiótica de um signo não é jamais dada *a priori* pela materialidade significante, mas pelo ato de ela produzir contraste e diferença.

Sendo assim, ao retornar ao CLG, pode-se dizer que a imagem acústica não é apresentada como puro som material, mas como impressão psíquica desse som (cf. SAUSSURE, 1974, p. 80). Impressão – leia-se efeito – é já condição de um elemento pertencente a um sistema simbólico (portanto, um signo). E é nessa direção que é fundamental considerar a existência de uma dupla face do significante: 1º) o significante como porção fônica (de "natureza auditiva"[31]); 2º. o significante como representação no sistema. Na primeira perspectiva, tem-se o aspecto material do signo linguístico como um envelope, um invólucro necessário para a produção de diferenças em relação aos demais signos. Na segunda perspectiva, comprova-se que é a capacidade semiológica que sustenta a possibilidade de uma massa amorfa de sons tornar-se significante de uma ideia. É por isso

[31] Os trabalhos de Frydrych (2013, 2020) têm mostrado que a materialidade em questão no conceito de signo e de significante em Saussure não necessariamente é de natureza fônica ou auditiva. As pesquisas dessa autora, através de um viés saussuriano, demonstram que nas línguas visoespaciais essa materialidade é de natureza gestual.

que se pode afirmar que o estatuto do fônico em Saussure é simultaneamente concreto e abstrato: é concreto porque depende de uma materialidade, e é abstrato porque depende do valor. Sublinho o fato de que aqui, mais uma vez, a natureza *dupla* da questão se apresenta.

No entanto, para além do reconhecimento do interesse de Saussure pela materialidade fônica, o mergulho feito por nosso grupo de pesquisa nesses primeiros tempos trouxe também uma série de constatações não imaginadas em um primeiro momento de nossas investigações. Dentre essas constatações, posso listar aquelas que reconheci como as principais: a reflexão sobre o contraste entre concreto e abstrato ao se lidar com entidades linguísticas; a profundidade da reflexão sobre o princípio da arbitrariedade do signo linguístico; a discussão sobre a abrangência da noção de unidade linguística; as decisivas considerações sobre objeto e método no terreno da linguística sincrônica. Ou seja, conforme fomos, como grupo, avançando em nossas investigações acerca do estatuto do fônico, outras tantas questões no interior da própria teoria, e deslocamentos a partir dela, foram se nos apresentando.

## 3 Fônica, entre outras materialidades

Minha escolha passa pelo fônico, ou melhor dizendo, minha escolha passa por meu interesse no aspecto fônico da(s) língua(s). É essa porta de entrada que busquei ao reler temáticas nada novas quando se trata do campo dos estudos da linguagem. Essa constatação, na verdade, levou-me a retornar pontualmente a dois textos clássicos, visto que a discussão sobre o que determina a porção significante ou "o nome das coisas" estava já presente nos *Diálogos* de Platão e nas reflexões sobre *A vida da linguagem,* de Whitney. Ou seja, ao querer abordar o significante do signo linguístico, não tive como me esquivar de estudar as questões sobre o arbitrário, conforme já apontei acima. Decorre daí que igualmente não houve como fugir de uma reflexão que contemplasse as noções de unidade e de valor. E com isso não há como se furtar de dizer algo também sobre a noção de tempo, sobre a linearidade, sobre mudança linguística. Enfim, o fônico produziu desvios e avanços inesperados. E em meio a esses movimentos, vi também surgir a pergunta por outras materialidades que não a fônica.

Mesmo reconhecendo que "[...] o essencial da língua é estranho ao caráter fônico do signo linguístico [...]" (SAUSSURE, 1974, p. 14), conforme já apontei acima, a porção significante precisa contar com a imagem acústica para dar conta da representação no sistema. De alguma forma, é preciso convencer-se de que, "[...] em sua essência, este [o significante linguístico] não é de modo algum fônico [...]" (SAUSSURE, 1974, p. 138). Ou seja, por afirmar que a porção material conta muito mais pelo fato de produzir diferenças (e oposições) do que pela materialidade fônica que carrega em si, sustentar que o significante *não* é o som trouxe novos desafios.

Nesse sentido, acredito ser um passo fundamental que o estudioso da linguagem se questione diante dessa aparente contradição: o significante é fônico porque é passível de não ser fônico. Afinal, como está registrado no CLG, "[...] o que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos [...]" (SAUSSURE, 1974, p. 139). Essa constatação parece ser decisiva para que se possa avançar em duas questões importantes na abordagem do fônico: em primeiro lugar, ao se acompanhar o empreendimento saussuriano inicial de diferenciação entre o que é o "puro som" e o que é (ou é passível de ser) alçado ao estatuto de significante; em segundo lugar, ao se operar deslocamentos que coloquem os conceitos saussurianos à prova a partir da análise de outras materialidades linguísticas (como é o caso de línguas não orais, por exemplo).

Assim, tudo o que se disse sobre o som precisou, então, nas pesquisas sobre materialidades não fônicas, ser deslocado e pensado sobre a grafia, no caso da escrita, e sobre o gesto, no caso das línguas de sinais.

Então, se, por um lado, alguns estudos de nosso grupo, amparados pela hipótese da assimetria do signo linguístico de Badir (2017), evidenciavam a proeminência da materialidade fônica (cf. STAWINSKI, 2020; GOMES, 2020; SILVEIRA, 2020; RIBEIRO, 2019; RITER, 2019), outros trabalhos vêm indicando que a gestualidade e a escrita também podem sustentar uma leitura sobre o não fônico alicerçada em Saussure (cf. FRYDRYCH, 2020; OLIVEIRA, no prelo). A pesquisa de Frydrych, ancorada principalmente no manuscrito "Sobre a essência dupla da linguagem", é enfática nesse sentido, conforme se pode ler:

> A partir do princípio saussuriano da *duplessência* da linguagem depreende-se, portanto, o duplo estatuto do gesto em relação à língua, independentemente da modalidade em relação à qual esteja implicado, às línguas de sinais, ou às línguas orais; o aspecto gestual é dual (assim como o fenômeno vocal), estando o estatuto linguístico ligado a esse princípio. A materialidade sonora é *uma* das materialidades da língua; não é *a* materialidade da língua. (FRYDRYCH, 2020, p. 130, grifos do autor)

E é sobre o que Frydrych aponta ser essencialmente duplo em qualquer modalidade de língua que passarei a dar destaque a seguir, a partir da forma condensada *duplessência*.

## 4. A *duplessência* – um registro entre tantos

A ideia de grafar *duplessência* de forma condensada permeia nosso raciocínio já desde Milano (2017) e Stawinski (2019), mesmo que nessas oportunidades anteriores não tenhamos assim literalmente registrado a forma com que nos referimos a um dos manuscritos saussurianos encontrados em 1996. Os trabalhos de Stawinski (2020) e Frydrych (2020) são, na verdade, as primeiras publicações em que decidimos, como equipe de pesquisa, assumir a grafia sob a forma de neologismo. Como bem aponta Stawinski, a noção de *duplessência* se justifica porque representa "a ultrapassagem da *figura vocal como tal* à *figura vocal como signo*" (STAWINSKI, 2020, p. 167).

A bem da verdade, nosso desejo de grafar o termo dessa maneira partiu da experiência cotidiana de escuta, já que o neologismo *duplessência* era então a forma espontaneamente assumida na fala-escuta de todos os integrantes do grupo de pesquisa; afinal, era assim que sempre enunciávamos quando nos referíamos ao manuscrito sobre a dupla essência da linguagem! Qual não foi nossa surpresa ao encontrarmos rastros grafados pelo próprio Ferdinand de Saussure que apontam essa condensação. Esse fato só confirmou nossa opção nessa direção. É isso que Frydrych destaca:

> A maneira como Saussure grafa e sublinha a expressão *Del'essence double* nos envelopes dos manuscritos talvez possa ser lida como

> indício da união terminológica e nocional sugerida pelo neologismo *duplessência*. Seja como for, *duplessência* subsome a dualidade da figura material, como tal e como signo. (FRYDRYCH, 2020, p. 128)

Portanto, é preciso, então, começar falando dos tais envelopes que guardavam esses manuscritos descobertos em 1996. Bouquet e Engler, no prefácio dos ELG, assim descrevem o primeiro grupo de documentos dessa publicação:

> 1º Sob o título "Da essência dupla da linguagem", eles provêm, em sua maioria, de um grande envelope que contém maços de folhas da mesma natureza e do mesmo formato, sendo que várias delas trazem a menção: "Da dupla essência da linguagem, "Dupla essência" ou "Essência dupla (da linguagem)". Uma etiqueta com a menção "Ciência da linguagem" estava colada nesse envelope. (SAUSSURE, 2004, p. 16)

Já sob o olhar mais detalhista da edição de Amacker (cf. SAUSSURE, 2011), ficamos sabendo que oito desses envelopes, encontrados dentro do grande envelope etiquetado com "Science du langage", traziam anotado "De l'essence double". Apenas um trazia "De la double essence", mais outro apresentava "De la double essence du" (sic), e dois exibiam "De l'essence etc.". O organizador da edição crítica publicada em 2011 pela editora genebrina Droz avisa, portanto, que sua decisão por nomear sua publicação, diferentemente da edição de Bouquet e Engler, não seguiu o critério quantitativo. Segundo Amacker (cf. SAUSSURE, 2011, p. 12), o envelope contendo o texto mais completo levava o nome de "*De la double essence (du langage)*". E assim o pesquisador justifica sua decisão editorial.

Para o interessado em detalhar a reflexão saussuriana sobre a *duplessência* da linguagem, o percurso envolverá um rastreio inicial em algumas fontes importantes, para além da edição que geralmente cumpre a função de apresentar a publicação que lançou luzes contemporâneas a esse manuscrito. Isso não necessariamente significa uma crítica à utilização e/ou veiculação, principalmente em tradução em língua portuguesa, da edição dos *Escritos de linguística geral* assinada por Bouquet e Engler, publicada em 2002 na França e em 2004 no Brasil. Essa publicação é, em grande

parte, responsável pela visibilidade e circulação desse importante documento manuscrito de Ferdinand de Saussure, encontrado apenas em 1996. Há indícios de que esse material poderia dar origem a um possível livro sobre linguística geral, embora não haja consenso[32] em relação a essa afirmação entre os estudiosos do pensamento de Saussure.

Questão é que o manuscrito descoberto em 1996 – registrado como *Arch. de Saussure 372* na Bibliothèque de Genève[33] – apresenta, dentre outros importantes apontamentos, um conjunto de notas acerca da dupla essência da linguagem.

A primeira publicação dessa fonte autográfica foi registrada por Rudolf Engler na revista do Cercle Ferdinand de Saussure, *Cahiers Ferdinand de Saussure*, nº. 50, em 1997. Três anos mais tarde, em 2000, Engler publica um artigo em que descreve detalhadamente o conjunto heterogêneo que compõe esse manuscrito, e é taxativo ao dizer que esses registros apontam que Saussure estava convencido da natureza dupla da linguagem. Essa natureza dupla, segundo Engler (2000), vem a se tornar a dupla essência, o que, segundo o autor, inclui a duplicidade som-sentido.

Será, então, em 2002, que, na França, a editora Gallimard publicará o livro *Écrits de linguistique générale* (SAUSSURE, 2002), incluindo, entre esses novos e alguns antigos documentos já catalogados anteriormente por Engler, o manuscrito intitulado *De l'essence double du langage*, conforme decisão editorial de Bouquet e Engler. Dois anos mais tarde, a editora Cultrix publica no Brasil a tradução dessa obra, que ganha aqui o título de *Escritos de linguística geral*[34] (SAUSSURE, 2004).

Em 2011, esse conjunto de "novos" manuscritos ganha outra edição, intitulada *Science du langage. De la double essence du langage et autres documents du ms. BGE Arch. De Saussure 372*, estabelecida por René

---

[32] A ideia de que o manuscrito encontrado em 1996 seria um esboço autográfico saussuriano consistente de um livro sobre linguística geral é defendida por Bouquet e Engler no prefácio dos *Escritos de linguística geral* (SAUSSURE, 2004, p.15-16). No entanto, essa não é a leitura que fazem Jäger ou Amacker, conforme se pode ler nas palavras que abrem a edição acima citada do manuscrito *Science du langage. De la double essence du langage*, organizada por René Amacker (SAUSSURE, 2011, p. 12).

[33] Conhecida anteriormente como (BPU) Bibliothèque Publique et Universitarie.

[34] No interior da obra, na edição brasileira da Cultrix, o primeiro manuscrito apresentado recebe a tradução *Sobre a essência dupla da linguagem (Acervo BPU 1996)* (cf. SAUSSURE, 2004).

Amacker, conforme apontamos acima. Dessa vez, a publicação sai pela genebrina Droz, a mesma casa editoral dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*. Trata-se de uma edição crítica voltada para o público especializado, visto que é acompanhada de inúmeras notas de rodapé nas quais Amacker generosamente esmiúça de forma detalhada cada passagem das anotações, rasuras e lacunas da fonte manuscrita.

Conforme já apontei no início deste capítulo, a circunscrição do que seria de fato o essencialmente duplo na linguagem para Saussure parece residir não (apenas) na oposição entre forma e sentido, mas (principalmente) entre figura vocal e forma-sentido (SAUSSURE, 2004, p. 21). Essa observação desloca um tanto a leitura que costumeiramente se faz do signo linguístico, e da língua em geral. Afinal, não raro somos convidados a contrapor significado e significante em leituras que se faz do CLG, por exemplo. No entanto, não parece ser essa a lógica da reflexão saussuriana no manuscrito que apresenta a *duplessência*:

> O dualismo profundo que divide a linguagem não reside no dualismo do som e da ideia, do fenômeno vocal e do fenômeno mental; essa é a maneira fácil e perniciosa de concebê-lo. O dualismo reside na dualidade do fenômeno vocal COMO TAL e do fenômeno vocal COMO SIGNO[35] – do fato físico (objetivo) e do fato físico-mental (subjetivo), de maneira alguma do fato « físico » do som por oposição ao fato « mental » da significação. Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o signo assim como a significação, um indissoluvelmente ligado ao outro; há um segundo, exterior, onde existe apenas o « signo » mas, nesse momento, o signo se reduz a uma sucessão de ondas sonoras que merece de nós apenas o nome de figura vocal. (SAUSSURE, 2004, p. 24, grifos do autor).

Como se pode ler, não é a essência que é "naturalmente" dupla, que é dupla em si mesma. A questão é que, para que a unidade seja passível de ser

[35] É importante sublinhar que tanto no CLG como nos ELG (e, portanto, em diversas fontes manuscritas), há uma flutuação terminológica quanto ao uso de "signo" por Saussure: ora ele se refere ao conjunto significado/significante, ora se refere apenas à porção significante, como parece ser o caso das três ocorrências do termo nesse recorte oriundo dos ELG (cf. notas da edição crítica do CLG de De Mauro – SAUSSURE, 1972, e também em MATSUZAWA, 2012).

considerada um signo linguístico, ela tem que se submeter a uma dupla condição: ela tem de carregar uma materialidade – sempre necessária – para, à luz da lógica do valor, produzir contraste e diferença; mas há também de sustentar a igualmente fundamental condição semiológica, que será sua capacidade (do signo?/da língua?/da linguagem?) de significar. É aí que irrompe essa *duplessência*: a figura vocal como tal e a figura vocal como signo (SAUSSURE, 2004, 2011), juntas, em sua dupla condição, colocam a materialidade a serviço da significação. Eis a condição alienada e alienante da materialidade (fônica, gestual ou gráfica) da linguagem.

## 5 Encaminhamentos

Depois de tanto evocar o duplo, não sem algum receio do fantasma da interpretação via dicotomias, confesso, é preciso poder reconhecer que a lógica do dual foi, de fato, bastante organizadora do raciocínio de Ferdinand de Saussure. Exemplos nas diferentes fontes consultadas não faltam. No entanto, a ideia deste capítulo não pretendeu ser a de comprovar exaustivamente a quantidade dessas ocorrências que apontam para o dual. Meu objetivo, diferentemente disso, foi tentar mostrar o quanto o duplo que é evocado através do sintagma *a dupla essência da linguagem* é, no fundo, constitutivo da noção de unidade, de *um*. É basicamente sob efeito da escuta que unifica, ao ter sido afetada por uma unidade compacta e impactante – *duplessência* –, que toda essa reinterpretação sobre o lugar do fônico em Saussure se reorganizou para mim.

Do um ao dois, do dois ao três. É, então, inspirada fortemente pela análise do campo da linguística feita pelo filósofo da linguagem D.-R. Dufour (2000), que propõe os termos unário, binário e trinitário para pensar as noções de língua, inconsciente e sociedade, que vislumbrei, através do trabalho de Riter (2019), uma interpretação possível do significante enquanto trino. Nessa proposta de leitura, o significante comportaria aspectos de naturezas diferentes, essenciais em sua constituição como um elemento linguístico. É a partir de três vieses – o articulatório, o acústico e o representacional – que proporemos avançar esta reflexão em pesquisas futuras.

Será este um de nossos próximos desafios: investigar/justificar a pertinência de uma abordagem do *aspecto trino do significante* (cf. MILANO; RITER, no prelo) a partir do legado de Ferdinand de Saussure.

## Referências


BADIR, S. Le concret et l'abstrait dans la phonologie et dans la phonetique de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genebra, n. 65, p. 13-23, 2012.

BADIR, S. Is the arbitrary symmetrical? *Semiotica*, Haia, v. 2017, n. 217, p. 97-115, 2017.

CHIDICHIMO, A.; GAMBARARA, D. Trois chapitres de 'L'essence double du langage. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genebra, n. 61, p. 113-129, 2008.

DE JORGE, B. *A tradução como um fenômeno de linguagem* – uma abordagem saussuriana. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

DUFOUR, D.-R. *Os mistérios da trindade*. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

ENGLER, R. Ferdinand de Saussure. De l'essence double du langage. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genebra, n. 50, p. 201-205, 1997.

ENGLER, R. La langue, pierre d'achoppement. *Modèles linguistiques*, Gurs, n. 41, p. 9-18, 2000.

FRYDRYCH, L. A. K. *O estatuto linguístico das línguas de sinais: a Libras sob a ótica saussuriana*. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FRYDRYCH, L. A. K. A *essência dupla da linguagem: materialidade gestual em questão*. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

GAMBARARA, D. Ordre Graphique Et Ordre Théorique: Présentation De Ferdinand De Saussure, Ms. Fr. 3951/10. *Cahiers Ferdinand De Saussure*, Genebra, n. 60, p. 237-280, 2007.

GARAY, R. *O fonema: linguística e história*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.

GOMES, 2016 *Quando falar e ouvir é apropriar-se uma reflexão sobre apropriação de línguas estrangeiras à luz da teoria saussuriana*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.

MARCHESE, M. P. Introduzione. In: SAUSSURE, F. *Phonétique. Il manoscritto di Harvard*. Houghton Library, edizione a cura de Maria Pia Marchese, Università degli studi di Firenze. Padoue : Unipress, 1995.

MATSUZAWA, K. Puissance de l'écriture fragmentaire et « cercle vicieux ». *Genesis*, Paris, v. 35, p. 41-58, 2012.

MILANO, Luiza. Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no Curso de Linguística Geral. *Eutomia*, Recife, v. 1, n. 16, p. 245-258, 2015.

MILANO. L. O fônico em Saussure: um apêndice do CLG? In: FARACO, C.A. (org.). *O efeito Saussure: cem anos do Curso de linguística geral.* São Paulo: Parábola Editorial, 2016a.

MILANO. L. O que cabe em um signo linguístico: o caso do fonema. *Eutomia*, Recife, v. 1, n. 17, p. 67-78, 2016b.

MILANO. L. Le statut du phonique dans le CLG. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genebra, n. 70, p. 85-100, 2017.

MILANO. L. Saussure e o aspecto fônico da língua. *Delta*, São Paulo, v. 34, n. 3, p.891-908, 2018.

MILANO, L; STAWINSKI, A. O arbitrário e/é a escuta. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2020.

MILANO, L.; RITER, C. *O aspecto trino do significante.* (no prelo).

OLIVEIRA, R. *O signo multimodal: prosódia e gestualidade à luz da teoria saussuriana.* (no prelo).

POE, E.A. *Histórias Extraordinárias*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

RIBEIRO, Joana. *"A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido": uma reflexão sobre os neologismos a partir da teoria saussuriana.* 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2019.

RITER, C. *O lugar do fônico na fronteira entre línguas: contribuições linguísticas sob um viés saussuriano.* 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fonoaudiologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Fonoaudiologia, Porto Alegre, 2019.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral.* Charles Bally, Albert Sechehaye; colaboração de Albert Riedlinger (org.). Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1974.

SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique Générale.* Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1972.

SAUSSURE, F. de. *Escritos de linguística gera*l. Organização e edição: Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAUSSURE, F. de. *Science du langage*. *De la double essence du langage et autres documents du ms. BGE Arch. De Saussure 372*. Éditions critique partielle mais raisonné et augmentée des Écrits de linguistique générale, établie par René Amacker. Genebra : Droz, 2011.

SAUSSURE, F. de. *Phonétique*. Il manoscritto di Havard - Houghton Library bMS Fr 266 (8). Houghton Library, edizione a cura de Maria Pia Marchese, Università degli studi di Firenze. Unipress, Padoue, 1995.

SORTICA, M. *A constituição do campo dos estudos do fônico no curso de linguística geral: notas para o ensino do programa linguístico saussuriano*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.

STAWINSKI, A. *O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.

STAWINSKI, A. O som como figura vocal e o som como signo: considerações a partir da dupla essência da linguagem. *Leitura*, Maceió, v. 1, n. 62, p. 69-85, 2019.

STAWINSKI, A. *À escuta da langue-parole: considerações a partir da teoria saussuriana*. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

STAWINSKI, A; MILANO, L. Sobre objeto e método: do CLG ao manuscrito Phonétique. *Gragoatá*, Niterói, v.22, n. 44, p. 1172-1183, set.-dez. 2017.

SURREAUX, Luiza M. O rastro do som em Saussure. *Nonada: Letras em Revista*, Porto Alegre, v. 1, n. 20, p. 285-295, 2013.

Capítulo 4

# O prazer histórico de Ferdinand de Saussure e o Phonétique

*Thayanne Raísa Silva e Lima*

## 1 Introdução

O prazer histórico de Ferdinand de Saussure (1857-1913) é tema de debate de diversos autores. O linguista fala desse seu prazer na famosa carta que envia a Meillet em 1894. Essa carta foi apresentada pela primeira vez por Robert Godel em *Les sources manuscrites du "Cours de linguistique générale"*, em 1957; contudo, no *Cahier Ferdinand de Saussure*, encontramos uma versão mais completa disponibilizada por Émile Benveniste em 1964. Vejamos o que encontramos nessa última opção:

> Estou muito insatisfeito com tudo isso e com a dificuldade que há, em geral, de escrever sequer dez linhas tendo o senso comum em matéria de fatos de linguagem. Preocupado, há muito tempo, sobretudo com a classificação dos pontos de vista sobre os quais nós tratamos, vejo, cada vez mais, a imensidade do trabalho que seria necessário para mostrar ao linguista o que ele faz, reduzindo cada operação à sua categoria prevista; e, ao mesmo tempo, a grande insignificância de tudo o que se pode fazer finalmente em Linguística. [...] Incessantemente, essa inépcia da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la e de mostrar, dessa forma, que tipo de objeto é a língua em geral, vêm arruinar meu prazer histórico, ainda que eu tenha o mais caro desejo de me ocupar exclusivamente da língua em geral (SAUSSURE apud BENVENISTE, 1964).

Consideramos, com base na carta de Saussure, que retratar os fatos históricos da língua(gem)[36] era o que proporcionava prazer a ele. Dessa forma, vemos vários trabalhos do linguista em que a questão histórica é o cerne de sua pesquisa. Há exemplos notórios disso em seus manuscritos sobre os anagramas, as lendas germânicas, o lituano, o fonema; em todos esses documentos o histórico está evidente, contudo questionamos se é possível observar Saussure ir além da história. Seria a língua em geral uma questão latente quando o suíço retrata os fatos históricos?

Investigamos, portanto, neste capítulo, como o prazer histórico e o estudo da língua em geral podem estar relacionados em meio aos trabalhos saussurianos; parece, a nosso ver, que há uma relação entre esses dois pontos que pode ser observada em diversos escritos de Saussure. Para tanto, examinaremos alguns manuscritos no intuito de demonstrar como o linguista lida com o prazer histórico e com a língua em geral. Haveria mesmo uma suspensão do primeiro para que a segunda pudesse ser pesquisada?

Em um primeiro momento, analisamos, portanto, dois fragmentos de dois manuscritos; um sobre a essência dupla da linguagem, datado de 1891, e outro sobre as lendas germânicas, com data de 1896, para situarmos como se apresenta essa relação entre o prazer histórico e a necessidade de falar sobre a língua em geral que o suíço demonstra. Depois, nós nos debruçaremos mais aprofundadamente nesse tema no manuscrito *Phonétique*, datado de 1881-1884. Essa abordagem, portanto, tem o intuito de pensar algumas questões:

1) Haveria uma suspensão do prazer saussuriano a partir do momento em que ele menciona essa necessidade na carta a Meillet?
2) Seria possível encontrar em trabalhos mais antigos de Saussure momentos em que, mesmo ao retratar o que ele afirma ser prazeroso para ele, haja indícios da língua em geral?

Para levarmos a cabo, enfim, nossos propósitos, organizamos este texto, adiante, em duas seções. A primeira apresenta os dois manuscritos que mencionamos e a análise deles realizada por Henriques e Coelho (2020) e Silveira (2014). Já a segunda trata de nossa pesquisa do *Phonétique* e de como se dá a temática proposta em cada um desses textos.

[36] Devemos nos lembrar de que naquele momento não havia a distinção entre língua e linguagem tal qual conhecemos no *Curso de linguística geral*.

## 2 O prazer histórico em manuscritos diversos

Saussure dedicou-se a milhares de páginas escritas em anos de trabalho. Estima-se que ele tenha deixado em seu legado algo em torno de 30 mil páginas manuscritas, as quais, até hoje, são *corpora* de grandes pesquisas na área da Linguística. O que se destaca dessa exorbitância de papéis não é somente a quantidade, mas o fato de que, em vários deles, por mais que o linguista se debruçasse a escrever sobre qualquer outro assunto, o que vinha à tona em suas reflexões era falar sobre linguística.

Isso acontece, por exemplo, quando Saussure é solicitado a escrever na ocasião da morte de um linguista americano consagrado, William Dwight Whitney (1827-1894). O suíço começa então a discorrer sobre Whitney e sua produção, contudo, logo o tema do manuscrito se desdobra em três gêneros, como aponta Silveira:

> Nas primeiras folhas Saussure apresenta a personalidade de Whitney e suas ocupações acadêmicas, em seguida apresenta as contribuições teóricas do linguista americano com formação em Leipzig e, em seguida, Saussure começa a inserir as suas próprias reflexões a partir de uma crítica às limitações teóricas de Whitney e, na folha 23, parece iniciar-se uma carta, mas que se dissolve na reflexão conceitual. Esse singular manuscrito tem aproximadamente 100 páginas e muita rasura. (cf. SILVEIRA, 2018)

É possível afirmar, a partir dessa observação, que em muitos momentos a teoria da língua parecia estar sempre presente nas reflexões saussurianas. Esse padrão de escrita é notório no trabalho de Saussure, fato que nos instiga a investigar tanto sobre o prazer histórico, o qual ele menciona, como sobre a suspensão deste para falar da língua em geral. O mais óbvio é pensarmos que, depois da carta de 1894, o linguista se coloca nessa posição de falar da língua em geral e de suspender seu prazer histórico. De fato, o manuscrito sobre Whitney é de 1894, o que apoia esse ponto. Seria possível afirmar, portanto, que antes de 1894 Saussure apresentava um trabalho mais etnológico, focado na história e, a partir da sua insatisfação declarada na carta a Meillet, ele passa a se voltar mais para reflexões que levavam em consideração o geral na língua?

Respondemos de imediato que não. Primeiro, porque toda a elaboração de Saussure não é teleológica. Segundo pelo fato de que, como mostraremos a seguir, o estudo histórico – no qual o linguista afirma ter prazer e se dedicado a ele por anos – não se mostra tão dissociado de sua necessidade de ir além do historicismo, tanto que, em alguns momentos, Saussure começa a dar indícios de uma busca pelo geral da língua.

Vejamos, por exemplo, no estudo das lendas germânicas, em que o suíço se refere a narrativas e canções épicas transmitidas oralmente durante séculos pelos povos burgúndios. Ao retratar a memória da narrativa, por exemplo, e estar claramente em um terreno que seria bastante histórico sobre a língua, o linguista reflete sobre um possível mecanismo linguístico. Observemos:

> A invenção de qualquer coisa para substituir <outra coisa> que não vem à memória <do contador> no momento desejado é para o contador uma pequena humilhação passageira que ele tenta dissimular <de seu público>, e para o destino geral da lenda, é um dos maiores e mais regulares fatores de transformação. Podemos dizer que o esquecimento age aqui como um fator <psicológico> positivo (porque é necessário a todo preço reparar o esquecimento), e <é necessário acrescentar que nós vemos o mesmo fenômeno no domínio infinitamente mais delicado das formas linguísticas.>. (SAUSSURE/LEG apud HENRIQUES; COELHO, 2020, p.129)

Sobre o fragmento, as autoras afirmam:

> [...] temos que a memória age na narrativa da mesma maneira com que age na língua, o que implica o mecanismo linguístico, ou seja, a mobilização da língua pelo falante por meio dos eixos associativos e sintagmáticos. No que concerne a relação entre lenda e história, temos que os fatos históricos estão submetidos, concomitantemente, à memória e ao funcionamento da língua. [...] O funcionamento específico da narrativa oral, que se ancora no funcionamento linguístico, não impede que a lenda seja um veículo de transmissão da história, entretanto, os acontecimentos históricos não são transmitidos de maneira uniforme e estática. Considerando esse funcionamento que é próprio da lenda, faz-se necessário a Saussure considerar, em suas elaborações, as relações e mudanças que podem ocorrer na narrativa. (HENRIQUES; COELHO, 2020, p.130)

Saussure, portanto, mostra-se interessado tanto no aspecto histórico da lenda, na relação entre essas narrativas e a memória, como também no funcionamento linguístico que se dá nesse tipo específico de transmissão da história. A reflexão das autoras nos fragmentos anteriores retrata, portanto, o Saussure pós-carta a Meillet. Seu compromisso com a pesquisa que se debruça sobre a língua em geral é bem retratado nos manuscritos das lendas, apesar de os aspectos históricos aparecerem ali como um pano de fundo nas suas considerações.

Não é diferente nos escritos conhecidos como "Essência dupla da linguagem". Estes, presumivelmente de 1891, já contam alguns anos antes da carta à qual fazemos referência, contudo, como afirma Silveira,

> A ideia de que o manuscrito *Essence double du langage* também seria o projeto de um livro é bastante provável, inicialmente pela carta que, em dezembro de 1891, Saussure envia a Gaston Paris, filólogo francês que se tornou seu interlocutor após o seu retorno à Genéve e também pelo que se lê no manuscrito *Trois premières conférences à l'Université* (folha8), onde ele deixa indicações de que se dedicou, nesse período, ao projeto de escrever um livro sobre Linguística Geral. (SILVEIRA, 2014, p. 5)

Saussure, portanto, já sinaliza que a língua em geral é um de seus objetos de pesquisa. Vejamos no excerto a seguir:

> Uma identidade linguística tem de absolutamente particular implicar a associação de dois elementos heterogêneos. Se nos pedissem para determinar a espécie química de uma barra de ferro, de ouro, de cobre, de um lado e, em seguida, a espécie zoológica de um cavalo, de um boi de um carneiro, essas seriam duas tarefas fáceis. Mas se nos pedissem para determinar que 'espécie' representa o conjunto bizarro de uma barra de ferro presa a um cavalo, de uma barra de ouro em cima de um boi ou de um carneiro que ostenta um enfeite de cobre, nós ficaríamos espantados achando a tarefa absurda. É precisamente diante dessa tarefa absurda que é preciso que o linguista entenda que está, de repente e antes de tudo, colocado. (EDL, folhas 1 e 2 apud SILVEIRA, 2014, p. 6)

Sobre esse fragmento, Silveira (2014) aponta:

> [...] o leitor dos manuscritos, ou do Curso de Linguística Geral, reconhecerá, já nessas duas folhas iniciais do manuscrito, alguns dos elementos que caracterizaram a produção teórica de Saussure e marcaram os estudos da linguagem no século XX: a natureza dupla do objeto da linguística, o privilégio da forma na língua e a composição do signo linguístico. (SILVEIRA, 2014, p. 6)

Aqui, portanto, em 1891, temos Saussure bastante focado no que era geral na língua, como Silveira observa nessas folhas manuscritas. O linguista, de fato, parece abandonar o seu prazer histórico para se dedicar aos estudos da língua em geral. A autora aponta: "A leitura desse material deixa ver que, nessa epistolofobia, tédio e enfado, propagados por Saussure, deram lugar a uma atividade intensa, dedicada e apaixonada em direção de uma elaboração que marcou o século XX¨ (SILVEIRA, 2014, p. 9). Ela acrescenta:

> Dessa forma, a suspensão do seu conhecido prazer histórico e a assunção do mal-estar lhe abriram a possibilidade de uma elaboração não programada e por isso mesmo inédita para ele e para os que puderam lê-lo ou escutá-lo (SILVEIRA, 2014, p. 9)

Esses trabalhos saussurianos revelam a dedicação de Saussure à sua pesquisa. Podemos apontar um momento mais focado no geral da língua em 1891; mesmo com a suspensão do seu prazer, a busca por aquilo que poderia transformar os estudos linguísticos é bem marcada em centenas de páginas manuscritas. Nos estudos das lendas germânicas, o prazer de Saussure aparece mais marcado; a questão histórica se mostra de forma clara nesses manuscritos, bem como o estudo da língua em geral, que é latente e caminha em conjunto com a tão prazerosa etnologia pela qual o linguista era aficionado.

Em trabalho anterior[37], mostramos a obstinação de Saussure pelo aspecto fônico da língua e como essa tarefa, além de estar presente desde os primeiros trabalhos do linguista, evidencia uma busca pelo objeto da linguística. Por esse motivo, aprofundamos nossa pesquisa no manuscrito

[37] LIMA, T. *Um estudo do movimento teórico de Ferdinand de Saussure no manunscrito Phonétique***.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2019. 129 f.

*Phonétique* no intuito de desvelar como a questão do prazer histórico e da língua em geral é retratada muitos anos antes da carta citada, em um momento em que, a nosso ver, pela data e pelos estudos vigentes da época, Saussure deveria estar focado no histórico; contudo, vemos algo para além do histórico se revelar nos escritos saussurianos. Vejamos como se dão essas questões no item a seguir.

## 3 O prazer histórico no *Phonétique*

Como abordamos em pesquisa anterior, mostramos como o trabalho de Saussure referente ao aspecto fônico da língua (AFL) – e os desdobramentos deste – tomam destaque em suas pesquisas. Além disso, direcionamos nosso foco de análise para demonstrar como o movimento teórico[38] saussuriano no *Phonétique* parece dar indícios da concepção de língua concebida anos mais tarde no *Curso de linguística geral.* Optamos por esse caminho por julgarmos haver um movimento do linguista que parece desencadear uma das questões-chave para a elaboração da teoria saussuriana no que se refere à instauração da Linguística Moderna a partir da observação do aspecto fônico da língua.

Dedicamo-nos a refletir, neste momento, sobre o AFL nesse manuscrito, visto que, nele, Saussure se dedica quase exclusivamente a esse aspecto. Isso é um arquétipo da pesquisa daquele momento: comparar os sons entre as línguas, analisar padrões, mudanças, entre outras questões, fato que demonstra o linguista focado nos aspectos históricos das pesquisas, assim como ele afirma ser seu prazer trabalhar. Contudo, como afirmamos anteriormente, a pesquisa presente no manuscrito em questão não parece revelar somente o prazer histórico saussuriano, mas sim indica-nos um movimento que parece buscar pelo geral da língua. Vejamos em alguns excertos[39] do manuscrito como se dá essa questão.

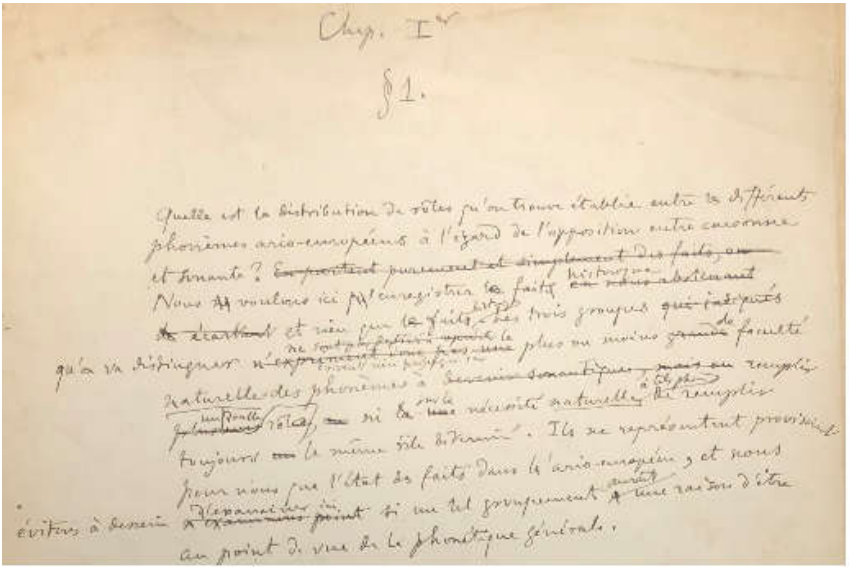
---

[38] Partimos da noção de movimento exposta no trabalho de Silveira (2007).

[39] Vale ressaltar que traremos alguns fragmentos dos manuscritos de Saussure quando nos for útil para a compreensão de nossa reflexão. Utilizaremos os trechos seguidos de uma transcrição diplomática sem rigor, isto é, sem procurar representar rigorosamente a forma original do manuscrito. Para tanto, quando não compreendermos uma passagem, utilizaremos a letra "x" nas palavras não identificadas; as

Inicialmente, destacamos, nas páginas do *Phonétique* o seguinte trecho:

Figura 1. Excerto Phonétique.



Fonte: BGE, Ms. Fr. 266

rasuras serão indicadas por um tachado; e os incisos serão sobrescritos quando estiverem acima do texto em curso, ou subscritos quando estiverem abaixo dele.

Cap. I
§1.
Qual é a distribuição de papéis estabelecida entre os diferentes fonemas ário-europeus relativos à oposição entre consoante e soante? Partimos puramente e simplesmente dos fatos, [xx] Nós só queremos aqui registrar os fatos históricos abstendo-nos de afastando e nada além dos fatos históricos os três grupos que indicados
que vamos distinguir não exprime portanto uma mais ou menos grandes a faculdade
natural dos fonemas ao [xx] sonântico, mas ou preencher
[xx] [xx], ou nem la pela necessidade natural a esses fenômenos de sempre desempenharem o mesmo papel determinado. Eles somente representam [xx]
para nós o estado dos fatos no ário-europeu, e nós
evitamos propositalmente examinar aqui examinar ponto se um tal agrupamento teria uma razão de ser do ponto de vista da fonética geral[40]. (SAUSSURE, 1881-84, f. 2)

O fragmento da Figura 1 inicia com a pergunta sobre a distribuição de papéis estabelecidos entre os diferentes fonemas ário-europeus (indo-europeus), especificamente sobre sua oposição entre consoantes e soantes. No excerto, Saussure insiste em assinalar os fatos históricos – questão que ele repete – na seguinte frase: "Nós ~~só~~ queremos aqui registrar os fatos históricos ~~abstendo-nos/de afastando~~ e nada além dos fatos históricos os três grupos que indicados [...]". Vale ressaltar que, a princípio, o linguista trata dos fatos e acrescenta, em um inciso, duas vezes a palavra "históricos". E pela rasura ele demonstra querer abster-se ou afastar-se de algo que ele não define – deixa em branco.

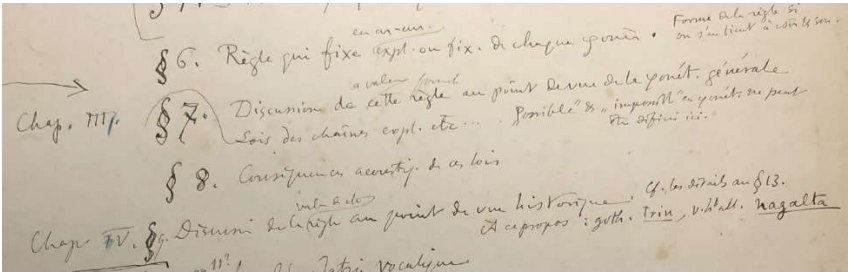
[40] Tradução nossa de : *Quelle est la distribution de rôles qu'on trouve établie entre les différents phonèmes ario-européens à l'égard de l'opposition entre consonne et sonante ? ~~Nous partons purement et simplement des faits, [...]~~ Nous ~~ne~~ voulons ici ~~qu~~'enregistrer les faits historiques ~~en nous abstenant de écartant~~ et que le faits [ ] les trois groupes ~~qui indiqués~~ qu'on va distinguer [ ] plus ou moins ~~grandes~~ de faculté naturelle des phonèmes à ~~devenir sonantiques, mais ou~~ remplir [ ] ni sur la nécessité naturelle à tels phonème de remplir toujours le même rôle déterminé. Ils ne représentent provisoirement pour nous que l'état des faits dans l'ario-européen, et nous évitons à dessein d'examiner ici si un tel groupement aurait une raison d'être au point de vue de la phonétique générale.*

Esse ponto mostra-nos que o linguista parece tentar não se pautar somente nos fatos; deveria haver ali a questão histórica e, por consequência, Saussure afastar-se-ia do que acreditamos ser a forma natural dos fonemas de desempenharem um mesmo papel. Para o autor, a razão de ser dos fonemas na fonética geral não importava, pois eles seriam estados dos fatos.

Vale notar essa necessidade de Saussure de retratar os fatos históricos. Como vimos no começo deste capítulo, o linguista se mostra insatisfeito de ter que suspender seu prazer histórico. Ora, por esse viés, poderíamos pensar que a insistência do genebrino em pesquisar sobre o AFL poderia ser a representação desse seu prazer. Daí conseguiríamos até afirmar que o título do manuscrito foi dado por Saussure, uma vez que *Phonétique* retrataria a fonética e, nesse caso, sabemos que o linguista via a fonética como uma "ciência histórica; analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo" (cf. SAUSSURE, 2012 [1916]).

A nosso ver, a intenção de Saussure, mais que observar as regras dos fonemas nesse manuscrito, era discutir seu valor do ponto de vista fonético, as consequências acústicas dessas regras e seu valor do ponto de vista histórico. Essa questão pode ser notada no excerto abaixo, em que Saussure faz uma divisão de capítulos, provavelmente, de como seriam suas aulas. Vejamos:

Figura 2. Excerto Phonétique.




Fonte: BGE, Ms. Fr. 266

> §6. Regra que fica no ário-europeu explosão ou fixação de cada fonema. Forma da regra se nós mantivermos consoante e soante.
> Capítulo III. § 7. Discussão do valor desta regra do ponto de vista da fonética geral.
> Leis das cadeias explosivas etc ... "Possível" e "impossível" na fonética não pode ser definido aqui.

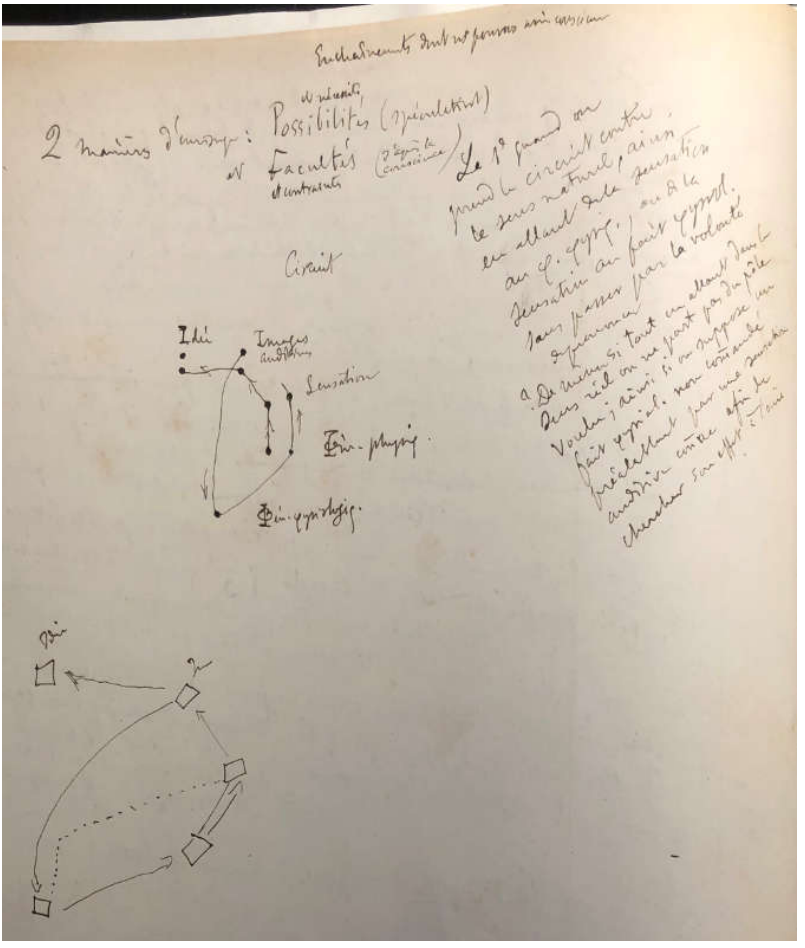
§8. Consequências acústicas dessas leis
Capítulo IV. §9. Discussão do valor desta regra do ponto de vista histórico. Veja os detalhes no §13.
A esse respeito: trin gótico. nagalta alemão-antigo[41] (SAUSSURE, 1881-84, f. 8)

É notório que Saussure se interessa pelas regras, mas ele se propõe a discuti-las sobre dois pontos de vista: da fonética geral e da história. Essa perspectiva do autor ratifica nossa ideia de que o linguista não se preocupava somente com as comparações e as analogias, tal e qual os comparatistas de sua época. Essa ideia ratifica que Saussure estava, sim, ligado ao histórico, mas ia além, não se tratava aqui somente do seu prazer histórico, abrangia algo que se distanciava disso e, a nosso ver, caminhar em direção ao geral da língua é um padrão no *Phonétique*.

Vejamos um outro momento em que Saussure destaca em seus manuscritos algo que chama bastante atenção:

41 Tradução nossa de: §6. Règle qui fixe en ario-européen explosion ou fixation de chaque phonème. Forme de la règle si on s'en tient à consonne et sonante. Chap III. §7. Discussion de la valeur de cette règle au point de vue de la phonétique générale. Lois des chaines explosives etc... « Possible » et « impossible » en phonétique ne peut être défini ici. §8. Conséquences acoustiques de ces lois Chap IV. §9. Discussion de la valeur de cette règle au point de vue historique. Cf. les détails au §13. À ce propos: gothique trin. vieux-haut -allemand nagalta

Figura 3. Excerto Phonétique.



Fonte: BGE, Ms. Fr. 266

Encadeamentos dos quais podemos estar cientes
2 maneiras de considerar: Possibilidades e necessidade (especulativamente)
e Faculdades e restrições (segundo a consciência)
O 1º, quando tomamos o circuito contra o sentido natural, indo, assim, da sensação para o fenômeno físico, ou da sensação para o fato fisiológico, sem passar pela vontade do pronunciante.
? Do mesmo modo, se, embora indo no sentido real, não partimos do polo desejado; assim, se supusermos um fato fisiológico não

> previamente ordenado por uma sensação auditiva contínua, a fim de buscar seu efeito sobre a audição
> Ideia; Imagens auditivas; sensação; fenômeno físico; fenômeno fisiológico[42] (SAUSSURE, 1881-1884, f. 54v)

É possível notar que, nesse fragmento do *Phonétique*, temos um esboço do circuito da fala, por isso julgamos fundamental fazermos a seguinte pergunta: em que medida discorrer sobre esse circuito leva-nos ao objeto da Linguística e, consequentemente, ao que é geral sobre a língua?

É fato que há no cerne dessa questão outra bastante cara aos linguistas dedicados à pesquisa saussuriana, isto é, a relação entre língua e fala e sua importância. Silveira (2013) ressalta que "essa distinção entre língua e fala é, portanto, o ponto central da operação saussuriana e o que lhe lega, atualmente, o lugar de fundador da Linguística, entre outras coisas, por cernir o objeto desta ciência [...]" (SILVEIRA, 2013, p. 49). A autora, ao observar o circuito da fala no CLG, acrescenta:

> Esses dois processos distintos, um fisiológico e físico e outro psíquico, dividem língua e fala. Assim, propriamente e totalmente psíquica é a associação entre o significante e o significado que constituirá os signos, que por sua vez engendrarão um sistema, ou seja, a língua como um sistema de signos. Fisiológico e físico são os processos que constituem o funcionamento da fala. (SILVEIRA, 2013, p. 50)

Ao pensarmos nessa observação, é possível creditar ao movimento teórico de Saussure no *Phonétique* um trabalho de investigação dos elementos do AFL que chegam a traços responsáveis, mais tarde, por determinar os aspectos da fala. Além disso, é a partir desse movimento que chegamos à língua, como relata Silveira (2013):

---

[42] Tradução nossa de: *enchaînements dont nous pouvons avoir conscience 2 manières d'envisager: possibilité et necessité (spéculativement) et Facultés et contraintes (d'après la conscience) Le 1er quando on prend la circuit contre le sens naturel, ainsi en allant de la sensation au phénomème physique, ou de la sensation au fait physiologique, sans passer par la volonté du prononceur*
*De même si tout en allant dans e sens réel on ne part pas du pôle voulu; ainsi si on suppose un fait physiologique no commandée préalablement par unse sensation auditive cnnue afin de chercher son effet à l'ouïe*
*Idée; Images auditives; Sensation; Phénomène-physique; Phénomène-physiologique*

> A fala, no seu aspecto empírico, fisiológico e individual, é secundária na constituição do objeto da Linguística. A fala, no seu aspecto psíquico social, é o que constitui a língua e é o essencial do objeto da Linguística. Sim, ele parece tomar uma posição em relação a essas concepções: no que diz respeito à concepção de fala que considera os órgãos vocais e a fonação, ou seja, os aspectos fisiológicos e físicos da fala, ele é categórico: são estranhos à língua como sistema e não o afetam em si (Saussure, 2012:50). Ou seja, o conceito de fala do seu tempo deu lugar a um conceito de língua e fala, e o conceito de língua, com todos os mecanismos evidenciados por Saussure, é essencial em relação à fala que, como fisiológica/física e individual, é acidental. (SILVEIRA, 2013, p. 50)

Ora, dessa maneira, constatamos que nesse manuscrito há um movimento que aponta um estudo que está inserido numa pesquisa histórica – aquela que reflete o prazer saussuriano –, mas ele também dá indícios de um trabalho que, intencionalmente ou não, é capaz de revelar traços da língua em geral. Isso acontece, pois, ao mesmo tempo em que a pesquisa nesses escritos demonstra ser bastante típica do século XIX, ela mostra que Saussure começa a notar outras questões fundamentais responsáveis por traçar um esboço que chegaria ao objeto da Linguística.

Ademais, podemos pensar que o *Phonétique* talvez tenha sido uma tentativa de Saussure de trabalhar a diacronia, de mostrar a evolução dos sons e de comparar os fonemas, realizando o seu prazer histórico. Contudo, vimos que o linguista vai para além desses caminhos. Na diacronia, o objeto de pesquisa é de domínio histórico, faz-se nela um estudo de termos que se sucedem e são substituídos um pelo outro no tempo. É possível ignorar o sentido das palavras e se preocupar somente com seu invólucro material, cortando "frações fônicas sem perguntar se elas têm significado" (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 194).

No entanto, nos excertos abordados, vemos o linguista se debruçar para além desse estudo histórico. O AFL é, assim, um dos pontos em que o prazer histórico e o tratamento do geral da língua (mesmo que bem rudimentar) aparecem na pesquisa saussuriana. Dessa forma, considerando a colocação do próprio Saussure de que o começo do seu primeiro curso de Linguística em Genebra é essencial para que mais tarde as questões gerais da língua sejam abordadas, podemos perceber, ao longo deste capítulo, que

o linguista no manuscrito toma, retoma, escreve e reescreve, vai e volta em suas elaborações, muitas vezes afinando as ideias dos linguistas do século XIX e discordando delas, bem como apresenta questões bem próximas dos seus cursos de Linguística Geral.

Esse movimento teórico do genebrino leva-nos a depreender que, ao abordar as questões históricas, fonéticas da língua, ele dá indícios do mesmo processo que utilizava nos cursos de Linguística Geral, ou seja, primeiro Saussure trabalha as questões históricas, e depois se aprofunda nas questões gerais, que seriam mais tarde associadas à teoria da língua.

## 4 À guisa de conclusão

Dedicamo-nos nestas páginas a observar a famosa carta a Meillet em que Saussure aborda sua insatisfação com os estudos da linguística de sua época e decide abandonar seu prazer histórico para se dedicar à língua em geral. No intuito de mostrarmos como essa promessa se desvela nos trabalhos saussurianos, realizamos a análise de alguns manuscritos de datas diferentes para notarmos como se dá a suspensão do prazer de Saussure.

No entanto, deparamo-nos com algo comum aos trabalhos saussurianos: não há uma sequência dos seus pensamentos, isto é, ao observarmos a cronologia de sua pesquisa, não conseguimos testemunhar um pensamento que comece ou se interrompa em um determinado ponto e se conclua anos mais tarde. Em outras palavras, seu trabalho não é teleológico e a suspensão do seu prazer até acontece em alguns momentos da sua pesquisa, como vimos no fragmento *Essência dupla da linguagem* (1891). Todavia, parece-nos mais habitual nas ideias saussurianas que haja idas e vindas na sua pesquisa; em um momento, o prazer é suspenso; em outros, por sua vez, ele parece ser, na verdade, algo que não se dissocia de suas observações sobre a língua em geral, fato que é ratificado nos manuscritos das lendas germânicas e no *Phonétique*.

Nesse último, vimos que há um trabalho que nos direciona ao que é geral da língua; Saussure e sua obstinação com o AFL nos encaminham a perceber sua necessidade de mudança que, intencional ou não, é contumaz e marca o movimento teórico saussuriano em direção ao objeto da

linguística. Dessa maneira, nessas páginas, não vemos o seu prazer histórico arruinado para que o objeto da linguística seja delimitado; no *Phonétique,* é possível notar um movimento teórico capaz de aproximar Saussure do que expôs na carta a Meillet, isto é, sua procura pelo objeto da Linguística e pelas delimitações de uma terminologia possível para seu estudo.

Esse último item, contudo, faz-nos refletir sobre a questão do "prazer histórico arruinado" – como apontado por Saussure –, mas não nos parece que a intenção do linguista no *Phonétique* era de fazer linguística. Afinal, ele trata da questão fonética, que para ele era histórica, por conseguinte, prazerosa. Entretanto, vimos que há um trabalho para além do histórico. O linguista passa a mostrar delimitações, distinções de termos, críticas aos estudos da sua época; Saussure faz linguística e o seu prazer parece, na verdade, estar relacionado tanto às críticas quanto ao deslocamento de uma novidade teórica que extrapolava sua pesquisa histórica.

É possível refletir, portanto, que não há um Saussure pré-carta e outro pós-carta a Meillet. Há, na verdade, um linguista que se debruça sobre páginas e mais páginas de pesquisa. Se é para suspender o seu prazer histórico ou para falar de língua em geral, não conseguimos demarcar uma data para isso. A carta a Meillet traz um momento em que ele declara a necessidade de reformas de várias questões que percebia terem problemas. Contudo, ela não é um marco para uma mudança de comportamento. Afirmamos que a teoria que fundaria a Linguística Moderna com a publicação do *Curso de linguística geral* era de alguma forma latente nos trabalhos saussurianos. Saussure era obstinado nesse ponto e, por isso, se torna tão importante para os estudos linguísticos.

## Referências

BENVENISTE, E. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*. Revue de linguistique générale, n. 21. Genebra: Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, Libraire Droz S.A., 1964, p. 89-130.

HENRIQUES, S.; COELHO, M. Ferdinand de Saussure: relações possíveis entre língua e história. *Estudos Linguísticos*. v. 49, n. 1. São Paulo, 1978. p. 177-134

SAUSSURE, F. *Ms Fr 266.* Arquivo 8 - Phonétique (73-7023).

Cambridge: Houghton Library, 1881-1884. 177 p.

SAUSSURE, F. *Curso em Linguística Geral*. 27. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916]. 279 p.

SILVEIRA, E. O lugar do conceito de fala na produção de Saussure. *Saussure:* a invenção da linguística. José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores (org.). São Paulo: Contexto, 2013. p. 45-58

SILVEIRA, E. O intervalo teórico de Saussure em fins do século XIX. *Matraga*. v. 21, n. 34. Rio de Janeiro, 2014. p. 25-36

SILVEIRA, E. Ensaio sobre a variedade das rasuras em alguns manuscritos de Saussure. *DELTA.* v. 34, n. 3, São Paulo, 2018.

# Capítulo 5

# Repercussões do ouvido nos manuscritos Saussurianos

*Aline Stawinski*

## 1 Introdução

Este é um convite para a escuta, afinal, é sob efeito do *ouvido* que me encontro ao longo dos últimos anos, acompanhada pelos escritos de Saussure. A questão do *ouvido* emergiu de uma indagação sobre a *dupla essência* da linguagem[43], a qual me levou ao lugar do aspecto fônico da língua e do *ouvinte* na reflexão linguística saussuriana. As leituras ao longo dessa trajetória apontavam insistentemente para o "lado B" do circuito da *parole*[44], ou, como diria Jacques Coursil (2000), para a "função muda da linguagem". Mas, afinal, o que o *ouvido* tem a ver com isso? Como essa noção repercute na reflexão linguística de (e a partir de) Saussure? Essas são as questões que mobilizam este texto.

[43] Ou *duplessência*, como sugerido por Luiza Milano neste volume.

[44] O "lado B" faz referência às figuras A (falante) e B (ouvinte) do circuito da *parole* (cf.: SAUSSURE, 2006 [1916]). Sublinho desde já que os termos *langue* e *parole*, traduzidos em português por língua e fala nas edições brasileiras do CLG e dos ELG, serão mantidos em língua francesa. Essa é uma opção que temos feito, como grupo, desde a dissertação de mestrado de Joana Ribeiro (2019), com o objetivo de marcar o estatuto conceitual de *langue* e *parole* na reflexão saussuriana, já que muitas vezes a "fala" pode ser reduzida à fonação (à expressão oral), e a "língua" pode ser vista simplesmente como um idioma, aquém da ideia específica de sistema.

Lanço mão de um breve resgate amparado em pesquisas anteriores sobre o lugar do *ouvido* nos estudos saussurianos (STAWINSKI, 2016) e sobre as repercussões de tal termo para a consideração da *escuta* no âmbito linguístico (STAWINSKI, 2020). Inicialmente, foi a leitura do próprio *Curso de linguística geral* (SASSURE, 2006 [1916]) que instigou a pergunta sobre o papel do aspecto fônico da língua na delimitação das unidades linguísticas – empreitada cujo aprofundamento foi possível levando em conta os *Escritos de linguística geral* (SAUSSURE, 2004 [2002])[45] e o manuscrito *Phonétique* (SAUSSURE, 1995). O olhar em busca do fônico abriu caminhos para que eu percebesse uma presença significativa do termo *ouvido* (*oreille* em francês) nos textos saussurianos, além de expressões e verbos que remetem à presença do *ouvinte* na reflexão sobre a *langue*. O *ouvido*, portanto, foi a palavra-chave que fundamentou minha busca por uma concepção de *escuta* a partir da linguística saussuriana (STAWINSKI, 2020).

Afinal, a que me refiro quando falo em *ouvido*? A opção por essa tradução permite ampliarmos o sentido ao particípio passado do verbo *ouvir*: *ouvido* é aquilo que foi escutado, que sofreu os efeitos da escuta. A observação, à primeira vista, é mais complexa do que aparenta: *ouvinte*, *ouvido* e *escuta* induzem fortemente a um resgate da materialidade fônica – entretanto, qualquer uma dessas concepções pode ser utilizada sem se restringir às línguas orais. Ou seja: *ouvinte* diz respeito a uma posição de interlocução, real ou imaginada, a qual pode ser instaurada em uma fala oralizada, escrita ou sinalizada[46]. Apesar de ser uma compreensão geral, essa amplitude não pretende promover a abstração do corpo no que diz respeito ao fato de haver uma escuta ("forma" x "substância") – a questão fisiológica é necessária; no entanto, para uma perspectiva linguística, o que importa mesmo é a escuta do *sentido*[47].

É importante sublinhar desde já que o termo *ouvido* é tomado, aqui, em articulação com a clássica dupla conceitual *langue-parole.* Apesar de

[45] Doravante, CLG (SAUSSURE, 2006 [1916]) e ELG (SAUSSURE, 2004 [2002]) respectivamente.

[46] Laura Frydrych trabalha a noção de dupla essência a partir da materialidade gestual (FRYDRYCH, 2020). Por exemplo, na literatura, Marília Librandi-Rocha (2011) cunhou a expressão *escritas de ouvido* (*listening by ear*) ao analisar a obra de autores da literatura brasileira como João Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Machado de Assis.

[47] Ao sentido fisiológico de *oreille*, reservo a tradução *orelha* (cf.: STAWINSKI, 2020).

*ouvido* não ser um termo tradicional da rede conceitual saussuriana, lidarei com as particularidades e nuances de sentido atribuídas a uma palavra aparentemente banal, mas que tem a força de um termo que nos convoca à reflexão sobre o lugar da *escuta* na reflexão linguística. A concepção de *ouvido* será tomada de um ponto de vista terminológico e epistemológico.

No que diz respeito à perspectiva terminológica, convoco ao diálogo o pesquisador Giuseppe Cosenza. Em *Dalle parole ai termini. I percorsi di pensiero di F. de Saussure* (2016), o pesquisador dedica-se à organização de coleções terminológicas, as quais estão divididas em três áreas: A – outros conhecimentos especializados; B – linguística histórico-comparativa e gramática clássica; C – tentativas terminológicas de Saussure[48]. Vale destacar as palavras do autor:

> mostrarei que a terminologia de Saussure não é unívoca nem unitária: não é unívoca porque as palavras de Saussure – não raramente – têm uma dupla aparência técnica e não técnica; não é unitária porque, mesmo quando parece que uma palavra atingiu o grau de termo técnico, em momentos subsequentes ou em contextos diferentes, pode se despir do papel de termo ou assumir outro valor técnico. Portanto, não é lícito falar de terminologia no singular, mas de terminologias no plural (COSENZA, 2016, p. 2, tradução nossa)[49].

A proposta de Cosenza é trilhar um percurso histórico-evolutivo que permita ao leitor vislumbrar o valor terminológico de palavras e expressões

[48] A área terminológica C está organizada por Cosenza (2016) conforme segue: Ensaios da juventude (1974); *Mémoire* (1878); Tese sobre o genitivo absoluto em sânscrito (1881); *Phonétique* (1881-1884); Prolusões genebrinas (1891); *De la double essence du langage* (1891-1892); *Status et Motus* (1893-1894); *Notes Whitney* (1894); *Théorie des sonantes* (1895-1897); *Notes Item* (1899-1903); Lendas germânicas (1903-1910); Primeiro curso de linguística geral (1907); Segundo curso [...] (1908-1909); Terceiro curso [...] (1910-1911).

[49] "mostrerò che la terminologia di Saussure non è né univoca né unitaria: non è univoca perché le parole di Saussure presentano – non di rado – una doppia veste tecnica e non-tecnica; non è unitaria perché anche quando sembra che una parola abbia raggiunto il grado di termine tecnico, in momenti successivi o in contesti diversi può svestire il ruolo di termine o assumere un altro valore tecnico. Dunque non è lecito parlare di *una* terminologia al singolare, ma di terminologie al plurale" (COSENZA, 2016, p.2).

utilizadas pelo linguista. A obra lança mão da análise dos termos presentes nos léxicos de Robert Godel (1969 [1957]) e de Rudolf Engler (1968), assim como dos índices remissivos de diversas edições dos manuscritos – dentre elas, as notas dos três cursos de Saussure organizadas por Komatsu (SAUSSURE, 1993; 1996; 1997); as edições de Maria Pia Marchese (SAUSSURE, 1995; 2002); os ELG de Simon Bouquet e Rudolf Engler (SAUSSURE, 2002 [2004]); e a publicação de *Science du langage* organizada por René Amacker (SAUSSURE, 2011).

Quanto à perspectiva epistemológica, três (re)leitores do *corpus* saussuriano são fundamentais para aprofundar o debate: Herman Parret (2014), Giuseppe D'Ottavi (2020) e Arild Utaker (2016)[50]. Parret foi curador dos manuscritos de Harvard e o primeiro a dedicar uma publicação com base no dossiê 8 – bMS Fr 266 (8) – *Phonétique* (1881-1884)[51]; o estudioso publicou parcialmente trechos das notas manuscritas, acompanhados de considerações de sua autoria. Na ocasião de sua investigação inicial dos manuscritos de Harvard, Parret já atentava para a importância do papel desempenhado pelo *ouvido* na delimitação de unidades linguísticas – questão aprofundada em seu livro *Le son et l'oreille* (PARRET, 2014). Outro pesquisador que esteve à escuta dos manuscritos é Giuseppe D'Ottavi (2010), que refletiu sobre o lugar do *Monsieur B* (ouvinte) no circuito da *parole* de Saussure. Finalmente, em *La philosophie du langage: une archéologie saussurienne*, Arild Utaker (2016) dedicou um capítulo especificamente ao *ouvido*, que produzirá ressonâncias aqui. Cada qual a seu modo, esses estudiosos contribuem para pensar a respeito do *ouvido* como um termo relevante para o pensamento linguístico tributário de Saussure.

[50] Jacques Coursil também exerceu uma forte influência na leitura empreendida aqui, em decorrência da sua proposta de refletir sobre a *função muda da linguagem* (COURSIL, 2000).

[51] Roman Jakobson faz menção a esse conjunto de manuscritos no artigo "Saussure's unpublished reflexions on phonemes" (1969), publicado no volume 26 dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*.

## 2 O *ouvido* a partir dos manuscritos

Afinal, o que se pode compreender pelo termo *ouvido* de um ponto de vista linguístico? Certamente, não cabe aqui falar da anatomia humana[52]. Giuseppe Cosenza (2016) contribui para que se possa ponderar a questão de um ponto de vista dos manuscritos de Saussure. Sintetizo as informações da tabela apresentada pelo pesquisador, apontando apenas as edições cujos índices remissivos apresentam o termo *oreille*:

Quadro 1 – Ouvido: da palavra ao termo[53]

| Entrada | Fonte (índice remissivo de termos) | | | Categoria |
|---|---|---|---|---|
| Oreille | KI (1996) | KIII (1993) | Phonétique (1995) | AC |

Fonte: Adaptado de Cosenza (2016, p. 597).

Conforme se pode constatar, Cosenza classifica o termo *oreille* como pertencente a duas categorias: A (outros saberes especializados) e C (tentativas terminológicas de Saussure). Afinal, em que direção caminhou tal tentativa de definir *ouvido*?

Inicialmente, vejamos a definição elaborada a partir das anotações reunidas em *Phonétique*:

> **Ouvido**: [v. área A; especialmente por seu papel na determinação dos sons linguísticos, nesse sentido entendido como um órgão da audição como um todo]; o ouvido pode decidir naturalmente apenas as semelhanças, identidades e diferenças de percepções. Não são as percepções, mas as suas causas que estão em mútua dependência ou

[52] Com a finalidade de ressaltar a particularidade do *ouvido* de uma perspectiva linguística, reservamos o termo levando em conta uma função linguística; o termo *orelha* está restrito ao órgão da audição.

[53] As notas do primeiro e do terceiro curso (KI e KIII) fazem referência às edições de Komatsu (SAUSSURE, 1996; 1993) consultadas por Giuseppe Cosenza. Sublinho que o termo *oreille* não consta apenas nesses três materiais; a tabela representa apenas as ocorrências listadas pelos editores nos índices remissivos.

> que poderiam estar supostas ali. (p. 99) Cf. ***acústico***, ***fonema***, ***sensação*** (COSENZA, 2016, p. 298, tradução nossa)[54].

Ao acrescentar que o termo *oreille* (ouvido) desempenha um papel na determinação dos sons, o adjetivo *linguísticos* da passagem acima não é apenas um detalhe: é pensar o *ouvido* para além do papel de recepção sonora *stricto senso*, enfatizando a função de delimitação das unidades linguísticas na cadeia falada. O ouvido *decide as semelhanças, identidades e diferenças de percepção.* Cabe reiterar que tal percepção, do ponto de vista do *ouvido* como um conceito linguístico derivado do pensamento saussuriano, está essencialmente atrelada à ideia de *valor*. Esse recorte pode ser aliado à interpretação de Parret, que lança mão da expressão *ouvido-analista* (*Oreille-Analyste*):

> o ouvido é o *analista contextualizador*, sem impor suas idiossincrasias individuais ao universo sonoro; não é nem subjetivo, nem objetivo. Ele detecta as semelhanças e as diferenças acústicas [...] (PARRET, 2014, p.63, tradução nossa)[55].

Em acordo com o que veremos em outros trechos, o *ouvido* funciona como uma posição de análise linguística; tal posição é reiterada em escritos saussurianos diversos, e *Phonétique* é apenas um exemplar mais recorrente que sublinha o lugar do *ouvido*, como bem demonstram os estudos de Parret (2014), D'Ottavi (2010) e Utaker (2016) já mencionados. Conforme também demonstrei em estudos anteriores, se levarmos em conta apenas as notas de *Phonétique*, o *ouvido* encontra-se associado a verbos como "compor", "julgar", "decidir", "distinguir", "definir" (cf. STAWINSKI, 2016) – movimentos que dependem do suporte material que será apreendido pelo falante-ouvinte de uma língua. Parret chega a concluir que "[p]ara Saussure,

---

[54] « **Oreille**: [v. area A; soprattutto per il ruolo che ha nella determinazione dei suoni linguistici, in questo senso inteso come organo dell'udito nel suo complesso]; L'oreille ne peut naturellement décider que les ressemblances, identités et différences des perceptions. Ce ne sont pas les perceptions, mais leurs causes qui sont dans une dépendance mutuelle ou peut être supposée y être. (p. 99) Cfr. ***acoustique***, ***phonème***, ***sensation*** » (COSENZA, 2016, p. 298).

[55] « l'oreille est-elle l'*analyste contextualisateur* sans imposer ses idiosyncrasies individuelles à l'univers sonore, elle n'est ni subjective ni objetive. Elle detecte les ressemblances et les différences acoustiques […] » (PARRET, 2014, p.63).

o corpo, no sentido figurado, é apenas uma Boca em movimento fisiológico e um enorme Ouvido" (PARRET, 2014, p. 14, tradução nossa)[56], dada a importância desse conceito para o recorte das unidades linguísticas na cadeia falada.

Retornando à Cosenza, sublinho outra entrada terminológica dedicada ao *ouvido*; dessa vez, nas notas do primeiro *Curso de linguística geral*. Nessa passagem, o papel do ouvido na delimitação das unidades linguísticas é reiterado:

> **Ouvido**: [v. área A; importância do ouvido na distinção dos elementos da cadeia falada]; Devemos sempre insistir neste ponto de que só podemos fazer cortes, distinguir unidades na cadeia falada, apenas graças ao ouvido, aos dados acústicos; é ele [o ouvido] que nos adverte que em tal lugar existe uma vogal, que passamos de uma vogal a uma consoante, de uma sílaba a outra sílaba. (p. 24) Cf. ***acústico, cadeia falada, fonema*** {Ph; III curso} (COSENZA, 2016, p. 476, tradução nossa)[57].

Segundo o excerto, o recorte da materialidade é possível *graças ao ouvido*: a delimitação das unidades na cadeia falada é uma operação fundamental que está representada, metonimicamente, pelo termo *ouvido*; quando digo ouvido, além de pensar nos efeitos de sentido produzidos na cadeia discursiva, penso no lugar do *falante(-ouvinte)* – o *sujet parlant* saussuriano –, visto que é do lugar de *falantes* que nos colocamos no fato social da *langue*. A importância do lugar daquele que fala (e escuta) é ressaltada inúmeras vezes no próprio CLG, como na passagem que segue: "a sincronia conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam, e todo o seu

[56] « Pour Saussure, le corps, figurativement, n'est qu'une Bouche en mouvement physiologique et une énorme Oreille » (PARRET, 2014, p. 14).
[57] « **Oreille**: [v. area A; importanza dell'orecchio nel distinguere gli elementi della catena parlata]; Il faut insister toujours sur ce point que nous ne pouvons faire des coupures, distinguer des unités dans la chaîne parlée, que grâce à l'oreille, à la donnée acoustique; c'est elle qui nous avertit qu'à tel endroit est une voyelle, qu'on passe d'une voyelle à une consonne, d'une syllabe à une autre syllabe. (p. 24) Cfr. ***acoustique***, ***chaîne parlée***, ***phonème*** » {*Ph*; *III corso*} (COSENZA, 2016, p. 476).

método consiste em recolher-lhes o testemunho" (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 106)[58].

Resgatando as notas do terceiro curso, encontramos uma afirmação sobre o papel da *impressão acústica* justamente no tocante à função desempenhada pelo *ouvido* para a delimitação das unidades:

**Ouvido**: [v. área A; importância na determinação dos fonemas]; Ignorando o som que isso representa, o fisiologista não saberá quantas unidades haverá. O fisiologista começará sendo guiado pela impressão acústica [...] O ouvido nos diz: o tempo é homogêneo, ou não é homogêneo no som. (p. 54) Cf. ***Acústico*** {Ph; I curso} (COSENZA, 2016, p. 552, tradução nossa)[59].

Com base nessa passagem, pode-se considerar que a perspectiva do *ouvido* está atrelada à representação simbólica do dado acústico (ou seja, à delimitação dos signos) – ponto de vista do linguista; a *orelha*, em contrapartida, está associada à escuta do fisiologista, interessando-se apenas pelos sons, e não pelo *valor* produzido. Essa problemática coloca em jogo considerações metodológicas[60]; não por acaso, o termo *ouvido* relaciona-se ao termo *método,* segundo a coleção de Cosenza:

> **Método**: [v. área A; em relação à fonética, S. distingue dois métodos possíveis: um que tende a definir as espécies fonéticas a partir da produção dos sons e do aparelho fônico-articulatório; outro que parte do efeito acústico para distinguir os sons de uma língua]; É bom notar aqui que esse método está longe de ser o mais natural; é imposto pela dependência, sob a qual nos encontramos, sempre do fato acústico. Daí aceitaríamos a ideia de recortar assim a execução contínua dos órgãos, se nem sempre devêssemos dar conta do fato

[58] A partir do levantamento terminológico de Cosenza, é possível vislumbrar claramente como o termo *sujet parlant* está posto como ponto de referência da linguística sincrônica (cf.: COSENZA, 2016, p. 485).
[59] « **Oreille**: [v. area A; importanza nella determinazione dei fonemi]; En ignorant le son que cela représente, le physiologiste ne saura combien il y aura d'unités. Le physiologiste commencera par se guider sur l'impression acoustique [...] L'oreille nous dit: le temps est homogène, ou n'est pas homogène dans le son. (p. 54) Cfr. ***Acoustique*** {*Ph*; *I corso*} » (COSENZA, 2016, p. 552).
[60] Sobre a discussão metodológica, conferir Stawinski e Milano (2017).

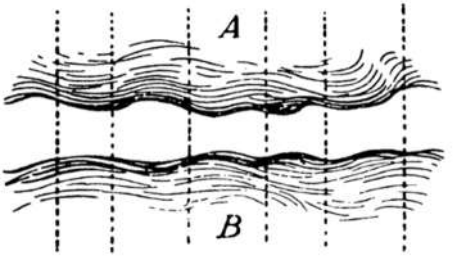
dado pelo ouvido. (pág. 113); {Mem; LG; I curso; II curso} (COSENZA, 2016, p. 296, tradução nossa)[61].

O *ouvido*, desse modo, diz respeito ao segundo método apontado pelo pesquisador; o *fato linguístico* é construído pelo *ouvido* de um ponto de vista linguístico, que, apesar de estar em dependência do fato fônico-articulatório, precisa ultrapassar a esfera estritamente corporal a fim de produzir um fato simbólico. À escuta da(s) língua(s), estamos sob efeito dos sons-sentidos.

## 3 À escuta da *langue*: entrelaçando conceitos

Conforme procurei demonstrar até aqui, o *ouvido* desempenha um papel conceitual importante no recorte das unidades linguísticas. Nesse sentido, não é de surpreender que seja possível aproximar a noção de *ouvido* aos conceitos de *langue* e *parole*. O esquema das massas amorfas de som e sentido pode ser útil para visualizar esse movimento:

Figura 1: À escuta da langue




Fonte: Saussure (2006 [1916], p.131).

[61] « **Méthode**: [v. area A; in relazione alla fonetica S. distingue due possibili metodi : l'uno che tende a definire le specie fonetica sulla base della produzione dei suoni e dell'apparato fonico-aritcolatorio; l'altro che parte dell'effetto acustico per distinguere i suoni di una lingua]; Il est bien à remarquer ici que cette méthode est loin d'être la plus naturelle; elle est imposée par la dépendance où nous nous trouvons toujours du fait acoustique. D'où prendrions-nous l'idée de découper de la sorte le jeu continu des organes s'il ne s'agissait toujours pour nous de rendre compte du fait donné par l'oreille. (p. 113); {*Mém*; *LG*; *I corso*; *II corso*} » (COSENZA, 2016, p. 296).

Quando nos deparamos com esse esquema no CLG, nem sempre estabelecemos uma associação direta com a representação do signo linguístico saussuriano. Apesar disso, esse exercício pode produzir algumas reflexões importantes – principalmente tendo em vista a concepção sobre a dupla essência da linguagem, afinal, ao considerar a dualidade representada pelo esquema, não se trata de

> criar um meio fônico material para a expressão das ideias, mas de servir de intermédio entre o pensamento e o som, em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitações recíprocas de unidades. [...] Não, há, pois, nem materialização de pensamento, nem espiritualização de sons; trata-se, antes, do fato, de certo modo misterioso, de o "**pensamento-som**" implicar divisões e de a língua elaborar suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 131, grifo nosso.)

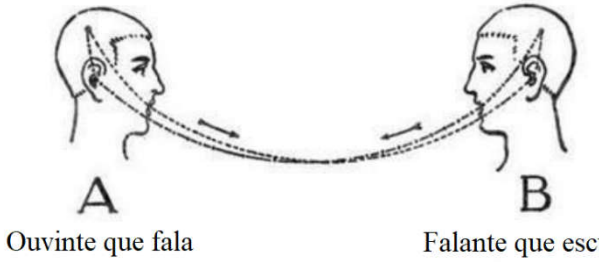
O fato linguístico, portanto, é construído a partir da união de massas amorfas de pensamento e de massas amorfas de som (ou outra materialidade). É somente no encontro dessas nebulosas que podemos considerar o fato linguístico; fora dessa união, não há fato semiótico. Essa delimitação (ou recorte) que aliena o corpo para cair na rede significante é operada pelo *ouvido* – ou, se preferir, pela escuta do falante-ouvinte. É nesse sentido que colocamos o *ouvido* em destaque na definição de *langue* saussuriana: a *escuta linguística* só é possível a partir do encontro de A e B – operação do *ouvido* [62].

A ênfase no *ouvido* pode ser vista mais precisamente em trabalhos como *La fonction muette du langage*, de Jacques Coursil (2000), e no artigo "Ferdinand de Saussure e *Monsieur* B", de Giuseppe D'Ottavi (2010), os quais mencionarei em seguida. Como é possível lermos no próprio CLG, "é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna" (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 27), e a *escuta linguística* supera uma concepção de passividade do falante-ouvinte diante da *langue*; tanto falante quanto ouvinte estão à

[62] Federico Albano Leoni contribui para essa interpretação, visto que o autor de *Des sons et des sens* (2014) encara que a validação semiótica depende da condição de *ouvinte* e, por isso, a dimensão dialógica (alteridade) é condição para o fenômeno linguístico.

mercê dos efeitos produzidos na cadeia falada e são convocados a *significar*. Apresento o circuito da fala ressignificado nessa direção:

Figura 2: Adaptação do circuito a partir do ouvido




Fonte: Saussure (2006 [1916], p. 19).

*Ouvinte que fala* e *falante que* escuta – eis aí o efeito do *ouvido* sob influência da função muda da linguagem, conforme nomeia Coursil (2000). O autor estabelece uma distinção fundamental entre *falar* e *escutar*: em qualquer relação de interlocução, falar é um *acontecimento*; a *escuta* é uma *constante*[63]. Para esse autor, a perspectiva da *parole* como um *acontecimento* marca o *tempo de percepção* na cadeia discursiva. Essa subversão do modelo tradicional da interação linguística evidencia que o *falante* não escapa aos efeitos do *ouvido*. Por isso, a escuta é tomada como "atividade inteligente por excelência" (COURSIL, 2000, p. 13, tradução nossa)[64].

O reconhecimento da função ativa do *ouvido* supera os modelos lineares de interação linguística, conforme aponta D'Ottavi, assim como a simplificação do papel do ouvinte: "[ambos] são postos em crise por uma série de observações genuinamente saussurianas diante de uma disposição ativa do lado receptivo do falante em seu trabalho de interpretação dos atos de

[63] *Falar* pode ser substituído por escrever ou sinalizar (no caso das línguas de sinais), assim como escutar pode ser substituído por ler – o que está em jogo nessas definições são os lugares de *falante* ou locutor e de *ouvinte* ou interlocutor.
[64] « activité intelligente par excellence » (COURSIL, 2000, p.13).

*parole*" (D'OTTAVI, 2010, p. 77, tradução nossa)[65]. Ao vislumbrarmos o circuito da *parole* sob efeito do *ouvido,* é possível observar, como destacado pelo pesquisador, que a "sequência de ondas sonoras não se perde no rumor, no caos circundante [...] ela é interceptada pelo *ouvido* de *Monsieur* B" (D'OTTAVI, 2010, p.77, tradução nossa)[66].

O termo *ouvido*, assim, pode ser tomado como sustentação da função ativa da escuta, afinal, o *ouvido* analisa, julga, decide, distingue, conduz... Ou seja, confere sentido à cadeia falada. Nessa direção, acredito que é possível pensar o *ouvido* como operador de uma função linguística que instaura a *langue* saussuriana. O levantamento das ocorrências, detalhadas pelo trabalho do italiano Giuseppe Cosenza (2016), contribui para tal interpretação porque nos ajuda a mostrar que o *ouvido* funciona como uma síntese de operações fundamentais – ora atribuídas ao próprio *ouvido*, ora à figura do *falante*.

Vejamos uma entrada terminológica de *langue* segundo a coleção elaborada por Cosenza. No manuscrito sobre a dupla essência da linguagem, lemos uma definição que aborda justamente o papel desempenhado pela *consciência* do falante, a qual está relacionada com o recorte das unidades sonoras em signo – a atribuição de sentido. A condição do signo linguístico é ser reconhecido enquanto tal:

> **Langue**: [quase sin. de ***estado de língua***. Sistema de signos (de valores) baseado na diferença negativa determinada pela consciência dos sujeitos falantes (Cf. ***consciência, diferença, negativo, signo, sujeito falante, sistema, valor***)]; "[...] porque a cada momento de sua existência, só EXISTE linguisticamente aquilo que é percebido pela consciência, ou seja, aquilo que é ou se torna *signo*." (COSENZA, 2016, p. 349, tradução nossa)[67].

---

[65] "L'assunzione del modello lineare dell'interazione linguistica, e il conseguente ruolo semplificato del ricevente, vengono messi in crisi da una serie di osservazioni genuinamente saussuriane che prospettano uma disposizione attiva del versante recettivo del parlante nella sua opera di interpretazione degli atti di *parole*" (D'OTTAVI, 2010, p.77).

[66] "questa sequenza di onde sonore non si perde nel rumore, nel caos circostante, ma è intercettata dall'orecchio di Monsieur B [...]" (D'OTTAVI, 2010, p.77).

[67] « **Langue**: [quasi-sin. di ***état de langue***. Sistema di segni (di valori) basato su differenze negative determinate dalla coscienza dei soggetti parlanti (Cfr. ***conscience***, ***différence***, ***negatif***, ***signe***, ***sujet parlant***, ***système***, ***valeur***)]; [ ...] 'parce

O valor, conforme já apontado acima, é outro conceito primordial para compreender a função do *ouvido*: da perspectiva do ouvinte, não interessa decompor os sons da cadeia falada de uma forma desprendida do sentido; para qualquer falante-ouvinte, o que importa são os *efeitos* da união entre *forma-sentido* – ou seja, o que importa é a forma *sentida* e compreendida enquanto função simbólica. Em *La philosophie du langage: une archéologie saussurienne*, Arild Utaker (2016) contribuiu para pensar sobre a indissociabilidade entre som e sentido, principalmente ao considerar o signo linguístico. Utaker leva às últimas consequências a função do *ouvido*: é pela *escuta* que entramos na esfera simbólica. Segundo o autor, "[L]igada à *escuta*, a *parole* está vinculada à *langue*" (UTAKER, 2016, p. 234, tradução nossa)[68], isso porque a delimitação das unidades linguísticas é uma operação ativa de recorte da materialidade em signos linguísticos. Esse olhar ressalta o aspecto dialógico do circuito da *parole*, unindo as noções de *falante*, *ouvido* e *langue*. Como diria Jean-Luc Nancy (2014, p. 17), o que importa na troca dialógica é o *som percebido palavra* – o *valor*, para Saussure. Nesse sentido, o que é significativo em termos linguísticos são os *efeitos*; em matéria de *langue*, estamos sempre sob os efeitos da cadeia discursiva.

## 4 Ressonâncias do *ouvido* – considerações finais

Estar sob influência do *ouvido* nos manuscritos saussurianos produziu seus efeitos: pensar uma noção de *escuta* tendo como fundamento a reflexão linguística *de* e *a partir de* Ferdinand de Saussure, empreitada realizada em Stawinski (2020). As considerações elaboradas até aqui mostram uma parte dessa trajetória, afinal, foi o termo *ouvido* que me levou a suspeitar de uma noção de escuta como ressonância das considerações linguísticas do legado saussuriano.

Este escrito tem como objetivo abrir novos caminhos a partir da herança saussuriana, sem a pretensão de buscar o "verdadeiro" pen-

qu'à chaque moment de son existence il n'EXISTE linguistiquement que ce qui est aperçu par la conscience, c'est-à-dire ce qui est ou devient *signe*' » (COSENZA, 2016, p.349).

[68] « Rattaché à l'écoute, la parole est rattachée à la langue » (UTAKER, 2016, p.234).

samento do linguista suíço. Como belamente nos lembra Daniele Gambarara, "ler Saussure, lê-lo realmente, lentamente e refletindo sobre o que se lê, nos novos documentos mais importantes, significa deslocar-se, dando um passo, não para trás, mas para o lado" (FIGUEIRA; GAMBARARA, 2019). As ressonâncias produzidas pelo *ouvido* permitem um deslocamento tanto para o lado quanto para a frente. A *escuta linguística* – alicerçada em uma concepção de *ouvido* a partir do legado saussuriano – amplia horizontes para pensarmos o falante, o corpo, a voz, a prosódia, sem perder de vista a noção de v*alor*, de efeito. Pensar o *ouvido* e a escuta nos convoca ao diálogo constante com outros campos do saber (e do não saber), a uma disposição inventiva diante de nosso objeto de estudos. Como assevera John Joseph: "dificilmente podemos afirmar que somos 'linguistas inventivos', a não ser que passemos a capacidade de invenção a ouvintes, leitores, intérpretes" (JOSEPH, 2010, p. 100, tradução nossa)[69] – dessa maneira, lanço o convite para que sigamos à escuta.

## Referências


ALBANO LEONI, F. *Des sons et des sens.* La physionomie acoustique des mots. Lyon: ENS Éditions, 2014.

COSENZA, G. *Dalle parole ai termini:* i percorsi di pensiero di F. de Saussure. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2016.

COURSIL, J. *La Fonction Muette du Langage*. Petit-Bourg: Ibis Rouges Éditions, 2000.

D'OTTAVI, G. Ferdinand de Saussure e Monsieur B. In: *Bollettino di italianistica*, v. 7, n. 1, p. 71-91, 2010.

ENGLER, R. *Léxique de la terminologie saussurienne*. Utrecht-Anvers, Spectrum, 1968.


[69] "we can hardly claim to be 'inventive linguists' unless we turn over the capacity for invention to listeners, readers, interpreters" (JOSEPH, 2010, p.100).

FRYDRYCH, L. *A essência dupla da linguagem:* materialidade gestual em questão. 2020. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020, no prelo.

FIGUEIRA, R; GAMBARA, D. Entrevista Daniele Gambarara a Rosa Attié Figueira. In: *Leitura*, v. 1, n. 62, p. 422-425, 2019.

GODEL, R. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*. Genebra: Librairie Droz, 1969 [1957].

JAKOBSON, R. Saussure's unpublished reflexions on phonemes. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 26. Mélanges de Linguistique offerts a Henri Frei. Genève, Librarie Droz, 1969.

JOSEPH, John E. Hermeneiaphobia: Why an 'inventive'linguistics must first embrace interpretation. In: S. Sorlin (ed.). *Inventive linguistics*. Montpellier: Presses Universitaires de la Mediterranee, 2010 p. 95-105.

NANCY, J. *À escuta*. Belo Horizonte: Edições Chão de Fábrica, 2014.

PARRET, H. *Le son et l'oreille:* six essais sur les manuscrits saussuriens de Harvard. Limoges, Lambert-Lucas, 2014.

RIBEIRO, J. *A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido*: uma reflexão sobre os neologismos a partir da teoria saussuriana. 2019. Dissertação (mestrado em Análises textuais, discursivas e enunciativas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Porto Alegre, 2019. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/202470. Acesso em: 25 out. 2020.

ROCHA, M. L. Writing by Ear: Clarice Lispector, Machado de Assis, and Guimarães Rosa and the Mimesis of Improvisation. *Brazilian Improvisations / Improvisações Brasileiras*. v. 7, n. 1, 2011. Disponível em: https://www.criticalimprov.com/index.php/csieci/issue/view/113. Acesso em: 31 out. 2020.

SAUSSURE, F. de. *Troisième cours de linguistique générale* (1910–1911) d'après les cahiers d'Émile Constantin/Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910–1911) from the notebooks of Émile Constantin. Edited by Eisuke Komatsu. English trans. R. Harris, Oxford: Pergamon, 1993.

SAUSSURE, F. de. *Phonétique*. Il manoscritto di Havard – Houghton Library bMS Fr 266 (8). Houghton Library, edizione a cura de Maria Pia Marchese, Università degli studi di Firenze. Unipress, Padoue, 1995.

SAUSSURE, F. de. Premier cours de linguistique générale, par les cahiers d'A. Riedlinger (1907). Éd. et trad. par E. Komatsu et G. Wolf, Oxford/New York/Tokyo/Séoul, Pergamon, 1996.

SAUSSURE, F. de. Deuxième cours de linguistique générale, par les cahiers d'A. Riedlinger et Ch. Patois (1908-9). Éd. et trad. par E. Komatsu et G. Wolf, Oxford/New York/Tokyo/Séoul, Pergamon, 1997.

SAUSSURE, F. de. *Théorie des sonantes*. Il manoscritto di Ginevra. Bibliothèque Publique de Genève. Edizione a cura de Maria Pia Marchese. BPU: Genève, 2002.

SAUSSURE, F. de. *Escritos de linguística gera*l. Organização e edição: Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004 [2002].

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Charles Bally, Albert Sechehaye; colaboração de Albert Riedlinger (org.). Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SAUSSURE, F. de. *Science du langage*. De la double essence du langage et autres documents du ms. BGE Arch. De Saussure 372. Éditions critique partielle mais raisonné et augmentée des Écrits de linguistique générale, établie par René Amacker, Genéve, Droz. 2011.

STAWINSKI, A. V. *O aspecto fônico da língua:* uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana. 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/140177. Acesso em: 25 out. 2020.

STAWINSKI, A. V. *À escuta da langue-parole:* considerações a partir da teoria saussuriana. 2020. 186 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

STAWINSKI, A; MILANO, L. Sobre objeto e método: do CLG ao manuscrito Phonétique. In: *Gragoatá*, Niterói, v.22, n. 44, p. 1172-1183, set.-dez. 2017.

UTAKER, A. *La philosophie du langage*: une archeologie saussurienne. Limoges: Lambert-Lucas, 2016.

# Capítulo 6

## Rumo ao encontro de Saussure

*Maria Fausta Pereira de Castro*

A língua, coisa em si sem relação com a massa humana existente, é indissoluvelmente ligada à massa humana.
(Saussure, Ms fr. 3951-22).

## À guisa de Introdução

O título deste trabalho nasceu de uma palestra ministrada em 2016 e foi motivado pelo fato de a apresentação ter ocorrido como participação em uma mesa-redonda intitulada "Leituras saussurianas contemporâneas"[70], o que nos lança ao mesmo tempo na leitura de Saussure e no compromisso com o contemporâneo.

O filósofo Giorgio Agamben (2008, p. 7)[71], em uma aula inaugural do curso de Filosofia Teórica, em 2005-2006, se pergunta: "De quem e do que somos contemporâneos?"

Já na primeira página, Agamben alerta para um movimento necessário: ao pensar a contemporaneidade, somos obrigados a ler desde textos de épocas longínquas até aqueles mais recentes. Em qualquer caso, o importante é que possamos nos fazer de certa maneira contemporâneos dos textos e dos autores examinados. "Rumo ao encontro de Saussure" é assim uma aspiração à contemporaneidade no encontro com o genebrino.

[70] VII Jornada de Letras, Universidade Federal Fluminense (UFF), 4 de outubro de 2016.
[71] Trata-se da tradução francesa do original em italiano.

Por outro lado, caminhar com Saussure na leitura de sua obra é, de certo modo, ser levada a reconhecer mais um aspecto da contemporaneidade mencionado por Agamben, ao se referir a uma reflexão de Nietzsche em "*Considérations inactuelles*" (1874)[72]: quem pertence ao seu tempo, o verdadeiro contemporâneo, não coincide perfeitamente com ele: "nem adere a suas pretensões e se define nesse sentido como inatual" (AGAMBEN, 2008, p. 10). Por essa razão, continua Agamben, por esse modo de distanciamento, por esse "anacronismo", a não coincidência perfeita torna aquele contemporâneo mais apto que os outros à apreensão do seu tempo. Imagem perfeita da posição saussuriana com relação à ciência linguística da época, em um diálogo do qual participou com espírito crítico e renovação. Nesse sentido, o *Cours de linguistique générale*[73], publicado em 1916, teve um papel maior na fundação da linguística como ciência e o efeito irradiador do pensamento saussuriano vai além: ultrapassa a fronteira da linguística para conhecer uma fortuna crítica extraordinária nas ciências humanas em geral e, particularmente, na psicanálise e na antropologia.

Lembramos, por outro lado, e a título exemplar, um marco da contribuição de Saussure em seu trabalho como comparatista. Milner (1989), ao observar o caráter "notável" da combinação entre contingência e necessidade nas leis fonéticas formuladas pelos neogramáticos, chama a atenção para a solução apresentada por Saussure no enfrentamento desse paradoxo.

> No quadro da interrogação geral, que Saussure dirigia à gramática comparada, é sobre esse ponto particular que ele empenhou seu esforço máximo. Conhecemos sua resposta: ela é formulada em termos de signo e arbitrário do signo. Graças a essas noções, ele foi capaz de resolver o que poderíamos chamar o paradoxo da gramática comparada: não há contradição entre o caráter contingente das formas fônicas e a constância de suas relações e, mais do que isso, só a contingência das formas fônicas permite

[72] *Unzeitgemässe Betrachtungen* (*Considerações inatuais*), inicialmente citado no original com tradução para o italiano, para o francês na presente edição (Agamben, 2008: 8-9) e, finalmente, para o português pela autora. Todas as demais citações de Agamben, e dos demais autores não traduzidos, serão também de nossa tradução.
[73] De agora em diante, CLG. Ver nas referências as edições críticas mencionadas (1989 e 2005).

> explicar a constância de suas relações (MILNER, 1989, p. 96, tradução da autora).[74]

Quanto ao debate atual da ciência linguística, ao acompanhar Saussure, o estudioso acata de certo modo a inatualidade de que fala Agamben.

Daniele Gambarara, então presidente do *Cercle Ferdinand de Saussure*, em entrevista concedida a Rosa Figueira para o Jornal da Unicamp, durante a III Jornada de Estudos Saussurianos (2016), oferece uma breve reflexão sobre a questão. Seguem pergunta e resposta, tais como publicadas em *Leitura* (2019):

> **J.U**. Em seu artigo *Un Texte Original*, no qual apresenta a edição integral do último curso de linguística ministrado por Saussure em 1910-1911 em Genebra (*Cahiers Ferdinand 58,2005)*, o senhor afirma que é preciso ler Saussure (não somente relê-lo) para sair da crise da linguística atual.
>
> **D.G**. As grandes escolas da linguística atual me parecem cansadas: o funcionalismo, o gerativismo, o cognitivismo... Elas mostram uma prevalência de repetição e de fechamento. Assim, ler Saussure, lê-lo realmente, lentamente e refletindo sobre o que se lê, nos novos documentos mais importantes, significa deslocar-se, dando um passo, não para trás, mas para o lado. Escapar do círculo da crise. (GAMBARARA, 2018, p. 423).

De nossa parte, o passo é dado no sentido de percorrer com Saussure o universo das indagações sobre a aquisição de linguagem pela criança.

## 1 Lendo Saussure: a língua é social em sua essência

A expressão aquisição de linguagem remete à passagem do *infans*, aquele que não fala, para sujeito falante de uma língua que chamamos materna. Diante dessa mudança, que os leigos veem como natural, apostando nesse vir-a-ser falante, investigadores de diversas áreas se perguntam como pode uma criança vir a falar.

[74] Ver também a esse respeito De Lemos (2006).

Unidos pelo compromisso com uma mudança radical, caracterizada pelo fato de o *infans* passar a falar, os estudos em aquisição de linguagem lidam explícita ou implicitamente com dois fatos irrefutáveis: não há aquisição sem o encontro com uma língua ou línguas que vêm pela fala do outro, e a fala da criança não coincide com a do adulto; pode-se dizer que ela é uma fala particular, com características também particulares, muitas vezes fragmentária e incompleta.

As hipóteses construídas com base nesse problema são bastante distintas e se constituem a partir de questões teórico-metodológicas não só diversas, como também inconciliáveis no modo como encaram a relação do *infans* com a língua que o antecede na cultura.

Os gregos dividiam as realidades observáveis de acordo com a *phusis e thesis*, e as expressões adverbiais *phusei e thesei* "determinavam assim duas rubricas próprias a esgotar o conjunto do sistema do mundo" e que se traduzem por "segundo a natureza e segundo a convenção", respectivamente (MILNER, 2002, p. 181).

No quadro dessa ampla divisão, que deve sempre receber dos estudiosos o exame e a determinação do que significa "em cada texto e em cada período, cada uma dessas dicotomias e notadamente a dicotomia *phusei* e *thesei"* (MILNER, 2002, p. 181), podemos dizer que a linguística inaugurada por Saussure é a única a oferecer uma hipótese não naturalista da linguagem humana, sem entretanto considerar essa última do ponto de vista comportamental ou mesmo construtivista, por patamares de desenvolvimento ou conhecimento.

No prefácio do livro *On nature and language,* de Noam Chomsky (2002), Belletti e Rizzi estabelecem a dicotomia entre o que consideram os dois principais paradigmas da ciência linguística: o modelo saussuriano da língua como um "objeto social" e, de outro lado, o que consideram a virada promovida pela gramática gerativa, que toma a linguagem como um objeto natural, ou um "objeto biológico", nas palavras do próprio Chomsky.

Em 1891, data provável das conferências proferidas por Saussure para dar início aos cursos na Universidade de Genebra, o problema da dicotomia *phusei/thesei* estava no escopo das questões tratadas.

> (...) houve, Senhores, como sabem, um tempo em que a ciência da linguagem tinha convencido a si mesma de que era uma ciência natural, quase uma ciência física; eu não pretendo demonstrar como

> isso era uma profunda ilusão de sua parte, mas, ao contrário, constatar esse debate encerrado e bem encerrado. À medida que se compreende melhor a verdadeira natureza dos fatos de linguagem, tão próximos a nós, mas, na mesma medida, tão difíceis de captar em sua essência, tornou-se mais evidente que a ciência da linguagem é uma ciência histórica e nada além de uma ciência histórica (SAUSSURE, 2004 [2002], p. 130).

Ou ainda, ao criticar a visão de Abel Hovelacque:

> Lê-se em uma das primeiras páginas de uma obra de Hovelacque[75] sobre a linguística: A língua nasce, cresce, definha e morre, como todo ser organizado. Essa frase é absolutamente típica da concepção tão difundida, mesmo entre os linguistas, que é combatida à exaustão e que levou diretamente a fazer da linguística uma ciência natural. Não, a língua não é um organismo, ela não é uma vegetação que existe independentemente do homem, ela não tem uma vida que implique um nascimento e uma morte. Tudo é falso na frase que eu li: a língua não é um ser organizado, ela não morre por ela mesma, ela não definha, ela não cresce, na medida em que não tem uma infância, assim como não tem uma idade madura ou uma velhice e, por fim, ela não nasce, como vamos ver (SAUSSURE, 2004 [2002], p. 135).

A questão está ainda posta no capítulo III da Introdução do CLG (SAUSSURE, 2008 [1916], p. 22): a língua é um objeto social, ela "não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação (...)".

Ao examinar a edição crítica do *Curso* por Engler (1989), pode-se observar que essa passagem é acompanhada por notas dos estudantes, muito semelhantes entre elas. A expressão faculdade da linguagem está presente, mas em um sentido distante, ou mesmo inverso, daquele formulado no paradigma chomskiano: a língua é condição necessária para a faculdade da linguagem. Cito, a esse respeito, Constantin: "[ Língua ] passiva e residindo na coletividade. Código social organizando a linguagem e formando o instrumento necessário ao exercício da faculdade da linguagem"

[75] Sem indicação bibliográfica. Provavelmente, trata-se de *La Linguistique,* vol. 2 de Bibliotèque des Sciences Contemporaines. C. Reinwald et cie (1887). Como se trata de uma hipótese, essa referência não constará da bibliografia.

(SAUSSURE/E, IIIC 270, p. 41). Essa passagem é acompanhada por uma nota pessoal de Saussure sobre a independência da língua na sua relação com o ato individual do sujeito falante: "a língua é consagrada socialmente e não depende do indivíduo" (SAUSSURE/E. N22.1[3331], p. 41).

Um tal conjunto de reflexões de Saussure e notas dos alunos mostram o seu objetivo ao estabelecer os princípios do programa dos cursos de Linguística Geral. São reflexões dirigidas a um auditório, no início da sua atividade na Universidade de Genebra – as conferências – , mas estão também presentes no curso III, momento final da atividade de Saussure na universidade. Além disso, há a nota do professor, sempre de grande valor documental, porque, como se sabe, Saussure destruiu grande parte de suas notas dos cursos.

A direção dos argumentos mencionados é uma só: a língua como objeto social exercendo sua força pela massa falante.

Tal cenário é a porta para as indagações sobre a aquisição da língua materna pela criança. No trajeto de um vir a ser falante, a disparidade evidente entre o adulto e o estado de prematuridade do *infans* convoca a teoria: qual o efeito da incidência da fala do adulto – instância do funcionamento da massa falante – sobre o corpo do prematuro *infans?*

Como resposta a essa indagação, lembramos aqui a reflexão de De Lemos (2000, p. 2002), que toma a passagem do *infans* a sujeito falante como uma captura e, a partir do pensamento de Saussure sobre a mudança linguística, que tem origem na fala, formula uma crítica radical à noção de desenvolvimento no campo da aquisição de linguagem. O sentido de "captura" está também compreendido em Lacan (1975, p. 188) ao considerar a língua materna como uma "ocupação de cada um de nós".

A reflexão de Saussure nos mostra a possibilidade de tratar a aquisição de linguagem também como uma mudança; suspendemos assim a noção de aquisição e nos aproximamos de uma interrogação sobre o devir do *infans,* sob o efeito da língua em funcionamento na massa falante. Em um dos raros momentos em que Saussure menciona a fala da criança, ele o faz para dizer que em momento algum a gênese difere da vida da linguagem.

> A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante ela é uma instituição atual e um produto do passado. Parece fácil, à primeira vista,

> distinguir entre esses sistemas e sua história, entre aquilo que ele é e o que foi; na realidade, a relação que une ambas as coisas é tão íntima que se faz difícil separá-las. Seria a questão mais simples se se considerasse o fenômeno linguístico em suas origens; se, por exemplo, começássemos por estudar a linguagem das crianças? Não, pois é uma ideia bastante falsa crer que em matéria de linguagem o problema das origens difira do das condições permanentes; não se sairá mais do círculo vicioso, então (SAUSSURE, 2008[1916], p.16).

De Mauro (2005) tece considerações sobre o trabalho dos editores, que teriam reformulado o pensamento saussuriano ao apresentá-lo nesse excerto. Entretanto, a reorganização das passagens não parece alterar o espírito do trecho, como se pode ver em Engler (1989). Além do mais, no mesmo volume, a nota N12 atesta o trabalho dos editores, como se lê a seguir:

> ORIGEM DA LINGUAGEM[76]: Inanidade da questão para quem abraça uma ideia justa do que é um sistema semiológico e de suas condições de *vida*[77], antes de considerar suas condições de gênese, p.000.< não há nenhum momento em que a gênese **difira** caracteristicamente da *vida* da linguagem, e o essencial é ter compreendido a vida. > (SAUSSURE/E N12, [sequência 3299], grifos do autor).

A lição a tirar dessas duas passagens é clara: a fala da criança, apesar de sua heterogeneidade, se comparada à do adulto, torna visível o funcionamento da língua na sua ordem própria, pois as condições permanentes já estão presentes: desde as primeiras palavras a língua se impõe por suas relações internas.

Tais são, pois, as condições para que a língua materna se instale. De fato, a criança não chegará a falar se não for enlaçada pela fala do outro: os pais, os adultos, a massa falante. Nesse movimento é possível reconhecer as relações estruturais entre a fala do outro materno e a da criança, que se vê enredada pela linguagem porque foi tocada pelo valor performativo da invocação materna.

---

[76] Em caixa alta no texto.
[77] Em itálico no texto, assim como as outras alterações gráficas.

## 3 À escuta da fala da criança: extraindo conclusões[78]

Em certas situações, como a que vou tratar aqui, é preciso admitir que materialidades linguísticas diversas, oriundas de mais de uma língua, participam da constituição da língua materna. Nesses casos, o sujeito falante seria o efeito de um cruzamento de línguas, apesar do fato de que ele possa, até mesmo, ignorar esse saber.

A partir dessas hipóteses de partida, é possível abrir uma discussão sobre a noção de língua materna baseada em experiências temporárias, ou mesmo contínuas, vividas por crianças em contato com mais de uma língua ao longo do seu processo de aquisição de linguagem.

Do ponto de vista fenomênico, essa questão será tratada a partir de um pequeno excerto da fala de uma criança franco-brasileira. De que modo se pode dizer que a teorização saussuriana responde ao desafio lançado por essa fala entre o português do Brasil e o francês?

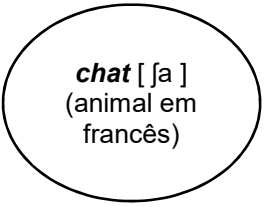
A criança em questão é um menino, filho de mãe francesa nascida no Brasil e avós franceses, que moram também no Brasil. Seu pai, porém, é brasileiro, de família brasileira. Com três anos, a criança já frequentava uma escola francesa em S. Paulo, mas a professora pediu que a mãe lhe falasse mais em francês porque o seu léxico era ainda bastante restrito.

Tomo para análise apenas duas pequenas cenas que nos dizem sobre o que se passa entre a fala da mãe e a da criança.

Na primeira, aproveitando uma estada na praia, a mãe ensina ao menino algumas palavras, como o nome de bichos, entre eles **chat**, gato em francês**.**

[78] Essa análise retoma aquela contemplada em Pereira de Castro (2016), "Sur Saussure et la portée de sa pensée", que consta nas referências deste trabalho.

Figura 1. *Chat*




Fonte: Elaborado pela autora.

A segunda cena se desenrola algumas horas mais tarde, quando a família está reunida em volta da mesa e a mãe sugere ao menino que conte à avó paterna as palavras que aprendeu em francês, por exemplo, o nome em francês para gato. A criança pensa alguns segundos e responde sem hesitar: **café.**

Qual o percurso realizado pelo menino? De onde vem **café?**

Antes de tudo, é preciso observar que a resposta ignora a relação referencial com o objeto, com o animal **gato.** Saussure, em sua obra, afirma, em diversas ocasiões, que a língua não é uma nomenclatura. Cito uma dessas passagens, particularmente ligada à fala da criança.

> (...) a lei absolutamente final da linguagem é que nela nada há que possa residir em *um* termo (em consequência direta do fato dos símbolos linguísticos não terem relação com o que devem designar) que ***a*** é impotente para designar qualquer coisa sem a ajuda de ***b***, como este sem a ajuda de ***a***; ou que os dois valem por sua *diferença* recíproca, ou que nenhum deles vale, nem mesmo por uma parte qualquer de si mesmo (...) senão por esse mesmo plexo de diferenças eternamente negativas. Nós nos admiramos. Mas onde estaria, na verdade, a possibilidade do contrário? Onde haveria, por um único instante, um ponto de raciocínio positivo em toda a linguagem, já que não há nenhuma imagem vocal que corresponda, mais do que as outras, ao que está encarregada de dizer? (SAUSSURE, 2004, p. 188).

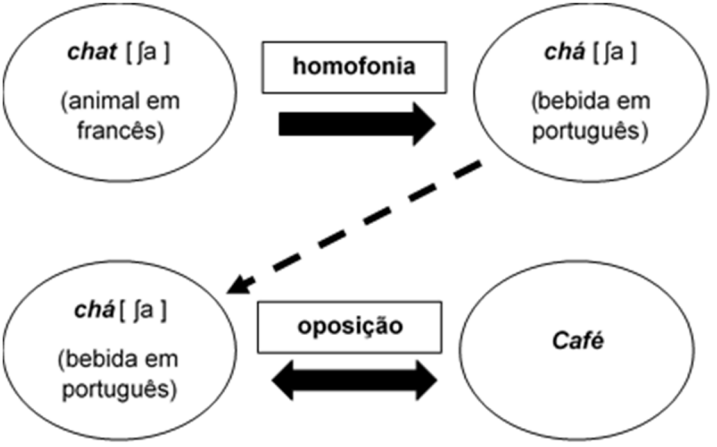
No jogo de nomeação entre a mãe e a criança, a relação significante/significado não sofre uma *mise em système,* isto é, o signo ***chat* [ ʃa ]** não está em um jogo de oposição a outros signos, de onde pode receber seu

valor e sentido. Ainda que o nome tenha sido ensinado no universo do discurso, em um diálogo entre mãe e criança, esse signo permanece isolado sem ser definido pelo que o envolve e, portanto, sem a determinação recíproca dos valores.

O significante dá então início a uma trajetória inusitada, mas não absurda, se se leva em conta o seu deslocamento entre as línguas, como uma dobra entre o francês e o português. De fato, por uma associação fônica entre ***chat*** **[ ʃa ]** – animal em francês – e **chá [ ʃa ] –** bebida em português –, se estabelece um cruzamento de sistemas por homofonia. Despojado de seu valor, e por isso do seu significado, o significante ***chat*** sofre um deslizamento que não respeita as barreiras linguísticas: ao contrário, uma língua chama pela outra, o que nos faz "tocar com o dedo o jogo do mecanismo linguístico" (Saussure/E, CLG, p. 375, verso) em um funcionamento muito particular, já que põe em relação dois sistemas de língua.

Mas, como vimos, o deslizamento não se limita à relação por homofonia entre as duas palavras em francês e português – **chat** e **chá.** Essa primeira associação foi o motivo para que a fala da criança se deslocasse na rede associativa em direção à resposta final: **café –** o que podemos ler como "se não é **chá (bebida)**, então é **café (bebida).** Pela relação por oposição entre os dois termos e na relação da criança com as duas línguas, seria plausível dizer que o português é nesse momento dominante. Entretanto, a dominância não é obstáculo para que o francês e o português se entrelacem de outro modo; é a *lalíngua* em ação, enquanto tecido da língua materna, língua matriz do ser falante.

Figura 2. Deslizamento
Fonte: Elaborado pela autora.




Ao falar das relações associativas, Saussure afirma que os grupos formados por associação mental

> Não se limitam a aproximar os termos que apresentem algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam (...), a associação pode se fundar também apenas na analogia dos significados ou, ao contrário, na simples comunidade das imagens acústicas (...). Uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra. (SAUSSURE, 2008, p. 145-146, grifo nosso).

É possível verificar na edição crítica do CLG por Rudolf Engler que esse último caso – o trecho sublinhado na citação – provoca uma observação dos editores do *Curso*, preocupados em afirmar que isso "pode passar por anormal, pois o espírito afasta naturalmente as associações próprias a perturbar a inteligência do discurso". Mas elas existem, eles admitem, e podem ser observadas no jogo de palavras que resultam da "homonímia pura e simples" (SAUSSURE/E, p. 287, verso).

Deixo de lado a preocupação normativa dos editores para reconhecer a vastidão das associações possíveis no tesouro da língua e suas relações no

eixo sintagmático. Riedlinger (um dos alunos dos cursos) recorre a uma metáfora para falar do eixo associativo, em que mentalmente existem "como em uma nuvem <pensada na consciência latente> todas as outras possibilidades que podem se unir por associação" (SAUSSURE/E I R96, p. 202, verso).

O papel da relação entre a rede latente e a cadeia manifesta, sintagmática, tal como estabelecido por Saussure, foi claramente reconhecido na linguística, na psicanálise e em outros domínios de estudo. Jakobson (1988) retoma as relações sintagmáticas e associativas em termos de procedimentos da metáfora e da metonímia, ligando-os aos mecanismos inconscientes descritos por Freud ao aproximar o deslocamento da metonímia (e o simbolismo da condensação).

Lacan, retomando e desenvolvendo essas indicações, assimila a condensação à metáfora. É sobretudo ele que por diversas vezes liga a obra de Freud às leis da linguagem tais como foram estabelecidas por Saussure (2005, p. 39-40).

Nos livros fundamentais de Freud – sobre os sonhos, sobre a psicopatologia da vida cotidiana, sobre o chiste –, o fator comum, diz Lacan, são os tropeços da fala, os vazios no discurso, o jogo de palavras, os trocadilhos e os equívocos. E continua o autor:

> " (...) ao abrir qualquer página do livro sobre o sonho, vocês não verão ali senão o tema das palavras. Vocês verão Freud falar de tal forma que perceberão que lá estão escritas com todas as letras, exatamente as leis da estrutura que o Snr. de Saussure difundiu através do mundo" (LACAN, 1975, p. 40).

Essas observações de Jakobson e de Lacan, às quais devemos acrescentar aquela de De Mauro (2005, p. 469), para quem a teoria freudiana dos *lapsus linguae* pode ser considerada uma confirmação clínica da hipótese linguística de Saussure, mostram que os leitores de Saussure e de Freud, e posteriormente de Lacan, dificilmente silenciam sobre os pontos de convergência ou divergência entre a psicanálise e a teorização saussuriana. Entre Saussure e Freud surgem as questões sobre a noção de inconsciente no *corpus* saussuriano, problema trabalhado com frequência por Michel Arrivé, entre outros pesquisadores.

Conhecemos a distinção entre o termo inconsciente, enquanto adjetivo, que corresponde ao que Freud nomeia "inconsciente descritivo" ou "conteúdos não conscientes" – usado em grande parte por Saussure em suas reflexões – e o uso da mesma palavra como substantivo, que designa o sistema psíquico dos conteúdos recalcados, o "inconsciente tópico". Entretanto, é preciso assinalar de todo modo a pertinência da observação de Arrivé a propósito de um segmento vindo dos manuscritos saussurianos (o mesmo de que já citei em um outro segmento) e em que se pode dizer que o "inconsciente tópico" está posto. Os objetos linguísticos estão mencionados como recalcados, incapazes de atingir o nível da consciência; essa última percebe apenas a diferença entre eles. Cito Saussure:

> Não se vê com muita facilidade, mas com igual clareza depois de se refletir, que é precisamente porque os termos ***a*** e ***b*** são radicalmente incapazes de chegar como tais às regiões da consciência – que percebe apenas a *diferença a/b* – que cada um desses termos fica exposto (ou se torna livre), no que lhe diz respeito, a se modificar conforme leis diferentes daquelas que resultariam de uma penetração constante do espírito. (SAUSSURE, 2004, p. 188).

Ler esse excerto com o conceito freudiano de recalque, pedra angular que funda todo o edifício da psicanálise, permite-nos também caminhar para uma reflexão sobre o papel do recalque em um fenômeno frequente na linguagem, segundo a teorização saussuriana, a saber: o esquecimento. É o próprio Freud que, em numerosos trabalhos, e tratando de questões clínicas diversas, estabelece a relação necessária entre o mecanismo de recalque e o esquecimento, o que nos permite reconhecer a amplitude da pertinência da reflexão saussuriana por atribuir ao esquecimento um papel na mudança ou criação linguística. É possível reconhecer a afinidade entre o que é formulado sobre o esquecimento na língua e na literatura oral, como as lendas e a recitação poética, por exemplo. É o que se pode ler nos escritos de Saussure compilados e comentados por Marinetti e Melli (1986), Gandon (2002), Choi (2002), Testenoire (2012) e no meu próprio trabalho (PEREIRA DE CASTRO, 2016).

O fenômeno do esquecimento é um princípio de transformação comum à literatura rapsódica e à língua. A necessidade de reparar o esquecimento comum na poesia oral "entra em ressonância com a explicação das

mudanças gramaticais desenvolvida nos cursos de linguística geral" (TESTENOIRE, 2012, p. 75).

Volto à aquisição de linguagem em que a questão do esquecimento é também essencial. Segundo Saussure, as analogias ou outras formas de criação da linguagem infantil não são adotadas pela comunidade e nossa hipótese é que o sistema de valor em funcionamento na massa falante produz sobre essas formas uma mudança radical, isto é, o esquecimento da fala infantil pela aquisição da língua materna (PEREIRA DE CASTRO, 2010).

Em outras palavras, erros ou variações, característicos da linguagem infantil, não seriam um agente de mudança linguística porque a aquisição de linguagem – ela mesma um processo radical de mudança – promove o esquecimento e a perda desses erros e variações. À medida que a linguagem da criança se aproxima da do adulto, imagem da massa falante, a criança esquece o passado, os estados intermediários (isto é, como ela falava antes); ela passa a se situar como sujeito falante em um estado de língua.

É nesse sentido, a meu ver, que se deve compreender a afirmação saussuriana: "Na realidade, a língua é sobretudo alguma coisa a se submeter, não alguma coisa de que se é mestre" (CLG/E 1183, G 1.3b).

## Referências


AGAMBEN, G. *Qu'est- ce que le contemporain?* Paris: Éditions Payot & Rivages, 2008.

CHOI, Y-H. *Le problème du temps chez Ferdinand de Saussure*. Paris: L'Harmattan, 2002.

DE LEMOS, C.T.G. Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na aquisição de linguagem. In: LIER-DE VITTO, M.F. e ARANTES, L. *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: Fapesp/ Editora PUCSP, 2006, p. 21-32.

DE LEMOS, C.T.G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas, n. 42, 2002, p. 41-69.

FIGUEIRA, R, A. Para linguista, ler Saussure é escapar do círculo da crise. Entrevista com Daniele Gambarara. *Leitura*, Maceió, v. 1, n. 62, 2019, p. 422-425.

GANDON, F. *De dangereux édifices*. Saussure lecteur de Lucrèce. Les cahiers d'anagrammes consacrés au De rerum natura. Louvain–Paris: Éditions Peeters, 2002.

LACAN, J. *Mais, ainda*. São Paulo: Zahar Editores, 1975.

LACAN, J. *Mon enseignement*. Paris: Seuil, 2005.

MILNER, J.C. *Le périple structural:* figures et paradigmes. Paris: Seuil, 2002.

MILNER, J.C. Introduction à une science du langage. Paris: Seuil, 1989.

PEREIRA DE CASTRO, M.F. Explorando a hipótese saussuriana sobre o esquecimento na língua e na literatura**.** IN: SOUZA, L.M.; NAGEM, G; BALDINI, L. *A palavra de Saussure.* São Carlos: Pedro & João, 2016.

SAUSSURE, F. de. Sur Saussure et la portée de sa pensée. In: GAMBARARA, D. e REBOUL, F. *Travaux des colloques Le Cours de Linguistique Générale, 1916-2016*. L'émergence, le devenir. Genève: Cercle Ferdinand de Saussure, 2016a.

SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*. Édition critique par Rudolf Engler, Wiesbaden : Otto Harrassowitz, v. 1, 1989 [1968].

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral.* São Paulo: Cultrix, 2008.

SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique Générale.* Édition critique par Tullio de Mauro Paris: Payot, 2005.

SAUSSURE, F. de. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAUSSURE, F. de. *Le legende germaniche*. Edição comentada por Anna Marinetti e Marcello Meli. Este: Libreria Editrice Zielo, 1986.

TESTENOIRE, P.Y. En quoi Saussure peut-il nous aider à penser la littérature? *Linguistique et Littérature, I* – Saussure. Pau: Presses de L'Université de Pau et de Pays de L'Adour, 2012, p. 61-77.

Capítulo 7

# O conceito de dialeto em Saussure: convergências e divergências

*Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor*

## Introdução

Este texto tem como objetivo geral analisar o conceito de dialeto em Ferdinand de Saussure (1857-1913). Para isso, suas ideias serão colocadas em paralelo à conceituação de William Dwight Whitney (1827-1894), haja vista que ambos teceram considerações sobre o assunto em momentos distintos, o que permite a análise do percurso referente ao tema. O estabelecimento de um paralelo entre Saussure e Whitney não é aleatório. Além de, algumas vezes, terem tratado de temas semelhantes, há concepções, como destaca Gambarara (2007, p. 255), que entendem Whitney como credor de algumas concepções saussurianas. Esse é um ponto que, evidentemente, convém analisar com precisão.

Posto isso, vale frisar que os cursos ministrados por Saussure na Universidade de Genebra (1907-1911) deram origem, a partir das anotações de seus alunos, ao *Curso de linguística geral* (doravante, CLG) [*Cours de linguistique générale*, 1916]. Essa obra conta com capítulos que discorrem sobre diversos temas relevantes aos estudos da linguagem daquela época e que, ainda hoje, são pertinentes. Dentre eles, podem ser citados os referentes à "Linguística Geográfica" (SAUSSURE, 2006, p. 221-245), parte que desenvolve pontos importantes sobre a diversidade das línguas.

Esse tema também foi tratado por Whitney, linguista norte-americano bastante conhecido por seus estudos relativos ao sânscrito. Uma de suas obras mais mencionadas é *A vida da linguagem* (2010) [*The life and*

*growth of language*: an outline of linguistic Science, 1875], texto que trata de temas como variação, mudança e dialeto. Sabe-se que o trabalho de Whitney é citado no CLG (2006 [1916], p. 11); desse modo, para além do conhecimento acerca de tal contato, é importante colocar em paralelo, sem prescindir do contexto histórico, as duas obras mencionadas e buscar convergências e divergências entre as ideias desses autores no que tange à discussão em torno dos dialetos.

## 1 Breve retrospecto da dialetologia

Antes de expor as considerações de Whitney e Saussure sobre os dialetos, é importante destacar que esse tema ocupa a atenção dos estudiosos da linguagem há muito tempo. Um dos registros mais conhecidos desse interesse diz respeito aos trabalhos desenvolvidos durante o século XIX, período em que as singularidades linguísticas e comunicacionais regionais eram bastante distintas das hodiernas, conforme explica Cardoso (2001, p. 26):

> Os estudos dialectológicos propriamente ditos iniciam-se num momento da história, século XIX, em que a individualidade geográfica de cada região estava resguardada seja pelo isolamento decorrente da frágil rede de estradas, seja pela dificuldade de comunicação, seja, ainda, pela inexistência de meios tecnológicos que permitissem a interação à distância entre as diferentes áreas, mas resultaram, principalmente, da preocupação com o resgate de dados e a documentação dos diferentes estágios da língua [...] (CARDOSO, 2001, p. 26).

Cardoso cita Rousselot para explicitar as demandas emergentes do contexto dialetológico: "Cada ano que passa leva consigo sons, construções, palavras cuja perda é irreparável. Devemos, portanto, nos apressar em salvar o que foi poupado até agora" (ROUSSELOT, 1887 apud CARDOSO, 2001, p. 26). Em suma, sob essas demandas, surgiu a dialetologia, que Câmara Jr. (1974, p. 140) define como "[e]studo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços linguísticos dos dialetos". Cardoso (2001, p. 27) pontua que o início da dialetologia é marcado por dois trabalhos que continham diretrizes que passaram a nortear os estudos dessa área, quais sejam: "o

levantamento de dados da realidade alemã feito por Wenker e a recolha sistemática para o *Atlas Linguistique de la France* (*ALF*), obra de Gilliéron e Edmont" (CARDOSO, 2001, p. 27).

Ambos os trabalhos são citados por Saussure (2006 [1916], p. 234), o que reforça esse reconhecimento entre os linguistas. Além disso, aspectos metodológicos evidenciados nesses trabalhos se tornaram referências valiosas para a Geografia Linguística. Em relação a esta, é relevante citar Câmara Jr. (1974, p. 140, grifo do autor):

> A técnica mais moderna de pesquisa e exposição em dialetologia é a chamada GEOGRAFIA LINGUÍSTICA, que consiste em levantar mapas da distribuição geográfica de cada traço linguístico dialetal; o conjunto desses mapas constitui o ATLAS LINGUÍSTICO do território estudado. (CÂMARA JR., 1974, p. 140, grifo do autor).

Os cursos ministrados por Saussure em Genebra, que deram origem ao CLG (2006 [1916]), ocorreram em um período muito próximo à publicação dos atlas supracitados. Nesse sentido, o diálogo que Saussure (2006 [1916]) desenvolve conta com resultados e experiências recentes obtidas nesses e em outros trabalhos similares. Whitney se encontra em outro contexto histórico, mais próximo à Gramática Comparada e à Neogramática, e mais distante da publicação dos atlas linguísticos e do debate específico que circundaram tais trabalhos no início do século XX.

## 2 Os dialetos segundo Whitney

Como já mencionado, Whitney foi um linguista norte-americano considerado um dos estudiosos de sânscrito mais destacados de sua época, haja vista a publicação de obras de elevada importância no âmbito linguístico durante a segunda metade do século XIX. Como professor de Sânscrito e Filologia Comparativa na Universidade de Yale, Whitney conduziu extensas pesquisas e publicou vários trabalhos. Estes eram bastante complexos, pois incluíam edições e traduções de textos escritos em formas antigas do sânscrito.

Além disso, Whitney atuou como editor de reconhecidos dicionários da língua inglesa. Ainda que seja difícil discernir em uma comparação qual

de suas obras é a mais importante, é possível afirmar que seu texto de maior destaque no âmbito dos estudos da linguagem foi *The Life and Growth of Language* (1875), obra escrita e publicada primeiramente em inglês e, em seguida, convertida, por ele mesmo, para a língua francesa, denominada *La vie du langag*e.

Para a escrita deste texto, as informações foram buscadas na versão inglesa (WHITNEY, 1875) e na tradução brasileira da respectiva obra (WHITNEY, 2010). Especificamente, o enfoque será dado ao capítulo IX – *Os dialetos: variações da linguagem segundo as classes e as localidades* (WHITNEY, 2010, p. 149-169). Nessas páginas, ao discorrer sobre os dialetos, Whitney desenvolve considerações sobre questões geográficas, classes sociais, profissão, idade, grau de instrução/educação, cultura, sentimento nacional, literatura etc. A abordagem de tais temas tem como motivador, evidentemente, o estudo teórico da língua, mas pode também ser associada à prática docente de Whitney.

Dentre os diversos aspectos análogos entre as trajetórias de Whitney e Saussure[79], pode-se citar a significativa dedicação à docência. O primeiro, principalmente em razão desse ofício, teve contato direto com uma diversidade linguística particular (Estados Unidos da América, século XIX), resultante, principalmente, do intenso fluxo de pessoas oriundas de diversas regiões, fator relevante quando se pensa nas variedades linguísticas.

A relação desses fenômenos com a questão dialetal tem como pano de fundo o caráter social da língua. A partir desse princípio, Whitney considera em paralelo o papel do indivíduo e o papel da comunidade, ambos

[79] É interessante obervar a interpretação historiográfica de Labov acerca das "posições" de Whitney e Saussure no que tange aos estudos relativos à mudança fonológica e gramatical: "Tais mudanças são sensíveis à estratificação social e estilística da fala e à informação expressiva veiculada pela variação social e estilística? Temos de levar esses fatores em conta, a fim de entender as regularidades observadas na mudança linguística? Sobre essas questões, os grupos A e B divergem de forma radical, respondendo "sim" e "não", respectivamente. Sem querer causar excessiva violência a posições individuais, podemos alinhar no grupo A linguistas como Whitney, Schuchardt, Meillet, Vendryes, Jespersen e Sturtevant. No grupo B, encontraríamos Paul, Sweet, Troubetzkoy, Bloomfield, Hockett, Martinet, Kuryłowicz, Chomsky e Halle. Mas até agora ainda não situamos nessa dicotomia o mestre e colega de Meillet – Saussure. À primeira vista, a definição de *langue* de Saussure parece situá-lo francamente no grupo A [...]". (LABOV, 2008, p. 308).

compreendidos como forças, denominadas, respectivamente, centrífuga e centrípeta (WHITNEY, 2010 [1875], p. 157). Conforme explicitado por Faria (2020, p. 9):

> Ao abordar o tema da variação da língua a partir da consideração dos dialetos, Whitney propõe duas forças que, sob tensão, sustentariam os processos de mudança linguística: uma "força centrífuga" de variação centrada no indivíduo, que se explica a partir da constatação das diferenças relativas ao caráter, educação, constituição física etc. das pessoas e que explicaria "a não identidade na ação que cada um exerce sobre a língua que lhe foi transmitida" (p. 157); uma "força centrípeta" da comunidade que usa toda a sua força para manter a unidade da linguagem, contendo os indivíduos em suas "excentricidades" (p. 157). Trata-se, afinal, de forças sociais externas que incidem sobre a língua e perturbam a vida da linguagem. (FARIA, 2020, p. 9).

Se, por um lado, o indivíduo tem a capacidade de agir sobre a língua e, por conseguinte, sobre a comunidade, por outro, esta irá imprimir sobre aquele sua força, pois "ninguém escapa da influência das particularidades locais e pessoais de pronúncia, de fraseologia que, assim que elas se tornam muito pronunciadas, levam o nome de dialeto" (WHITNEY, 2010, p. 150). Percebe-se que Whitney já polariza em elementos geográficos e pessoais a constituição dos dialetos, mas, ao observar a citação a seguir, entende-se que o termo "locais" vai além das questões geográficas.

> Toda classe de homens tem suas diferenças dialetais, como, por exemplo, as formadas pelas diferentes profissões; cada ramo do comércio e da indústria, cada domínio de estudo e da ciência tem seu vocabulário técnico, suas palavras e suas frases, que são ininteligíveis para os leigos. O carpinteiro, o ferreiro, o mecânico, bem como o médico, o geólogo ou o metafísico pronunciam todos os dias palavras que, salvo as pessoas de sua profissão, ninguém compreende, a menos que seja alguém muito bem informado. (WHITNEY, 2010, p. 151).

A partir de teorias linguísticas ou sociolinguísticas da segunda metade do século XX, pode-se compreender que as "diferenças dialetais"

expostas por Whitney são aspectos distintos entre si que vieram a ser tratados por meio de metodologias, técnicas, categorias e conceitos diferentes em obras posteriores. Podem ser citados, por exemplo, Coseriu (1962), Calvet (2012) e Labov (2008)[80].

Para que se compreenda tal questão, é relevante discorrer sobre o conceito de *norma*, que emergiu no âmbito da linguística décadas após as considerações de Whitney (2010 [1875]) e que pode envolver ou elucidar algumas das "diferenças dialetais" supracitadas. Em suma, a *norma*, tal como difundida por Coseriu (1962), estaria localizada entre a *langue* e a *parole* saussurianas, e consistiria em uma padronização de usos coletivos da língua em determinados contextos. A referência ao termo *norma* em Whitney, conforme a citação a seguir, compreende unicamente a noção de *norma culta*:

> O surgimento de um sentimento nacional forte o bastante para implicar o culto do passado conduz ao respeito das ações e da língua dos antepassados e, com isso, faz aparecer uma literatura, que se torna a **norma** a partir da qual são julgadas todas as futuras tentativas de mudança na linguagem. (WHITNEY, 2010, p. 153, grifo nosso).

Em relação à *norma* coseriana, não se trata de unidade, mas sim de pluralidade de códigos empregados por diferentes grupos, ainda que pertencentes a uma mesma comunidade. Os usos de tais códigos são opcionais e convencionais, mas, na medida em que não são utilizados em uma situação real de comunicação de um grupo, pode haver incompreensão ou restrição relativa ao falante.

Este, ao desempenhar diversos papéis na sociedade, estará diante de normas coexistentes cujas origens podem ser: espaciais, sociais, etárias, profissionais etc. Os dialetos poderiam existir, por exemplo, como uma

[80] Como pode demonstrar uma análise do percurso dos estudos da linguagem ao longo do século XX, alguns temas (variação, mudança, norma etc.) foram revisitados pela Sociolinguística (cf. CALVET, 2012; LABOV, 2008). Tal retomada fez surgirem novas ideias sobre o aspecto social da língua, por vezes incompatíveis com a abordagem de Whitney. Labov (2008, p. 311) critica o fato de Whitney não analisar dados reais e se fundamentar em "experimentos imaginários" presentes em trechos como do *náufrago* e da *família Robinson* (cf. WHITNEY, 1910, p. 138, 405).

*norma* de origem espacial, ainda mais se for considerado que podem ser uma forma coexistente empregada por um grupo como aspecto identitário. Contudo, dialeto e *norma* não podem ser considerados sinônimos, pois,

> Do ponto de vista puramente linguístico, os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços linguísticos fundamentais. Cada dialeto não oferece, por sua vez, uma unidade absoluta em todo o território por que se estende, e pode dividir-se em SUBDIALETOS, quando há divergência apreciável de traços linguísticos secundários entre zonas desse território. (CÂMARA JR., 1974, p. 141).

Nesse sentido, a *norma* não estaria presa a questões fixas como o território, mas a aspectos sociais dinâmicos, como, por exemplo, a cultura e a ciência. Chega-se a essa conclusão, pois partiram dessas duas esferas a terminologia ou a metalinguagem das profissões mencionadas por Whitney, formas linguísticas que, segundo ele, impedem a compreensão adequada entre indivíduos de grupos diferentes.

Ainda que Whitney considere bastante a profissão como elemento relevante à variação linguística, ele também compreende o grau de instrução/educação, a cultura e a idade como agentes determinantes, conforme exposto a seguir: "[h]á ainda as diferenças em relação ao grau de instrução [...]. As pessoas instruídas têm à sua disposição toda uma série de palavras e de nomes [...]. Enfim, há as diferenças de idade que influem na maneira de falar [...]" (WHITNEY, 2010, p. 151).

Todas essas referências aos elementos que favorecem a variação linguística poderiam indicar certa confusão ou um encaminhamento à incompreensão entre os falantes. Quanto a isso, Whitney informa:

> E, no entanto, apesar de todas essas variedades, **a língua é uma só**: isto porque, embora aqueles que a falam possam não se entender nesse ou naquele assunto, há outros, mais familiares e de interesse comum, em torno dos quais eles podem debater. Como o objetivo imediato da linguagem é a comunicação do pensamento, a possibilidade dessa comunicação faz a unidade da linguagem. (WHITNEY, 2010, p. 152, grifo nosso).

Por fim, Whitney (2010, p. 159) irá afirmar que a estabilidade de uma língua "não permitiria que dela nascessem outras línguas". Nesse sentido, os dialetos originar-se-iam do desenvolvimento linguístico, que pode ser entendido como o próprio uso linguístico. Para Whitney, as influências da civilização e dos elementos não atribuídos a ela criam uma oposição relevante ao desenvolvimento linguístico, mas não podem ser compreendidas como decisivas para o ritmo do respectivo desenvolvimento.

## 3 Os dialetos no CLG

Saussure foi um professor e pesquisador genebrino cujas produções constituíram um divisor de águas no âmbito dos estudos da linguagem. A repercussão do CLG (SAUSSURE, 2006 [1916]) é a principal responsável por essa atribuição. O processo que deu origem a essa obra ajuda a compreender as similaridades entre as trajetórias de Saussure e Whitney, por conseguinte, auxilia a compreensão entre os respectivos pontos de vista.

O linguista genebrino chegou à Universidade de Genebra em 1891 para lecionar Sânscrito, Linguística Indo-europeia e Linguística histórica. Tornou-se professor titular de linguística em 1906 e, no intervalo de 1907 a 1911, ministrou três cursos de Linguística Geral nessa universidade, cujas anotações de aulas realizadas pelos alunos deram origem ao CLG (2006 [1916]). Se, por um lado, Saussure tinha em comum com Whitney o exercício da docência e o estudo do sânscrito, por outro, o contexto linguístico da Europa do século XX era bastante distinto do norte-americano.

Além disso, é preciso destacar que ambos nasceram no século XIX, mas Saussure era mais jovem e conheceu um estágio dos estudos dialetais mais proeminente em termos de publicações que o conhecido por Whitney. Uma prova disso são os autores e trabalhos citados por Saussure[81], assim como os tópicos discutidos, que parecem expressar estágios já consolidados do debate.

[81] "A pesquisa dos caracteres dialetais foi o ponto de partida dos trabalhos de cartografia linguística cujo modelo é o *Atlas Linguistique de la France*, de Gilliéron; cumpre citar também o da Alemanha, de Wenker" (SAUSSURE, 2006, p. 234).

O trecho do CLG (SAUSSURE, 2006, p. 228-237) abordado neste texto diz respeito ao capítulo três ("Causas da diversidade geográfica") da quarta parte, cujo tema é a Linguística Geográfica. O respectivo capítulo é subdividido em três partes: 1*)* "O tempo, causa essencial"; 2) "Ação do tempo num território contínuo"; 3) "Os dialetos não têm limites naturais". De antemão, já se percebe a importância que Saussure atribui ao tempo como causa da diversidade linguístico-geográfica, mas cada uma dessas partes requer uma discussão pormenorizada.

Saussure principia por elucidar que as diferenças em que se constroem os dialetos não são oriundas apenas dos aspectos espaciais. Aliás, "[p]or si só, o espaço não pode exercer nenhuma ação sobre a língua" (SAUSSURE, 2006, p. 229). O autor explica que o espaço é lembrado e o tempo é esquecido justamente porque este é menos concreto ou perceptível que o primeiro; contudo, é o tempo que "releva a diferenciação linguística. A diversidade geográfica deve traduzir-se em diversidade temporal [...] o esquema da diferenciação geográfica não fica completo senão quando projetado no tempo" (SAUSSURE, 2006, p. 229). O tempo consistirá no denominador comum de idiomas aparentados, e isso, para Saussure, é "um princípio de que o comparatista se deve imbuir se não quiser ser vítima de lamentáveis ilusões" (SAUSSURE, 2006, p. 230).

Tais considerações levam ao entendimento de que, para Saussure, a instabilidade da língua está sob influência eminente do tempo (SAUSSURE, 2006, p. 230), o que implica considerar a diversidade geográfica como um elemento secundário do fenômeno como um todo. Associada a esse aspecto, o genebrino compreende que a evolução linguística não ocorre de modo homogêneo por todo um território, pois "jamais se comprovou que uma língua se modificasse da mesma maneira na totalidade do seu domínio" (SAUSSURE, 2006, p. 230).

Saussure (2006, p. 230), ao conceder primazia ao tempo, contesta as influências relacionadas às diversidades de meio, de clima, de configuração do solo ou de costumes especiais. Assim, o condicionamento geográfico isoladamente não é determinante como pode aparentar inicialmente. Isso leva o genebrino a questionar o modo como se inicia e se desenvolve a diversidade que dá origem aos dialetos. Não é fácil deslindar esse modo, haja vista que conta com dois caracteres principais:

> 1. A evolução assume a forma de inovações sucessivas e precisas, que constituem outros tantos fatos parciais, suscetíveis de serem enumerados, descritos e classificados segundo sua natureza (fatos fonéticos, lexicológicos, morfológicos, sintáticos etc.). 2. Cada uma dessas inovações se realiza numa superfície determinada, em sua área própria. Das duas uma: ou a área de uma inovação abarca todo o território e não cria nenhuma diferença dialetal (é o caso mais raro) ou então, como acontece ordinariamente, a transformação não atinge senão uma porção do domínio, tendo cada fato dialetal sua área especial. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 231).

As colocações de Saussure (2006, p. 233) parecem contrariar uma concepção acerca dos dialetos que os interpretava como formas consolidadas e circunscritas a um território definido. O genebrino, como já mencionado, teve acesso a estudos que fundamentaram essa sua objeção ao caráter circunscrito ou natural dos dialetos, ao ponto de afirmar que:

> Desde que se começou a estudar cada fenômeno em si mesmo e a determinar sua área de extensão, foi mister substituir a antiga noção por outra, que se pode definir como segue: existem apenas caracteres naturais, não existem dialetos naturais; ou, o que vem a dar na mesma: existem tantos dialetos quanto localidades. (SAUSSURE, 2006, p. 233).

Em relação à definição de dialeto, Saussure expõe duas possibilidades e suas respectivas implicações: a) definição do dialeto a partir da totalidade de seus caracteres; b) definição do dialeto por um só de seus caracteres. No primeiro caso, o olhar do pesquisador recai em um ponto do mapa para se ater ao falar de uma localidade particular. Nesse caso, o observador não encontraria mais as mesmas particularidades ao se afastar do respectivo ponto. Na segunda possibilidade, "obtém-se uma superfície, aquela que abarca a área de propagação do fato em questão, mas quase nem é preciso assinalar que se trata de um procedimento artificial, e que os limites assim traçados não correspondem a nenhuma realidade dialetal" (SAUSSURE, 2006, p. 233-234).

Em meio às diversas dificuldades destacadas por Saussure para definir ou descrever os dialetos, o genebrino demonstra acreditar na efetividade da composição dos atlas linguísticos no que tange à elucidação de

questões acerca do respectivo tema. Segundo ele, "[a] forma do atlas é a mais indicada, pois somos obrigados a estudar o país região por região [...]" (SAUSSURE, 2006, p. 234). Além disso, Saussure detalha o processo de investigação a ser empregado nesses trabalhos, conforme exposto na citação a seguir:

> [...] para cada uma delas [regiões] um mapa não pode abranger senão um pequeno número de caracteres dialetais; a mesma região deve ser retomada um grande número de vezes para que se possa ter uma ideia das particularidades fonéticas, lexicológicas, morfológicas etc., que ali se superpõem. Investigações que tais supõem toda uma organização, inquirições sistemáticas feitas por meio de questionários, com a ajuda de correspondentes locais etc. (SAUSSURE, 2006, p. 234).

Em seguida, Saussure (2006, p. 234) cita como exemplo a investigação acerca dos *patois* da Suíça romana e destaca a importância dos atlas linguísticos ao se constituírem como "fontes materiais para os trabalhos de dialectologia" (SAUSSURE, 2006, p. 234). Para além de possibilidades, o genebrino expõe que vários trabalhos elaborados no início do século XX já se fundamentavam no atlas linguístico de Gilliéron (GILLIÉRON; EDMONT, 1902-1910). De fato, dividido em vários fascículos e contendo um número amplo de cartas linguísticas em cada um deles, esse atlas continha e ainda contém materiais para diversos estudos relacionados à língua francesa, principalmente se relacionados à variação ou à mudança linguística.

A ideia de circunscrição dos dialetos evidentemente faz pensar na questão das fronteiras entre eles. Nesse sentido, Saussure (2006, p. 234) discute o conceito de *linhas isoglossas*. Esse termo, segundo o autor, refere-se às fronteiras dos caracteres dialetais, e sua composição morfológica se deu por analogia ao vocábulo *isotermo*. O genebrino rechaça tal termo, pois denotaria "que tem a mesma língua". Menciona que o termo *linhas isoglossemáticas*, por estar mais próximo da concepção de idioma, representaria com maior propriedade o significado desejado. Ainda assim, mantém sua predileção pela expressão *ondas de inovação*, opção justificada posteriormente no CLG (SAUSSURE, 2006, p. 243), trecho em que comenta essa e outras concepções de Johannes Schmidt.

Saussure (2006 [1916], p. 236) também expõe que línguas e dialetos compartilham uma questão em comum que consiste na problemática das delimitações. Segundo o autor (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 236): "[as] línguas se encontram sufocadas, tanto quanto as dos dialetos, nas transições. Assim como os dialetos não passam de subdivisões arbitrárias da superfície total da língua, assim também o limite que se acredita separe duas línguas só pode ser convencional".

Desse modo, entende-se que a distinção entre língua e dialeto não fora até então fundamentada em critérios estritamente linguísticos, baseando-se em elementos como a literatura e a inteligibilidade, conforme exposto a seguir: "[é] difícil dizer em que consiste a diferença entre uma língua e um dialeto. Frequentes vezes, um dialeto tem o nome de língua porque produziu uma literatura; [...] A questão de inteligibilidade desempenha também o seu papel [...]" (SAUSSURE, 2006, p. 235). É nesse ponto da discussão que já se pode encaminhar para os aspectos em que Whitney e Saussure concordam ou divergem.

## 4 Convergências e divergências

Uma primeira convergência evidenciada entre as concepções de ambos diz respeito ao fato de que tanto a literatura quanto a inteligibilidade são elementos apontados por Saussure e Whitney como relevantes à questão dos dialetos. Para o primeiro: "dir-se-á muito bem, de pessoas que não se compreendem, que falam línguas diferentes" (SAUSSURE, 2006, p. 235). Para o segundo: "[...] o objetivo imediato da linguagem é a comunicação do pensamento [...]" (WHITNEY, 2010, p. 152). Ainda assim, ambos não acreditam poder discernir língua e dialeto de forma categórica, haja vista que, como afirma Whitney, "[s]ão dois nomes que remetem a uma mesma coisa, e que empregamos segundo o ponto de vista" (WHITNEY, 2010 [1875] p. 169).

Outra consonância possível entre os autores reside nos papéis atribuídos ao indivíduo e à sociedade em relação à língua e aos dialetos. Whitney, como já exposto, nomeia a variação centrada no indivíduo como "força centrífuga", e a força da comunidade para manter a unidade da lin-

guagem como "força centrípeta" (cf. WHITNEY, 2010 [1875], p. 157). Saussure (2006, p. 238), para se referir a uma oposição nesse mesmo contexto, utiliza os conceitos de *força de intercurso* e *espírito de campanário*. Para o autor: "[e]m toda massa humana, duas forças agem sem cessar simultaneamente e em sentidos contrários: de um lado, o espírito particularista, o 'espírito de campanário'; de outro, a força de intercurso, que cria as comunicações entre os homens" (SAUSSURE, 2006, p. 11).

Não se está afirmando que esses dois conceitos são estritamente equivalentes aos de Whitney, mas é evidente que em ambos o aspecto social é reconhecidamente uma força de manutenção dos caracteres relativos à língua, pois "a arbitrariedade do signo nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só, criar um sistema linguístico" (SAUSSURE, 2006, p. 132). Essa questão do arbitrário será um elemento crucial de discordância na interpretação que o genebrino faz acerca das ideias de Whitney, conforme será tratado mais adiante.

Saussure conhecia *A vida da linguagem* (WHITNEY, 2010 [1875]) e cita mais de uma vez o respectivo autor (SAUSSURE, 2006, p. 11, 17, 18, 90)[82]. Além disso, escreveu o conhecido texto *Notas para um artigo sobre Whitney* (1894)[83]. Contudo, essas referências não constituem um *corpus* abrangente e permitem apenas deduzir a existência, adaptando e utilizando as palavras de Gambarara (2007, p. 255), de "uma relação constante e positiva, mas bem delimitada". Isso coaduna com o fato de que o genebrino, no CLG, ao citar o linguista norte-americano, evidencia reconhecimento, mas

[82] É importante observar que, nessas páginas, Saussure expõe uma *Visão geral da História da Linguística*, discorre sobre a definição de língua e sobre a mutabilidade, ou seja, o genebrino não cita Whitney quando trata dos dialetos. Desse modo, falar de influência entre os dois pensamentos, no que tange a esse tema, é algo impreciso. Em razão disso, fala-se somente em paralelos entre conceitos discutidos por ambos.

[83] A respeito desse texto, é importante a elucidação de Faria (2020, p. 3-4): "Gambarara (2007), num minucioso artigo em que submete a uma nova abordagem filológica o caderno manuscrito de Saussure intitulado 'N. 10 – Notas para um artigo sobre Whitney', afirma ser este um documento capital para compreender Saussure, ao tempo em que declara ter havido, em sua leitura e interpretação, uma homogeneização e simplificação do conteúdo das diferentes anotações de Saussure, que conduzem a uma supervalorização da 'expressão do relacionamento que Saussure mantinha com Whitney' (p. 239). Acrescenta ainda que, apesar do fato de Saussure ter citado Whitney com interesse e respeito, o genebrino mantém 'um certo distanciamento, se se compara com as citações de Baudouin ou de Kruszewski' (p. 271)".

também suas discrepâncias, quais sejam: a escolha dos órgãos vocais e o lugar da língua como instituição social.

Saussure (2006, p. 17-18) afirma que Whitney extrapola ao dizer que a escolha humana pelos órgãos vocais resultaria de uma casualidade, pois: "de certo modo, já nos haviam sido impostas pela Natureza" (SAUSSURE, 2006, p. 18). Mas o genebrino considera que, no ponto mais relevante dessa discussão, o norte-americano tem razão, pois este compreende que "a língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente. A questão do aparelho vocal se revela, pois, secundária no problema da linguagem" (SAUSSURE, 2006, p. 17-18).

No que se refere à concepção de língua como instituição social, Saussure entende que Whitney tenha postulado adequadamente, haja vista que ambos corroboram o caráter arbitrário dos signos e a concepção institucional da língua. O ponto discordância diz respeito ao lugar da língua em meio às demais instituições sociais. Saussure compreende que a língua antecede todas as instituições sociais, ao passo que, segundo ele, Whitney "considera a língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras" (SAUSSURE, 2006, p. 17).

Por partirem de uma concepção de signo semelhante, o genebrino acredita que essa discordância com Whitney se deve ao fato de este não ter avançado [...] "e não viu que tal caráter arbitrário separa radicalmente a língua de todas as outras instituições" (SAUSSURE, 2006, p. 90). Nesse ponto da discussão, além da referência a Whitney, é importante destacar a compreensão de Saussure segundo a qual a sociedade e o tempo, associados ao caráter arbitrário do signo, condicionam as mudanças linguísticas:

> Isso se vê bem pela maneira por que a língua evolui; nada mais complexo: situada, simultaneamente, na massa social e no tempo, ninguém lhe pode alterar nada e, de outro lado, a arbitrariedade de seus signos implica, teoricamente, a liberdade de estabelecer não importa que relação entre a matéria fônica e as ideias. (SAUSSURE, 2006, p. 90-91).

O caráter arbitrário do signo, assim posto, acaba se destacando perante outros aspectos relacionados às variações linguísticas. Evidentemente, tal característica do signo pode se configurar como influente no ca-

ráter imprevisível referente ao surgimento dos dialetos ou às suas delimitações. Em outras palavras, a arbitrariedade do signo pode condicionar a arbitrariedade das criações dialetais.

## Conclusão

Ao se analisarem as concepções de Whitney e Saussure acerca dos dialetos com o objetivo de encontrar pontos de convergência e divergência entre eles, é necessário considerar primeiramente o distanciamento temporal e geográfico das fontes analisadas. Como foi mencionado, o hiato entre *A vida da linguagem* (WHITNEY, 2010 [1875]) e o CLG (SAUSSURE, 2006 [1916]) é de quatro décadas. Quando se estuda a história das ciências, esse período pode ser considerado curto, mas é necessário destacar que o final do século XIX e o início do século XX são marcados por uma efervescência de ideias e publicações em linguística.

Tal hiato, por si próprio, não justifica as diferenças de ideias, mas, no caso específico da dialetologia, é notório que a publicação dos atlas linguísticos influenciou a forma de se compreender a variação, a mudança linguística e, por conseguinte, os dialetos. É preciso destacar que o cerne das explanações de Saussure e Whitney recai na relação entre língua, indivíduo e sociedade, mas, como mencionado, tal relação recebeu abordagens distintas em razão das posições teóricas dos autores e dos estágios subsequentes dos estudos da linguagem.

Saussure avançou na discussão relacionada à arbitrariedade do signo que, se, por si só, não soluciona a questão dialetal, ao menos cria subsídios que auxiliam a compreensão de fenômenos cujas explicações de origem espacial, por exemplo, jamais elucidariam. Ao analisar o que é explicitado nos trechos do CLG, pode-se detectar que esse avanço é amparado em outros conceitos saussurianos e em uma compreensão da diversidade linguística e dos dialetos que se baseia nos trabalhos propriamente de dialetologia (GILLIÉRON; EDMONT, 1902-1910.). Não há, como já informado, referência a Whitney nos respectivos trechos.

Ainda que haja pouco material disponível para ampliar a análise acerca das convergências e divergências entre Saussure e Whitney no que tange aos dialetos, é possível destacar uma consonância importante entre

ambos. Trata-se da concepção de que o *ponto de vista* tem papel relevante na definição do que é língua ou dialeto. Para além desse caso específico, tal constatação repercute em diversos contextos epistemológicos cujas implicações ainda são pertinentes aos estudos linguísticos.

## Referências


CALVET, L-J. *Sociolinguística:* uma introdução crítica. 2. ed. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de filologia e gramática*. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1974.

CARDOSO, S. A. M. Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. *DELTA*, São Paulo, v. 17, p. 25-44, 2001 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 out. 2020.

COSERIU, E. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1962.

FARIA, N. A linguagem é uma instituição sem análogo: (Ainda) sobre o social em Whitney e em Saussure. *Cadernos de Linguística*, v. 1, n. 2, p. 01-16, 2020. Disponível em: https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/128. Acesso em: 26 out. 2020.

GAMBARARA, D. Ordre graphique et ordre théorique: présentation de Ferdinand de Saussure, Ms. fr. 3951/10. Paris, *Cahiers Ferdinand de Saussure*. 2007. p. 237-280.

GILLIÉRON, J.; EDMONT, E. *Atlas Linguistique de la France*. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria M. Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix, 2006 [1916].

WHITNEY, W. D. *The life and growth of language:* an outline of linguistic science. New York, NY: D. Appleton and Company, 1887 [1875].

WHITNEY, W. D. *Language and the study of language:* twelve lectures on the principles of linguistic Science. 7th ed. New York: Scribner's, 1910.

WHITNEY, W. D. *A vida da linguagem*. Tradução: M. A. Alexandre Cruz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010 [1875].

# Capítulo 8

# Idiossincrônico: surgimento, abandono e propagação de um conceito

*Núbia Rabelo Bakker Faria*

## Introdução

Neste trabalho, propomo-nos a explorar o termo *idiossincrônico* no *Curso de linguística geral* (doravante CLG ou *Curso*) e no *Segundo curso de linguística geral* (doravante Segundo Curso[84]), mais especificamente, seu surgimento, abandono e propagação. Se o termo sincrônico/sincronia é fartamente utilizado no ensino saussuriano, *idiossincrônico* é raro e restringe-se a poucos registros no Segundo Curso e nas *Notes pour un livre sur la linguistique générale 19f* (N 12, *index*, cf. GODEL, 1957, p.49)[85].

Na edição de 1916, o adjetivo *idiossincrônico* aparece em dois lugares. No capítulo III da Primeira Parte, Princípios Gerais, quando é discutida a diferença de método entre a *linguística estática* e a *linguística evolutiva*:"No fundo, o termo sincrônico não é bastante preciso; deveria ser

[84] Da mesma forma, os outros dois cursos de linguística geral serão referidos de forma abreviada como Primeiro Curso e Terceiro Curso.

[85] Como resume Marques (2017), esse manuscrito "faz parte do conjunto de manuscritos agrupados por Robert Godel sob a inscrição Ms. fr. 3951, nomeados por ele *Notes de linguistique* e arquivados na Biblioteca de Genebra" (p. 2029). Dois cadernos, inscritos sob os números 11 e 12, compõem esse manuscrito. O termo *idiossincrônico* aparece no *index* do caderno 12 (N12). *19f* refere-se ao número de folhas desse manuscrito, distinguindo-o de outro de mesmo título: *Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f*, composto por 10 folhas.

substituído pela designação – um pouco longa, na verdade – de *idiossincrônico*."[86] (p. 106, grifo nosso); e no capítulo I da segunda parte, Linguística Sincrônica – "O objeto da linguística sincrônica geral é estabelecer os princípios fundamentais de todo sistema *idiossincrônico*, os fatores constitutivos de todo estado de língua" (p. 117, grifo nosso). O termo não aparece no índice analítico da edição crítica do CLG feita por T. de Mauro (1967) nem em sua tradução para o português, mas está listado em *Les sources manuscrites* de Godel (1957), na parte dedicada ao "lexique de la terminologie" e no *Lexique* de Engler (1968), onde consta uma definição bastante concisa, remetendo simplesmente ao instante de uma língua particular ou à sua oposição a *diacrônico*. Godel afirma que não há registro do termo no *Terceiro Curso*; neste, Saussure utiliza-se tão somente de *sincrônico/sincronia*.

O termo *idiossincronia* não está registrado no CLG e é assinalado por Godel (1957) com um asterisco para indicar que se tratar de um *hápax*, isto é, um vocábulo que teve apenas uma referência nas notas de Riedlinger do Segundo Curso: "um estado gramatical, uma idiossincronia"[87] (GODEL, 1957, p. 264). O termo *idiosincronismo* ocorre igualmente uma única vez, nas anotações de Patois do mesmo curso, também no trecho em que Saussure expõe a necessidade de acrescentar ao termo sincrônico o prefixo grego *idio-*, que significa próprio, particular. Na edição de Komatsu e Wolf (1997), uma nota de rodapé informa que em todas as demais fontes o termo utilizado é *idiossincrônico*. Nesse sentido, não daremos a esses termos nenhum destaque.

Alguns poucos trabalhos mais recentes também se referem ao termo *idiossincrônico*. *Dalle parole ai termini: i percorsi di pensiero di F. de Saussure*, de G. Cosenza (2016), obra completamente voltada à temática da terminologia, o inclui na seção dedicada ao Segundo Curso, definindo-o a partir do que consta nas anotações de Riedlinger. O termo é referido várias vezes relacionado a outros substantivos elencados como quase sinônimos, caso de *estado de língua*, *gramática*, *a língua*, *morfologia*, assim como do adjetivo *sincrônico* e de sua contraparte, *diacrônico*.

[86] Todas as citações do CLG serão extraídas da edição brasileira (cf. SAUSSURE, 2006 [1916]).
[87] « un état gramatical, une idiosynchronie »

Depecker (2012) e Bouissac (2012), num texto mais corrido e claramente didático, tentam esclarecer e organizar os conceitos gerais propostos por Saussure e estabelecem uma distinção bastante evidente entre os adjetivos *sincrônico* e *idiossincrônico*, como nas seguintes passagens:

> *Idiossincrônico* logo aparece para marcar que o estado considerado é próprio de uma língua dada [...]. "idiossincrônico = na ordem especial que corresponde a uma língua determinada" [...] "*Sincrônico"* se destaca junto com essa virtude de colocar os fatos em uma perspectiva mais geral, que permite "*generalizar*" fora de qualquer língua. (DEPECKER, 2012, p. 52).

> Quando o ponto de vista sincrônico era considerado como sendo aplicado a uma língua específica e não como uma noção geral, Saussure o chamava de 'idiossincrônico' com origem no adjetivo grego *idios* que significa "particular" (BOUISSAC, 2012, p. 190).

*Idiossincronia* aparece no título de um artigo de J. Coursil, *Idiosynchronie: programme saussurien de la langue*, onde o autor afirma, nas primeiras considerações de seu texto, que "'a língua' (no sentido de Saussure) corresponde a toda língua em idiossincronia"[88] (COURSIL, 2017, p. 4).

Marques (2017) discute a fecundidade da noção de *relação* na delimitação entre sincronia e diacronia a partir do estudo do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique générale 19f*. Sua investigação, centrada diretamente sobre as notas manuscritas de Saussure, busca flagrar nas rasuras, nos espaços em branco, nos incisos, as marcas do "movimento de elaboração teórica"[89] do linguista. O termo *idiossincrônico* não é objeto de uma análise específica, entretanto, o trabalho traz uma contribuição relevante para a nossa reflexão, justamente por dar destaque à oscilação terminológica de Saussure e às tensões que marcavam seu empreendimento epistemológico. No *index* (folha 7 do manuscrito), *idiossincrônico* está listado juntamente com *diacrônico*, *fato* (*fenômeno*), *convencional* (signo), *lei*, *origem da linguagem*, todos seguidos de seus significados. A grande quantidade de rasuras, substituições e incisos dessa folha dificulta sua leitura

[88] « 'la langue' (au sens de Saussure) correspond à toute langue en idiosynchronie »
[89] No sentido conferido a essa expressão por E. Silveira (2007).

mas, por isso mesmo, merece atenção. As noções de *diacronia* e de *idiossincronia*, afirma Marques (2017, p. 2.036.), mostram-se ainda rudimentares, "uma definida como não sendo a outra". O autor conclui dizendo ser possível perceber que o linguista "titubeia entre 'sincrônico', 'idiossincrônico' ou 'estático" na definição por negação de 'diacrônico' que, por sua vez, é definido como fonético" (MARQUES, 2017, p. 2.038).

Esse rápido levantamento a propósito da presença do termo *idiossincrônico* tem por objetivo colocar em evidência sua pouca recorrência nos escritos e ensinamentos de Saussure, assim como seu destino nas discussões dele derivadas[90]. Essas, em geral, com exceção do que lemos em Marques (2017), parecem demarcá-lo de forma absolutamente límpida, separando-o de seu correlato *sincrônico*, ou igualando-o, na sua forma substantiva *idiossincronia*, com *sincronia*, tomando um termo por outro, como faz Coursil (2017).

## 1 Idiossincrônico no Curso de linguística geral

No CLG, o termo *idiossincrônico* surge pela primeira vez no capítulo "A linguística estática e a linguística evolutiva" (Cap. III, Primeira Parte), a essa altura já referidas pelos adjetivos *sincrônica* e *diacrônica*, de maneira a assinalar a oposição e o cruzamento entre essas duas ordens: "sincronia e diacronia designarão respectivamente *um* estado de língua e *uma* fase de evolução" (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 96). Nesse capítulo ainda, Saussure afirma que o linguista que queira compreender um estado de língua deve "penetrar na consciência dos indivíduos que falam suprimindo o passado" (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 97); critica a Linguística moderna, absorvida quase que inteiramente na diacronia; e faz um elogio aos "gramáticos", aqueles que "estudavam a língua antes da fundação dos estudos linguísticos" (SAUSSURE, 2006 [1916] p. 97), e que, inspirados pelos métodos tradicionais, foram *irrepreensíveis* quanto ao seu programa estritamente sin-

[90] De Mauro (1967, p. 456) afirma que a noção de *idiossincronia* foi retomada por Hjelmslev (1928). Por se referir a um uso circunscrito à reflexão hjelmsleviana, não o abordaremos neste momento.

crônico. Na sequência, critica a gramática tradicional por seu caráter normativo e pela confusão feita entre palavra escrita e palavra falada e propõe uma volta ao ponto de vista estático da gramática, mas com "espírito novo": "a Linguística nos revelou uma nova ordem de fenômenos" (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 98).

A observação de Saussure de que o termo *sincrônico* não é muito preciso, sendo mais adequado substituí-lo por *idiossincrônico*, apesar do inconveniente de ser muito longo, é colocada na seção 5 (§ 5) desse capítulo, quando aborda os *métodos e princípios* de cada uma das duas linguísticas. A edição crítica de Engler confirma que o termo apenas ocorreu no Segundo Curso, e, nos textos dos cadernos dos alunos que correspondem a ele, em vez de propor *substituir (remplacer)* um termo por outro, registra-se diferentemente que se deveria "acrescentar" *(ajouter)* idiossincrônico (cf. Riedlinger), "dizer*"* *(dire)* idiossincrônico (cf. Gautier), "acrescentar qualquer coisa ao termo" (cf. Bouchardy) e "empregar" *(employer)* idiossincrônico (cf. Constatin) (SAUSSURE, 1968, p. 201). Não há, entretanto, nenhum registro do *inconveniente* de a designação ser "um pouco longa". Seria esse adendo apenas um alerta dos editores para a possibilidade de que o termo eventualmente aparecesse de forma abreviada como *sincrônico* ou significaria que *todas* as ocorrências de *sincrônico* deveriam ser lidas como *idiossincrônico*? Impossível responder a essa questão, mas, sendo a sincronia, ou a perspectiva estática da língua, o ponto de vista privilegiado por Saussure desde o início de seu ensino, e considerando ainda o percurso que traçou ao longo dos três cursos para abordar "a natureza do fenômeno linguístico da língua"[91] (SAUSSURE, 1996 [1907], p. 1), essa possibilidade nos faz ser prudentes quanto ao sentido atribuído ao par *sincrônico/sincronia,* assim como aos seus conhecidos correlatos *estático* e *estado de língua*, sobretudo no CLG. A estes, como discutiremos adiante, cumpre acrescentar *gramatical*/*gramática*: "Os estados de língua contêm tudo o que chamamos ou deveríamos chamar gramática; a gramática de fato supõe *um sistema de unidades contemporâneas*"[92] (SAUSSURE, 1996 [1907], p. 102, grifo nosso).

---

[91] « la nature du phénomène linguistique de la langue »

[92] « Les états de la langue contiennent tout ce qu'on appelle ou devait appeler grammaire; la grammaire en effet suppose *un système d'unités contemporaines entre elles. »* Desse ponto em diante, todas as traduções do francês foram feitas por mim.

A segunda vez que o termo aparece no CLG será no parágrafo de abertura do Capítulo I da Segunda Parte, intitulada "Linguística Sincrônica". Esse título parece substituir aquele que nomeia uma das últimas lições do Terceiro Curso (23 de junho de 1911), *La linguistique statique*, que terá por introdução a afirmação:

> Muitas coisas que estão incluídas na linguística em geral pertencem mais precisamente à linguística estática [...] A linguística estática pode reivindicar para si muitas coisas que são classificadas como linguística geral.
> Ela reunirá o que há de comum entre todos os estados de língua observáveis. (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 125)[93]

Nesse pequeno trecho de abertura da aula, a temática dos cursos de Saussure anunciada desde o Primeiro Curso, a *Linguística Geral*, explicitamente não coincide com a *Linguística Estática*, mas encontra nela um campo fértil para a definição do que lhe diz respeito. O pronome pessoal *ela*, que introduz a sentença seguinte, cria uma ambiguidade quanto ao seu referente; seria este "linguística geral" ou "linguística estática"? Isto é, os estados de línguas observáveis sustentariam as generalizações da linguística estática ou da linguística geral?

É interessante observar que, na edição consultada do Terceiro Curso, a expressão *linguística sincrônica* será usada apenas uma única vez (p. 143), em detrimento de *linguística estática*, com pelo menos oito ocorrências, sobretudo nas últimas aulas, quando a bifurcação da área é mais uma vez apresentada para assinalar o tema das discussões que se seguirão até o final do curso: "Tendo chegado à bifurcação <linguística estática e linguística dinâmica>, optamos por prosseguir com a linguística estática"[94] (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p. 125).

O trecho do CLG correspondente àquele citado, conforme a edição crítica de R. Engler, é: "O objeto da *Linguística sincrônica geral* é estabelecer

---

[93] « Beaucoup de choses que l'on fait entrer dans la linguistique en général appartiennent plus précisément à la linguistique statique [...] La linguistique statique peut réclamer bien des choses qu'on range dans linguistique général. Elle prendra ce qu'il y a de commun entre tous les états de langue observables. »
[94] « Arrivés à la bifurcation <linguistique statique et linguistique dynamique>, nous choisissons de poursuivre la linguistique statique »

os princípios fundamentais de todo sistema *idiossincrônico*, os fatores constitutivos de todo estado de língua" (SAUSSURE, 2006 [1916], p.117, grifos nossos).

Esse parágrafo de introdução, não só do primeiro capítulo, mas de toda a Segunda Parte do *Curso*, desfaz a ambiguidade original, apagando a referência à *Linguística geral*, reduzindo-a à *Linguística sincrônica geral*, fundada sobre os princípios fundamentais de todo *sistema idiossincrônico*.

A repetição de *idiossincrônico* aqui, embora ausente do Terceiro Curso, de onde o trecho foi extraído, não parece casual. Se voltarmos à discussão do momento em que ele ocorre pela primeira vez no CLG, constataremos que, nessa passagem, conforme citamos acima, há uma clara definição de termos:

> É *sincrônico* tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, *diacrônico* tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, *sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 96).

A restrição de se tratar de *um* estado ou de *uma* fase é estabelecida pelos editores, não ocorre no Segundo nem no Terceiro Curso e sugere ter sido feita para justificar o acréscimo do prefixo *idio-*, que aparece em algumas páginas depois. No parágrafo que registra um suposto "refinamento de terminologia", nova demarcação entre as duas linguísticas é estabelecida: "O estudo sincrônico não tem por objeto tudo quanto seja simultâneo, mas somente o conjunto dos fatos correspondentes *a cada língua*; na medida em que tal for necessário, a separação irá até os dialetos e subdialetos" (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 106, grifo nosso). Comparando-se esse trecho com o dos cadernos de Riedlinger e de Constantin que a ele correspondem, observa-se que a definição dada para sincrônico é "sincronia = o que pertence a um instante determinado da língua[95]" (SAUSSURE, 1968, p. 201, grifo nosso). A introdução de "cada língua" no lugar de "a língua/*la langue*" na definição de sincronia claramente remete à *idiossincronia*, restringindo o

[95] « synchronie = ce qui appartient à um instant déterminé *de la langue* »

conceito às línguas particulares, realidades empíricas observáveis, em detrimento de sua relação com "*la langue*", objeto teórico forjado para comportar, minimamente, a diversidade das línguas.

A decisão dos editores de nomear de *Linguística Sincrônica* a Segunda Parte do Curso, seguramente a mais referida por conter a chamada "teoria do valor linguístico" e todas as consequências dela advindas, parece ter evocado o termo *idiossincrônico*, equivalente a "todos os estados de línguas observáveis" mencionado por Saussure no Terceiro Curso. Estabelece-se dessa maneira uma clara distinção entre *sincrônico* – relativo à "Linguística sincrônica *geral*" – e *idiossincrônico* – relativo ao estado sincrônico de uma língua particular – como constatamos, por exemplo, nos textos de Bouissac e Depecker referidos anteriormente. Além disso, fica assegurada uma certa relação orgânica entre esse capítulo e o precedente, em que é exposta a "teoria do signo" e a definição de língua como "sistema de signos arbitrários" (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 87).

É bem verdade que a afirmação de que "a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos" (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 95) se encontra na Primeira Parte do Curso, no capítulo III, "A linguística estática e a linguística evolutiva", na seção em que a linguística será comparada com outras ciências que operam com valores, como a Economia. Entretanto, é possível que a restrição do conceito de sincronia a "*um* estado de língua" feita na sequência e o elogio à *gramática clássica* e seu programa "estritamente sincrônico", com menção ao fato de se ter aí um objeto melhor definido e menos criticável que a linguística inaugurada por Bopp, tenham tirado da segunda definição de *língua* muito do seu alcance teórico, fazendo-a circunscrever-se a um sistema como o da gramática de uma língua particular.

A relação orgânica estabelecida entre os capítulos do CLG continua se observarmos o que ocorre na Introdução. No capítulo III, que gira em torno do Objeto da Linguística e da definição de "língua/*langue*", Saussure estabelece alguns caracteres da língua e afirma pela primeira vez que a língua é um sistema de signos (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 23); que, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta; que os signos da língua podem ser fixados pela escrita, e conclui dizendo que essa última carac-

terística explica o fato de que "um dicionário e uma gramática possam *representá-la fielmente*, sendo ela o depósito das imagens acústicas, e a escrita a forma tangível dessas imagens" (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 23).

Essa última afirmação, de acordo com as anotações de todos os alunos, ocorre no Terceiro Curso e é significativamente distinta: dicionários e gramáticas são definidos como "uma imagem admissível, conveniente do que está contido na língua[96]" (SAUSSURE, 1968, p. 44). Há uma diferença notória entre uma "representação fiel de uma língua" e uma "imagem admissível ou conveniente" do que a língua contém. Nesse sentido, a observação que consta no *Index* das *Notes pour un livre sur la linguistique générale 19f* para o verbete *idiossincrônico* é também reveladora – "Não é idiossincrônico o que é fonético (diacrônico). G*ramatical* = idiossincrônico" – , sendo seguida da observação: "uma noção que só é clara quando remete à ideia de idiossincrônico"[97] (GODEL, 1957, p. 49)[98]. *Gramatical* e *idiossincrônico* confundem-se e opõem-se a diacrônico. Há, entretanto, uma inversão importante: será a ideia de *idiossincrônico* que tornará clara a noção de *gramatical*, não o contrário.

Queremos insistir um pouco mais na relação entre *idiossincronia* e *gramática*. O capítulo VII, "A gramática e suas subdivisões", que praticamente conclui a Segunda Parte do CLG, foi todo ele retirado de duas lições distintas do Segundo Curso, como assinala De Mauro (1967, n. 265, p. 471). Esse capítulo é introduzido com a seguinte afirmação:

> A linguística estática ou descrição de um estado de língua pode ser chamada de Gramática, no sentido muito preciso e ademais usual que se encontra em expressões como "gramática do jogo de xadrez", "gramática da Bolsa" etc., em que se trata de um objeto complexo e sistemático, que põe em jogo valores coexistentes.
> A Gramática estuda a língua como um sistema de meios de expressão; quem diz gramatical diz sincrônico e significativo [...] (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 156).

---

[96] « une *image admissible, convenable* de ce qui est contenu dans la langue »

[97] « N'est pas idiosynchronique ce qui est phonétique (= diachronique). Gramatical = idiosynchronique et n'est une notion claire que ramené à l'idée d'idiosynchronique »

[98] Vamos manter, no trecho que reproduzimos do manuscrito, a mesma apresentação que consta em Godel (1957, p. 49), não obstante as marcas, incisos e rasuras, conforme discute Marques (2017).

O trecho correspondente ao primeiro parágrafo da citação acima, conforme o registro de Riedlinger do Segundo Curso, é o seguinte:

> Tudo que está no sincrônico de uma **língua**, incluindo a analogia [...] pode ser resumido muito bem no termo **gramática**, *em sua concepção muito próxima do ordinário*. Vemos um tratado sobre xadrez intitulado: Gramática < da mesma forma, a gramática da Bolsa >. Implica **um objeto complexo e sistemático**: <aplica-se a um sistema que envolve **valores**[99] (SAUSSURE, 1968, p. 303 – grifo em itálico nosso e em negrito do autor).

Podemos recolher diferentes empregos do termo *gramática* na discussão empreendida por Saussure – gramática normativa, gramática geral, gramática tradicional, gramática clássica, gramática comparada, gramática histórica, gramática escolar. No trecho acima, *gramática* corresponde ao seu sentido "muito *próximo* ao ordinário", ou seja, a descrição sistemática de uma língua, como ocorre quando pensamos na gramática latina ou francesa. Referindo-se à gramática de Port Royal, Saussure dirá: "tenta descrever o estado da língua francesa no tempo de Luís XIV e determinar-lhe os valores" (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 97). Em princípio, trata-se da descrição *sincrônica de uma língua particular,* ou, mais precisamente, de sua descrição *idiossincrônica*, porém, por aproximados que sejam os conceitos de *gramática* e *sincronia*, não são idênticos. O "espírito novo" revelado pela linguística histórica de que fala Saussure implica reconhecer a mudança linguística e colocar em suspenso o próprio conceito de "*uma* língua". Em sua primeira conferência em Genebra, em 1891, quase 10 anos antes, Saussure já declarava abertamente seu espanto em que se nomeasse diferentemente de *latim* e *francês*, respectivamente, um certo estado de língua do século de Augusto e outro falado na França do século XIX, como se houvesse "duas coisas diferentes" nessa sucessão, o que o leva a afirmar que "a língua

[99] « Tout ce qui est dans le synchronique d'une **langue**, y compris l'analogie [...] se résume très bien **dans** le terme de **grammaire**, *dans sa conception très voisine de l'ordinaire*. On voit intituler un traité **du jeu d'échec** : grammaire <de même, **la grammaire de la Bourse** >. Implique **un objet complexe et systématique** : <s'applique à un système que met **en jeu des valeurs**. »

não é um ser definido e delimitado no tempo" (SAUSSURE, 2004 [1891], p. 135). No Terceiro Curso, exporá de forma esquemática e inequívoca seu conceito de *estado* de língua: "Estado = estado fortuito de termos. Esta é *uma noção que jamais seria adquirida pela gramática tradicional*. Nada será filosoficamente mais importante. Mas será necessário distinguir cuidadosamente o estado dos modificadores"[100] (SAUSSURE, 1993 [1910-1911], p.111 – grifo nosso).

No entanto, se colocarmos em relação o parágrafo que introduz a Segunda Parte do Curso e aquele que praticamente a conclui, encontraremos uma clara restrição da Linguística Sincrônica à generalização feita a partir do estudo de diferentes estados *idiossincrônicos*, reduzidos à *gramática*. A "novidade" fica por conta da noção de sistema de signos e do reconhecimento da relação de valor que põe em evidência a relação de *oposição* dos signos entre si num *sistema imutável*, tal qual o do jogo de xadrez, metáfora recorrente no ensino de Saussure.

Cabe então indagar por que, para Saussure, a gramática tradicional jamais compreenderá o conceito de estado de língua enquanto "estado fortuito de termos" e qual a importância filosófica desse reconhecimento. Para tocarmos nessa questão, trataremos da presença do termo *idiossincrônico* no Segundo Curso de Linguística Geral, de onde foi extraído para figurar na edição de 1916.

## 2 *Idiossincrônico* no Segundo Curso de Linguística Geral

Para abordarmos o conceito e o surgimento do termo *idiossincrônico* no Segundo Curso, vamos nos valer da edição de Komatsu e Wolf de 1997. Essa edição, que inclui os cadernos de Riedlinger e de Patois[101], relativos à *Introdução à linguística geral*, equivale, segundo afirma Komatsu no prefácio, a dois quintos do curso completo, cuja parte majoritária foi dedicada à descrição das línguas indo-europeias. Essa constatação leva o editor

[100] « État = état fortuit des termes. C'est là *une notion que n'aurait jamais acquise la grammaire traditionnelle*. Rien ne sera philosophiquement plus important. Mais il faudra séparer soigneusement l'état des modifiants »

[101] Vamos nos limitar a comentar o que consta nos cadernos de Riedlinger, mais completo do que o de Patois.

a afirmar que, surpreendentemente, o curso não foi primariamente voltado à teoria linguística, mas à descrição das línguas.

Wolf, por razões relacionadas à tradução das palavras francesas *langue* e *language*, sem correlatos diretos no inglês, menciona na *Nota do Tradutor* uma consideração feita por Saussure a certa altura de seu Primeiro Curso, sobre as possibilidades dos caminhos teóricos a tomar para *isolar o estudo da língua*. Apesar de um pouco extenso, reproduziremos abaixo o trecho quase completo, a partir de sua primeira ocorrência, devido à relevância que tem para a nossa discussão.

> Pode-se hesitar muito sobre o melhor plano. É mais proveitoso colocar certas ideias gerais no final do curso do que no início. É por isso que não queremos definir a natureza da linguagem. Isso seria o tema de um curso: seria preciso destacar que a linguagem não é um objeto imediatamente classificável [...]
> Feita esta constatação, nós abordamos a linguística; para este estudo, duas portas se abrem sobre a língua: 1.<(lado estático)> há um lado onde cada um se sente em casa, do qual se tem o sentido imediato, o controle; é isto que compõe um estado de língua: nós falamos e então somos capazes de julgar o que falamos. <podemos julgar uma questão gramatical.> Assim cada um pode julgar se em <*avoir chanté*> <*avoir*> evoca uma ideia por si só; ou até que ponto fazemos as ligações. 2. Há o lado no qual o instinto não serve de nada e do qual nem mesmo suspeitamos da existência: todo o lado histórico da língua, tudo que pertence ao passado, <necessariamente> escapa ao nosso senso linguístico imediato, é preciso aprendê-lo.[...] Precisamente por essa razão, será bom começar o estudo da língua pelo ponto de vista histórico, não que ele seja mais importante que <o estático com o qual estabelece uma espécie de antinomia> mas porque ele <nos escapa à primeira vista> *parece necessário completar por aí nosso conceito de língua* (SAUSSURE, 1996 [1907], p. 27-28, grifo nosso)[102]

[102] « On peut hesiter beaucoup sur le meilleur plan. Il est plus profitable de placer certaines idées générales a la fin du cours plutot qu'au commencement. C'est pourquoi nous ne voulons pas definir la nature du langage. Cela même ferait l'objet d'un cours: on aurait a remarquer que le langage n'est pas un objet immediatement classable. [...] Cette constatation faite, nous abordons la linguistique, pour cette étude, deux portes s'ouvrent sur la langue: 1. <(coté statique)> il y a le coté de la langue où chacun est chez lui, dont il a le sens immediat, le controle; c'est tout ce qui compose un état de langue: nous parlons et donc nous sommes en état de juger ce

A longa citação mereceria uma série de comentários por sua riqueza de possibilidades, mas iremos nos limitar a destacar alguns pontos que chamam nossa atenção em função da discussão privilegiada neste trabalho. O primeiro diz respeito à menção de Saussure ao "*seu* conceito de língua". Para tratá-lo, o genebrino propõe à consideração de seu auditório a imagem de duas portas que se abrem sobre "a língua": a) uma que nos deixa "à vontade", que corresponde à abordagem estática e que nos dá a ilusão de *controle* para julgar um aspecto gramatical, por exemplo, quanto a unidades linguísticas; um *estado de língua* definido a partir desse "sentimento do falante"; b) outra, que escapa ao nosso sentido linguístico imediato e para a qual nosso "instinto" de nada serve, corresponde à abordagem histórica. Por fim, afirma que, precisamente porque a visão histórica abala nossas certezas, nos tira do "conforto do lar" a propósito do nosso conceito de *língua*, considera prudente começar pela parte histórica, a despeito de *não ser para ele a mais importante*, porém necessária para "completar o seu conceito de língua".

Saussure fará isso no Primeiro Curso e, não havendo tempo hábil para tratar da linguística estática, promete fazê-lo num curso posterior. Ainda segundo Wolf, a promessa é parcialmente cumprida no Segundo Curso, mas observa que Saussure jamais pode dedicar a esse tópico um curso completo (cf. WOLF, 1997, p. xv).

Podemos indagar as razões pelas quais Saussure nunca pôde se dedicar exclusivamente à linguística estática, voltando sempre à linguística histórica. Pelo que lemos anteriormente, não parece absurdo cogitar a necessidade que sentia de trazer sempre à consideração de seu auditório os problemas que a natureza cambiante das línguas colocava para a linguística, e a

---

que nous parlons. <On peut juger d'une question grammaticale.> Ainsi chacun peut juger si dans *«avoir chanté» «avoir»* evoque une idée a lui seul; ou bien jusqu'a quel point faisons<- nous> les liaisons. 2. Il y a le coté où 1'instinct ne sert de rien et dont beaucoup n'ont même pas le soupçon: tout le coté historique de la langue, tout ce qui est dans le passé, <est force d'>echapper a notre sens linguistique immediat, il faut 1'apprendre. [...] Precisement pour cette raison, il sera bon de commencer 1'étude de la langue par le point de vue historique, non pas qu'il soit plus important que <le statique avec lequel il a une sorte d'antinomie> mais parce qu'il <nous échappe à première vue, *il> paraît necéssaire de compléter par là notre concept de la langue*. »

sua concepção de sincronia como um "estado fortuito de termos" – nada será filosoficamente mais importante, disse.

Esse espírito, que abre a série de cursos de linguística geral do genebrino, contrasta de forma flagrante com as "bem comportadas" e eternamente citadas "dicotomias saussurianas", assim como com a organização do próprio CLG. Privilegiando desde o início a linguística estática, os editores deixam para as últimas páginas a linguística histórica/diacrônica e abrem diretamente a porta que nos faz sentir "em casa" quanto à língua. Evidentemente, não se pode ignorar o fato de que, no momento da publicação do *Curso*, a perspectiva histórica definia a própria área da Linguística[103]. A novidade estava na perspectiva sincrônica, tal qual propunha o mestre – que, minimamente, buscava "desnaturalizar" o "lado estático" da língua –, o que justifica a decisão dos editores. No entanto, precisamente devido ao predomínio da linguística histórica naquele momento, a observação de Saussure torna-se ainda mais impactante. Nesse contexto mesmo, a visão de *língua* parecia ainda escolher "a porta de casa", do conhecido, do lugar-comum, o que revela muito do objeto teórico sobre o qual se debatia o genebrino e da resistência da própria área em apreender-lhe a natureza – seria essa a importância filosófica de seu empreendimento?

Passaremos então à discussão do Segundo Curso, com a ressalva de que não cabe nos limites deste trabalho uma análise minuciosa do conteúdo desse importante documento; interessa-nos apontar algumas passagens para melhor respaldar a discussão que privilegia o conceito de *idiossincrônico*, mais especificamente seu surgimento, abandono e propagação, tal como fizemos com o CLG.

*Idiossincrônico* será registrado apenas quatro vezes no caderno de Riedlinger, entre as páginas 31 e 34, em contraste com *sincrônico*, cuja recorrência é muitas vezes superior, começando no mesmo ponto que o termo anterior, página 31, mas se estendendo até a página 70, quando se

[103] É importante destacar que H. Paul, em *Princípios Fundamentais da História da Língua,* de 1886, obra que compila a doutrina neogramática, já destacava a necessidade de uma "ciência que se ocupe das condições gerais da vida do objecto que historicamente se desenvolve, que estude segundo a sua natureza e acção os factores que se mantêm regulares dentro de toda a mutação" (PAUL, 1970 [1886], p. 13). Apesar disso, registrará na sinopse do que contém a Introdução de seu livro: "Tratamento científico da língua só é possível *por observação histórica*" (PAUL, 1970 [1886], p. 447), posição radicalmente distinta da de Saussure.

inicia o sexto caderno, que introduz o tema "*Visão geral da linguística indo-europeia como introdução à linguística geral*"[104]. A partir desse ponto, com exceção do primeiro parágrafo, onde o mestre informa que o privilégio será dado à história, mas é possível que fatos *sincrônicos* sejam igualmente tratados, esse termo também desaparece das 38 páginas restantes[105].

Esse rápido panorama revela uma ocorrência quase marginal do termo *idiossincrônico* em comparação com os consagrados *sincrônico/sincronia*, o que torna a sua utilização no CLG ainda mais intrigante. Se Saussure o propôs a certa altura de seu ensino, ele claramente o abandona, ou, mais exatamente, abandona o prefixo grego *idio-*, que significa *próprio*, *particular*, o que não nos parece irrelevante.

Godel (1957) organiza a descrição que faz do Segundo Curso em partes e subpartes. Aproveitaremos essa disposição dos assuntos repetindo a convenção adotada: o título atribuído por Saussure é registrado em itálico; o atribuído por Godel é colocado entre colchetes. Como Saussure não apresenta um plano de aulas, recorreremos a essa organização para demarcar o momento em que o termo em análise aparece, assim como a discussão em que está inserido. Como já dissemos acima, a partir do tópico *Visão geral da linguística indo-europeia,* a discussão se afasta da temática que convoca a linguística estática. Sendo assim, elencamos exclusivamente as partes pertinentes à nossa discussão.

Sob o título Linguística Geral, segue-se (cf. GODEL, 1957, p. 66-74):

[I. A Linguística e seu objeto]
[Natureza da língua, definida de seu exterior]
[Natureza da língua, vista de seu interior]
*Questão das unidades*
Questão das identidades
II. Divisão interior das coisas da linguística
[Lado externo e lado interno]
[O valor linguístico]

---

104 Aperçu de la linguistique indo-européenne comme introduction à la linguistique générale

105 Nas anotações de Patois (SAUSSURE, 1997 [1908-1909], bem mais concisas, ocorre o mesmo quanto ao uso de *idiossincrônico* e *sincrônico*, com o acréscimo de *idiossincronismo* (p. 126), ao qual já nos referimos. Patois, aliás, registrará igualmente *sincronismo* e *diacronismo* (p.139) uma única vez cada.

[Ordem diacrônica, ordem sincrônica]
[Fenômenos ou relações nas duas ordens]
[As duas linguísticas]
[Leis diacrônicas, leis sincrônicas]
[Campo diacrônico e campo sincrônico]
Divisões no campo sincrônico
Divisões no campo diacrônico[106]

Antes de prosseguir, é interessante constatar a presença simultânea do tratamento sincrônico e diacrônico de cada um dos tópicos (ordens, fenômenos ou relações, linguísticas, leis, campos) que compõem o que é interno à linguística. O texto das aulas anteriores revela ainda que, ao tratar da questão das *unidades* e das *identidades*, parte do tópico "Natureza da língua, vista do interior", o mesmo ocorre. Isso evidencia o esforço de Saussure para abordar o "*seu* conceito de língua" a partir do cruzamento desses dois pontos de vista, embora reconheça haver entre eles uma "certa antinomia".

A discussão que abre as anotações de Riedlinger do Segundo Curso gira em torno das dificuldades enfrentadas pela Linguística decorrentes do fato de a língua criar a *ilus*ão de estar ao "alcance de nossa mão".

> A linguística não é de forma alguma simples em seu princípio, <em seu método,> no conjunto de suas pesquisas, porque a língua não o é. À primeira vista, parece o contrário, *a língua nos parece muito próxima de nossa mão*; talvez perto demais [...] há aí uma ilusão. A língua apresenta contrastes. Os paradoxos mais perturbadores àqueles que querem apreendê-la por um lado ou outro. Há algo mais *arbitrário do que as palavras da língua*[107]? (SAUSSURE, 1997 [1908-1909], p. 1, grifos nossos).

---

[106] [I. La linguistique et son objet], [Nature de la langue, définie de l'exterieur], [Nature de la langue, envisagée de l'intérieure], *Question des unités, Question des identités,* II. *Division intérieure des choses de la linguistique,* [Côté externe et côté interne], [La valeur linguistique], [Ordre diachronique, ordre synchronique], [Phénomènes ou rapports dans les deux ordres], [Les deux linguistiques], [Lois diachroniques, lois synchroniques], [Champ diachronique et champ synchronique], *Divisions dans le champ synchronique, Divisions dans le champ diachronique*

[107] « La linguistique n'est pas toute simple dans son principe, <dans sa méthode,> dans l'ensemble de ses recherches, parce que la langue ne l'est pas. Au premier abord c'est le contraire qui paraît, *la langue nous paraît tout près de notre main* ; peut-être est-elle trop près [...] il y a là une ilusion. La langue offre les contrastes.

O primeiro exemplo de dificuldade apresentado pelo mestre diz respeito às *palavras* da língua – nada mais arbitrário! O mesmo ocorre no trecho do Primeiro Curso que reproduzimos acima, quando evoca a sensação de controle do falante no julgamento de um fato gramatical envolvendo um tempo verbal composto: "*avoir chanté*". Claramente, a questão das unidades será, para Saussure, um lugar que revela a tensão entre as duas ordens e, por isso mesmo, produtiva teoricamente. Como proceder para assegurar o caráter sistêmico da língua se as unidades desse sistema se mostram fluidas, miragens criadas pela ilusão de proximidade da língua? Miragens que enganam não só os falantes, mas também os linguistas (e os gramáticos), como observamos nas constantes críticas feitas aos "*savants*" de seu tempo.

Os termos *idiossincrônico* e *sincrônico* surgem[108] na seção dedicada à *Divisão interior das coisas da linguística.* Antes disso, deparamo-nos com uma ampla discussão que passa pela diversidade das línguas, pela separação língua falada e língua escrita, pela proposta de criação de uma ciência geral dos signos (Semiologia). Saussure retoma o problema das unidades da língua e afirma que *valor* corresponde à sua verdadeira natureza, concluindo que "Esse sistema de unidades que é um sistema de signos é um sistema de valores"[109] (SAUSSURE, 1997 [1908-1909], p. 14). Na sequência, faz uma série de considerações sobre a complexidade da noção de *valor* quando se trata da língua.

Embora relevante sob muitos aspectos, inclusive pelo fato de a noção de *valor* já se impor como questão central para a definição de *língua*/*la langue*, essa primeira parte da discussão não nos ocupará. Passaremos diretamente para a aula de 26 de novembro, quando Saussure afirma que até esse momento tentou situar o lugar da língua, circulando ao seu redor sem explorar o seu interior, e que o fará a partir de então, começando por

---

Les paradoxes les plus troublants à ceux qui veullent la saisir par un côté ou un autre. Y a-t-il *rien de plus arbitraire que les mots de la langue* ? »

[108] É importante assinalar que os termos *sincrônico* e *diacrônico* já ocorrem na edição do Primeiro Curso, a partir dos cadernos de Riedlinger (cf. SAUSSURE, 1996 [1907]). *Idiossincrônico* é exclusivo do Segundo Curso, como já informamos.

[109] « Ce système d'unités qui est un système de signes est un système de valeurs ».

um aspecto que foi ignorado por todos: a questão das *unidades* e das *identidades* da língua[110].

Explorando o conceito de *palavra*, Saussure apresenta o problema através de exemplos tirados do francês – *mois* (invariante no singular e no plural) e *cheval*/*cheveux* (radicalmente distintas no singular e no plural) – para concluir que *não há unidades concretas na língua*. Ao mesmo tempo, afirma que é impossível renunciar à ideia de que elas existam e que *é seu jogo que faz a língua*. O conceito de *palavra*, portanto, é o primeiro a ser descartado como evidente em si mesmo.

Antes de abordar o já anunciado problema das *identidades*, na aula seguinte, Saussure retoma o das *unidades*; desta vez, dirigindo-se diretamente à Linguística, acusada de até então não ter definido as unidades com as quais trabalha. Nesse momento, *palavra* cede seu lugar à consideração do *signo*, termo metalinguístico da área. Saussure afirma que as unidades estão no entremeio do pensamento e do som: "É o fato <de certa forma> misterioso que o pensamento-som implique divisões que são *as unidades finais da linguística"*[111] (SAUSSURE, 1997 [1908-1909], p. 21, grifo nosso).

Ao abordar a questão das identidades, uma "complicação" do problema das unidades, Saussure elege exemplos das duas ordens: diacrônica – *calidus* > *chaud*; *despectus* > *dépit* – e sincrônica: *messieurs* pronunciado em dois momentos. Trata-se de encontrar entre esses exemplos a ligação que se estabelece entre as unidades para que sejam declaradas idênticas. Novamente, as ordens estática e evolutiva se entrelaçam, o que leva De Mauro (1967) a acusar os editores do Curso de "terem reduzido o problema diacrônico ao sincrônico" (De Mauro, 1967, p. 460) ao desmembrarem a discussão, registrando as de natureza sincrônica na Segunda Parte do Curso e as de natureza diacrônica na Terceira.

Saussure retoma a menção à *palavra* com o exemplo "ces gants son *bom marché*" ("essas luvas são *baratas*") para perguntar onde se encontra o *adjetivo,* se há aí efetivamente duas palavras (*bom marché*), e comenta que

---

110 Em virtude da especificidade do presente trabalho, passaremos muito rapidamente sobre esse ponto crucial da reflexão de Saussure, sugerindo a leitura do recente texto de PEREIRA DE CASTRO (2020).

111 « C'est le fait <en quelque sorte> mystérieux que la pensée-son implique des divisions que sont *les unités finales de la linguistique »*

se acreditou que, ao determinar as *partes do discurso,* se estaria definindo as unidades.

A conclusão dessa discussão, ocorrida na aula seguinte (3 de dezembro), é bem mais significativa do que sugere o título "Observações incidentais" que a precede. Novamente Saussure convoca os gramáticos para discordar da delimitação de um radical latino, no caso, *ekwo*-s, que, do seu ponto de vista, não passa de pura *abstração*. Propõe então a *significação* como critério concreto para se chegar às unidades, definindo-a como o que está no "sentimento dos sujeitos falantes" num grau qualquer, seguido de um destaque fundamental: "Aquilo que é significativo se traduz por uma delimitação de unidade, é a significação *que a cria*, ela não existe previamente: <as unidades não estão lá para receber uma significação"[112] (SAUSSURE, 1997 [1908-1909], p. 24, grifo nosso). Não há, portanto, unidades prévias a serem *descritas*. A unidade proposta pelos gramáticos sob a forma de um radical não era sentida como tal pelos latinos; para eles, argumenta, havia duas unidades em relação *ekw*/*os*. Conclui afirmando: "A oposição entre a separação indo-europeia (*ek/wos*) e latina (*ewk/os*) *se traduz por uma delimitação*"[113] (p. 24 – grifo nosso).

É possível tirar duas conclusões da discussão acima: gramáticos trabalham no registro de *uma* língua, a "gramática do latim", nesse caso, e parecem recorrer a soluções arbitrárias para estabelecer unidades que não são necessariamente chanceladas pelos latinos, daí a crítica feita; recorrer a exemplos tirados do universo da pesquisa evolutiva, uma unidade do indo-europeu e outra do latim, revela a ocorrência de diferentes delimitações feitas ao longo do tempo pelos falantes, que ignoram a demarcação hipotética dos limites em que *uma* língua se transforma em outra.

Ao trazer a *significação* tal qual a concebe, Saussure, de certa forma, incorpora à noção de sistema a contingência que faz de *estado de língua,* um conceito visceralmente distinto daquele que sustenta a gramática, assentada no ideal de totalidade de *uma* língua, concebida à revelia do sujeito falante. Recorrendo mais uma vez à sua primeira conferência em Genebra,

---

[112] « Ce qui est significatif se traduit par une délimitation d'unité, c'est la signification *qui la crée*, elle ne existe pas avant: <ce ne sont pas les unités qui sont là pour recevoir une signification. »

[113] « L'opposition entre la séparation indo-européenne (*ek/wos*) et latine (*ewk/os*) *se traduit par une delimitation* »

o escutamos afirmar que "O francês não *vem* do latim, mas *é* o latim, falado numa data determinada e em determinados limites geográficos. *Chanter* não vem da palavra latina *cantare*, mas é a palavra latina *cantare*" (SAUSSURE, 2004 [1891], p. 134). Não perder de vista o cruzamento das ordens *sincrônica e diacrônica* é imprescindível para se tentar compreender a dimensão do que *seu* conceito de língua comporta e a complexidade do problema que envolve a definição de *unidade linguística*.

Será preciso abreviar uma série de considerações importantes nas quais Saussure retoma o que é externo e interno à língua para destacar o que afirma na aula de 7 de dezembro: a linguística interna "não admite uma ordem qualquer, é um sistema que só admite sua ordem própria"[114] (SAUSSURE, 1997 [1908-1909], p. 24, grifo nosso). Em seguida, volta a afirmar que num sistema como a língua não há nada além de *valores* e indaga-se sobre o que forma o valor, ao que responde dizendo que nem mesmo uma unidade material pode ser delimitada fora de seu valor. Riedlinger resume o que sugere ter sido uma complexa discussão afirmando que o mestre não vê diferença fundamental entre *valor*, *identidade*, *unidade*, *realidade* (no sentido de realidade linguística) nem *elemento concreto*. Surge, então, o consagrado exemplo da troca de uma peça do jogo de xadrez (o cavalo) por outra para comprovar que, ainda que materialmente diverso, o elemento concreto será declarado *idêntico* em função do valor que adquire em relação às demais peças do jogo. O mesmo ocorre com as entidades da língua concebidas na esfera de um sistema.

A ideia de equilíbrio entre as partes parece necessária neste momento da reflexão. Saussure retoma então o que afirmou sobre a *significação* para acrescentar que esta não é suficiente para a delimitação das unidades.

> O valor não é a significação. O valor é dado por outros elementos; <ele é dado além da significação – pela relação entre o todo e uma certa ideia,> pela situação recíproca das *peças* da língua [...] É o valor mesmo que fará a delimitação; a unidade não é naturalmente

[114] « n'admet pas um ordre quelconque, c'est um système qui n'admet que son propre ordre »

> delimitada, eis o que é particular à língua (SAUSSURE, 1997 [1908-1909], p. 29, grifo nosso)[115]

Observamos a "ordem da língua" sobrepor-se à *significação* operada pelo sujeito falante ou condicioná-la, na medida em que, para significar, é antes preciso estar submetido a ela, o que desloca a "autoridade" do sujeito falante em favor da língua: a contingência afeta o sistema por uma via mais complexa. No entanto, ao que parece, sob o efeito do exemplo do xadrez, as unidades serão "*peças* da língua" e a noção de valor fecha-se nas relações internas à "gramática de um jogo".

A questão das identidades da língua prossegue e exemplos de identidade diacrônica e de identidade sincrônica são apresentados. Não nos deteremos nas particularidades dessa importante discussão para nos fixar na aula seguinte (10 de dezembro), quando Saussure realiza o que chamamos anteriormente de um certo "refinamento" na terminologia que vinha usando até então: no lugar de *sincrônico*, propõe adicionar ao termo o prefixo *idio-*sincrônico, para referir-se à ordem especial de *uma* língua determinada, indo a separação até os dialetos e subdialetos. A referência a uma delimitação típica da gramática é notória: recordemos que, em mais de uma ocasião, Saussure destaca que um dialeto passa à categoria de *língua* quando produz uma *literatura*, uma condição imposta de fora à língua, portanto (cf. CLG, § 4 do capítulo III, *As línguas não têm limites naturais*).

Na sequência dessa aula, Saussure compara os fatos idiossincrônicos com os diacrônicos, comenta que, nesse último caso, a comparação não se dá numa mesma língua, e acrescenta: "é justamente o conjunto dos fatos diacrônicos e sua direção que cria a diversidade de idiomas"[116] (SAUSSURE, 1997 [1908-1909], p. 31, grifo nosso). É curioso observar que o sentido associado à ordem *idio*ssincrônica repercute quase que diretamente na menção a *idiomas*, aqui empregado como equivalente a *línguas*, com a distinção de, devido à sua origem grega (*idiôma*), o termo estar fortemente

---

[115] « La valeur ce n'est pas la signification. La valeur est donnée par d'autre données ; <elle est donnée en plus de la signification – par le rapport entre un tout et une certaine idée, > par la situation réciproque des pièces dans la langue [...] C'est la valeur elle-même qui fera la délimitation ; l'unité n'est pas délimitée fondamentalement, voilà ce qui est particulier à la langue»

[116] « c'est justement l'essemble des faits diachroniques et leur direction qui crée la *diversité des idiomes* »

marcado pelo sentido de "próprio", "particular", tal qual o prefixo anexado. A noção de "estado fortuito" parece ceder aos limites impostos pela noção de *gramática*, o que significa o fechamento do sistema à consideração da mudança no tempo que a ordem diacrônica descortinou através dos estudos *linguísticos*.

A discussão de Saussure avança em torno dessa temática, repetindo o novo termo proposto para referir-se ao *encadeamento* e à *ordem* diacrônica em oposição à *idiossincrônica*, para abandoná-lo completamente a partir da aula seguinte, 14 de dezembro, banindo-o de seus cursos de linguística geral.

Não há espaço neste trabalho para maiores detalhes da discussão. Julgamos suficiente o que fizemos no sentido de demonstrar a efemeridade do termo *idiossincrônico* e seu conceito no ensino de Saussure, assim como sua vinculação à *gramática*, propagando-se de forma evidente no seu fechamento em relação à ordem diacrônica, o que, acreditamos, justifica o seu completo abandono.

## Conclusão

Se as rasuras do *index* das *Notes*, discutidas por Marques (2017), deixavam entrever que Saussure titubeava entre *idiossincrônico* e *sincrônico*, a utilização do primeiro não durou mais do que *uma* aula de seu Segundo Curso, ocorrido alguns anos depois[117]. *Idiossincrônico* foi simplesmente barrado na reflexão que se seguiu[118].

Em 19 de janeiro de 1909, pouco antes de se dedicar à discussão intitulada *Visão geral da linguística indo-europeia como introdução à*

[117] Godel afirma que os manuscritos 11 e 12, quando comparados com os anteriores 9 e 10, datados entre 1893 e 1894, é um pouco posterior, a julgar pela terminologia adotada: *signo* substituindo *símbolo* e a introdução dos novos termos *diacrônico* e *idiossincrônico* (cf, GODEL, 1957, p. 37) O Segundo Curso, iniciando-se em 1908, concluímos, ocorreu aproximadamente 10 anos depois.

[118] O registro do Segundo Curso que consultamos não traz nenhuma indicação de que esse termo tenha sido utilizado depois. Evidentemente, uma pesquisa feita a partir dos manuscritos dos alunos poderia confirmar, por exemplo, se houve uma menção eventualmente rasurada. Por ora, isso não está sendo cogitado.

*linguística geral*, em entrevista concedida a Riedlinger a propósito da linguística estática, Saussure afirma:

> Será preciso começar pela linguística diacrônica; o sincrônico deve ser tratado por ele mesmo: mas sem a perpétua oposição com a diacronia, não chegamos a lugar algum: os gramáticos antigos saíram na frente com a linguística estática e não arriscaram confundir os dois pontos de vista. Mas aonde eles chegaram![119] (SAUSSURE, 1909 apud GODEL, 1957, p. 29 – grifos nossos)

Saussure reafirma o que diz no seu Primeiro Curso, e parece explicar a observação feita no Terceiro, quando diz que a noção de "estado fortuito de termos" que emprega para referir-se ao estado de uma língua jamais seria adquirida pela gramática tradicional: um estado de língua fechado em si mesmo não rende teoria. A ordem da língua em Saussure revela-se na sincronia e na diacronia postas em relação, o que coloca sob suspeita o conceito de *unidade* e convoca o de *valor*, concebido como muito além daquele operado pela *gramática*.

Considerando a propalada preocupação de Saussure com as questões relativas à terminologia da área, não é razoável ignorar o abandono de um termo que o CLG, embora o registre apenas duas vezes, eleva a uma posição estratégica ao situá-lo na abertura da parte dedicada à Linguística Sincrônica. Isso nos permite tirar duas consequências: a maneira, de certa forma, despretensiosa com que o termo *idiossincrônico* surge e se propaga no texto do Curso tem por efeito amalgamar-se com o conceito de *gramática*, "contaminando" o de *sincronia*, reduzindo-o à ideia de *descrição* de estado(s) de língua(s) empiricamente observável(eis), independentemente da consideração de sua realidade fortuita e cambiante; a definição de *la langue* como "sistema de signos", claramente inspirada na ideia de um sistema gramatical fechado, indiferente à mudança, concorre com a outra que afirma ser a língua "um sistema de valores puros", tirando-lhe a eficácia teórica.

---

[119] « Il faudrait commencer par la linguistique diachronique ; le synchronique doit être traité pour lui-même ; mais *sans l'opposition perpétuelle avec le diachronique, on n'aboutit à rien*: les grammairiens anciens ont eu beau jeu de faire de la linguistique statique et ne risquaient pas de confondre les deux points de vue. *Mais à quai sont-ils arrivés* ! »

Essa última definição de língua, submetida aos impasses do cruzamento entre as ordens diacrônica e sincrônica, revela-se tão mais desafiadora que o mestre, na mesma entrevista que concedeu a Riedlinger, mencionada acima, confidenciará "Eu não desejo de forma alguma fazer linguística estática[120]" (SASSURE, 1909 apud GODEL, 1957, p. 30) e, diante dos protestos de seu estudante, insistirá sobre a *dificuldade* do empreendimento. Os editores registraram no CLG afirmação semelhante, embora pareçam tê-la minimizado, registrando-a na mesma página em que o termo *idiossincrônico* aparece pela segunda vez: "De modo geral, é muito mais difícil fazer a Linguística estática que a histórica. Os fatos de evolução são mais concretos [...]. Mas a Linguística que se ocupa de valores e relações coexistentes, apresenta dificuldades bem maiores" (SAUSSURE, 2006 [1916], p.117).

Não resistimos a nos indagar: que dificuldades implicadas no estudo sincrônico, tal qual propôs Saussure, foram reconhecidas pela linguística que o declarou seu fundador? Até que ponto a propagação do conceito de *idiossincrônico* fez a tarefa parecer mais familiar, sustentada pela "sensação de estar em casa" suscitada pela *gramática*?

Por fim, fechamos este trabalho reproduzindo o que Riedlinger conclui de sua entrevista com o mestre, encerrada a primeira parte do Segundo Curso[121]:

> A introdução que M. de Saussure fez até agora em seu curso não foi além de uma exposição despretensiosa (*une causerie*). Se o curso tivesse prosseguido ela teria sido completamente diferente. M. de Saussure abordará este ano as línguas indo-europeias e os problemas que elas colocam. Isso será uma preparação para um curso de filosofia da linguística[122] (RIEDLINGER apud GODEL, 1957, p. 30 – grifos nossos).

---

120 « Je ne me designe pas du tout pour faire une linguisique statique »

121 Godel informa que a sequência do curso, intitulada *Aperçu de la linguistique indo-européenne comme introduction à la linguistique générale,* ocupará 342 das 462 páginas do manuscrito de Riedlinger, destacando a importância dessa parte do curso, tendo em vista o que seria um *curso filosófico de linguística*.

122 L'introduction que M. de Saussure a faite jusq'ici dans son cours de linguistique générale n'est qu'une causerie. Si le cours avait suivi, elle aurai dê être tout autre. M. De Saussure traitera cette année les langues indo-européennes et les problèmes qu'elle posesnt. Ce sera une préparation pur un cours philosophique de linguistique

Não resta dúvida de que, ao insistir na complexa relação entre as ordens *sincrônica* e *diacrônica* para abordar "a natureza do fenômeno linguístico da língua", Saussure almejava lançar-se num empreendimento teórico muito mais ousado do que estabelecer "os princípios fundamentais de todo sistema *idiossincrônico*".

## Referências


BOUISSAC, P. *Saussure: um guia para perplexos*. Petrópolis: Vozes, 2012.

COSENZA, G. *Dalle parole ai termini:* i percorsi di pensiero di F. de Saussure. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2016.

COURSIL, J. *Idiosynchronie :* programme saussurien de la langue. Communication au colloque Le CLG, 1916-2016. L'émergence: Paris, 15-17 juin 2016. Disponível em: https://www.clg2016.org/documents/CLG2016-Coursil.pdf Acesso em 12. dez. 2019.

DE MAURO, T. Notes. In: SAUSSURE. *Cours de Linguistique Générale* - Édition critique preparé par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1967.

DEPECKER, L. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Petrópolis: Vozes, 2012

ENGLER, R. *Lexique de la terminologie saussurienne*. Utrecht: Spectrum Éd., 1968.

GODEL, R. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. De Saussure*. Genève, Librairie Droz, 1969 [1957]

KOMATSU, E. Foreword. In: SAUSSURE, Ferdinand de. *Deuxiéme cours de linguistique generale (1908-1909).* Oxford : Pergamon, 1997. p. vii-viii

MARQUES, A. A fecundidade teórica da noção de relação na delimitação entre sincronia e diacronia: uma análise de manuscritos saussurianos. *Fórum Linguístico*, v. 14, n. 1, 2017. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6125147. Acesso em 15 set. 2020

PAUL, H. *Princípios fundamentais da história da língua***.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966[1880].

PEREIRA DE CASTRO, M.F. Em que consiste a identidade linguística? Uma questão saussuriana. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-2, maio/ago. 2020.

SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale* - Édition critique preparé par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1967 [1916].

SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique par Rudolf Engler (Tome 1).Wiesbaden: Harrassowitz, 1968.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SAUSSURE, F. *Deuxième Cours de Linguistique Générale (1908-1909)*: d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois/ Saussure's second course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Albert Riedlinger and Charles Patois. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by George Wolf. Oxford: Pergamon Press, 1997.

SAUSSURE, F. *Première Cours de Linguistique Générale (1907)*: d'après les cahiers d'Albert Riedlinger / Saussure's first course of lectures on general linguistics (1907): from the notebooks of Albert Riedlinger. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by George Wolf. Oxford: Pergamon Press, 1996.

SAUSSURE, F. *Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911)*: d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Oxford: Pergamon Press, 1993.

SAUSSURE, F. Primeira conferência na universidade de Genebra (1891). In: SAUSSURE, F. *Escritos de Linguística Geral.* Organização e edição: Simon Bouquet, Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. São Paulo: Editora Cultrix, 2004[2002].

SILVEIRA, E. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

WOLF, G. Translator's note. In: SAUSSURE, Ferdinand de. *Deuxiéme cours de linguistique generale (1908-1909).* Oxford: Pergamon, 1997. p. xv–xvi.

# Capítulo 9

# "A linguagem é uma instituição SEM ANÁLOGO (se a ela adicionamos a escrita)": a escrita como problema na reflexão teórica de Saussure[123]

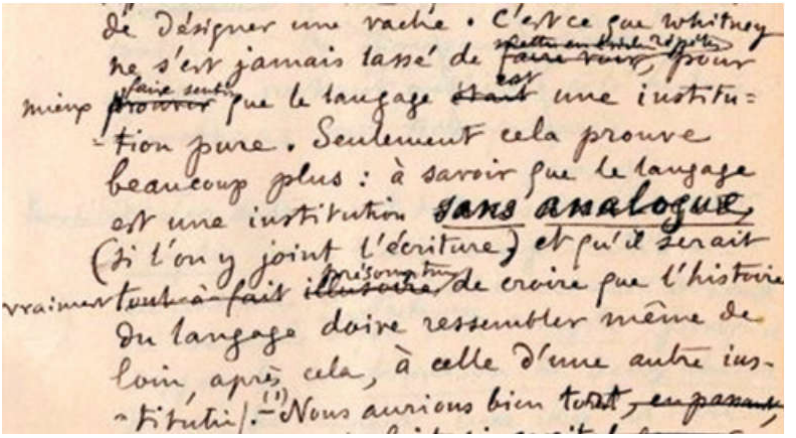
*Pierre-Yves Testenoire*

As análises de Saussure referentes à escrita têm, frequentemente, sido julgadas como decepcionantes. Independentemente de críticas concernentes a essas análises, muitos comentadores veem a escrita como algo "impensado" (RICARDOU, 1995), como "um obstáculo" (HARRIS, 2003) ou como "um ponto cego" (GANDON, 2012) das reflexões saussurianas. A tese que defendemos é que a escrita constitui, ao contrário, um ponto nodal do pensamento de Saussure, onde se articulam reflexões propriamente linguísticas e também o programa semiológico. Objeto linguístico, semiológico, social e histórico, a escrita representa, literalmente, um problema ao linguista, na medida em que ele a considera como um sistema exterior à língua, mas integrado a ela. A ambição deste artigo é identificar um desses problemas e, assim, apontar a complexidade das representações entendidas sobre a posição saussuriana a respeito da escrita.

A citação escolhida como título deste artigo ilustra toda a dificuldade do pensamento teórico de Saussure sobre esse assunto. Ela foi retirada de um caderno de anotações manuscritas, datado de 1894, onde o linguista desenvolve, a partir da tese convencionalista de Whitney, uma reflexão sobre a língua como instituição social (Figura 1).

[123] Tradução de Micaela Pafume Coelho. Artigo originalmente publicado na Semiotica, Journal of the International Association for Semiotic Studies / Revue de l'Association Internationale de Sémiotique, 2017.

Figura 1



Fonte: Saussure, Bibliothèque de Genève, Ms. fr. 3951/10, f° 18, détail

A tese que é o cerne da demonstração saussuriana, "A linguagem é uma instituição sem análogo", é reforçada pelo sublinhado e pela reescrita em caracteres maiores da expressão "sem análogo" (*sans analogue*), em negrito. Não obstante, a afirmação radical é imediatamente ressaltada pela adição de um parêntese – "se nela incluímos a escrita", que deve ser entendida como "se fazemos exceção da instituição social da escrita". Esse parêntese não somente atenua o caráter categórico da primeira afirmação, mas potencialmente a contradiz, pois "se nela incluímos a escrita", pode significar que a escrita apresenta analogias com a língua: nesse caso, a língua não é mais uma instituição sem análogo. Outra interpretação: "se nela incluímos a escrita" pode significar que a escrita é também uma instituição sem análogo: o texto, então, traçaria um modelo com duas instituições singulares que seriam a língua (aqui, a linguagem) e a escrita, sem que a relação entre as duas fosse especificada.

## 1 A escrita no *Curso de linguística geral* e suas críticas

Todas essas questões não surgiriam se considerássemos apenas o *Curso de linguística geral* elaborado por Bally e Sechehaye. O tratamento da

escrita no CLG se reduz, convém lembrar, a duas passagens, por vezes consideradas contraditórias. A primeira está no capítulo sexto da Introdução, intitulado "Representação da língua pela escrita", em que é defendida a tese segundo a qual a escrita é um sistema de representação fictício da língua (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 40). A segunda passagem se encontra no capítulo consagrado ao valor, onde é desenvolvida uma comparação entre o signo linguístico e o signo gráfico, com a imagem dos três "t" cujas variantes materiais seriam indiferentes (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 138).

As concepções de escrita, tais como são desenvolvidas no CLG, constituem-se como objetos de múltiplas críticas. Analisaremos algumas dessas críticas que nos parecem interessantes, uma vez que cada uma delas coloca em discussão um aspecto diferente das análises saussurianas.

## 1.1 Crítica do fonocentrismo

Uma das críticas fundadoras é a de Derrida, que vê, no capítulo sexto da Introdução do CLG, um testemunho desse logocentrismo, aliado a um fonocentrismo que governa, segundo ele, a metafísica ocidental e que coloca a exclusão da escrita como uma das condições para a possibilidade de uma sistematização da língua. A crítica do fonocentrismo saussuriano também se desenvolveu em outros quadros teóricos, por exemplo, por Jack Godoy (1979, 1994, 2007) ou por Walter J. Ong (1982). Se a análise derridiana constitui uma etapa importante do exame crítico da questão da escrita em Saussure – nesse sentido, já amplamente estudada (BENNINGTON, 2004; JOUBERT, 2005; DAYLIGHT, 2011) –, ela apresenta, em nossa perspectiva, uma grande limitação. Derrida especifica, na obra *De la grammatologie*, uma preocupação "muito reduzida com o pensamento do próprio Saussure" (DERRIDA, 1967, p. 107). Saussure é tomado como um representante da abordagem representativa da escrita, e é visto até mesmo como um representante do discurso da Linguística Moderna sobre a escrita, como se ela fosse homogênea. A partir de então, foi demonstrado que as concepções autonomistas da escrita também poderiam ser desenvolvidas na linguística a partir da teoria saussuriana (cf. ARRIVÉ, 1983; ANIS et al., 1988).

## 1.2 Crítica da "representação"

Jaques Anis, Jean-Louis Chiss e Christian Puech (CHISS, 1988; PUECH, 1983) questionaram, por sua vez, a noção de "representação" mobilizada no CLG a respeito da escrita. Como ressaltam esses autores, o sentido de "representação" não é, na verdade, nem definido nem problematizado no ensinamento de Saussure. A esse respeito, o conhecimento aprofundado que temos sobre o *corpus* saussuriano nos permite trazer esclarecimentos, uma vez que existe uma fonte concomitante aos cursos de Linguística Geral em que o termo "representação" é onipresente: os cadernos dos anagramas. Nesses cadernos, cuja redação é contemporânea aos dois primeiros cursos de Linguística Geral, os segmentos dos textos "representam" os segmentos das palavras-temas e o termo "representação" é alternado muito claramente com "imitação" e "figuração", a fim de designar uma reprodução imperfeita (cf. SAUSSURE, 2013). A acepção saussuriana de "representação", portanto, está bem relacionada à problemática tradicional da mimese platônica.

A tese saussuriana da representação da língua pela escrita parece, contudo, mais complexa, se analisarmos os cadernos dos alunos. Na edição de Rudolf Engler (SAUSSURE, 1968–1974, p. 67; CLG/E 442), a frase do CLG "A língua e a escrita são dois sistemas de signos distintos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro" corresponde bem ao que encontramos nos cadernos de Georges Dégallier: "Língua e escrita são dois sistemas de signos em que um tem a missão única de representar o outro". Mas os cadernos dos outros ouvintes propõem uma versão diferente. Assim, Francis Joseph anotou: "A língua e a escrita são dois sistemas de signos que têm a missão de representarem um ao outro". Essa ideia de uma reciprocidade entre os dois sistemas é confirmada pelos cadernos de Émile Constantin, que não eram conhecidos pelos editores no momento da elaboração do CLG: "A língua e a escrita são dois sistemas de signos em que um tem a missão <unicamente> de representar o outro. Parece que o valor respectivo e recíproco desses sistemas não corre o risco de ser ignorado.".

Dessa forma, não somente a escrita representa a língua, mas também a língua representa a escrita. Esse segundo axioma descreve o fato de que a escrituração de uma língua modifica a consciência que os sujeitos falantes têm dela e, portanto, de sua estrutura; é isso que Saussure demonstra

nas reflexões que se tornaram o capítulo "Representação da língua pela escrita". Essa reciprocidade considerada entre os dois sistemas, ao contrário do modelo de representação unilateral apresentado no CLG, parece próxima do processo de autossemiotização da língua pela escrita, sobre o qual Benveniste fala em suas últimas lições no *Collège de France* (BENVENISTE, 2012).

## 1.3 Crítica do "desacordo entre a grafia e a pronúncia"

Uma outra crítica importante foi desenvolvida por Roy Harris – que consagra as cem primeiras páginas de *A semiologia da escrita* à análise crítica do tratamento dado por Saussure à escrita. Ele aponta notadamente incontestáveis fragilidades na análise das relações entre grafia e fonia no capítulo sexto da Introdução do CLG. Assim, quando estuda as evoluções da escrita da palavra *roi* (CLG, p. 49), Saussure conclui o ilogismo da grafia atual. Ora, como mostra Harris (2003, p. 40-41), a equivalência atual entre a grafia *r-o-i* e o lexema pronunciado [ʁwa] só pode ser decretado deficiente em relação ao século XIII. Saussure projeta, assim, sobre um fenômeno sincrônico – uma equivalência entre grafia e fonia – uma perspectiva diacrônica, e faz o mesmo que criticava a respeito da Linguística de seu tempo: uma confusão entre os pontos de vista sincrônico e diacrónico. Mesmo a ideia de um desacordo entre grafia e fonia está no centro da crítica de Harris: ele contesta as análises saussurianas na medida em que colocam a língua ao centro de suas concepções de escrita e negam toda autonomia semiológica aos sistemas gráficos – sobre a qual ele funda sua abordagem integradora.

## 1.4 Crítica do "alfabetismo" saussuriano

O privilégio concedido ao sistema alfabético nas análises do CLG foi destacado por muitos comentadores. Se a importância dada ao modelo alfabético atesta uma incontestável "perspectiva eurocentrista" (HARRIS, 1993, p. 72), ela estabelece também posições teóricas. Isso foi demon-

strado, em particular, pelos proponentes de uma abordagem icônica da escrita. Assim, Anne-Marie Christin colocou em evidência o embaraço teórico de Saussure ao tratar dos ideogramas. A "propensão do ideograma de modificar seu valor primário para tomar emprestado o valor do alfabeto" (CHRISTIN, 1999) coloca problemas à concepção de valor que ele desenvolve e que é considerado apenas no seio de um sistema definido. Da mesma forma, Christin mostra que a indiferença da materialidade da letra *t*, argumentada no CLG, não é sustentável no contexto das escritas chinesas ou japonesas. Portanto, em sua reflexão sobre a escrita, Saussure deduz características gerais a partir do sistema que melhor se adéqua à sua perspectiva fonocêntrica: o alfabeto. A partir disso, fecham-se os olhos para a dimensão icônica da escrita.

Todas essas críticas, que provêm de defensores de uma concepção autonomista mais ou menos radical da escrita, parecem ter fundamento. O tratamento dado por Saussure à escrita ainda nos parece interessante quando procuramos distinguir duas abordagens: de um lado, o ensinamento de Linguística Geral, em que a escrita é abordada apenas em sua relação com a língua; de outro, as pesquisas manuscritas, em que a escrita é abordada como tal, no âmbito de um projeto semiológico.

Desse ponto de vista, há somente dois sistemas de signos não linguísticos que são verdadeiramente estudados nos manuscritos: as lendas e a escrita.

As reflexões teórica e semiológica de Saussure sobre a escrita são, ademais, inseparáveis da multiplicidade de estudos que ele realizou sobre sistemas gráficos particulares. Essas questões percorrem seu itinerário: Saussure trabalhou, nos anos de 1880, sobre a runa e a escrita das línguas germânicas[124]; ele conheceu os trabalhos sobre as escritas cuneiformes de grandes assiriologistas de seu tempo – Joachim Menant e Jules Oppert, com quem ele se correspondia; ele participou de debates sobre a transcrição do sânscrito durante o Congresso de Orientalistas de 1894 (AMACKER, 2006;

[124] Assim, o resumo dos cursos de Saussure ministrados na *École Pratique des Hautes Études* indica que, entre 1881 e 1882, ele estudou o "sistema gráfico" do gótico e do alto-alemão antigo, e que, entre 1882 e 1883, ele fez "uma introdução sobre as fontes, os alfabetos e os agrupamentos de principais dialetos antigos (gótico, escandinavo, alto-alemão antigo, baixo-frâncico antigo, saxão antigo, frísio, anglo-saxão)" (FLEURY, 1964-1965, p. 55-58).

JOSEPH, 2012, p. 402-409); ele colocou questões de epigrafia em seu programa de ensino em Genebra (cf. LINDA, 1995-1996); dedicou um artigo publicado e muitos manuscritos à decifração e à análise de várias inscrições antigas (cf. MARCHESE; MURANO, 2015). A questão da escrita é, então, abordada no *corpus* de manuscritos saussurianos sob uma ótica, ao mesmo tempo, empírica e teórica: ela se constitui como objeto de uma constelação de abordagens diferentes – semiológica, linguística, histórica, epigráfica – que é difícil de abarcar. É por isso que não propomos uma análise sistemática do tratamento da escrita em todos os manuscritos saussurianos. Em vez disso, concentrar-nos-emos em um objetivo mais modesto, considerando um problema que Saussure enfrentou: o da relação entre os sistemas da língua e da escrita[125].

## 2 O problema da *analogia* da língua e da escrita

No que tange aos ensinamentos sobre Linguística Geral ministrados por Saussure entre 1907 e 1911, podemos distinguir três domínios em que a questão da escrita é abordada:

– na exposição sobre as diferentes línguas, a escrita é apresentada como um documento indispensável para o estudo das línguas antigas. Na parte sobre línguas, que, em cada curso, ocorreu de forma paralela à abordagem da língua, há, portanto, considerações sobre diferentes sistemas de escrita – etruscos, silabários cipriotas, cuneiformes, persas etc. –, o quais não foram todos reproduzidos pelos editores do CLG;

… em segundo lugar, em um inventário de erros cometidos pela Linguística do século XIX ou, prospectivamente, no alerta sobre as armadilhas a serem evitadas, a escrita aparece como uma das principais fontes de erros. Em cada um dos três cursos, os erros induzidos pela escrita foram objeto de uma elaboração separada, que os editores do CLG fundiram em

[125] Encontraremos uma primeira abordagem desse problema, considerado a partir de uma perspectiva mais ampla, em Testenoire (2013, p. 225-250).

um capítulo da Introdução que parece eliminar, de maneira inicial e definitiva, a escrita para o estudo da língua. Ora, a crítica saussuriana sobre a escrita – longe de significar sua exclusão – possui um objetivo metodológico. A denúncia do meio enganoso da escrita é um convite para substituí-la por um sistema confiável de representação. Duas de três passagens do Terceiro Curso em que os editores do CLG se basearam para a elaboração do capítulo "Representação da língua pela escrita" são imediatamente seguidas, nos cadernos dos alunos, de uma explicação sobre os princípios de fonologia necessários a uma transcrição racional da fala[126];

– enfim, a escrita intervém na formulação de princípios gerais de uma ciência da linguagem. O sistema de escrita atua, então, como um análogo para pensar o sistema linguístico. É a esse último problema que nos ateremos.

## 2.1 "A linguagem é uma instituição SEM ANÁLOGO (se a ela adicionamos a escrita)" (1894)

Saussure integrou, desde cedo, o problema da escrita à sua reflexão teórica sobre a linguagem e sobre as línguas. Os textos de Linguística Geral, escritos bem antes dos cursos de Linguística Geral, atestam isso. Uma passagem do manuscrito conhecido como *Da essência dupla da linguagem* (1891) trata incidentalmente da questão da escrita, quando trata da "consciência dos sujeitos falantes", que determina as formas significantes. Saussure nota a "inconsciência" que os sujeitos falantes têm da "forma dos signos" da escrita, assim como "do som das palavras" que eles empregam. Ele continua:

> De uma maneira + geral é ~~muito provável~~ <me parece> que ~~não somente~~ <esteja> no campo do <u>efeito individual</u> (= semiológico),

[126] Essa preocupação com uma "transcrição racional da fala" se junta às preocupações que surgiam com o projeto contemporâneo do Alfabeto Fonético Internacional (AFI) utilizado pela Associação Fonética Internacional de Paul Passy, da qual Saussure era membro. Sobre as relações de Saussure com o AFI, conferir Galazzi (1992 [1880-1914]; 2000).

> ~~mas também~~ <esteja> na ~~série de suas frases históricas,~~ perspectiva histórica, os fatos relativos ~~ao escrito~~ <à escritura>, apresentam ~~o homólogo um~~ <e> ~~caso~~ <face> ~~homóloga~~ talvez para todos os fatos sem exceção que estão na linguagem uma mina de observações interessantes, e de fatos ~~completamente homolog~~ não somente análogos, mas completamente homólogos <de uma ponta a outra> àqueles que podem ser discernidos na linguagem falada. (BGE, *Archives de Saussure* 372, f. 82)[127], [128].

"Os fatos relativos à escrita" e aqueles relativos à "linguagem falada" são declarados homólogos. O oral e o escrito são colocados em um mesmo plano, na medida em que suas formas significantes, sendo determinadas pela consciência dos sujeitos falantes, supõem um duplo ponto de vista: "histórico" e "semiológico" (aqui, correspondendo à consciência dos sujeitos falantes, isto é, sincrônico). A questão da relação entre fatos de língua e fatos de escrita tampouco é desenvolvida no *Essência dupla*. Ela foi, em contrapartida, largamente retomada e aprofundada em 1894, nas notas manuscritas destinadas a um artigo sobre o linguista americano William Dwight Whitney.

Essas notas começam como um artigo de homenagem ao linguista americano que acabara de falecer. Elas evoluem muito rapidamente para uma análise cuidadosa dos méritos, mas também das insuficiências das ideias expostas no livro *A vida da linguagem*[129]. Entre elas, Saussure dá crédito a Whitney por ter afirmado, contra as concepções organicistas de seu tempo, que a linguagem é uma instituição humana. "Aquilo mudou o

---

[127] (Nota da Tradutora) Original: *D'une manière + générale il ~~est assez probable~~ <me semble> que ~~non seulement~~ <soit>- dans le champ de l'effet individuel ( = sémiologique), ~~mais aussi~~ <soit> dans la ~~série de ses phrases historiques~~, perspective historique, les faits relatifs ~~à l'écri~~ <à l'écriture>, ~~présente l'homologue un <e> cas <face> homologue~~ peut-être pour tous les faits sans exception qui sont dans le langage une mine d'observations intéressantes, et de faits ~~complètement homolog~~ non-seulement analogues, mais complètement homologues <d'un bout à l'autre> à ceux qu'on peut discerner dans le langage parlé.*

[128] Cf. Saussure (2002, p. 49) e Saussure (2011, p. 134-135). Todas as transcrições são efetuadas a partir dos manuscritos: xxx diz respeito a uma passagem rasurada e <xxx> diz respeito a uma passagem escrita à margem ou nas entrelinhas. As abreviações, para fins de legibilidade, foram escritas por extenso.

[129] (NT) O título original em inglês é *The life and growth of language*.

eixo da Linguística", ele escreve. Mas ele se apressa a lamentar que esse convencionalismo não tenha levado em consideração a especificidade da linguagem entre as instituições humanas:

> ~~O futuro~~ <A sequência> dirá <cremos nós>: é uma instituição humana~~, sem análogo, com exceção da escrita. E isso não é importante para seu estudo.~~ mas de tal natureza que todas as outras instituições humanas, salvo a da escrita, ~~sejam destinadas a~~ <podem somente> nos enganar ~~completamente~~ sobre ~~sua~~ <a> <verdadeira> essência, se nós tivermos o infortúnio de confiarmos, por infortúnio, em sua analogia...
> Mas a linguagem e a escrita não são FUNDADAS <~~DESDE A ORIGEM~~> ~~SOBRE UMA RELAÇÃO NATURAL DAS COISAS~~ <sobre uma relação natural das coisas>. Não há relação alguma, em momento algum, entre um certo som sibilante e a ~~letra~~ forma da letra S, e do mesmo modo não é mais difícil para palavra ~~kuh~~ <cow> do que para palavra vacca designar uma vaca. É isso que Whitney não deixou jamais de ~~fazer ver~~ <~~colocar em evidência~~> <repetir>, para ~~provar~~ <melhor> <fazer sentir> que a linguagem ~~fosse~~ <é> uma instituição pura. Somente isso prova muito mais: saber que a linguagem é uma instituição SEM ANÁLOGO, (se a ela adicionamos a escrita) e que seria ~~de fato~~ <verdadeiramente> ~~ilusório~~ <presunçoso> crer que a história da linguagem deva se assemelhar, mesmo de longe, após isso, à de outra instituição <~~nem que~~ <não> coloque em jogo (a cada momento) forças psicológicas semelhantes ~~para serem praticadas~~>. (BGE, Ms. fr. 3951/10, f. 17-18)[130][131].

---

130 Uma reprodução numérica do caderno sobre Whitney pode ser consultada no DC-ROM associado ao *Cahiers Ferdinand de Saussure* 60.

131 (NT) Original: ~~*L'avenir*~~ *<La suite> dira <croyons-nous>: c'est une institution humaine,* ~~*sans analogue, sauf l'écriture. Et cela n'est pas important pour son étude.*~~ *mais de telle nature que toutes les autres institutions humaines sauf celle de l'écriture,* ~~*sont destinées à*~~ *<ne peuvent que> nous tromper* ~~*complètement*~~ *sur* ~~*son*~~ *<a> <véritable> essence, si nous* ~~*avons le malheur de*~~ *<nous> nous fions <par malheur> à leur analogie ... Mais le langage et l'écriture ne sont PAS FONDÉS <*~~*DEPUIS L'ORIGINE*~~*> SUR UN RAPPORT NATUREL DES CHOSES <sur un rapport naturel des choses>. Il n'y aucun rapport, à aucun moment, entre un certain son sifflant et la* ~~*lettre*~~ *forme de la* ~~*lettre*~~ *S, et de même il n'est pas plus difficile au mot* ~~*kuh*~~ *<cow> qu'au mot vacca de désigner une vache. C'est ce que Whitney ne s'est jamais lassé de* ~~*faire voir*~~ *<*~~*mettre en évidence*~~*> <répéter>, pour* ~~*prouver*~~ *<mieux> <faire sentir> que le langage* ~~*était*~~ *<est> une institution pure. Seulement cela prouve beaucoup plus: à savoir que le langage <est> une institution SANS ANALOGUE, (si l'on y joint l'écriture) et qu'il serait* ~~*tout à fait*~~ *<vraiment>* ~~*illusoire*~~ *<présomptueux> de croire que l'histoire du langage*

Somente a escrita é julgada comparável, entre as instituições humanas, à da linguagem. Essa semelhança se baseia na natureza de seus signos e da convenção que os estabelece. Assim, no restante do manuscrito, a consideração daquilo que Saussure chama tanto de "figura" como de "signo vocal" é acompanhada sempre da consideração do signo gráfico. Desse modo, para ilustrar o que ele entende como símbolo convencional, Saussure usa, repetidamente, o exemplo duplo do signo linguístico e do signo gráfico:

> Por exemplo, se represento ~~um~~ um homem por uma representação <mesmo> grosseira, <mas se eu o represento pelo signo gráfico x, ou pela figural vocal ἄνθρωπος []> (BGE, Ms. fr. 3951/10, f. 13).[132]
> A instituição do casamento de acordo com a forma monogâmica é <provavelmente> mais razoável que de acordo com a forma poligâmica. ~~Mas a instituição~~ Isso pode ser discutido filosoficamente. Mas a instituição de um signo qualquer, por ex. σ ou s, para designar o som s, ~~é baseada na irracionalidade~~ ou de cow ou vacca para designar a ideia de vaca é baseada na própria irracionalidade; ou seja, não há aqui nenhuma razão fundamentada na natureza das coisas <e sua conveniência> que intervenha em qualquer momento, ~~sobre~~ <seja> para manter ~~ou~~ seja para apagar uma [] (BGE, Ms. fr. 3951/10, f. 25)[133].

É a convenção não natural – a arbitrária – dos signos da língua e da escrita que os torna instituições humanas específicas, não baseadas na razão. O caso da escrita permanece estreitamente associado à reflexão sobre a linguagem, mesmo quando o linguista chega a formular, em uma das

---

*doive ressembler même de loin, après cela, à celle d'une autre institution <~~ni qu~~'ll <ne> mette <pas> en jeu (à chaque moment) des forces psychologiques semblables ~~pour être pratiqué~~>.*

132 (NT) Original: *Par exemple si je représente ~~un~~ un homme par une figuration <même> grossière, <mais si je le représente par le signe graphique x, ou par une figure vocale ἄνθρωπος []>*

133 (NT) Original: *L'institution du mariage selon la forme monogame est <probablement> plus raisonnable que selon la forme polygame. ~~Mais l'institution~~ Cela peut philosophiquement se discuter. Mais l'institution d'un signe quelconque, par ex. σ ou s, pour désigner le son s, ~~est fondée sur l'irraison~~ ou bien de cow ou vacca pour désigner l'idée de vache est fondée sur l'irraison même; c'est-à-dire qu'il n'y a ~~a~~ ici aucune raison fondée sur la nature des choses <et leur convenance> qui intervienne à aucun moment, ~~sur~~ <soit> pour maintenir ~~ou~~ soit pour supprimer une []*

primeiras vezes, a inclusão do estudo da língua no campo de uma ciência dos signos.

> na teoria geral dos signos o caso particular dos signos vocais ~~não estaria~~ <não seria> mais complexo do que <mil vezes> todos os casos particulares conhecidos; tais como a escrita, a numeração etc. (BGE, Ms. fr. 3951/10, f. 91)[134].

A analogia entre língua e escrita é, de acordo com as notas sobre Whitney, total. Ela concerne não somente à natureza da instituição que elas representam na vida social dos homens, mas também a seu funcionamento enquanto sistema de signos.

É relevante observar que certas passagens do caderno sobre Whitney atenuam essa analogia total estabelecida entre a língua e as escrita: por exemplo, quando Saussure reafirma "a diferença entre a instituição da linguagem e as outras instituições humanas" sem mencionar a escrita (BGE, Ms. fr. 3951/10, f. 37), ou quando ele afirma essa convicção: "Quem põe ~~somente somente~~ o pé sobre o terreno da língua pode dizer a si mesmo que está abandonado por todas as analogias do céu e da []"[135] (BGE, Ms. fr. 3951/10, f. 92). Essas variações ilustram a dificuldade de interpretar um pensamento conhecido por meio dos manuscritos que não receberam legitimação oficial. O texto consagrado a Whitney retoma e desenvolve muitas vezes a mesma ideia, com nuances. Em todo caso, é inegável que a analogia entre a língua e a escrita é afirmada, nesse documento, com mais força do que em qualquer outro texto de Saussure.

---

134 (NT) Original: *dans la théorie générale des signes le cas particulier des signes vocaux ~~n'était~~ <ne serait> pas en outre plus complexe ~~de~~ <mille fois> tous les cas particuliers connus; tels que l'écriture, la chiffraison etc.*

135 (NT) Original: *Quiconque pose ~~seulement seulement~~ le pied sur le terrain de la langue peut se dire qu'il est abandonné par toutes les analogies du ciel et de la []*

## 2.2 “O que, nos diferentes sistemas semiológicos, faz da língua um sistema à parte” (1908)

Após 1894, o signo gráfico continuou a nutrir a reflexão semiológica de Saussure. Assim, nos textos teóricos que aparecem entre os manuscritos sobre as lendas, as letras do alfabeto tomam lugar, ao lado do nome e do personagem mítico, entre as “diferentes formas do SIGNO, no sentido filosófico” (SAUSSURE, 1986, p. 191). É, ainda, a partir do exemplo da runa germânica que Saussure se propõe a definir o símbolo (1986, p. 130-131). Nos cursos de Linguística Geral, a escrita constitui uma analogia à língua muito menos satisfatória do que nos manuscritos sobre Whitney. O fato, contudo, é que ela continua a fazer parte da elaboração dos princípios teóricos de uma ciência da linguagem.

A partir do início do segundo curso, a escrita desempenha um papel capital na inserção da Linguística no centro de uma ciência dos signos mais ampla. Entre os sistemas de signos não linguísticos então enumerados – sinais marítimos, signos dos cegos, dos surdos e mudos – em que essa ciência pudesse se basear, a escrita é o “mais importante”. E para sustentar a afirmação do caráter semiológico da ciência da linguagem, Saussure desenvolve a seguinte aproximação:

> Na escrita, estamos de fato em um sistema de signos similar ao da língua. Suas principais características são:
> 1. O caráter arbitrário do signo <(não há relação entre o signo e a coisa a ser designada);>
> 2. Valor puramente negativo e diferencial do signo. <Ele só adquire valor por meio de diferenças.> Para *t*, por exemplo, em uma mesma pessoa: **τ** T t t mas o que se exige é que ele não seja completamente idêntico a um *l* ou um *n*!)
> 3. Os valores da escrita consistem apenas em grandezas opostas< em um sistema definido;> eles são opositivos, são valores <apenas> por oposição. <Há um limite no número de valores.> (Não é exatamente o mesmo que 2) mas, no final das contas, se reduz ao valor negativo. Exemplo: o que é *p*, para um russo, será *r*, para um grego, etc.) 2) e 3) são uma consequência necessária de 1).
> 4. Indiferença total do meio de produção do signo – resulta igualmente de 1) – que eu os escreva em branco, preto, vazado, em relevo etc., <é indiferente.> Nós encontraremos todas essas

características na língua. (SAUSSURE, 1997, p. 7-8 = CLG/E 1930-1936).[136]

Essa passagem dos cadernos de Albert Riedlinger foi transcrita de maneira quase idêntica pelos editores do CLG e inserida em um capítulo sobre a noção de valor linguístico (CLG, p. 165-166). A modificação do contexto influencia fundamentalmente a interpretação que pode ser dada a essa passagem. Ela é introduzida no CLG por um parágrafo redigido pelos editores – "Como se comprova existir idêntico estado de coisas nesse outro sistema de signos que é a escrita, nós o tomaremos como termo de comparação para esclarecer toda a questão" – que coloca a demonstração sobre o valor dos signos gráficos a serviço da demonstração referente ao valor dos signos linguísticos[137]. No entanto, essa relação causal não aparece no decorrer do curso, tal como concebido por Saussure. Essa passagem se situa, na verdade, bem no início da introdução do segundo curso – ou desse "bate-papo", como Saussure o chama (GODEL, 1957, p. 29). Após ter analisado, no primeiro curso, os erros cometidos pela Linguística Histórica, o professor não havia ainda desenvolvido de fato os princípios positivos para uma ciência da linguagem. Ele mal havia separado a fala da língua e procurado situar a Linguística entre as outras ciências quando esse desenvolvimento ocorreu. As noções de arbitrário e de valor são, assim, esboçadas pela primeira

136 (NT) Original: *Dans l'écriture nous sommes bien dans un système de signes similaire à celui de la langue.Les principaux caractères en sont: 1. Le caractère arbitraire du signe <(il n'y a pas de rapport entre le signe et la chose à désigner);> 2. valeur purement négative et différentielle du signe. <Il n'emprunte sa valeur qu'aux différences.> Pour t par exemple chez une même personne: τ T t tmais ce qu'on lui demande c'est qu'il ne soit pas tout à fait identique à un l ou n !) 3. Les valeurs de l'écriture n'agissent que comme grandeurs opposées <dans un système défini;> elles sont oppositives, ne sont des valeurs <que> par opposition. <Il y a une limite dans le nombre de valeurs.> (N'est pas tout à fait la même chose que 2) mais se résout bien finalement en la valeur négative. Exemple: ce qui est p pour un Russe sera r pour Grec, etc.) 2) et 3) sont une conséquence nécessaire de 1). 4. Indifférence totale du moyen de production du signe – découle également de 1) – que je les écrive en blanc, noir, creux, relief etc., <c'est indifférent.> Nous retrouverons tous ces caractères dans la langue.*

137 Esse arranjo tem confundido mesmo comentadores atentos, como R. Harris, que sujeita essa passagem à argumentação a favor do valor linguístico: "Se ele [Saussure] conseguir, apesar da natureza material dos fatos, demonstrar que o valor formal dos signos [gráficos] é puramente negativo, a conclusão de que o mesmo se aplicaria ao signo linguístico em geral só parecerá mais convincente" (HARRIS, 1993, p. 27).

vez no decorrer dos cursos no que diz respeito aos signos gráficos. Elas servem para demonstrar a semelhança entre os dois sistemas de signos.

Saussure prossegue enumerando uma outra série de pontos de contato entre a língua e a escrita: as duas são convenções sociais, as duas são herdadas de gerações precedentes (cf. SAUSSURE, 1997, p. 8-9 = CLG/E 1130). As similaridades intrínsecas aos dois sistemas precedem, assim, o inventário de suas similaridades extrínsecas. Encontramos, nesse desenvolvimento, a dupla analogia entre a língua e a escrita que o texto sobre Whitney estabelecia: como sistema semiológico e como instituição social. Ainda pouco estabelecidas, essas aproximações são reduzidas:

> Poderíamos levar essa comparação bem mais adiante <até o nível dos detalhes> e <também> encontrar analogias entre o sistema de signos <além da escrita – até mesmo o sistema de sinais marítimos: e aquele da língua. Sentimos que se está na mesma ordem de fatos. (SAUSSURE, 1997, p. 9 = CLG/E 284)[138].

A especificidade da escrita é colocada em xeque: outros sistemas de signos poderiam, então, ser comparados ao da língua. A lista de analogias com a escrita serve apenas para demonstrar a inserção da Linguística entre as ciências semiológicas. E, se Saussure indica que a língua será "o modelo geral" dessas ciências, ele especifica que "será por acaso; teoricamente, ela será apenas um caso particular" (SAUSSURE, 1997, p. 7 = CLG/E 290). No Segundo Curso, o que faz a especificidade da língua em relação a uma instituição social e semiológica como a escrita ainda permanece no estado do horizonte programático: "Cabe a nós determinar o que, nos diferentes sistemas semiológicos, faz da língua um sistema à parte" (SAUSSURE, 1997, p. 9 = CLG/E 295).

A introdução do Terceiro Curso vai mais longe na afirmação da singularidade radical da língua. Quando retoma a definição de Whitney de língua como instituição social, Saussure adiciona:

---

138 (NT) Original: *On pourrait pousser cette comparaison beaucoup plus loin <jusque dans les détails> et <aussi> retrouver des analogies entre les systèmes de signes <autres que l'écriture – même le système des signaux maritimes -> et celui de la langue. On sent que l'on est dans le même ordre de fait.*

> Contudo, não vemos uma instituição social que esteja ao lado da língua e que seja comparável a ela. Há muitas diferenças. A situação bastante particular que a língua ocupa entre as instituições é muito certa, mas não pode ser definida com uma única palavra; em vez disso, são diferenças que emergiriam dessa comparação.[139] (CONSTANTIN, 2005, p. 88 = CLG/E 273).

O argumento dado a favor da incomparabilidade da língua é o de sua universalidade: "Nenhuma outra instituição concerne todos os indivíduos a todos os instantes; nenhuma outra chega a todos, de maneira que cada um tenha dela sua parte e, naturalmente, sua influência" (CONSTANTIN, 2005, p. 89 = CLG/E 273). Com a afirmação dessa universalidade antropológica, a escrita perde seu estatuto de análoga à língua que lhe conferia o texto de 1894 e que se mantinha em parte no Segundo Curso. Nem em sua dimensão social nem em sua dimensão semiológica a escrita pode ser comparada à língua. Dessa forma, ela não teria mais um papel específico a desempenhar no ensino da Linguística Geral. Entretanto, Saussure continua a fazê-la intervir, especialmente na última parte do Terceiro Curso, em que são expostos os princípios gerais da língua, em virtude "das analogias bastante características" (2005, p. 89 = CLG/E 192) que se observam entre os dois sistemas. Ela lhe serve, assim, de argumento a favor da distinção língua/fala:

> <Podemos separar a fala do resto> Acontece em certos casos de doenças em que um homem inteiramente privado da fala conserva a faculdade de escrever: a língua permanece intacta, a fala é a única afetada. (CONSTANTIN, 2005, p. 217-218 = CLG/E 256)[140].

Do mesmo modo, o signo gráfico intervém como um contraponto ao signo linguístico na demonstração do arbitrário:

---

139 (NT) Original: *Toutefois, on ne voit pas d'institution sociale qui se place à côté de la langue et soit comparable à elle. Il y a de très nombreuses différences. La situation toute particulière que la langue occupe entre les institutions est très sûre, mais on ne peut pas y répondre d'un seul mot; ce sont plutôt des différences qui éclateraient à cette comparaison.*

140 (NT) Original: *On peut séparer la parole du reste> Il arrive dans des cas de maladie qu'un homme entièrement privé de la parole conserve la faculté d'écrire: la langue est intacte, la parole seule est touchée.*

> É o próprio caráter arbitrário que os signos da escrita têm < É claro que nenhum laço preexistente exista para que eu designe o som P pela sequência dos traços P, II, ou ⊙. (CONSTANTIN, 2005, p. 222 = CLG/E 1124)[141].

Ou, em oposição a isso, sobre a questão da linearidade:

> [O signo linguístico] é acústico (ele se desenvolve no tempo que tem apenas uma dimensão linear, uma só dimensão). Por oposição a uma determinada espécie de signos (signos visuais, por exemplo) que podem oferecer uma complicação em várias dimensões, o signo acústico só pode oferecer complicações no espaço que seria representável em uma linha (CONSTANTIN, 2005, p. 222-223 = CLG/E 1167-1170)[142].

A escrita retorna um pouco mais adiante, no inventário das causas da imutabilidade das línguas:

> 2º) A imensa multiplicidade de signos que constitui uma língua. Se procurarmos pontos de comparação, não os encontraremos. E esse fato da multiplicidade de elementos que estão em jogo não deve ser desprezado. Uma escrita tem apenas de vinte a quarenta signos. Podemos ver um sistema de escrita ser substituído por outro. Se fosse concebível que a língua se compusesse apenas de quarenta signos, por exemplo, seria muito concebível que a língua pudesse ser completamente modificada. (CONSTANTIN, 2005, p. 240 = CLG/E 1213-1216)[143].

---

141 (NT) Original: *<C'est le même caractère arbitraire qu'ont les signes de l'écriture> Il est clair qu'aucun lien préexistant n'est là pour que je désigne le son P par la suite de traits P, Π, ou ⊙.*

142 (NT) Original: *Le signe linguistique] est acoustique (il se déroule dans le temps qui n'a qu'une dimension linéaire, une seule dimension). Par opposition à telle espèce de signes (signes visuels par exemple) qui peuvent offrir une complication en plusieurs dimensions, le signe acoustique ne peut offrir de complications que dans l'espace qui serait figurable dans une ligne.*

143 (NT) Original: *2°) La multitude immense des signes constituant une langue. Si l'on cherche des points de comparaison, on n'en trouve pas. Et ce fait de la multitude des éléments qui sont en jeu n'est point à dédaigner. Une écriture n'a que vingt à quarante signes. On peut voir un système d'écriture remplacé par un autre. S'il était concevable que la langue ne se composât que de quarante signes par exemple, il serait très concevable que la langue puisse être changée du tout au tout.*

Apesar da frequência de comparações empregadas no ensinamento de Saussure – jogo de xadrez, economia... – nenhum outro objeto semiológico desempenha um papel comparável ao exercido pela escrita. Ela permanece como o sistema de signos que é referência para pensar a língua, mesmo depois de confirmada sua radical singularidade. O signo gráfico, principalmente na introdução do Segundo Curso e no Terceiro, serve para evidenciar as características do signo linguístico.

A questão das relações entre a língua e a escrita não possui, portanto, um tratamento homogêneo nos textos de Saussure: ela passa por uma evolução no percurso do linguista que corresponde à elaboração progressiva das especificidades do objeto língua. Concebidos como homólogos em 1891, a língua e a escrita são descritas como análogas, a partir de 1894, em concordância com a leitura de Whitney. É essa relação de analogia que Saussure redefine ao longo de seu ensinamento sobre Linguística Geral, reduzindo gradualmente seu alcance: com a afirmação da incomparabilidade da língua como instituição social, tudo que resta são analogias "tópicas", concernentes às características de funcionamentos semiológicos que, então, tomam um valor metodológico.

Os cursos de Linguística Geral não oferecem uma análise estruturada do fenômeno da escrita: este só interessa a Saussure pelas relações que tem com a linguagem. Nesse sentido, ele é tratado a partir de uma ótica dupla: tanto como documento, muitas vezes enganoso, que dá acesso à língua, quanto como instituição social e sistema de signos – em certos aspectos, comparável à própria língua. A crítica célebre da escrita como um "véu" colocado sobre a língua[144] coabita com uma confrontação, muitas vezes despercebida, entre dois sistemas, durante a exposição teórica. Ao velar a língua, a escrita participa também do desvelamento de seus princípios gerais.

---

[144] A comparação com o "véu" se dá entre outras imagens utilizadas para ilustrar o caráter enganoso da escrita. Saussure fala, assim, no Segundo Curso, da "reprodução inexata", do "falso prisma" da escrita; ele a compara a uma "imagem", "um véu", ou a um "pano" (SAUSSURE, 1997, p.82-84 = CLG/E 572). No Terceiro Curso, ele utiliza a imagem da "fotografia" de uma pessoa que recebe mais crédito do que sua fisionomia real (CONSTANTIN, 2005, p. 143 = CLG/E 449). Ressaltemos, a esse respeito, que a "tirania da letra", expressão do CLG frequentemente utilizada, não encontra seu equivalente nos cadernos dos alunos, mesmo que, no Terceiro Curso, Saussure tenha evocado as relações língua-escrita no registro da dominação: "uma é apenas o servo", "ideia de inferioridade, de dependência da língua em relação <à letra>";

## Conclusão: problemas abertos

Se a questão da escrita em Saussure é mais complexa e mais aberta do que se diz, é porque assume uma dupla diversidade, frequentemente esquecida.

## Uma diversidade de pontos de vista

Longe de se reduzir unicamente ao tratamento depreciativo presente no CLG, a reflexão saussuriana referente à escrita articula uma pluralidade de abordagens. Do ponto de vista linguístico, Saussure destaca a importância da escrita, que fornece testemunhos indispensáveis sobre estados antigos de língua, mas adverte contra esse sistema de representação enganoso, fonte de inúmeros erros, cuja influência sobre a língua deve ser analisada com suspeitas. De um ponto de vista semiológico, a escrita é tratada como o sistema de signos mais próximo da língua. Como tal, ela intervém na demonstração de grandes princípios da Linguística saussuriana: a distinção língua-fala, a arbitrariedade do signo, a linearidade do significante, a imutabilidade do signo...

Enquanto instituição social, a escrita ocupa, para Saussure, um estatuto distinto das outras instituições humanas, mas seu grau de analogia com a língua não é avaliado da mesma forma, segundo os diferentes momentos de seu pensamento. Por fim, do ponto de vista histórico, Saussure considera os sistemas de escrita como tecnologias humanas, das quais ele analisa o funcionamento e as transformações através do tempo. É essa diversidade de pontos de vista presentes, um de cada vez ou concomitantemente, nos escritos saussurianos que invalida todo tratamento unitário e torna incompletos os comentários estabelecidos até agora.

## Uma diversidade de sistemas de escrita

---

"essa forma escrita de palavra reina com maestria"... (CONSTANTIN, 2005, p. 143; 148).

Saussure propõe, em seus cursos de Linguística Geral, uma tipologia breve dos sistemas de escrita, distinguindo duas grandes categorias: o sistema ideográfico e o sistema fonético. Um arquétipo é proposto para cada uma (a escrita chinesa e o alfabeto grego) e uma hierarquia entre as duas é assumida, uma vez que a escrita ideográfica dificilmente é examinada, enquanto o "alfabetismo", objeto de toda a atenção, é designado como "o único sistema racional de escrita" (CONSTANTIN, 2005, p. 202). Essa predominância do modelo alfabético na reflexão saussuriana sobre a escrita tem sido frequentemente salientada. Ela fica evidente na reflexão desenvolvida nos cadernos dos anagramas sobre o *stab*. Saussure se questiona, então, sobre o funcionamento de uma proto-escrita com a ajuda de hastes (*stab*) sobre as quais ele hipotetiza.

Com essa teoria do *stab*, as hastes que prefiguram o primeiro alfabeto grego são a ilustração de uma pureza fonemática original. A evolução da escrita é, de acordo com o cenário que Saussure esboça nesses textos, a história da corrupção progressiva desse fonematismo original, fonte de desacordos atuais entre grafia e fonia (cf. TESTENOIRE, 2012a; 2012b; 2013. p. 229-238). Contudo, toda reflexão do linguista não se limita a esse modelo. Esses manuscritos atestam uma atenção dada a um grande número de sistemas de escrita diferentes – alfabetos semíticos, frígios, rúnicos, silabários, cipriotas, cuneiformes, persas, devanágari, ideogramas chineses... – cuja análise empírica alimenta seu pensamento teórico. Isso ocorre, por exemplo, nas notas chamadas "Item", em que Saussure desenvolve os contornos de uma semiologia visual comparando os "signos vocais" e as "figuras visuais" e mobiliza, nesse quadro, a escrita ideográfica, prova de que o fonocentrismo saussuriano não é, talvez, tão cego à dimensão icônica da escrita e que os problemas colocados por suas análises ainda permanecem abertos.

> Item. Princípio da uni-espacialidade se considerarmos o *sôme*, resultando no sema: a divisibilidade por fatias (sempre no mesmo sentido e com cortes idênticos), no lugar da divisibilidade pluriforme que teríamos, por exemplo, se em um sistema "visual direto" (+escrita ideográfica) tivéssemos:



oposto ~~a~~ com os sentido que atribuiríamos a

- Porque é necessário manter a esse respeito, talvez como um salva-vidas, a oposição entre 2 semas, – não a signific. de um sema. – Ou a oposição entre 2 semas como λέγομεν/λέγετε é regulada por <u>fatias</u> que vão no <u>mesmo sentido</u> e chegam apenas <u>uma de cada vez</u>, enquanto que é fácil conceber mil sistemas em que nenhuma dessas



condições seria satisfeita. (Difícil somente porque voltamos seguramente à fala, qd oferecemos outro semisma.) (BGE, Ms. fr. 3951, f. 13 = CLG/E 3317.2)[145].

## Referências


AMACKER, R. Saussure et la transcription officielle du sanskrit. *Cahiers Ferdinand de Saussure,* Geneve, n. 56, p. 175–178, 2006.

ANIS, J.; CHISS, J.-L.; PUECH, C. *L'écriture:* théories et descriptions. Bruxelles: De Boeck, 1988.

ARRIVE, M. Les Danois aux prises avec la substance de l'encre. *Langue Française,* Paris, n. 59, p. 25–30, 1983.


[145] (NT) Original: *<u>Item</u>. Principe de l'<u>uni-spatialité</u> si l'on considère le sôme, ayant pour conséquence dans le sème: la divisibilité <u>par tranches</u> (toujours dans le même sens et par coupures identiques),au lieu de la divisibilité pluriforme qu'on aurait par exemple si dans un système "visuel direct" ( = écriture idéographique) on avait: [figura a] opposé ~~à~~ avec les sens qu'on voudra à [figura b] — Car il faut bien maintenir à ce propos peut-être comme planche de salut l'opposition entre 2 sèmes, – non la signific. d'un sème. – Or l'opposition entre 2 sèmes comme λέγομεν /λέγετε se règle au moyen de <u>tranches</u> allant dans le <u>même sens</u> et n'arrivant <u>qu'une à une</u>, tandis qu'il est facile de concevoir mille systèmes où ni l'une ni l'autre de ces conditions ne serait réalisée. (Difficile seulement parce que nous en revenons à la parole sans nous en douter, qd on offre un autre sémisme.)*

BENNINGTON, G. Saussure and Derrida. In: SANDERS, C. (ed.) *The Cambridge companion to Saussure*, Oxford: Cambridge University Press, 2004. p. 186–202.

BENVENISTE, E. *Dernières leçons*. In: FENOGLIO, I.; COQUET, J-C. (org.). Paris: Gallimard – Seuil, 2012.

CHISS, J.-L.; PUECH, C. La linguistique et la question de l'écriture: enjeux et débats autour de Saussure et des problématiques structurales. *Langue Française*, Paris, n. 59, p. 5–24, 1983.

CHRISTIN, A. M.; Le signe en question. *Degrés,* Paris, n. 100 1999. Disponível em: http://www.ceei.univ-paris7.fr/07_ressource/01/document/01.html. Acesso em: 1 maio 2017.

CONSTANTIN, E. Linguistique générale, Cours de M. le Professeur de Saussure, 1910–1911. Ed. par C. Mejia Quijano. *Cahiers Ferdinand de Saussure,* Genéve, n. 58, p. 83–290, 2005.

DAYLIGHT, R. *What if Derrida was wrong about Saussure?* Edinburgh: Edinburgh University Press, 2011.

DERRIDA, J. *De la grammatologie*. Paris: Minuit, 1967.

FLEURY, M. Notes et documents sur Ferdinand de Saussure (1880–1891). *Annuaire de l'Ecole Pratique des Hautes Etudes de Paris*, Paris, p. 35–67, 1964-1965.

GALAZZI, E. 1880–1914. Le combat des jeunes phonéticiens: Paul Passy. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genéve, n. 46, p. 115–129, 1992.

GALAZZI, E. L'association phonétique internationale. In : AUROUX, S. (org.). *Histoire des Idées Linguistiques*. Tome 3: L'hégémonie du comparatisme. Liège-Bruxelles: Mardaga, 2000. p. 499–516.

GANDON, F. Saussure poéticien: La tache aveugle de l'écriture. In: S. Bédouret-Larraburu & G. Prignitz (org.). *En quoi Saussure peut-il nous aider à penser la littérature* Pau: Presses Universitaires de Pau et des Pays de l'Adour, 2012. p. 81–95.

GODEL, R. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale*. Genève: Droz, 1957.

GOODY, J. *La raison graphique*. La domestication de la pensée sauvage. Paris: Minuit, 1979.

GOODY, J. *Entre oralité et écriture*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

GOODY, J. *Pouvoirs et savoirs de l'écrit*. Paris: La Dispute, 2007.

HARRIS, R. *La sémiologie de l'écriture*. Paris: CNRS éditions, 1993.

HARRIS, R. L'écriture: pierre d'achoppement pour la sémiologie saussurienne. In : BOUQUET, S. (org.). *Saussure,*. Paris: L'Herne, 2003. p . 228–233

JOSEPH, J. E. *Saussure*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

JOUBERT, C. Critique du signe et criticité du discours: Saussure relit Derrida. *Langages,* Paris, n. 159. p. 74–92, 2005.

KLINKENBERG, J.-M. Entre servitude et autonomie. Quelle place pour l'écriture dans les sciences du langage? In: *CMLF 2014 – 4e: Congrès Mondial de Linguistique Française*. Paris : EDP Sciences, 2014. p. 45–64.

LINDA, M. Kommentiertes Verzeichnis der Vorlesungen F. de Saussures an der Universität Genf (1891–1913). *Cahiers Ferdinand de Saussure,* n. 49. p. 65–84, 1995–1996.

MARCHESE, M. P.; Murano, F. Saussure et l'épigraphie. *Cahiers Ferdinand de Saussure,* n. 68. p. 95–112, 2015.

Ong, Walter J. Orality and literacy: The technologizing of the word. London & New York: Routledge, 2015.

RICARDOU, J. Les retours de l'écrit dans l'impensé de la parole et de la langue. *Linx*, n. 7. p. 395–421, 1995.

SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*, C. Bally & A. Sechehaye (org.). Genève: Payot, 1916.

SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*, R. Engler (org.). Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1968-1974.

SAUSSURE, F. *Le leggende germaniche*, A. Marinetti & M. Meli (org.). Este: Zielo, 1986.

SAUSSURE, F. *Deuxième cours de linguistique générale* (1908–1909). D'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois, E. Komatsu (org.). Oxford & New York: Pergamon, 1997.

SAUSSURE, F. *Écrits de linguistique générale*, R. Engler & S. Bouquet (org.). Paris: Gallimard, 2002.

SAUSSURE, F. *Science du langage*, R. Amacker (org.). Genève: Droz, 2011.

SAUSSURE, F. Anagrammes homériques, P.-Y. Testenoire (org.). Limoges: Lambert Lucas, 2013.

TESTENOIRE, P.-Y. L'origine de l'écriture: un enjeu de la linguistique saussurienne? *CMLF 2012 – 3e Congrès Mondial de Linguistique Française.* Paris: EDP Sciences, 2012a. p . 803–816.

TESTENOIRE, P.-Y. Littérature orale et sémiologie saussurienne. In S. Bédouret-Larraburu, G. Prignitz (org.). *En quoi Saussure peut-il nous aider à penser la littérature ?* Pau: Presses Universitaires de Pau et des Pays de l'Adour, 2012b. p. 61–77.

TESTENOIRE, P.-Y. Ferdinand de Saussure à la recherche des anagrammes. Limoges: Lambert-Lucas, 2013.

Capítulo 10

# O que é um rascunho em ciências da linguagem? Notas preliminares a uma edição digital dos manuscritos saussurianos[146]

*Estanislao Sofia*

Tout peut se ramener, si l'on veut, à une sorte de rupture
*dans la définition même de la notion de manuscrit.*
(DE BIASI, 2000, p. 16)

1. A questão que ocupa a função de título neste artigo e que lhe deveria ser subjacente se impõe, ao que me parece, neste momento em que a comunidade que se nomeia saussuriana se prepara para realizar uma edição geral dos manuscritos de Ferdinand de Saussure[147]. Trata-se de uma questão elementar, certamente, mas que não é por isso menos delicada nem, sobretudo, menos importante de se esclarecer. Se são os "manuscritos de Saussure", de fato, que se propõe publicar, a primeira questão seria saber o que é um "manuscrito de Saussure": a resposta determinará diretamente a forma de abordar (de ler, transcrever, editar e publicar) o objeto em questão.

146 Tradução de Stefania Montes Henriques. Originalmente publicado nos *Cahiers Ferdinand de Saussure* 63 (2010).
147 Esse foi o objetivo estabelecido por tal comunidade em outubro de 2009, reunida na Universidade da Calábria para um seminário cujo título era, precisamente, "Pour une édition numérique des textes de Ferdinand de Saussure" (cf. www.cerclefds.unical.it/seminaire).

Essa é, portanto, a dificuldade a ser tratada neste artigo e/ou a questão que gostaria de problematizar. Para tanto, pareceu-me conveniente consultar aqueles que se dedicaram a problemas similares, a saber, os teóricos do que se chama, na França, há três décadas, de "crítica genética"[148].

2. Impulsionada a partir do final da década de 1960 por um grupo de pesquisadores interessados pela produção e pela crítica literária, a crítica genética se institui como disciplina autônoma ao reivindicar a existência de um campo de estudos e de um objeto teórico específicos, que não tinham sido antes abordados, e cujo tratamento seria distinto das outras abordagens de textos, especialmente, pelo que nos interessa, da abordagem da filologia clássica, que desde o século XIX se dedicou ao estudo histórico de documentos, os quais, dados os meios técnicos em uso na época, chegaram aos pesquisadores sob a forma de "manuscritos" (cf. Cerquiglini, 1989). Esse objeto particular, que a crítica genética se esforça para definir, é aquele nomeado de "avant-texte", composto em sua maioria por "manuscritos de trabalho" ou "de gênese", dos quais o tipo mais comum é o "rascunho", não devendo ser confundidos com os manuscritos antigos ou medievais que foram, e ainda são, o objeto da filologia. A delimitação desses objetos e a definição genética do objeto teórico "rascunho" serão, assim, as primeiras tarefas que abordaremos neste artigo.

3. A primeira distinção que se estabelecerá é aquela existente entre manuscritos "antigos" (ou "medievais") e manuscritos "modernos"[149]. São os últimos, efetivamente, e não os primeiros, que interessam à crítica genética e que nos dizem respeito enquanto editores dos manuscritos saussurianos. O termo "manuscrito", de fato, tomado em seu sentido literal, pode designar um conjunto consideravelmente vasto de artefatos culturais: *a priori*, todo texto "escrito à mão" poderia, desse ponto de vista, receber essa

[148] A denominação "crítica genética" parece ter sido fixada pela publicação do compêndio editado por Louis Hay em 1979, *Essais de critique génétique* (cf. HAY, 1979). A primeira revista internacional consagrada a essa disciplina, *Genesis*, foi publicada em 1992 pelo CNRS, acompanhando os trabalhos do laboratório ITEM, ao qual pertencem hoje centenas de pesquisadores globalmente reconhecidos.

[149] As considerações seguintes resumem aquelas de Lebrave (1983), Grésillon (1996) e De Biasi (2000 e 2004) se complementam.

designação. Na história ocidental, no entanto, o termo foi utilizado para designar principalmente dois tipos de objetos que, além do fato de serem "escritos à mão", apresentam poucas semelhanças entre si. Desde a Antiguidade até a invenção da imprensa, nomeiam-se assim os documentos que, utilizando-se dos mais variados suportes (papiro, pergaminho, códice etc.), constituem de maneira mais ou menos exclusiva a forma de registro e de difusão de textos religiosos, filosóficos, artísticos e/ou representativos de algum valor cultural (cf. DE BIASI, 2000, p. 10). Todos os textos em circulação durante esse período, ou quase todos, existem, de fato, na forma de *manuscritos*, copiados e recopiados, sempre com variações, por um exército anônimo de uma espécie muito particular de intelectuais: os escribas ou copistas. É esse universo antigo de manuscritos (sempre únicos) gravitando ao redor de um original (que por definição se considera como definitivamente perdido) que constitui, portanto, o objeto ao qual a filologia clássica se dedica (cf. CERQUIGLINI, 1989). Esses manuscritos, comunicáveis, transmissíveis e públicos, diferem, contudo, de todos os tipos de manuscritos que surgem com a consolidação, no decorrer do século XVIII, da cultura impressa. A partir dessa época, o "livro" adquire progressivamente o estatuto de suporte privilegiado do conhecimento público, os textos manuscritos, que continuam a existir, deslocam-se para uma esfera privada e começam a perder a sua função, antes essencial, de transmissão. Eles se tornam um espaço íntimo de criação, no qual o escritor elabora sua arte e seu pensamento, ganhando, então, um novo valor: "escritos pela mão do autor", eles representam "o vestígio de uma criação individual, o testemunho material e a identidade de um pensamento que está na origem do texto impresso" (DE BIASI, 2000, p. 11). Esses documentos serão considerados, a partir de então, não somente manuscritos, mas também *autógrafos*.

A convergência sinalizada (ou mesmo suscitada) pelo surgimento da imprensa permite, portanto, separar claramente dois tipos bem distintos de textos que se nomeiam, no entanto, indistintamente de "manuscritos". Enquanto os manuscritos antigos e medievais constituem bens *públicos*, cuja conservação é justificável pela importância intrínseca do texto, os manuscritos modernos coexistem com uma nova maneira de circulação do conhecimento (o livro), pertencem à esfera privada e adquirem valor, em princípio, apenas em relação ao prestígio de uma "obra" publicada (ou seja,

impressa) e, portanto, assinada por um "autor" cujos méritos são socialmente reconhecidos (cf. LEBRAVE, 1996, p. 36-37). O interesse suscitado pelos manuscritos modernos é, portanto, correlativo da reconfiguração (social, filosófica, jurídica) da noção de "autor" que surge no final do século XVIII (cf. COMPAGNON, 1998; Viala, 1985), e os primeiros exemplares de manuscritos começam a ser efetivamente coletados nas primeiras décadas do século XIX: Hugo, na França, e Goethe e Schiller, na Alemanha, começaram, assim, a guardar suas notas autógrafas e confiá-las a instituições de conservação patrimonial, forçando as bibliotecas a inaugurarem departamentos *ad hoc* para receber, proteger e, posteriormente, difundir os novos tesouros (cf. HAY, 1979, p 227-236; CERQUIGINI, 1989, p 17-29; DE BIASI, 2000, p. 12). Se se considera a produção textual desde a Antiguidade, tendo em nota as variáveis mencionadas, de fato,

> [...] poderíamos classificar os documentos escritos conservados nas bibliotecas da seguinte maneira: escritos públicos manuscritos: são aqueles manuscritos antigos e medievais; escritos públicos não manuscritos: são os impressos; escritos não públicos manuscritos: são os manuscritos modernos. (cf. LEBRAVE, 1992, p. 36)[150].

Diante dessa configuração, o gesto fundador da crítica genética foi argumentar que não se poderia de forma alguma analisar esses diferentes objetos da mesma maneira, sob uma mesma base teórica e com os mesmos aparatos metodológicos. Se a filologia clássica se ocupava dos manuscritos públicos produzidos *a partir de* um texto original (perdido), a crítica genética ocupar-se-á dos muitos manuscritos privados que *preexistem a* (*e se relacionam com*) uma obra publicada. A crítica genética visa, em outras palavras, esclarecer o trabalho que *precedeu* e preparou a publicação de uma obra – em princípio, literária. Se essa obra é considerada como o "texto", a crítica genética ocupar-ser-á, portanto (dentre outros aspectos), das diferentes fases (pré-redação, redação, pré-editorial etc.) disso que se no-

[150] "[...] on [pourra] classer les documents écrits conservés dans les bibliothèques de la façon suivante : écrits publics manuscrits : ce sont les manuscrits anciens et médiévaux ; écrits publics non manuscrits : ce sont les imprimés ; écrits non publics manuscrits : ce sont les manuscrits modernes" (cf. LEBRAVE, 1992, p. 36).

meia o "*avant-texte*" e do qual nos interessa ressaltar algumas características. Não do *avant-texte* em geral, na realidade, já que esse domínio pode abarcar objetos que não são necessariamente manuscritos (tais como os tapuscritos, datilogramas, as provas de impressão etc.). E também não estamos interessados na totalidade dos manuscritos que possam pertencer ao *avant-texte* de uma obra qualquer. O que nós queremos examinar são as características do que a crítica genética identificou, definiu e batizou como "rascunho", seu objeto de estudo privilegiado:

> Essencialmente, o manuscrito [moderno] que interessa os críticos até uma época bem recente, é o "Manuscrito da obra" (com "M" maiúsculo), ou seja, o manuscrito definitivo, aquele que o autor fez uma cópia ao final da redação [...] para fornecer uma versão legível ao seu copista [...] para o documento que será a referência para a impressão. Por outro lado, o manuscrito que mais interessa à crítica genética, o manuscrito-objeto-de-pesquisa, não é exatamente essa versão definitiva [...]. O manuscrito predileto dos geneticistas será, sobretudo, "rascunho" feio e repleto de riscos: o documento de redação autógrafa em que se percebe concretamente o trabalho de escrita em seu estado nascente. (DE BIASI, 2000, p. 16)[151].

O "rascunho feio e repleto de riscos", portanto, é o objeto que nos interessaria delimitar. Por quê? Por que são esses rascunhos (cheios de rasuras) que encontramos quase exclusivamente nos arquivos manuscritos de Saussure. Não se encontra nada ou quase nada de notas definitivas nem de Manuscritos com "M" maiúsculo, mas, na maior parte do tempo, notas pessoais de um trabalho que, mesmo que por vezes deixem entrever que Saussure visava em longo prazo a uma publicação, permaneceram infelizmente

[151] "Pour l'essentiel, le manuscrit [moderne] qui intéressait les critiques jusqu'à une époque assez récente, c'était le "Manuscrit de l'œuvre" (avec un grand "M"), c'est-à-dire le *manuscrit définitif,* celui que l'auteur recopie en fin de rédaction [. . . ] pour fournir une version lisible à son copiste [ . . . ] en vue du document qui servira de référence pour l'imprimeur. Tout au contraire, le manuscrit qui intéresse le plus la critique génétique, le manuscrit-objet-de-recherche, ce n'est pas spécialement cette mise au net définitive [ . . . ] . Le manuscrit de prédilection des généticiens, ce serait plutôt le vilain brouillon saturé de ratures : le document de rédaction autographe où s'aperçoit concrètement le travail de l'écrit á l'état naissant " (DE BIASI, 2000, p. 16).

em estado de construção[152]. O que a crítica genética privilegia como objeto específico de estudo e que a define como disciplina autônoma é, portanto, no caso que nos interessa, imposto pela natureza do catálogo que estudamos. Com Saussure, não temos escolha: ele nos deixou somente um conjunto "intrincado e heteróclito" de notas, ensaios e esboços, muitas vezes "enigmáticos, surpreendentes e difíceis de decifrar" (cf. DE BIASI, 2000, p. 16)[153].

Mas voltemos ao objeto "rascunho" e repassemos algumas de suas características constitutivas. A primeira, já presente na passagem supracitada e ainda duas vezes evocada em meu comentário, é também a mais fácil de ser percebida: os rascunhos são, frequentemente, entre outros aspectos, "saturados de riscos", o que supõe uma lógica suficientemente singular que justifique o seu tratamento, segundo a fórmula de Almuth Grésillon, como um "objeto semiológico particular" (GRÉSILLON, 2008, p. 25). Esses riscos, efetivamente, são "parte integrante do processo de criação" (GRÉSILLON, 1996, p. 14). A disposição muitas vezes caótica engendra "espaços semióticos complexos" (tais como a divisão da página em colunas, frequente em Saussure e seus contemporâneos, das quais uma serve para redigir, e a outra (ou outras) para os sucessivos conjuntos de correção (GRÉSILLON, 2008, p. 25)). A escrita que "se faz imagem" (GRÉSILLON, 2008, p. 50), a posição e as características dos incisos (sobreposto, entre as linhas ou nas margens, marcadas ou não por indicações), em resumo, "todas essas características do visível" que "se acrescentam ao legível" (GRÉSILLON, 2008, p.

[152] Assim são as notas preparatórias para um artigo sobre Whitney (BGE, Ms. Fr. 3951/10), as notas sobre a essência dupla da linguagem (BGE, Arch. de Saussure 372), as notas para um livro sobre linguística geral (BGE, Ms. Fr. 3951/9 e 11-12), e as anotações referentes ao que conhecemos como "traité de phonétique" (Houghton Library, bMS Fr 266/8) etc.

[153] Daniele Gambarara me chamou a atenção – com razão – para o fato de que existem exceções às circunstâncias que aqui apresento como gerais. Uma das mais notáveis é provavelmente aquela que concerne ao manuscrito das cinco conferências sobre a Índia, ministradas por Saussure entre o fim de dezembro de 1897 e janeiro de 1898 (cf. BGE, Arch. de Saussure, 373/1 e 373/2). De fato, esses textos existem de uma forma formatada, que se pode considerar como definitiva, mesmo que não estejamos certos sobre quem foi o autor dessa operação. Saussure ou sua esposa? Poderia ser tanto um (cf. por exemplo, 373/1, ff. 17-19, 25-34; ou 372/2, ff. 54-55) quanto o outro (cf. 373/1, ff. 1-5 e 9-12; ou 372/2, ff. 51-53). [Agradeço a Giuseppe D'Ottavi por esses esclarecimentos, que ele retoma em sua contribuição ao número 63 dos CFS, ES]

49) fazem com que, de um certo ponto de vista, não se possa considerar o objeto "rascunho" como sendo um "texto" (cf. LEBRAVE, 1992, p. 64; LEBRAVE, 2009). Um "texto" pode ser lido. Um "rascunho", por sua vez, deve ser decifrado (cf. GRÉSILLON, 2008, p. 43 et. sqq). Decifrar um rascunho supõe, em outros termos, além dos dispositivos interpretativos codificados implicados em todo ato de leitura ordinária, um adicional de suposições e conjecturas não formalizadas, intuitivas e frequentemente não conscientes, sem as quais a leitura seria impossível. A melhor maneira de compreender isso é repetir um exercício, bastante simples, imaginado por Louis Lebrave, e que reproduzirei aqui por meio de longas notas.

4. O objeto invocado por Lebrave como resultado de sua experiência é precisamente o rascunho, idealmente simplificado (com poucos riscos), que ele nos propõe ler em voz alta, da mesma forma que se leria a um ouvinte. Nessas condições, e "sempre que o manuscrito não comporte rasuras", leremos efetivamente um "*texto*" (LEBRAVE, 1983, p. 12, grifo nosso). Ora, tão logo ocorra uma variação qualquer, como é o caso, igualmente proposto por Lebrave, de uma simples "substituição lexical", seremos forçados a "*interromper a leitura*":

> *O texto lido dará lugar a comentários*, que podemos classificar conforme os três tipos seguintes, do mais descritivo ao mais interpretativo:
> "aqui, leio 'A' e acima, entre as linhas (ou abaixo, ou na margem, ou sobreposto, etc.), leio 'B' escrito da mesma forma (ou escrito mais fino/mais rápido/com outra tinta/com outra escrita, etc.)"
> ou, provavelmente:
> "aqui, o autor primeiro escreveu 'A', depois rasurou e substituiu por 'B'",
> que pode ser simplificado por:
> "aqui, 'A' é substituído por 'B'".
> (LEBRAVE, 1983, p. 12, grifo nosso)[154]

[154] « *Le texte lu fera place à des commentaires,* qu'on peut ramener aux trois types suivants, du plus descriptif au plus interprétatif: *(a)* «ici, je lis 'A' , et, au-dessus, dans l'interligne (ou au-dessous, ou dans la marge, ou en surcharge, etc.), je lis 'B', de la même écriture (ou écrit d'un trait plus fin/plus rapide/d'une autre encre/d'une autre écriture, etc.)» ou plus probablement: (b) «ici, l'auteur a d'abord écrit 'A', puis

O interessante dessa experiência reside no fato de que ela coloca em evidência a *exigência* de sair da linearidade – própria da escrita comum – com a qual somos confrontados na decodificação de um rascunho[155]. Seja a indicação de uma rasura, a colocação de um inciso ou a discriminação de cores de tinta, "os elementos materiais obrigarão o leitor a se interromper para produzir um comentário" necessariamente *meta*-textual,

> [...] que pode se situar em três níveis:
> - pode ser a descrição de elementos materiais do rascunho por meio de uma descrição da atividade do leitor (*a*); [...]
> - uma interpretação da descrição em termos da atividade do escritor (*b*), que escreve, rasura, reescreve, etc.;
> - finalmente, pode-se interpretar essa atividade do escritor em relação aos efeitos sobre o próprio texto (*c*).
> (LEBRAVE, 1983, pp. 12-13)[156]

A leitura de um rascunho é, portanto, bem mais complexa do que a leitura de um "texto" comum. Ela representa

> [...] fundamentalmente uma *tentativa* de organização, na dupla perspectiva de uma hierarquia cronológica das variações e de sua inserção no interior de um sistema interpretativo e avaliativo no qual adquire um "acréscimo de sentido". (LEBRAVE, 1983, p. 4, grifo nosso)[157]

---

l'a biffé et remplacé par 'B'» qui peut se simplifier pour finir en: (c) «ici, 'A' est remplacé par 'B' ».

[155] Assunto sobre o qual o autor retorna mais ou menos de maneira explícita: "Se se admite que a escrita transpõe o encadeamento temporal das sequências fônicas do oral em uma sequência linear de símbolos gráficos, um texto escrito é fundamentalmente unidimensional. Essa linearidade é desmentida em um rascunho pelos dados que podem ser acrescentados à 'linha gráfica' e que dão à página uma segunda dimensão" (LEBRAVE, 1983, p. 14, cf. também LEBRAVE, 1992, p. 67).

[156] « [...] qui peut se situer á trois niveaux: - il peut étre la description d'éléments matériels du brouillon á travers une description de l'activité du lecteur (a); [ . . .] - une interprétation de cette description en termes d'activités du scripteur (b), qui écrit, biffe, réécrit, etc.; - enfin, on peut interpréter cette activité du scripteur en termes d'effets sur le texte lui-même (c) » (LEBRAVE, 1983, pp. 12-13).

[157] « [...] fondamentalement une *tentative* de mise en ordre, dans la double perspective d'une hiérarchie chronologique des variations et de leur insertion à l'intérieur d'un système interprétatif et évaluatif où elles acquièrent un "surplus de sens" » (LEBRAVE, 1983, p. 4).

Fora desse "sistema interpretativo e avaliativo" que, observemos bem, é fornecido *pelo leitor*, o rascunho permanecerá inabordável. E isso não somente quando os manuscritos com os quais nos confrontamos apresentam complexidades (muitos riscos, por exemplo) que lhes fazem parecer *literalmente* inabordáveis. Mesmo os casos mais simples e mais "legíveis" – como nos mostra o exemplo de Lebrave – requerem tal aparelho interpretativo. O problema, o risco, é que essas operações são tão intuitivas e comuns que se tem a tendência de ignorá-las, como igualmente lembra Lebrave, para produzir diretamente comentários do tipo (*c*), "alheios às suas origens materiais" e apresentando, portanto, um olhar "de existência autônoma e objetiva", independente "de toda referência ao rascunho e à sua gênese" (LEBRAVE, 1983, p. 15):

> Ora, (*c*) só existe na medida em que deriva de (*a*) e (*b*), que tornam a sua construção possível. Como a 'leitura' permite frequentemente passar por (*a*) e (*b*) de forma despercebida, vemos o perigo ao qual se expõe o pesquisador de acreditar que estuda um objeto dado antes de considerar qualquer hipótese sobre o funcionamento da gênese textual, embora a construção espontânea desse objeto em uma 'leitura' já necessite massivamente de tais hipóteses. (LEBRAVE, 1983, p. 15)[158]

Portanto, acrescentando as atitudes necessárias à leitura comum (aquelas aprendidas na escola e que bastam para ler um "texto"[159]) um sistema de hipóteses mais ou menos complexo sobre o "funcionamento da gênese textual", a decodificação de um manuscrito comportaria

> [...] ao menos três atividades diferentes:
> - uma verdadeira leitura (no sentido ordinário do termo) dos fragmentos textuais mais ou menos longos;

---

[158] « Or (*c*) n'a d'existence qu'en tant qu'elle est dérivée de (*a*) et (*b*), qui en ont rendu la construction possible. Comme la «lecture» permet fréquemment de passer (*a*) et (*b*) sous silence, on voit le danger auquel on s'expose, de croire qu'on étudie un objet donné *avant* toute hypothèse sur le fonctionnement de la genèse textuelle, alors que la construction spontanée de cet objet dans une «lecture» fait déjà massivement appel à de telles hypothèses » (LEBRAVE, 1983, p. 15).

[159] Essas atitudes necessárias para ler um texto podem não ser tão simples assim. (cf. GRESILLON, 2008, p. 44 sqq.)

- a consideração da disposição espacial dos fragmentos;
- a consideração das qualidades materiais dos objetos analisados. (LEBRAVE, 1983, p. 14)[160]

Essas "ao menos três atividades" intuitivas e mais ou menos entrelaçadas representam, portanto, na decodificação de um rascunho, operações *diferentes*. É isso que, além da importância que representa para a leitura propriamente dita, terá consequências para a edição dos manuscritos em questão: uma problemática que particularmente nos interessa. Nós não a abordaremos, contudo, sem antes avaliar os argumentos que justificam o tratamento dos manuscritos saussurianos sob a ótica em que pretendemos examiná-los.

5. As considerações anteriores, direcionadas ao objeto teórico que os geneticistas nomeiam de "rascunho", decorrem da investigação disso que delimitamos – sempre segundo as premissas da crítica genética – como sendo o "*avant-texte*" de uma obra considerada, em princípio, literária. Assim que nos detemos na leitura dos manuscritos de Saussure, duas questões se impõem naturalmente. A primeira: pode-se estender a aplicabilidade da análise genética a outras áreas (não literárias) da produção textual? A segunda: a noção de "*avant-texte*" é pertinente para abordar os arquivos dos manuscritos saussurianos? Se esquecermos temporariamente a primeira questão, notaremos, no que concerne à segunda, que o estudo do que se nomeia tecnicamente como "*avant-texte*" não apresentaria em Saussure mais que uma aplicabilidade bastante restrita. Somente os manuscritos relacionados ao *Mémoire* (1879) e aos diferentes ensaios reunidos no *Recueil* de 1922 (que compreende a tese de 1881), as únicas verdadeiras publicações de Saussure, poderiam constituir o *corpus* de um estudo genético propriamente dito. A maior parte disso que nomeamos "manuscritos de Saussure" são, na verdade, somente anotações exploratórias, ensaios inacabados, esboços mais ou menos fragmentários de textos – de qualquer modo – jamais publicados. Se pudéssemos relacionar tudo isso a textos

[160] « [...] au moins trois activités différentes : -une véritable lecture (au sens ordinaire du terme) des fragments textuels plus ou moins longs ; -la prise en compte de 1'agencement spatial de ces fragments ; -la prise en compte de qualités matérielles des objets envisagés » (LEBRAVE, 1983, p. 14).

publicados por Saussure, esse conjunto heteróclito poderia ser considerado como um "*avant-texte*" desses textos infelizmente inexistentes. Ora, é precisamente por essa inexistência que se pode (se deve) interrogar sobre o estatuto desses manuscritos que poderiam ser (mas que não são) um "*avant-texte*". Dizendo de maneira mais simples: o que se torna o objeto "*avant-texte*" quando o objeto "texto" não existe? Sem esse objeto em relação ao qual ele seria classificado como o "*avant*" (port. '*antes*'), o "*avant-texte*" tornar-se-ia simplesmente um "texto"? Podemos (ou devemos) considerá-lo como apresentando características particulares? Quais seriam essas características? Quais métodos empregar para analisar esses documentos de trabalho privados, em sua maioria "muito desorganizados" (cf. MARCHESE, 2009) e que permaneceram como rascunhos? Por que (e para quem) esse estudo teria interesse? São essas questões sobre as quais devemos refletir bastante, pois poderíamos legitimamente pensar que a publicação de "não mais que uma linha" de um texto não destinado a essa finalidade por seu autor "é um ato ilícito e imoral" (cf. GRÉSILLON; LEBRAVE, 1983, p. 5). Se a divulgação dos arquivos saussurianos é de qualquer modo útil e/ou desejável, deve-se primeiramente explicar o motivo disso, para negociar, então, as modalidades convenientes a essa operação.

Nesse sentido, nota-se que, se as considerações feitas por D'Iorio sobre os manuscritos filosóficos são extensíveis às ciências da linguagem e/ou ao caso de Saussure, torna-se mais ou menos fácil justificar o porquê de esse estudo despertar interesse. Para esse autor, "o estudo dos manuscritos filosóficos por meio dos métodos da crítica genética se impõe [...] nesses autores dos quais a obra é quase em sua totalidade um *opus posthumun*" (D'IORIO, 2003, p. 8, grifos nossos). Essa declaração, que responde de modo afirmativo à primeira das duas questões colocadas anteriormente[161], é interessante, já que poderíamos pensar que, de fato, como Fichte ou Wittgenstein, Saussure faria parte desses autores em que "a escrita manuscrita não é a preparação de uma obra a ser publicada, mas a obra em si mesma" e, como nesses autores, não se estuda (ou não se estuda mais) Saussure "sem recorrer aos manuscritos". Ora, mesmo que o porquê seja justificável, o *como* é menos fácil de responder, dado que as consequências inerentes a essa decisão são maiores. E isso porque, mesmo que a ideia de D'Iorio seja

[161] Cf. também De Biasi, 2004, §6.

sedutora (e, para mim, justificável), ela supõe uma mudança radical de estatuto ("a obra em si mesma" e não uma simples preparação!) que, se aceita distraidamente, poderia nos induzir a pensar que estamos autorizados a tratar (ler, editar, publicar) esses manuscritos como se fossem efetivamente "textos". Contudo, como D'Iorio, penso que a equação deve ser resolvida na direção oposta. O fato de que esses documentos pudessem ser considerados como "uma obra" não significa que eles possam ser considerados como um "texto". Esses documentos continuam a ser rascunhos e, além da importância que podemos lhes atribuir, devemos considerá-los (ler, editar, publicar) enquanto tais. Uma das carências da filologia saussuriana das últimas décadas me parece ter sido, precisamente, a confusão entre esses dois estatutos, e ter tratado os rascunhos como se fossem textos definitivos, finalizados e estabilizados pela assinatura de um autor. Um percurso que parece, aliás, ter sido comum a outras áreas do conhecimento:

> [...] sempre recorremos aos seus manuscritos para penetrar no pensamento desses autores [Wittgenstein e Fichte]. Somente se confundiu, frequentemente, esses rascunhos com textos acabados e os submetemos aos mesmos procedimentos interpretativos, mesmo que a evidência seja de que se tratam de objetos totalmente diferentes. [...] a genética filosófica significa, em primeiro lugar, ter consciência do estatuto diferenciado dos manuscritos dos filósofos em relação às suas obras publicadas. Os rascunhos não são obras, e alguns dos textos que consideramos como obras eram, na verdade, somente rascunhos. Todos aqueles que se propõem a interpretar filosoficamente esses *corpora manuscripta* devem, portanto, refletir anteriormente sobre uma metodologia que lhes permita capturar o movimento do pensamento nos rascunhos, em lugar de analisar a estrutura de uma obra acabada e publicada. (D'IORIO, 2003, p. 8)[162]

[162] "[...] on a toujours eu recours à leurs manuscrits pour pénétrer la pensée de ces auteurs [Wittgenstein et Fichte, ES]. Seulement, on a souvent confondu ces brouillons avec des textes achevés et on les a soumis aux mêmes démarches interprétatives, alors qu'à l'évidence *il s'agit d'objets fondamentalement différents.* [...] la génétique philosophique signifie tout d'abord prendre conscience du statut différent des manuscrits des philosophes par rapport à leurs œuvres publiées. Les brouillons ne sont pas des œuvres, et certains des textes qu'on a pris pour des œuvres n'étaient en fait que des brouillons. Tous ceux qui s'apprêtent à interpréter philosophiquement ces *corpora manuscripta,* doivent donc réfléchir préalablement à une méthodologie qui leur permette de saisir le mouvement de la pensée dans les

E nós estaríamos, acredito, dispostos a concordar que, na verdade, mesmo que a exigência de uma (verdadeira) nova "metodologia" possa parecer exagerada, o tratamento dos rascunhos filosóficos realmente comportaria aspectos específicos, diferentes daqueles inerentes ao tratamento dos manuscritos literários, e diferentes também das particularidades próprias dos manuscritos das ciências da linguagem. D'Iorio evoca, por exemplo, o caso dos rascunhos filosóficos nos quais se percebe que o autor considerou vários caminhos para avançar em sua reflexão, mas não ousou seguir nenhum deles. A existência desses caminhos não seguidos (quer estejam rasurados ou não) pode ser considerada, de acordo com ele, como um "depósito de pensamentos inexplorados", ou seja, que não foram desenvolvidos em nenhum lugar e, consequentemente, não foram publicados, mas são interessantes do ponto de vista teórico.

Assim, contrariamente à gênese das obras literárias, nas quais as variações invocariam, em princípio, apenas razões estéticas, junto com os filósofos, podemos também acompanhar a evolução "de conceitos que, mesmo separados da obra e de sua gênese, não são menos preciosos filosoficamente" (D'IORIO, 2003, p. 9). Trata-se, sem dúvida, de uma característica inerente a todas as disciplinas que "objetivam certo estatuto de verdade" (DE BIASI, 2004, § 6), embora a relação com a "verdade" me pareça ser diferente entre as disciplinas consideradas.

Pode-se, por exemplo, imaginar, como um exercício e de maneira mais ou menos arbitrária, a existência de três critérios norteadores do discurso literário, filosófico e – para ir a outro extremo – científico: *a*) o critério estético; *b*) o peso da tradição; *c*) a adequação ao objeto. Se levamos a sério essa caricatura, poderíamos elaborar uma tabela sobre a importância de um ou de outro critério para cada disciplina. A literatura privilegiaria, assim, o critério estético. A filosofia, relacionada à reflexão de temas muitas vezes especulativos, privilegiaria o peso da tradição. As ciências, por sua vez, a adequação ao objeto. Sem a pretensão de que esses casos sejam estáticos e exclusivos a cada disciplina, acredito de todo modo que o equilíbrio entre esses critérios (do qual a lista não se pretende exaustiva) estabelecer-se-á de forma distinta em cada disciplina. E isso, que poderia

brouillons, au lieu d'analyser la structure d'une œuvre finie et publiée" (D'IORIO, 2003, p. 8).

parecer banal, terá consequências importantes para o estudo dos manuscritos. Uma frase, uma fórmula ou uma página riscada em um manuscrito literário terá um valor diferente aos olhos daquele que se interessa pela gênese da obra, considerada como objeto artístico. Em filosofia, as rasuras também possuem um interesse maior, porque podem revelar um "campo semântico" e/ou um horizonte intelectual "para o qual o autor se movimenta" (D'IORIO, 2003, p. 8). Mas seremos menos capazes de concordar sobre a importância de uma rasura presente em um rascunho das ciências exatas, no qual uma fórmula riscada pode simplesmente significar que ela está incorreta, por não ser descritiva e/ou explicativa do objeto que se pretende descrever e/ou explicar; então, seu estudo e sua eventual publicação apresentariam (provavelmente) menos interesse do que em filosofia ou literatura. Sem poder estabelecer a configuração exata e relevante em cada caso, haveria, portanto, uma combinação diferente de critérios que definiria (que seria a base de) cada disciplina, e esse arranjo ideal de critérios também condicionará o estatuto do que é riscado, negligenciado, não publicado.

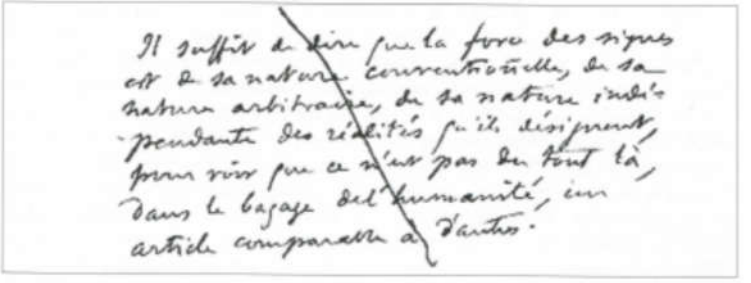
Ainda nesse sentido, De Biasi ressalta outro aspecto específico da genética de textos não literários, em que não é o critério estético que prevalece e no qual o discurso "objetiva um certo estatuto de 'verdade'". "Nesse domínio", afirma ele que

> [...] os rascunhos revelam um trabalho de sistematização e apagamento da problemática que responde às exigências de coerência próprias do pensamento racional, mas também a uma certa estratégia de esquiva ou de autodefesa: o texto teórico deve ser capaz de resistir ao discurso de seus contraditores. [...] Do rascunho à obra publicada, questões insolúveis, apesar de carregadas de sentido e de desenvolvimento, são impiedosamente eliminadas em favor de fórmulas mais simples, mas menos questionáveis, de forma tão rigorosa quanto a síntese que o texto pretende fazer e quanto à informação que a síntese pode passar. (DE BIASI, 2004, § 6)[163]

[163] « [...] les brouillons font apparaître un travail de systématisation et d'effacement du problématique qui répond aux exigences de cohérence propres à la pensée rationnelle, mais aussi à une certaine stratégie d'esquive ou d'autodéfense : le texte théorique doit pouvoir résister au discours de ses contradicteurs. [...] Du brouillon à l'œuvre publiée, bien des questions, insolubles mais lourdes de sens et d'avenir, sont impitoyablement éliminées au profit de formules plus simples mais moins

Essas questões, negligenciadas por sua simplicidade, mas "carregadas de sentido e de potencial", constituem, portanto, ao menos em parte, o "depósito" de ideias teoricamente interessantes às quais D'Iorio fazia alusão. Seu estudo e a forma com que ele se relaciona com outras questões negligenciadas (ou não) pelo autor da obra analisada permitem construir hipóteses sobre os motivos da rejeição (incoerência? Simples recusa? Incompatibilidade com o "projeto editorial em curso"? (cf. D'IORIO, 2003, p. 91) e melhor compreender a evolução desses conceitos.

Figura Ms. Fr. 3951/10, p. 13, verso[164].



Fonte: BGE

O pesquisador interessado pela análise da gênese do conceito de "arbitrário" tem interesse de saber, por exemplo, que o termo teria sido utilizado nas notas preparatórias para um artigo sobre Whitney (1894) como sinônimo de "convencional", em uma passagem de sete linhas escrita no verso da página 13, que seria posteriormente anulada com um único risco vertical.

O estudo desse manuscrito ofereceria, então, a esse pesquisador hipotético, a possibilidade de concluir que: (*a*) nessa época Saussure não

discutables, selon une loi d'autant plus rigoureuse que le texte cherche á faire système, et que le système entend faire école ».

164 Transcrição: «II suffit de dire que la force des signes est de sa nature conventionnelle, de sa nature arbitraire, de sa nature indépendante des réalités qu'ils désignent, pour voir que ce n'est pas du tout là, dans le langage de l'humanité, un article comparable à d'autres.». Tradução: « Basta dizer que a força dos signos é de sua natureza convencional, de sua natureza arbitrária, de sua natureza independente das realidades que designam, para ver que não existe de forma alguma, na linguagem da humanidade, um artigo comparável aos outros."

pretendia (ainda?) efetuar a distinção assinalada por De Mauro na nota 137 de sua edição crítica (DE MAURO, 1968, p. 442), e trataria ainda "convencional" e "arbitrário" de maneira equivalente, como igualmente teria feito Whitney, o que poderia sugerir que, (*b*) visto que se trata, nessa ocasião, dos primeiros usos do termo por Saussure e considerando o assunto tratado naquele momento (Whitney), a palavra teria sido tomada emprestada do linguista americano. Ora (*c*), nenhuma ocorrência escapou às rasuras de Saussure, o que daria alento à apreciação de De Mauro, encontrada nessa mesma nota 137, de acordo com a qual Saussure teria "cuidadosamente evitado" o emprego do termo. Além disso, a localização dessa passagem faria nosso pesquisador refletir: redigida no verso da página 13 (*d*), deve ser a "segunda" em relação a um texto presente na página 14 (*e*), levando em conta que, nesse caderno, Saussure teria deixado os versos das páginas (ou seja, no caderno aberto, a página que vemos à esquerda) sistematicamente em branco, prevendo posterior correção/redação (*f*). A rasura, indicada materialmente com um único traço vertical (*g*), seria, então, um terceiro gesto (*h*), efetuado depois da redação da página 14 e depois da redação completa da passagem em questão, durante uma releitura cuja datação exata é difícil de precisar (um minuto ou três semanas depois?). Essas quatro ou cinco apreciações relacionadas e rapidamente explicitadas não são exaustivas e devem ser precisadas (não se trata de analisar aqui a nota Whitney, mas de evocar alguns exemplos para fundamentar a nossa proposta), constituindo elementos que poderiam escapar ao nosso pesquisador se este não tivesse acesso ao manuscrito, ou, ao menos, a uma boa edição de manuscrito. É por esse motivo que se faz indispensável pensar nas condições necessárias para uma "boa edição", que garanta aos leitores dados como esses que acabamos de explicitar, permitindo-lhes cultivar uma abordagem a mais rica possível dos manuscritos saussurianos. Mas com qual finalidade? Essa é uma questão que não interessa diretamente ao editor, mas sim ao leitor. Certamente, o editor poderia e mesmo deveria se colocar *também* como leitor. Contudo, essas duas posições não se tornam, com isso, menos radicalmente distintas, e o editor deveria, portanto, respeitá-las. Como? Fornecendo um texto que permita outras leituras além da sua.

Mas essas considerações referem-se ao parágrafo seguinte, ao qual passaremos sem mais preâmbulos.

6. Após o exame dos motivos (alguns deles) que justificam uma aproximação genética de outros manuscritos além dos literários, dentre os quais, portanto, os manuscritos de Ferdinand de Saussure, resta nos interrogarmos sobre as modalidades de edição que se apresentam como desejáveis ou melhor indicadas a essa finalidade.

A questão, central nos debates da Universidade da Calábria em 2009 (cf. nota 1), oscilou, naquele momento, entre duas maneiras de apresentar os manuscritos: uma concentrada no verbo "mostrar", outra refletida no verbo "contar". Deve-se mostrar os manuscritos, com todas as suas complexidades? Ou se deve editá-los, oferecendo uma versão legível e explicando (ou contando) ao leitor as operações que o editor sabiamente realizou? A resposta quase sempre unânime foi que uma e outra coisa: as ferramentas digitais atuais possibilitam uma publicação das fotografias em alta resolução dos manuscritos, e o "mostrar" fica, então, convenientemente resolvido, restando ao editor somente acompanhar essas imagens com uma boa versão "limpa", livre de complicações e fácil de ler, seguida por um conjunto de notas explicativas que teriam o objetivo de "contar" ao leitor as diferentes operações supostamente realizadas por Saussure, tais como "Saussure escreveu" aqui, "se corrigindo no momento da escrita para chegar" ali, "depois, ele rasura tal parte" para, então, "acrescentar aquilo" etc. Assim seria, se eu não estiver enganado, a modalidade apresentada por Daniele Gambarara (2009, p. 21), que propunha considerar *no lugar de* (ou pelo menos *antes de*) uma versão diplomática, que "nos ensinaria tanto quanto a foto do manuscrito" (GAMBARARA, 2009, p. 21 e 22). Penso, entretanto, que, mesmo que a modalidade proposta por Gambarara seja fundamentada, ela não é apta a substituir uma edição diplomática, que deveria ser pensada, acredito, em paralelo (não como secundária) a uma versão própria e legível do manuscrito do qual se quer mostrar as fotografias. A função e o interesse dessas duas modalidades de edição não me parecem ser assimiláveis. Como vimos anteriormente, a decodificação de um rascunho já representa uma interpretação que comporta "ao menos três atividades diferentes" (a leitura dos fragmentos textuais, a análise da disposição espacial desses fragmentos e a análise dos índices materiais), e é somente por meio dessas operações que nós poderemos restituir, hipoteticamente e de maneira um pouco artificial, *a linearidade que não se encontra no rascunho* transcrito. Uma versão "legível", que não é mais do que uma

tradução "em texto" daquilo que não o é, é, portanto, subsidiária desse "sistema interpretativo e avaliativo" fornecido pelo leitor do qual falava Jean Louis Lebrave e que resulta, portanto, de forma variável em função da complexidade do rascunho, da interpretação do editor. Essa interpretação poderia, assim, constituir o objetivo final aspirado pelo editor, mas ela não deveria preceder a análise *bruta* de "suas origens materiais" (cf. *supra*).

É nesse ponto que intervém a questão de saber se essa (necessária) "análise material" deve ou não ser colocada à disposição do leitor. No caso de uma resposta negativa, escolhe-se publicar diretamente o texto legível. Ora, creio que, ao contrário, o leitor deve imperativamente ter acesso aos resultados – traduzidos em uma edição diplomática – dessa análise anterior. Primeiro, porque decifrar um rascunho é uma operação complexa, e mesmo a "leitura" dos fragmentos textuais mais simples comporta dificuldades. Dificuldades essas que o editor, habituado aos textos sobre o seu autor, dificilmente identificará, mas que realmente existem para o leitor não especializado[165]. E como integrar em uma edição limpa, que somente incorpora as rasuras por meio das notas do editor, uma passagem como aquela que reproduzimos no parágrafo anterior? Porque existem nos arquivos saussurianos centenas de exemplos similares, nos quais os fragmentos (por vezes páginas inteiras) importantes para compreender a gênese dos conceitos foram rasurados. (cf. por exemplo o manuscrito *De l'essence double du langage* [cf. AdS 372, p. 8-9, p. 80, etc.], ou aquele das conferências inaugurais de 1891 [cf. Ms. Fr. 3951/1/3, f. 2v]). Tendo em conta a localização no contexto dessas passagens rasuradas como sendo essencial à compreensão, além dos motivos hipotéticos da rasura e da gênese das passagens não rasuradas, eu não vejo como não utilizar uma edição diplomática[166]. Poderíamos sustentar que a compreensão desses motivos seria precisamente integrada na versão "limpa" estabelecida pelo editor. Entretanto, não vejo como isso possa ocorrer de maneira clara e efetiva (então, pergunto novamente: como incorporar uma passagem importante, que ocupa uma página inteira, mas está rasurada, em um comentário relegado a

[165] Basta analisar manuscritos de outros autores além daqueles que estamos acostumados a ler para que essa dificuldade apareça como evidente.
[166] Sobre os diferentes estatutos das rasuras, podem-se consultar os trabalhos de Grésillon (1991, 1992 e 1996 [reunidos em Grésillon, 2008, p. 83 et. seq.] e De Biasi (1996ª e 1996b).

uma nota de rodapé?). E não se resolverá o fato de que, por falta de uma edição diplomática, o leitor não terá – a menos que decida se tornar ele mesmo um filólogo – os elementos necessários para julgar a versão legível do editor e se verá, portanto, impedido de emitir hipóteses limpas e independentes.

De todo modo, ao ler uma edição qualquer de um manuscrito, a inteligência e perspicácia do editor, que soube (no melhor dos casos) esclarecer a ordem das rasuras e dos acréscimos e que pode, portanto, construir um texto próprio e legível, não me interessam em nada em um primeiro momento, ou pelo menos não do mesmo modo. O que me interessa, por outro lado, é ter acesso "àquilo que o autor escreveu", e da forma mais fiel possível. Somente depois (de ter uma ideia do texto original e de ter forjado minhas próprias hipóteses, consultando a edição diplomática e a reprodução do manuscrito) é que me interessará ler quais são as conjecturas que puderam guiar o editor quando estabeleceu sua edição legível. Essa versão, resultado do trabalho do editor, é, com efeito, um trabalho do *editor*. O autor somente deixou um rascunho, objeto que não resulta, como já vimos, da mesma lógica dos outros objetos semiológicos,

> tratando-se [portanto] da escrita, e não do texto, a transcrição [deveria] ser tão fiel quanto possível às características do manuscrito, tornando, por sua vez, legíveis e identificáveis as rasuras, acréscimos, substituições, deslocamentos, permutações, etc., sem negligenciar a localização desses fenômenos sobre o fólio (no corpo da página, entre as linhas, acima, em baixo, nas margens da folha, etc.). (DE BIASI, 2004, §3)[167]

O estabelecimento de tal edição paralelamente a uma versão "legível" *e* a uma reprodução fotográfica se impõem, portanto, do meu ponto de vista, quando os manuscritos trabalhados são rascunhos – notas que são

[167] " *s'agissant* [donc] *d'écriture, et non de texte,* la transcription [devrait] se faire aussi fidèle que possible aux caractéristiques du manuscrit en rendant à la fois lisibles et identifiables les ratures, ajouts, substitutions, déplacements, permutations, etc., sans négliger la localisation de ces phénomènes sur le folio (dans le corps de la page, en interligne, en haut, en bas, dans les marges du feuillet, etc.) " (DE BIASI, 2004, §3).

ainda “muito próximas da ‘nebulosa mental’ do autor” (cf. LEBRAVE, 1983, p. 20) para que se possa pensar em uma *estabilização* sem riscos[168].

Eu estaria, portanto, disposto a aceitar que o tratamento dos manuscritos mais completos, organizados pelo autor e que se podem considerar como mais ou menos prontos para a publicação, não o exigiriam em mesmo grau. Ora, é necessário confessar que essas circunstâncias não são comuns em Saussure[169]. Em todo caso, isso seria tarefa para o editor: refletir, avaliar e decidir, para cada caso particular, qual a modalidade de edição mais apropriada.

## Referências


CERQUIGLINI, Bernard. *Éloge de la variante*. Paris: Seuil, 1989.

COMPAGNON, Antoine. *Le démon de la théorie*. Paris: Seuil, 1998.

D'IORIO, Paolo. Les pensées papillons, *Génesis*. Paris, v. 22, n. 3, p. 7-12, 2003.

DE BIASI, Pierre-Marc. Qu'est-ce qu'une rature? *in :* B. Rouge, *Ratures et repentirs*, Pau : PUP, 1996a.

DE BIASI, Pierre-Marc. What is a Literary Draft? Toward a Functional Typology of Genetic Documentation. *Drafts*, *Yale French Studies*, New Haven, n. 89, p. 26-58, 1996b.

DE BIASI, Pierre-Marc. *La génétique des textes*. Paris: Nathan Université, 2000.


168 “Até as últimas preparações, nada é adquirido, as estabilidades são virtuais” (DE BIASI, 2004, § 2). Sobre os perigos de proceder « como uma secretária que realizaria a preparação do manuscrito” reduzido ao estado de rascunho, ver Lebrave, 1992, p. 62 (cf. também LEBRAVE, 2009, p. 14 et. seq.).

169 Obviamente, o mesmo não ocorre com outros linguistas. Os arquivos benvenistianos se situam, desse ponto de vista, como opostos aos arquivos de manuscritos saussurianos. Sobre isso, pode-se consultar o trabalho (os artigos e a bibliografia) da equipe “Génétique et théories linguistiques”, dirigida por Irène Fenoglio no Laboratório ITEM (http://www.item.ens.fr/index.php?id= 148.). Em “ressources en ligne” é encontrada uma descrição sumária, mas bem instrutiva da natureza dos fundos de Guillaume, Benveniste e Saussure (www.item.ens.fr/index.php?id=200861). Ver-se-á que as condições dos arquivos saussurianos não são tão dramáticas (ou tão raras) quanto poderíamos pensar.

DE BIASI, Pierre-Marc. Critique Génétique *Encyclopaedia Universalis,* Boulogne-Billancourt, 2004.

DEPPMAN, Jed.; FERRER, Daniel.; GRODEN, Michael. *Genetic Criticism*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

GAMBARARA, Daniele. *Textes publiés et textes inédits*: un seul Saussure, une seule écriture ?, communication faite au séminaire intemational. Pour une édition numérique des textes de Ferdinand de Saussure. Università della Calabria : Calabria, 2009. Disponível em: http://www.eerclefds.unical.it/seminaire/download/gambarara.pdf. Acesso em: 20 nov. 2010.

GOUJON, Francine. *Brouillons d'écrivains:* Du manuscrit á l'œuvre. Paris: Flammarion, 2004.

GRESILLON, Almuth. Rature, silence, censure. In: PARRET, H. *Le sens et et ses hétérogénéités*. Paris, CNRS, 1991, p. 191-202.

GRESILLON, Almuth. Ralentir: travaux, *Génesis*. Paris, n. 1, p. 9-31, 1992.

GRESILLON, Almuth. Raturer, rater, rayer, éradiquer, radier, irradier. In: ROUGE, R. *Ratures et repentirs*. Pau: PUP, 1996, p. 49-60.

GRESILLON, Almuth. *La mise en œuvre***.** Paris : CNRS, 2008.

GRESILLON, A. ; Lebrave, J-L. Avant-propos. *Langages*, Paris, n. 69, Mars 1983, p. 5-10, 1983.

FENOGLIO, Irène. Conceptualisation et textualisation dans le manuscrit de l'article «Le langage et l'expérience humaine» d'Emile Benveniste». *Modèles linguistiques*, Gurs, v. 59, p. 71-99, 2009.

HAY, Louis. *Essais de critique génétique*. Paris: Flammarion, 1979.

HAY, Louis. Critiques de la critique génétique. *Génesis*, Paris, n. 6, p. 11-23, 1994.

LEBRAVE, Jean Louis. Lecture et analyse des brouillons. *Langages*, Paris, n. 69, Mars 1983, p. 11-23, 1983.

LEBRAVE, Jean Louis. La critique génétique: une discipline nouvelle ou un avatar moderne de la philologie?. *Génesis*, Paris, n. 1, p. 33-72, 1992.

LEBRAVE, Jean Louis. Manuscrits de travail et linguistique de la production écrite. *Modèles linguistiques*, *Génétique de la production écrite et linguistique*, Gurs, v. 59, p. 13-21, 2009.

MARCHESE, Maria Pia. Observations sur les critères d'édition des manuscrits de F. de Saussure, communication faite au séminaire international *«Pour une édition numérique des textes de Ferdinand de Saussure»*, Università della Calabria, Calabria, 1-3 Octobre 2009. Disponível em: http://www.cerclefds.unical.it/seminaire/download/marchese.pdf. Acesso em 20 nov. 2010.

NICOLAS, Anne. Le prix d'une virgule. *Langages*, Paris, n. 69, Mars 1983, p. 85-96, 1983.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1922 [1980].

SAUSSURE, Ferdinand de. *Écrits de linguistique générale*, Paris: Gallimard, 2002.

VIALA, Alain. *Naissance de l'écrivain:* sociologie de la littérature á l'âge classique. Paris: Minuit, 1985.

Capítulo 11

# A homologia nos escritos saussurianos, um conceito rasurado[170]

*Bruno Turra*

*La Nature est un temple où de vivants piliers*
*Laissent parfois sortir de confuses paroles;*
*L'homme y passe à travers des forêts de symboles*
*Qui l'observent avec des regards familiers.*
Charles Baudelaire

Neste texto, ensaiarei um contorno conceitual do termo "homologia", além de levantar algumas questões sobre a produtividade desse conceito em Saussure. Para essa empreitada, estabelecerei alguns diálogos com teóricos que se aventuraram no trabalho com a "homologia", sobretudo o linguista Émile Benveniste e o psicanalista Jacques Lacan, mas também alguns outros que se impõem como referência para a questão, como o matemático Henri Poincaré e o biólogo Eugene Koonin.

A homologia não chega a figurar como conceito operatório na obra de Ferdinand de Saussure. Em seus textos publicados em vida – e republicados postumamente, em 1921, por Charles Bally e Léopold Gautier – o termo não é utilizado. O mesmo ocorre quando lemos o *Curso de linguística geral* (doravante CLG), texto resultante da compilação de notas do próprio Saussure e de alunos dos cursos de linguística da Universidade de Genebra.

[170] Este texto é um desdobramento de um dos capítulos de minha tese de doutorado, intitulada *Ferdinand de Saussure e seu saber-fazer com a escrita*, defendida em 2018.

O termo surge em apenas dois momentos nos escritos saussurianos, distantes vinte anos um do outro. Apesar do emprego raro, porém produtivo, sob certo olhar, esta investigação, acredito, traz também um exercício filológico tanto sobre o material editado por Bally e Sechehaye para a publicação do CLG quanto sobre o próprio movimento de escrita do mestre genebrino.

## De um risco/uma rasura editorial

A primeira ocorrência do termo surge quando nos lançamos aos cadernos dos alunos. Trata-se do único momento em que o termo é utilizado ao longo de todos os cadernos registrados pela audiência do genebrino. Na aula de 16 de junho de 1911, Émile Constantin (III C 358 apud ENGLER, 1968 [1989, p. 224] – grifo nosso) escreve: "Nas diferentes esferas a serem distinguidas, constata-se que há fatos homólogos que se relacionam de uma à outra. Mas não se deve por isso confundir as esferas elas mesmas. Mas, ao mesmo tempo, ver-se-á que os fatos da fala em que se ensaia uma inovação são sempre individuais"[171].

Os demais alunos registram formulações semelhantes, em que se mantém o termo investigado (ENGLER, 1968 [1989, p. 224] – grifos nossos):

Tabela 1 - Ocorrência do termo "homologue" nas anotações dos alunos

| George Dégallier (D249) | Mme. Sechehaye (S2.33) | Francis Josef (J180) |
|---|---|---|
| Dans les différentes sphères à distinguer, on constate qu'il y a des **faits homologues**. Si nous transposions les faits évolutifs de la langue dans la sphère parole, il y aurait à constater que les faits de | Il y a des **faits homologues** dans des sphères différentes. Mais si on transpose les faits évolutifs de langue dans la sphère de la parole, il y a à constater [que] les faits évolutifs de langue [ ]. | Dans les différentes sphères à distinguer, on remarque en effet des **faits homologues**, mais qui ne se confondent pas. Si nous transposions la langue dans la parole, il y aurait à constater que des faits |

[171] « Dans les différentes sphères à distinguer on constate qu'il y a des faits homologues qui se répondent de l'une à l'autre. Mais il ne faut pas pour cela confondre les sphères elles-mêmes.Mais au même moment, on verra que les faits de parole où l'on essaie une innovation sont toujours individuels ». Esta e as demais passagens cuja referência é em língua estrangeira têm tradução minha.

| | | |
|---|---|---|
| la langue commencent toujours par des faits de parole qu'on pourra désigner. Mais notre distinction se confirmera : les faits de parole restent dans l'individuel. | 1o. un fait de parole, et<br><br>2o. un fait de langue, quand le fait nouveau est enregistré dans la convention générale. | évolutifs de langue commencent par des faits de parole. Nous ne voyons que se confirmer notre distinction de début. |

Fonte: ENGLER, 1968[1989, p. 224]

Na aula em que se insere o fragmento acima, Ferdinand de Saussure trata da necessidade de se distinguir o que chama, à época, de língua estática e língua evolutiva[172], sendo esta a segunda bifurcação que se impõe ao linguista na busca por seu objeto. A primeira, abordada ao longo dos três cursos, é aquela que distingue língua e fala. O esforço de Saussure aqui é o de mostrar que, apesar de haver alguma correspondência entre fatos de duas esferas distintas (seja entre língua e fala ou entre língua estática e língua evolutiva), isso não faz com que tais esferas possam ser tomadas como uma só. É nesse contexto que surge o termo "homólogo". Há uma relação entre fatos de duas esferas, mas tal relação não permite que se postule uma identidade entre elas.

A partir da edição sinóptica do CLG estabelecida por Rudolf Engler (1968[1989], p. 224), observamos que o fragmento acima foi utilizado por Bally e Sechehaye na elaboração do livro de 1916, não sem sofrer uma reformulação: "Um fato de evolução é sempre precedido de um fato, ou melhor, de uma multitude de fatos similares na esfera da fala; isso em nada debilita a distinção estabelecida acima [entre sincronia e diacronia]; esta se acha inclusive confirmada [...]" (CLG, 1916 [2002, p. 115]).

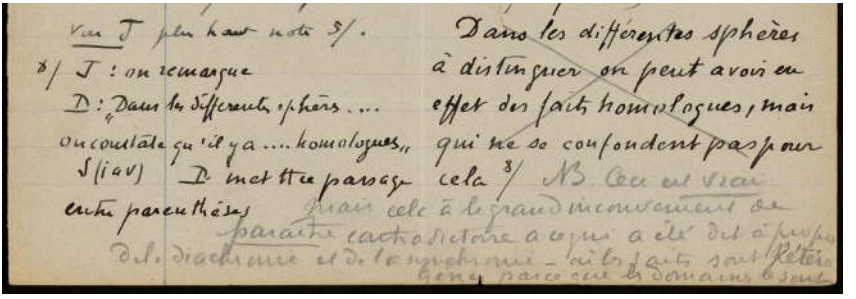
Os *fatos homólogos* anotados pelos alunos passam, na pena dos editores, a "fatos similares". Poder-se-ia, então, pensar a homologia como da ordem da similitude? Antes de ensaiarmos uma tentativa de resposta à questão, vale dar mais um passo neste nosso exercício filológico.

No manuscrito reproduzido abaixo, temos um recorte da folha 379 do que veio a se chamar *Collation Sechehaye*. Após o espólio de Saussure ser

[172] Os editores, com o intuito de padronizar os termos no CLG, optaram por substituir "*langue statique*" e "*langue évolutive*" por "sincronia" e "diacronia", termos já correntes nas aulas de Saussure.

entregue a Bally, este o repassa a Sechehaye que, em mãos também dos cadernos de alguns alunos[173], inicia o árduo trabalho de compilação desse material, resultando, assim, em sua *Collation*[174]. O texto de Sechehaye segue de volta a Bally, que o edita para então chegar ao texto publicado em 1916. Segue o fragmento.

Figura 1. Reprodução de fragmento do manuscrito Collation Sechehaye.



Fonte: BGE, Cours univ. 433_f 379

> Nas diferentes esferas a serem distinguidas, pode-se ter com efeito **fatos homólogos**, mas que não se confundem com estas [8]/ NB. Isso é verdade
> mas tem o grande inconveniente de ~~parecer contraditório~~ em relação ao que foi dito sobre a diacronia e a sincronia – em que os fatos são heterogêneos porque os domínios o são (negritos nossos, sublinhados do autor).

Para compreendermos como nossos olhos devem deslizar pelo mauscrito, é importante saber que Sechehaye utiliza a porção direita da folha para construir seu texto e, na porção esquerda, faz anotações das vaiações que observou nos cadernos dos alunos, além de comentários ténicos. A lápis, temos as anotações de Bally. Transcrevo acima o framento.

[173] Como os próprios editores esclarecem no prefácio à primeira edição do CLG (1916[2002], p. 2), foram utilizados os cadernos de Louis Caille, Léopold Gautier, Paul Regard e Albert Riedlinger referentes aos dois primeiros cursos e os cadernos de Marguerite Sechehaye, George Dégallier e Francis Joseph.
[174] O termo em francês designa precisamente o trabalho de comparar cópias com o original a fim de se assegurar da conformidade daquelas com este.

Lemos, na *Collation*, a manutenção do termo que insiste nos cadernos dos alunos – "*faits homologues*" –, entretanto, a partir da intervenção de Bally – a rasura em X sobre trecho escrito pelo colega-editor e a nota (NB – note Bally) –, que, apesar de considerar verdadeira a afirmação, aponta uma possível contradição entre o estabelecimento da homologia entre fatos de esferas distintas e o que se diz sobre os fatos sincrônicos e diacrônicos. Segundo Bally, é justamente por pertencerem a domínios diferentes que tais fatos não podem ser considerados homólogos (são, assim, *heterogêneos*).

Há um deslizamento que me parece produtivo da *Collation* para o CLG: *fatos homólogos – fatos similares*. Tal movimento não pode ser lido sem a nota de Bally (que insere *fatos "heterogêneos"*), alertando para um possível mal-entendido: a sinonímia *homólogo = similar* não pode ser estabelecida, uma vez que o novo termo foi introduzido justamente para que o mal-entendido fosse evitado. A homologia, portanto, parece apontar para outro lugar.

Para nos auxiliar na investigação do conceito de homologia em Saussure, lançaremos mão de alguns recortes da obra do linguista Émile Benveniste em que o autor se vale do conceito para estabelecer relações entre elementos de sistemas distintos. A primeira menção do termo por Benveniste data de 1956, ao refutar a aposta freudiana em seu texto *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana*. A hipótese freudiana refutada por Benveniste é a de que a negação não opera no inconsciente (o surgimento de um elemento no sonho pode significar seu contrário), da mesma forma como, segundo o linguista Karl Abel, as línguas primitivas utilizavam a mesma palavra para designar sentidos opostos, estabelecendo assim uma relação entre elas e o sonho (FREUD, 1910 [2007, p. 147]). Após pontuar os problemas no trabalho de Abel, Benveniste escreve: "Esvai-se, porém, assim, qualquer possibilidade de uma **homologia** entre as operações do sonho e os processos das 'línguas primitivas'" (BENVENISTE, 1956 [2005, p. 88] – grifo nosso).

Não entraremos aqui na discussão da hipótese freudiana, tampouco trataremos da refutação de Benveniste. O que nos interessa é o uso do termo homologia para qualificar a possível relação entre as operações do

sonho e as línguas primitivas. Como podemos ler o termo homologia empregado por Benveniste? O autor utiliza o termo em alguns outros textos, mas é apenas em 1969, em *Semiologia da língua*, que Benveniste produz uma reflexão mais detida sobre ele.

Nesse texto, escrito à luz das aulas ministradas no ano letivo de 1968-1969 (cf. BENVENISTE, 1968/1969 [2012]), Benveniste determina três "tipos de relação entre sistemas semióticos" (BENVENISTE, 1968[1989], p. 61]), quais s ejam, a relação de engendramento – em que um sistema semiológico pode gerar um outro; a relação de homologia – "que estabelece uma correlação entre as partes de dois sistemas semióticos" (BENVENISTE, 1968[1989], p. 62); e a relação de interpretância – quando há entre dois sistemas um interpretante e outro interpretado. Sobre a segunda relação, o linguista ressalta não se tratar de uma relação constatada, "mas instaurada em virtude de conexões que se descobrem ou que se estabelecem entre dois sistemas distintos" (BENVENISTE, 1968[1989], p. 62). Trata-se, portanto, não de uma relação dada, apenas verificável, mas instaurada, como quando Baudelaire a estabelece ao dizer que "les parfums, les couleurs et se sons se répondent", em *Les Fleurs du Mal*. Não se trata de uma relação já dada, mas constituída pelo poeta. Benveniste faz referência também a Erwin Panofsky, o historiador da arte alemão que propôs uma relação de homologia entre a arquitetura gótica e o pensamento escolástico. Assim, para o linguista, a relação de homologia "servirá de princípio unificador entre dois domínios e limitar-se-á a esse papel funcional, ou ela criará uma nova espécie de valores semióticos. Nada assegura antecipadamente a validade desta relação, nada limita sua extensão" (BENVENISTE, 1968[1989], p. 62).

A homologia, portanto, funciona mais como um operador teórico do que como uma característica do objeto em estudo. Com esse operador, sob essa perspectiva, podem-se estabelecer aproximações pontuais de partes de sistemas distintos sem que suas diferenças sejam suplantadas. É o que parece ocorrer no texto do ano anterior, em que Benveniste trata da estrutura da língua e da estrutura da sociedade. Entretanto, algo parece escapar...

Segue um trecho significativo:

> Saussure já tinha revelado uma **analogia** entre certas noções próprias da economia e aquelas que ele criava, [...] no processo da

> comunicação linguística. Ele assinalou que a economia é como a língua um sistema de valores: eis um outro termo que é um termo fundamental. É uma **analogia** que desperta longas reflexões [...] Saussure tinha comparado a relação salário-trabalho à relação significante-significado, porque dos dois lados é um valor que está em jogo e porque os dois membros deste binômio são **de natureza completamente diferente e aproximados numa relação arbitrária**. Eu não estou absolutamente certo de que este seja o melhor exemplo ou que a relação salário-preço, salário-trabalho seja rigorosamente **homóloga** à do significante-significado, mas trata-se aqui menos deste exemplo particular do que do princípio da aproximação e da visão que daí resulta sobre a maneira de aplicar certos critérios, certas noções comuns à língua e à sociedade (BENVENISTE, 1968 [1989, p. 103]).

O linguista já traz o caráter arbitrário, "instaurado", da relação de homologia que formalizará no texto de 1969. Há, entretanto, uma alternância analogia/homologia que parece não se esclarecer no texto. A relação é a mesma salário-trabalho e significante-significado, porém esta é referida por duas vezes como sendo uma "analogia" e, por fim, como homologia, carregando consigo o qualificador "rigorosamente". Que distinção pode-se estabelecer entre analogia e homologia e, além disso, em que medida um "rigor" na relação estabelecida promove a alteração da analogia para a homologia no texto de Benveniste?

Algo semelhante ocorre no texto de 1969, quando, ao retomar Saussure, Benveniste diz que este estabelece uma relação de homologia entre a língua e os demais sistemas semiológicos: "Aí se circunscreve seu domínio [do signo]. Mas este domínio compreende, além da língua, os sistemas homólogos ao da língua" (BENVENISTE, 1968[1989], p. 49). Como já dissemos, não há ocorrência do termo "homologia" nos textos saussurianos publicados até então. O que lemos no CLG (BENVENISTE, 1968[1989], p. 24) é que "A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc. etc. Ela é apenas o principal desses sistemas".

Saussure, no fragmento mencionado por Benveniste e que trago acima, está às voltas com o estabelecimento das bases de uma nova ciência,

a Semiologia, uma ciência geral dos signos, que englobaria o estudo de todos os sistemas sígnicos, a língua incluída. No texto que lemos no CLG, os editores optam pelo termo "comparável" para estabelecer a relação entre os diferentes sistemas da nova ciência. Numa rápida consulta ao que escreveram os alunos do genebrino (cf. ENGLER, 1968 [1989, p. 46]), não há nenhuma alteração significativa feita pelos editores que mereça ser retomada neste momento. Destaco apenas que os termos "homologia" e "analogia" não são utilizados.

Há, portanto, um gesto interpretativo de Benveniste ao qualificar a relação entre os sistemas de homóloga. Esse fato nos parece relevante, pois é exatamente para as relações estabelecidas entre os sistemas semiológicos que Saussure utiliza, em 1891, o termo "homologia". Nessa ocorrência, que trarei em seguida, Saussure parece buscar uma distinção entre as relações de analogia e homologia, estabelecendo, assim, algum grau de distinção entre elas.

## ~~Homologo análogo,~~ a rasura de Saussure

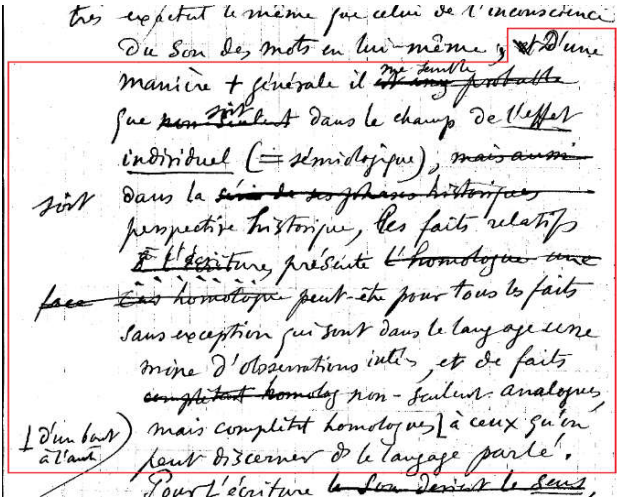
*De la double essence du langage*, de 1891, texto autógrafo de Ferdinand de Saussure, foi encontrado apenas em 1996 e publicado seis anos depois, de modo a não figurar entre os textos consultados pelos editores do CLG. A descoberta desse texto é tida por muitos dos estudiosos saussurianos como um ponto de virada nas pesquisas que vinham se fazendo acerca do linguista genebrino, seja no sentido de que este seria o verdadeiro Saussure ou de que permitiria um retorno ao próprio CLG. O que é ponto pacífico entre os estudiosos de Saussure, entretanto, é que a descoberta e a publicação desse texto instauraram um novo momento de trabalhos sobre o genebrino.

Amacker (2011, p. 17) nos explica que a caixa encontrada na *orangerie* da família de Saussure e catalogada pela BGE como "Arch. De Saussure 372", apresenta um conjunto de 274 folhas esparsas cuja maioria estava envolta em um papel de embrulho com a inscrição "Science du langage", de punho de Ferdinand de Saussure. Dentro do embrulho, as folhas estavam divididas em doze envelopes com inscrições que variavam de "De l'essence double" a "De la double essence". O fragmento que nos diz respeito

encontra-se num envelope com a inscrição “De l’essence etc.”, numerado por Engler como 10a, mais precisamente na página 6[175].

O texto manuscrito é lacunar, trata-se de um texto em processo, com brancos, rasuras e silêncios. Para evitar uma interpretação a qualquer custo dos fragmentos e silêncios de Saussure, Claudine Normand (2006) parte da formulação de Starobinski de que “a interrupção produz um efeito de verdade” (STAROBINSKI, 2003, p. 304 apud NORMAND, 2006). Evitando o preenchimento dos brancos com psicologismos ou comentários literários, a linguista se fia ao método filológico, pautando-se na materialidade do texto. Dessa forma, tomando os brancos como lugares de verdade do sujeito, a autora propõe ver “nos brancos da voz, nas interrupções dos gestos da mão, a presença insistente de um corpo que não se deixa tão facilmente abater pela reflexão teórica”. É dessa forma, portanto, que nos lançaremos na segunda ocorrência[176] do termo “homologia”. Passemos ao manuscrito:

Figura 2. Reprodução de fragmento do manuscrito *Double essence*. Conservado na BGE, sob a cota AdS 372bis 010 f006



Fonte: imagem cedida por Eliane Silveira.

[175] Na classificação mais recente realizada pela BGE, a folha aqui estudada encontra-se sob a designação *Arch de Saussure 372 f. 82*.
[176] Primeira, em ordem cronológica.

Saussure introduz a relação entre língua e escrita na página anterior a que reproduzimos acima, ao tratar da "inconsciência do próprio som das palavras"[177] (DE-A, p. 134 | ELG-br, p. 48). À inconsciência dos sons, Saussure compara um fato relativo à escrita, "a ~~+ part~~ ⟨maioria⟩ das pessoas interrogadas ~~seria~~ fica muito embaraçada ao reproduzir exatamente a forma de um *g* (minúsculo ro[mano]) impresso ~~que eles leem~~ que cada um lê, todos os dias, cinquenta vezes, se não mil" (DE-A, p. 134 | ELG-br, p. 48). E conclui, como podemos ler no trecho destacado do manuscrito e transcrito abaixo:

> De uma maneira + geral ~~é muito provável~~, ⟨me parece⟩ que, ~~não somente~~ seja – no campo do <u>efeito individual</u> (= semiológico), ~~mas também~~ ⟨seja⟩ ~~a série de fases históricas~~ na perspectiva histórica, os fatos relativos à ~~escr~~ ⟨escrita⟩ apresentam ~~o *homólogo* um ⟨e⟩ caso ⟨face⟩ *homólogo*~~, talvez, a respeito de todos os fatos que existem na linguagem, sem exceção, uma mina de observações incessantes e de fatos ~~*completamente homolog*~~ *não apenas análogos, mas homólogos, ⟨de um extremo a outro,⟩ aos que se pode discernir na linguagem falada* (SAUSSURE, 1891 [2012, p. 48] – itálico nosso).

Apesar de o termo *homologia* (e seus correlatos) figurar apenas uma vez nos escritos saussurianos, ao menos naqueles sobre os quais nos debruçamos, essa aparição não pode ser desprezada ou mesmo tomada como sinonímia de *analogia*. Lendo as marcas de escrita deixadas por Saussure, podemos notar um trabalho em torno do termo que ensaia sua inscrição: "~~o homólogo um~~", "~~homólogo~~" e "~~completamente homólog~~", bem como do estatuto dessa relação ("⟨~~e~~⟩ ~~caso~~ ⟨~~face~~⟩")" até chegar à formulação final: "fatos não apenas análogos, mas completamente homólogos, de um extremo a outro". Tais marcas são índice de um movimento de formulação teórica que culmina não apenas na assunção de uma homologia radical, mas também numa clara distinção entre analogia e homologia ("não apenas análogos, mas completamente homólogos").

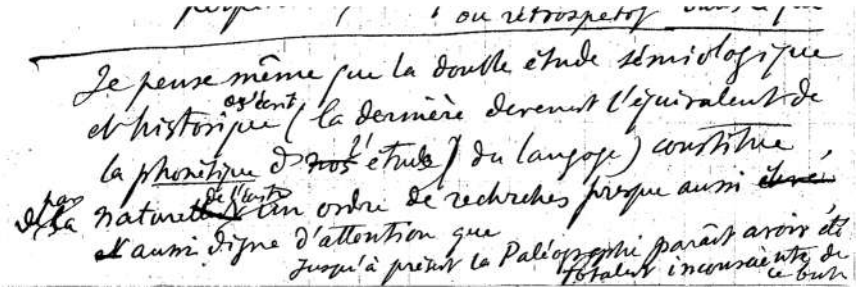
No trecho, a homologia se dá entre os fatos da escrita e aqueles da "linguagem[178] falada", o que nos remete ao esquema de Vachek

[177] Um morador da cidade de Cher pode passar a vida sem se dar conta de que o som do nome da cidade não difere do som de quando diz "cher ami".
[178] Há flutuação, tanto nesse texto como no próximo que traremos, da mesma época, entre os termos linguagem e língua. Apesar da flutuação terminológica, não parece

(1939[1976]), em que *Schriftäußerungen* e *Sprechäußerungen* possuem um mesmo status em relação à língua. Os fatos da escrita e os da *parole* – é importante aqui a inclusão do sujeito falante (escrevente) em ambos os sistemas – são homólogos uma vez que funcionam[179] a língua. É nesse sentido que entendemos a homologia: escrita e "linguagem falada" têm seu funcionamento regido a partir do mesmo número mínimo de axiomas.

Tal homologia permite a Saussure concluir em nota, na página seguinte do manuscrito, a proficuidade de uma disciplina que tome a escrita como objeto:

Figura 3 Reprodução de fragmento do manuscrito Double essence. Conservado na BGE, sob a cota AdS 372bis 010 f007



Fonte: imagem cedida por Eliane Silveira.

> Eu penso que o duplo estudo, semiológico e histórico, ⟨da escrt.⟩ (sendo que o último se torna equivalente à fonética n⟨o⟩ ~~nos~~ estudo~~)~~ da linguagem) constitui ~~de~~, ⟨pela⟩ natureza ⟨da escrit⟩ uma onda de pesquisas quase tão digna de atenção quanto [ ]. Até o presente, a paleografia parece estar totalmente inconsciente desse objetivo (SAUSSURE, 1891 [2012, p. 48]).

haver flutuação conceitual, ou seja, apesar de lermos "linguagem" nos fragmentos destacados, não há, no texto saussuriano, confusão conceitual entre o que hoje entendemos por um e por outro.

[179] A construção pode soar estranha, mas é preferível em detrimento de "põem em funcionamento", para evitarmos a interpretação de que a língua pudesse ser apreendida fora desses sistemas ou que a função destes fosse a de dar corpo à língua.

O genebrino reafirma enfaticamente – "eu penso [*je pense même*]" – a proposta que se repetirá durante o primeiro curso de linguística geral, como tratamos anteriormente: "tem-se duas ciências linguísticas e deve-se considerar a língua falada separadamente da língua escrita" (RIE I, p.10-11). Se há ênfase o suficiente para se propor uma ciência da escrita, o branco no fim da nota deixa em suspenso a relação. Uma suspensão que pode ser lida por um viés fonologocentrista, para usarmos o termo de Derrida (1967 [2013]), qual seja o da primeiridade da língua falada em relação à escrita, o que impediria a comparação. De um outro ponto de vista, o da leitura que fazemos da letra de Saussure, lemos que a escrita ocupa um lugar incômodo para o genebrino, um lugar que ele próprio não consegue nomear, mas do qual consegue ouvir os efeitos.

Saussure, em diversos momentos de sua obra, estabelece analogias entre a língua e os mais diversos sistemas de signos (os sinais marítimos, as formas de polidez, os ritos simbólicos etc. (CLG, p. 24)), entretanto, é apenas a escrita que, graças à sua natureza, constitui "uma ordem de pesquisas quase tão digna de atenção quanto [ ]". De qual natureza se trata que faz com que seja a escrita, e não outro sistema que possua ordem de pesquisas, digna o suficiente para ser alçada a objeto de uma disciplina?

Nossa aposta é justamente no fato de a relação entre língua e escrita não ser analógica, como é a relação entre os demais sistemas, e sim homológica. Isso quer dizer que língua e escrita compartilham não apenas um funcionamento, mas uma mesma natureza de fatos.

## Homologia não é analogia

Um primeiro contato com os termos, e que já serve para esboçar um contorno dos conceitos, é aquele ginasial, das aulas de biologia: há órgãos homólogos e análogos: os primeiros possuem uma mesma origem embrionária, mas desempenham funções diferentes (a nadadeira dos golfinhos e as asas dos morcegos eram um exemplo comum); os segundos, ao contrário, desempenham função semelhante, mas provêm de material embrionário distinto (o exemplo era o das nadadeiras dos golfinhos em relação às nada-

deiras dos tubarões). Na homologia, o que permite a comparação não é exatamente a forma final, mas sua estrutura, enquanto na analogia a comparação se estabelece pela forma (ou funcionalidade) final.

Segundo Koonin[180] (2005), o termo surge no campo da biologia com Richard Owen, em 1843, para designar "o mesmo órgão em diferentes animais sob qualquer variedade de forma e função" (OWEN apud KOONIN, 2005, p. 311). Já nessa data ocorre a distinção entre órgãos análogos e homólogos. Owen atribuía à homologia o que chamou de "arquétipo" ou, nas palavras de Koonin, "plano estrutural". Com a publicação da *Origins of Species* (1859), de Charles Darwin, o termo é reinterpretado à luz da teoria da evolução. Esse termo não consta em Darwin. É Thomas Huxley, em sua resenha da obra de Darwin, quem retoma o termo como sendo uma evidência da evolução, estabelecendo assim a concepção geral que temos atualmente, de que a homologia se estabelece a partir de um traço embrionário comum. O termo, ao longo dos séculos XIX e XX, ganha novos desdobramentos ao ser aplicado à biologia genética em que genes, além de compartilharem uma origem comum, podem ser ortólogos (se originam de um único gene ancestral) ou parálogos (quando a relação se dá por duplicação).

A discussão é bastante produtiva, mas creio que escaparia ao escopo deste texto e ultrapassaria minhas possibilidades de compreensão se avançássemos nesse debate. O que vale pontuar, aqui, é o caráter estrutural que se estabelece na homologia. Se, para Benveniste, a homologia é "instaurada", no campo da biologia se dá o inverso: a homologia se constitui através do compartilhamento de uma mesma estrutura de origem, enquanto a analogia é de ordem funcional.

No campo dos estudos da linguagem, a analogia é uma noção bastante profícua e presente em trabalhos anteriores ao próprio Ferdinand de Saussure. Nosso objetivo, neste momento, não é o de fazer uma retomada histórica e epistemológica do conceito, mas apenas o de trazer alguns elementos significativos com os quais possamos circunscrever alguns usos do termo *analogia* de forma a pensar a relação entre língua e escrita quando esta é dita analógica.

---

[180] Agradeço à Erika Molina, doutora em Ciências Biológicas (Bioquímica) pela USP, as indicações de leitura e o debate sempre frutífero.

Em *Essai de Sémantique* (1897), do linguista Michel Bréal, encontramos um capítulo inteiro dedicado ao tema. De partida, Bréal já aponta a proficuidade do conceito, sobretudo na segunda metade do século XIX. O autor destaca a importância do estudo da analogia justificando-a pela natureza humana da imitação, uma vez que a analogia se apoia numa estrutura existente para operar, e ressalta que essa analogia é um meio, e não a causa da evolução da língua. Ao que conclui: "É preciso, portanto, olhar a analogia como uma condição primordial de toda linguagem" (BREAL, 1897, p. 86).

Ao inserir a analogia numa história dos estudos da linguagem, Bréal marca, nessa construção, um desvio de rota: se, "em alguns livros recentes", a analogia não passaria de "uma grande esponja passeando ao acaso pela gramática, misturando as formas" (BREAL, 1897, p. 84), isso passa a ser contestado, pois a analogia "está a serviço da razão, razão um pouco curta, um pouco carente de memória, mas que não é menos o verdadeiro e necessário motor da linguagem" (BREAL, 1897, p. 84). Apesar de não mencionar as referências, podemos situar a mudança de rota na ruptura que institui os estudos neogramáticos.

Em sua reflexão, Saussure produz ainda alguns deslocamentos com relação ao grupo de Leipzig. Para o genebrino, é fundamental distinguir as mudanças fonéticas, produzidas a partir de leis invariáveis da analogia, em que não se pode falar de leis, "ela é a obra ocasional de uma pessoa isolada" (CLG, p. 192). Com a analogia, como aponta Pereira de Castro (2018), Saussure reforça a distinção entre língua e fala, uma vez que a analogia, operação criativa do sujeito falante – portanto, da ordem da fala –, não é necessariamente incorporada ao sistema, como ocorre com as criações da fala de crianças.

O genebrino, ao definir o conceito, utiliza o mesmo termo de Bréal, "imitação": "A analogia supõe um modelo e sua imitação regular. Uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada" (CLG, p. 187). Trata-se, portanto, de um cálculo, o da quarta proporcional: "*réaction* : *réactionnaire* = *répression* : x" dessa forma "x = *répressionaire*" (CLG, p. 191).

Uma analogia, assim, busca a produção de um quarto elemento que mantenha a proporcionalidade das relações já estabelecidas. Tal é o princípio fundamental da analogia desde Pitágoras. No *Grand dictionnaire de la philosophie* (LAROUSSE; CNRS, 2003), encontramos a referência a uma

definição de Aristóteles que descreve o cálculo realizado pelo sujeito falante: "Entendo por analogia todos os casos em que o segundo termo estabelece com o primeiro a mesma relação que o quarto com o terceiro" (ARISTÓTELES apud LAROUSSE; CNRS, 2003, p. 45). Ora, a relação estabelecida entre *réaction* e *réactionnaire* é a mesma criada entre *répression* e *répressionaire.*

Algo a se ressaltar é o fato de que na analogia se estabelece uma "semelhança de relação e não uma relação de semelhança" (BREAL, 1897, p. 46). Isso é fundamental para determinar o funcionamento operatório da analogia tal como utilizado por Saussure. O que ocorre, porém, é que, num sentido mais amplo, a analogia passa a ganhar "o sentido de equivalência parcial, até a assimilação da semelhança superficial e da transposição abusiva de conceitos" (BREAL, 1897, p. 46). Parece ser essa a diferença entre os usos do termo *analogia* quando articulado à operação criativa realizada pelo sujeito falante e quando utilizado para designar a relação estabelecida entre a língua e a escrita, ou entre a língua e os demais sistemas de signos.

Passemos, então, ao conceito de homologia.

Nesse caso, o caminho será um tanto mais árduo, tanto pela falta de referências – não há entrada para o termo nem no *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, de Lalande, nem no *Vocabulaire européen des philosophies*, de Cassin – quanto pela complexidade operatória que a homologia caracteriza.

Recorremos, então, para iniciarmos uma compreensão do conceito, aos dicionários gerais Aurélio (FERREIRA, 2004, p. 1.054) e Houaiss (2009, p. 1.033). Em ambos, para além do uso em biologia que já mencionamos, encontramos uma acepção ligada à retórica e que designa o uso repetido de palavras, figuras e imagens. Para o termo *homólogo*, além das acepções derivadas de *homologia*, temos um uso no campo da geometria – "diz-se dos lados, vértices [...] ou qualquer outro elemento correspondente em figuras semelhantes" (HOUAISS, 2009, p. 1.033) – e outro no campo matemático – "que tem o mesmo valor relativo, como, p.ex., os antecedentes ou os consequentes numa proporção" (HOUAISS, 2009 p. 1033). Uma última acepção, esta apenas presente no Aurélio (HOUAISS, 2009, p. 1054), diz do uso extensivo do termo "equivalente, correspondente, embora mais ou menos diverso".

A partir dessas delimitações mais gerais fornecidas pelos dicionários, podemos esboçar uma diferença mínima com a analogia: há um grau maior de semelhança entre elementos homólogos que entre elementos análogos, sem, entretanto, que os objetos sejam idênticos, por serem "equivalentes, embora mais ou menos diversos". Por outro lado, o que nos impediria de equivaler ambos os conceitos quando tomados na acepção da geometria apresentada pelos dicionários?

O *Dicionário de etimologia* nos indica que o termo *homólogo* surge em 1813, acompanhando uma série de novas palavras surgidas na mesma época a partir do radical grego *homós* (igual, semelhante), como homofonia, homófono, homomorfo, homotipia etc. A datação do termo é interessante, pois mostra a proximidade de seu primeiro registro com o uso feito por Saussure (em 1891), além de apontar seu contexto de surgimento: uma constelação lexical bem familiar aos estudos fonológicos encabeçados pelos neogramáticos. Se fechássemos os olhos para o que Saussure diz da etimologia e nos lançássemos, por um instante, em seu jogo especulativo, poderíamos supor um momento em que o termo analogia era muito produtivo, como dissemos acima, e que coincide com a proliferação de neologismos criados a partir do radical grego *homós*, surgindo assim um novo termo que, na relação com a analogia, designasse uma maior semelhança entre elementos[181].

Entretanto, sabemos, com Saussure, que a etimologia "é somente uma aplicação especial dos princípios relativos aos fatos sincrônicos e diacrônicos. Ela remonta o passado das palavras até encontrar algo que as explique" (CLG, p. 219). Dessa forma, nossas suposições servem apenas para nos indicar que sigamos adiante.

Na mesma época em que Saussure, já de volta a Genebra, se encontra em meio aos problemas teóricos da linguística – o manuscrito *De la double essence du langage*, de 1891; as notas para um texto sobre Whitney, de 1894; e a famosa carta a Meillet, de 1894, o atestam –, o matemático francês Henri Poincaré publica seu *mémoire* no *Journal de L'École Polythéchnique*, intitulado *Analysis situs* (1895), em que desenvolve o conceito de homologia no campo que viria a se chamar topologia algébrica.

[181] Vale lembrar o "rigorosamente homólogos" de Benveniste e o "não apenas análogos, mas homólogos" de Saussure.

Buscaremos, a partir das reflexões do matemático francês, trazer alguns elementos para compor o que entenderemos por homologia. Nossa escolha por esse percurso se deve mais à sua maneira de pensar a matemática, que se afasta da lógica pura e se aproxima do que chama de intuição geométrica (POINCARÉ, 1912, p. 59), que à proximidade temporal com o mestre genebrino. Isso é interessante se tivermos em mente o tipo de matematização performada por Saussure e que ganha força com Lacan, ao que Milner nomeou de galileísmo ampliado, em que se abandonam os cálculos quantitativos em detrimento das variantes qualitativas.

Segundo Poincaré, num artigo de 1912 intitulado *Pourquoi l'espace a trois dimensions* [Por que o espaço tem três dimensões], há três geometrias distintas. A primeira, a geometria métrica, fundada sob a noção de distância, é erigida a partir do cálculo quantitativo. A segunda, a geometria projetiva, centrada na noção de linha reta, acrescenta ao cálculo quantitativo uma análise qualitativa, na medida em que, para duas figuras serem consideradas equivalentes, elas não precisam ser metricamente idênticas, basta que uma seja a projeção da outra. "Mas há uma terceira geometria, da qual a quantidade é completamente banida e que é puramente qualitativa, é a *Analysis Situs*" (POINCARÉ, 1912, p. 58). Isso a que o autor nomeia, em latim, de *Analysis Situs*, análise dos lugares, será posteriormente rebatizado com o nome de Topologia algébrica.

Para o matemático francês (POINCARÉ, 1912, p. 60), é na topologia algébrica, portanto, que a intuição geométrica intervém verdadeiramente, uma vez que se abandonam as propriedades métricas e projetivas, atendo-se apenas a suas propriedades qualitativas. Para o autor, a topologia algébrica "descreve a situação relativa dos pontos, das linhas e das superfícies, sem nenhuma consideração de suas grandezas" (POINCARÉ, 1895, p. 2). Ao abandonar as grandezas métricas, a topologia se vale fundamentalmente das bordas, dos furos, das torções e dos cortes. É nesse campo em que operam apenas as propriedades qualitativas dos objetos que é possível pensar a homologia tal como formulada por Poincaré.

Sua formulação é apresentada no texto de 1895, tornando-se uma das principais ferramentas da topologia algébrica (HENRI PAUL, 2018a). Há, atualmente, uma série de teorias de homologia (poliedral, singular, simplicial) articuladas num campo extremamente denso e de uma escrita bastante singular, o que dificulta nosso acesso a desdobramentos teóricos que

poderiam ser interessantes. Restringir-nos-emos, por isso, ao levantamento de alguns elementos gerais da homologia que podem ser produtivos para pensarmos a relação entre sistemas semiológicos, mais especificamente entre língua e escrita.

O intuito do matemático francês era o de poder estabelecer relações entre objetos algébricos e matemáticos de ordens distintas (geométricos, topológicos) a partir de um cálculo qualitativo. Nesse sentido, a homologia é uma forma de cálculo que permite "medir a complexidade da forma de uma variedade de dimensão arbitrária" (HENRI PAUL, 2018b), o que quer dizer que um grupo homológico pode ser estabelecido a partir da análise de formas (arcos, círculos, linhas) em uma figura topológica dada,[182] independentemente do número de dimensões que ocupa.

Segundo o coletivo Henri Paul[183] (2018c), o termo homologia é eleito por Poincaré para nomear esse novo tipo de equação:

> Provavelmente a fim de indicar que não se trata de uma identidade de objetos de um lado e de outro do signo ∼ de similitude, mas sobretudo de um tipo de semelhança. Essas homologias são, entretanto, suficientemente próximas de "equações ordinárias" da álgebra e da aritmética para se combinar como elas. (Henri Paul, 2018c)

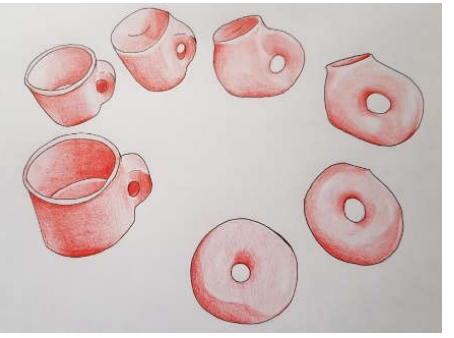
É interessante a suposição de Henri Paul, uma vez que marca uma distinção entre identidade e semelhança, fundamental para o que buscaremos articular mais à frente, quando retornarmos à nossa questão central. Esse cálculo, que é a homologia, permite localizar semelhanças entre objetos a ponto de classificá-los em grupos de homologia.

Tendo em mente, assim, as possibilidades de manuseio das figuras (deformação das bordas sem alteração da orientação das setas do dia-

[182] Variedade é o termo utilizado para designar a abstração de uma figura topológica. O toro, a garrafa de Klein e o plano projetivo são *variedades*.
[183] Henri Paul é um coletivo composto de matemáticos, amparado pelo CNRS, que tem por objetivo recuperar e divulgar a obra de Henri Poincaré.

grama), podemos deformá-las de modo a produzir dois objetos pertencentes a um mesmo grupo homológico, pois respondem ao mesmo cálculo, por exemplo, a rosquinha e a caneca[184], como mostra a imagem abaixo.

Figura 4. A rosquinha e a caneca.



Fonte: Wirts, 2020.

É a partir desse tipo de operação – passível de ser escrita algebricamente –, com os cortes e torções em torno de bordas e furos, que se estabelecem os grupos de homologia. E é precisamente aí que podemos delimitar um alcance para o termo no que diz respeito à nossa questão central: *dois objetos* (obviamente esse uso por nós será metafórico) *que operam com cortes e torções sobre bordas e furos a partir de um cálculo comum.*

Essa pontuação do que, em linhas gerais, pode ser entendido por homologia em topologia já nos é suficiente para retornarmos para onde a topologia se fez presente de início em nossa leitura e de lá alinhavar mais algumas conclusões. Esse lugar é a psicanálise. Ao tomarmos a topologia a partir da leitura de Lacan, é preciso ainda destacar o uso que o psicanalista faz desta, movimento semelhante ao que ocorre com a "linguística lacaniana", sua linguisteria. Amster (2015, p. 18-19) retoma Miller para chamar à atenção para o fato de a topologia lacaniana não se constituir como uma

[184] Neste caso, além de homólogos, os objetos são homeomorfos. Não existe, porém, garantia (em objetos com um número maior de dimensões) de que todos os objetos de um grupo homológico sejam homeomórficos.

disciplina *sui generis*, mas que só pode ser apreendida imersa em seu ensino. É esse o gesto que buscaremos fazer.

No ensino de Jacques Lacan, o termo *homologia* pode ser lido desde seus seminários iniciais. É, entretanto, no seminário sobre a identificação, ocorrido entre os anos de 1961 e 1962, quando a topologia passa a ocupar um lugar mais central em sua teorização, que o conceito de homologia começa a ganhar consistência. Uma definição, ou ao menos uma referência epistemológica do termo, só é formulada quatro anos depois, durante seu seminário intitulado *O objeto da psicanálise* (1965-1966). Antes disso, e em algumas ocasiões posteriores, o termo pode ser interpretado num espectro que vai da sinonímia com a analogia a uma espécie de "semelhança estrutural".

Centrar-nos-emos na definição apresentada na sessão de 15 de dezembro de 1965 e, a partir dela, buscaremos elementos para delinearmos o uso que faremos de tal conceito. Lacan, então, diz:

> Como é necessário para que eu avance, farei apenas uma alusão ao fato de que o Sr. Brouwer... personagem considerável no desenvolvimento moderno das matemáticas ... demonstrou esse teorema topologicamente, que topologicamente é o único a nos dar o verdadeiro fundamento da noção de centro, uma homologia topológica: duas figuras, quaisquer que sejam, desde que providas de uma borda, podem ser, por deformação dessa borda, demonstradas homeomórficas (LACAN 1965-1966, p. 32).

A referência trazida pelo psicanalista é a do matemático holandês L. E. J. Brouwer, adepto do intuicionismo na matemática, assim como Poincaré. Lacan traz também uma das consequências da homologia: duas figuras de um mesmo grupo homológico, se tiverem suas bordas deformadas, adquirem a mesma forma. Lacan, nessa sessão, constrói, a partir de um escrito do monge japonês Jioun Sonja, a banda de Moebius. Com a banda, numa montagem em que a associa a um plano projetivo, demonstra topologicamente seu funcionamento enquanto corte e, por esse motivo, por ser ela própria o corte, funciona como "suporte estrutural da constituição do sujeito como divisível" (LACAN, 1965-1966, p. 33).

Resumir uma aula de Lacan em duas linhas é deixar de fora o essencial, ou seja, o percurso. Deste, gostaríamos de destacar o uso que o psicanalista faz de elementos topológicos e de como os articula com a função do escrito:

> Um traçado que chamei de círculo e não de disco deixa em suspenso a questão *do que ele limita*. Para ver as coisas aí onde estão traçadas, sobre um plano, o que ele limita: é talvez o que estava *dentro*, é talvez também o que está *fora*. Na verdade, é aí que devemos considerar o que ele pode ter de original na função do escrito (LACAN, 1965-1966, p. 27, grifos do autor).

É pela via do escrito, disso que Lacan traça e que chama de círculo, que se impõe a questão do limite, do que está dentro e também do que está fora. Há, assim, uma relação intrínseca entre topologia e escrita no sentido de que é a partir desta que se pode pensar a topologia. Ao que prossegue, mais adiante:

> Então aqui estamos nós, sobre essa função da falta no sentido de que ela está ligada a essa alguma coisa de original que se chama *corte*, que se situa *em um ponto em que é o escrito que determina o campo da linguagem*. Se eu cuidei de escrever "*Função e campo da fala e da linguagem*", é, pois, *Função* se relaciona à *fala* e *campo* à *linguagem*. Um campo, *isso tem uma definição matemática bastante precisa* (LACAN, 1965-1966, p. 27, grifos do autor).

Lacan estabelece uma relação fundamental entre escrito, topologia e linguagem. Retomemos dois pequenos fragmentos de Lacan do início dos anos de 1970 para nos auxiliar nessa articulação: "Não há topologia sem escrita" (LACAN, 1971[2009], p. 76) e "A topologia não foi 'feita para nos guiar' na estrutura. Ela é a estrutura – como retroação da ordem de cadeia em que consiste a linguagem" (LACAN, 1972[2003], p. 485). A topologia, para Lacan, não funciona como metalinguagem, não se trata de um dizer sobre a linguagem, "ela é a estrutura" e, como tal, é determinada pela via do escrito.

Isso nos é precioso, pois, ao colocar o escrito como determinante do campo da linguagem, não no sentido que a origina, mas que, com o traçado,

faz limite, Lacan põe em cena um arranjo com o qual vemos operar Saussure em sua aventura por "mostrar ao linguista o que ele faz".

Com esse nosso percurso em busca de alguma delimitação dos termos analogia e homologia, podemos estabelecer que há uma diferença fundamental entre tais termos que os impedem de ser reduzidos à sinonímia. Por outro lado, também não se reduzem, como sugere o senso comum, a "idêntico", no caso da homologia, e "semelhante", para a analogia. É nesse sentido que no fragmento do CLG que analisávamos acima – "um idêntico estado de coisas" que estenografa "um mesmo domínio" e "uma mesma ordem de coisas" – leremos a construção de uma homologia entre os sistemas, uma vez que extrapolam a similitude de casos particulares, como supõe uma analogia, compartilhando um cálculo, uma ordem de coisas.

É importante dizer que não se trata de anacronismo quando propomos uma leitura da homologia saussuriana a partir da topologia. Esse nosso movimento contrário (*ἀνά*) ao tempo (*χρόνος*) diz respeito a uma releitura que implica tanto uma retroação (o que, hoje, podemos ler em Saussure, e não o que Saussure quis dizer) quanto uma leitura com, ou, como propõe Allouch (1994[2007]), uma leitura do escrito com o escrito: uma leitura de Saussure com Lacan.

Na próxima seção, veremos em alguns excertos de textos saussurianos como esses dois modos de relação, a homologia e a analogia, são postos em cena pelo linguista genebrino. Valer-nos-emos, essencialmente, de fragmentos de dois textos autógrafos escritos na última década do século XIX, com três anos de diferença um do outro.

## ~~Conclusão~~ Uma leitura *après-coup* da homologia em F. de Saussure

Em textos posteriores aos que trouxemos nesta seção, sobretudo no que lemos nos cadernos dos alunos, a relação entre esses dois sistemas sem análogo perde fôlego, funcionando como analogia, ao lado de outros sistemas de signo, ou, quando tomada de dentro da linguística, como representação da língua. No fragmento que segue, retirado dos cadernos de Riedlinger referentes ao primeiro curso, lemos uma construção analógica: "Poderíamos levar essa *comparação* [entre língua e escrita] muito mais longe ⟨até o detalhe⟩ e também encontrar *analogias entre os sistemas de signos* ⟨outros além da escrita – mesmo os sistemas de sinais marítimos – e o da língua⟩" (RIE I, p. 9). Aqui, a operação analógica incide sobre "os sistemas de signo" que, para além da escrita, incluem "até os sinais marítimos". O fragmento é anotado na mesma aula em que Saussure estabelece os princípios do funcionamento da língua por meio da escrita e que figura no capítulo sobre o valor no CLG.

O enfraquecimento da relação entre língua e escrita é o que uma leitura cronológica dos textos de Saussure dá a ler. Quisemos buscar, porém, com uma leitura que não se desenrola cronologicamente, mas pela inscrição dos significantes numa rede de sentidos, uma outra forma de ler a homologia e a analogia em Saussure. Essa nossa forma de leitura nos aponta a pertinência da retomada da homologia, esquecida no texto de 1891, mas que produz efeitos ao longo de toda a obra do genebrino, culminando no que lemos no capítulo sobre o valor, em que a escrita comparece para apresentar o funcionamento da língua, funcionamento esse que também lhe é próprio, o que, a nosso ver, não é compatível com o que se designa por analogia, mas por homologia. Lembrando ainda que, segundo Benveniste (1969[2012]), como dissemos acima, a homologia (e não a analogia) é um modo de relação entre sistemas semiológicos distintos.

Nesse sentido, mesmo havendo um esvaziamento do lugar da escrita, concordamos com Testenoire (2017, p. 129), que afirma:

> nenhum outro objeto semiológico desempenha papel comparável àquele exercido pela escrita. Ela permanece como sistema de signos

> referente para pensar a língua, mesmo uma vez exercida a radical singularidade desta. O signo gráfico, particularmente na introdução do segundo curso e no terceiro, serve para esclarecer as características do signo linguístico.

Mesmo com um esvaziamento da relação entre os dois sistemas, a escrita insiste na delimitação do objeto e do funcionamento linguístico.

Acredito, assim, ter esboçado um contorno teórico que diferencia essas duas formas de relação, a homologia e a analogia, enfatizando a produtividade da segunda, sobretudo ao se pensar a relação entre sistemas semiológicos. Este trabalho, entretanto, é apenas um primeiro momento.

## Referências


ALLOUCH, J. *A clínica do escrito*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007 [1994].

AMACKER, R. *Science du langage – de la double essence du langage*. Edição dos Écrits de linguistique générale estabelecida por René Amacker. Genebra: Librairie Droz, 2011.

AMSTER, P. *Notas matemáticas para ler Lacan*. São Paulo: Scriptorium, 2015.

BENVENISTE, É. Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana. In. BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes Editores, 2005 [1956]. p. 81-94.

BENVENISTE, É. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In. BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes Editores, 1989 [1968]. p. 93-104.

BENVENISTE, É. *Últimas aulas no Collège de France*. São Paulo: Editora da Unesp, 2012 [1968-1969].

BENVENISTE, É. Semiologia da língua. In. BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes Editores, 1989 [1969]. p. 43-67.

BRÉAL, M. *Essais de Sémantique (science des significations)*. Paris: Librairie Hachette et C, [1897].

DERRIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2013[1967].

ENGLER, R. (ed.). *Cours de linguistique générale*. Tomo 1, edição crítica de R. Engler. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1989 [1968].

FREUD, S. Sobre el sentido antitético de las palavras primitivas. In FREUD, S. *Obras completas, v. XI*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2007 [1910]. p. 143-154.

HENRI PAUL DE SAINT GERVAIS. "Introduction à l'homologie via le bordisme", *in: Analysis Situs – topologie algébrique des variétés*. Paris: CNRS, 2014-2018a. Disponível em: http://analysis-situs.math.cnrs.fr/-Introduction-a-l-homologie-via-le-bordisme-.html. Acesso em jun. 2018.

HENRI PAUL DE SAINT GERVAIS. "L'idée intuitive à la base de l'homologie à la Poincaré", *in: Analysis Situs – topologie algébrique des variétés*. Paris: CNRS, 2014-2018b. Disponível em: http://analysis-situs.math.cnrs.fr/L-idee-intuitive-a-la-base-de-l-homologie-a-la-Poincare.html. Acesso em jun. 2018.

HENRI PAUL DE SAINT GERVAIS. "Approches de l'homologie chez Poincaré", *in: Analysis Situs – topologie algébrique des variétés.* Paris, CNRS 2014-2018c. Disponível em: http://analysis-situs.math.cnrs.fr/Approches-de-l-homologie-chez-Poincare.html. Acesso em jun. 2018.

IORDAN, I. *An introduction to Romance linguistics. Its schools and scholars*. Berkley, Los Angeles: University of California Press, 1937[1970].

KOONIN, E. (2005) Orthologs, Paralogs and evolutionary genomics. *Annu. Rev. Genet.* California, p. 309-338, 2005. Disponível em <www.annualreviews.org>. Acesso em nov. 2020.

LACAN, J. () *Séminaire L'objet*. Transcrição por Éd. ELP: [S.l] 1965-1966. Disponível em <http://staferla.free.fr/S13/S13 %20L'OBJET.pdf> . Acesso em jun. 2018.

LACAN, J. *Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009 [1971].

LACAN, J. "O aturdito", *in: Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972[2003], p. 448-500

NORMAND, C. "Les blancs des manuscrits saussuriens", in: *Allegro ma non troppo*: invitation à la linguistique. Ophrys: Paris, 2006.

PEREIRA DE CASTRO, M.F. (2018) Sobre a analogia na reflexão saussuriana. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP (aprovado para publicação).

POINCARÉ, H. "Analysis Situs". *Journal de l'École Polytechnique*, II$^{e}$ série – 1$^{er}$ cahier. Paris: Gauthier-Villars et Fils Imprimeurs-librairies, 1895.

POINCARÉ, H. (1912[1917]). "Pourquoi l'espace a trois dimensions", *in:* POINCARE, H. *Dernières pensées*. Paris: Ernest Flammarion Éd, p. 56-97.

SAUSSURE, F. *Premier cours de linguistique générale. D'après les cahiers d'Albert Riedlinger*, edição de Eisuke Komatsu e George Wolf, Amsterdam: Elsevier 1996[1907].

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (org.), Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, prefácio à edição brasileira de Isaac Nicolau Salum (1970). São Paulo: Cultrix 2002 [1916].

SAUSSURE, F. de. *Escritos de linguística geral*. edição de R. Engler e S. Bouquet, tradução: Carlos A. L. Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo, Cultrix, 2012.

TESTENOIRE, P.-Y. (2017) "Le langage est une institution SANS ANALOGUE (si l'on y joint l'écriture)": L'écriture comme problèmes dans la réflexion théorique de Saussure. *Semiotica*, Haia, n. 217, p. 117-133, 2017. DOI 10.1515/sem-2016-0061.

VACHEK, J."Zum problem der Geschriebenensprache", *in:* VACHEK, J. (1976) *Selected writings in English and general linguistics*. Mouton: The Hague, Paris, 1976[1939].

Capítulo 12

# Digressões sobre o arbitrário: da potencialidade de uma premissa

*Stefania Montes Henriques*

## Introdução

Em 1916, Charles Bally e Albert Sechehaye publicam o *Curso de linguística geral*[185], obra resultante da edição das anotações dos alunos que participaram dos cursos proferidos por Ferdinand de Saussure na Universidade de Genebra entre 1907 e 1911, além de notas autógrafas. As elaborações presentes nessa obra proporcionaram a Saussure o estatuto de fundador da Linguística Moderna, em virtude de sua originalidade e da mudança de paradigma que efetuaram nos estudos da linguagem. E isso porque, durante o século XIX, em que os estudos linguísticos estavam sob a égide da Gramática Comparada, comparavam-se as línguas com o objetivo de estabelecer um parentesco entre elas, mas não se questionava – ou se questionava muito pouco – sobre o seu funcionamento interno[186]. Além disso, muitas vezes os estudos linguísticos não tinham um fim em si mesmo, mas sim serviam como complementares a outras ciências, tais como a história e a paleontologia, por exemplo.

185 Doravante CLG.

186 Deve-se ressaltar que, no final do século XIX, houve tentativas de conceber uma generalização sobre o funcionamento linguístico, entretanto, elas não tiveram tanto impacto como as elaborações saussurianas. Dentre essas tentativas, podemos citar William Dwight Whitney, linguista americano, que publica a obra "The life and the growth of language", em 1875.

A fundação da linguística moderna por Saussure se dá, nesse contexto, ao priorizar o estudo do funcionamento interno da língua, tomando-a como um sistema de signos e destinando-lhe o lugar de objeto de estudo da nova ciência. Além disso, essa operação demandou que pressupostos teóricos fossem estabelecidos, tais como o arbitrário do signo e a teoria do valor, que foram, ao longo da recepção do CLG, retomados e questionados. Em um artigo publicado em 2012, retomei o debate sobre o arbitrário do signo que se inicia no final da década de 1930 e tem como participantes principais Édouard Pichon, Émile Benveniste e Charles Bally[187]. Naquela época, meu interesse recaía no fato de que a noção de arbitrário dá margem para se pensar a referência e, além disso, toca na distinção entre significação e valor que, como o próprio Saussure afirma, é difícil de ser estabelecida (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 161).

Apesar de se tratar de um artigo publicado há oito anos, meu interesse por esses aspectos da teoria saussuriana se mantém até hoje, mas, obviamente, com algumas alterações. Uma delas é investigar se e como os pressupostos teóricos presentes no CLG podem ser apreendidos nos manuscritos saussurianos. Pensar nisso implica tomar uma série de posturas antes de iniciarmos nossa análise. A primeira consiste em considerar, primeiramente, que esses documentos não se constituem como um domínio oposto à linguística, mas sim como complementar. Essa posição se insere, então, no que Testenoire (2019) denomina como "tese da complementariedade", de acordo com a qual os diferentes documentos saussurianos possuem uma relação entre si e seus limites muitas vezes se confundem e se ultrapassam[188].

Assim, nosso objetivo é retomar a noção de arbitrário, evidenciando as relações que esse conceito estabelece com outros conceitos nodais da teorização saussuriana, tais como o valor e a significação, utilizando-nos do

[187] HENRIQUES, S. M. O princípio da arbitrariedade e a referência em Ferdinand de Saussure. *Revista e-scrita***,** v.3, n. 1B, 2012, p. 189-202. Disponível em: https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/288/pdf_185. Acesso em: 30 nov. 2020.

[188] De acordo com Coelho (2019, p. 57), "a tese proposta se baseia no fato de que os diferentes materiais do linguista permitem relações entre si, extrapolando os limites que parecem impostos a priori entre as teorizações de Saussure sobre Linguística Geral e os seus trabalhos que se baseiam em diversos aspectos das línguas particulares, como as poesias, as lendas, a diacronia, etc."

CLG e também de manuscritos saussurianos. Para tal, este artigo foi dividido em três partes principais: i. fizemos um percurso teórico pelo primeiro princípio do sistema linguístico, evidenciando suas relações com o valor, a significação e a referência no CLG; ii. retomamos o debate sobre o arbitrário no século XX, enfatizando os argumentos de Pichon (1937), Benveniste (1939) e Bally (1940); e, por fim, iii. analisamos alguns trechos do manuscrito *Caractères du langage*, buscando apreender de que maneira o arbitrário pode ser concebido e quais as relações que ele estabelece no aparato teórico saussuriano. Pretendemos, dessa forma, discutir o arbitrário como uma peça-chave da teoria linguística de Ferdinand de Saussure, evidenciando as relações que ele estabelece com outros conceitos saussurianos.

## 1 O arbitrário do signo e a negação da nomenclatura

Não penso ser possível, pelo menos não para mim, iniciar um texto sobre a arbitrariedade no arcabouço teórico saussuriano sem antes retomar uma das frases que penso ser a mais importante sobre o tema no CLG: "O princípio da arbitrariedade do signo não é contestado por ninguém; às vezes, porém, é mais fácil descobrir uma verdade do que lhe assinalar o lugar que lhe cabe" (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 108). A relevância dessa afirmação se dá por ser carregada de sentido e, ao mesmo tempo, por recuperar e antecipar um dos debates mais importantes nas ciências da linguagem: a relação entre nomes e objetos é arbitrária? Ou é a relação entre significante e significado que contém essa característica? O arbitrário, afinal, pode ser encontrado onde?

A primeira questão é recuperada, tendo em vista que retoma um debate antigo sobre a natureza da relação entre nomes e objetos. Já na Antiguidade Clássica, no diálogo *Crátilo ou da justeza dos nomes*, encontramos a oposição entre arbitrário e motivado: Crátilo afirma que há uma motivação entre o nome e o objeto ao qual ele se refere, partindo do pressuposto de que o ato de nomeação se baseia no reconhecimento de uma característica desse objeto. Hermógenes, por sua vez, afirma que a nomeação se dá por meio de uma convenção e, dessa forma, essa relação seria arbitrária.

O primeiro ponto a ser considerado nesse debate clássico é que o arbitrário está situado na relação entre nome e objeto, ou seja, no exterior do signo linguístico. Para Gadet (1990), conceber a arbitrariedade desse modo implica uma concepção filosófica desse princípio e, devemos acrescentar, é subjacente a uma concepção de linguagem como nomenclatura.

O segundo ponto concerne à relação entre arbitrário e convencional. Na perspectiva do arbitrário filosófico, a relação entre nome e objeto seria convencional, ou seja, é necessário um acordo para que determinado objeto seja nomeado. Essa noção de arbitrário como convencional encontra continuidade na tradição filosófica e, como veremos adiante, também na linguística, destacando-se o nome do linguista americano William Dwigth Whitney. A equivalência entre arbitrário e convenção, além disso, também está, de certa forma, presente em Saussure e será uma das principais motivações para que o debate sobre o arbitrário retorne em meados da década de 1930.

A segunda e a terceira questões, por sua vez, inserem não somente Saussure no debate do arbitrário como também os seus comentadores, dentre os quais citamos Édouard Pichon (1937), Émile Benveniste (1939) e Charles Bally (1940). Para apreender a importância dessa discussão detemos-emos, neste tópico, em uma retomada das elaborações saussurianas sobre esse princípio e nas considerações realizadas por esses autores.

Como vimos, Gadet (1990) afirma a existência de um arbitrário filosófico, que seria aquele encontrado na tradição filosófica desde a Antiguidade Clássica. Em oposição a essa perspectiva, há também um arbitrário linguístico, de acordo com o qual é a relação entre significante e significado que é arbitrária, sendo a relação entre nome e objeto afastada do funcionamento linguístico. Essa, obviamente, é a perspectiva encontrada no CLG e consideramos que se trata de um deslocamento teórico fundamental para o estabelecimento da língua como objeto de estudo da Linguística.

A importância do arbitrário linguístico no arcabouço teórico saussuriano é evidente não somente pela designação de "primeiro princípio", como também pelo seu papel na negação da língua como nomenclatura. Já no primeiro parágrafo do capítulo "A natureza do signo linguístico", Saussure (2012[1916], p. 105-106) critica essa concepção, afirmando que ela

> [...] supõe ideias completamente feitas, preexistentes às palavras [...]; ela não nos diz se a palavra é de natureza vocal ou psíquica, pois *arbor* pode ser considerada sob um ou outro aspecto; por fim, ela faz supor que o vínculo que une um nome a uma coisa constitui uma operação muito simples, o que está bem longe da verdade.

Ao que parece, para o linguista suíço, o único mérito da nomenclatura – que se fundamenta na relação arbitrária entre um nome e um objeto – é mostrar que a unidade linguística é dupla, "constituída de dois termos". Esses termos são, entretanto, de natureza distinta daquela defendida pelos filósofos: eles são de natureza psíquica, não há nada de material que os constitua. Tem-se, nesse sentido, não só a definição das duas faces que compõem o signo linguístico – significante e significado – como também a explicitação da natureza dessa união: ela não possui nada que seja motivado, é arbitrária.

Para Normand (2011), a negação da língua como nomenclatura é um dos quatro princípios epistemológicos que permitem a Saussure a fundação da linguística moderna. E isso porque essa negação se vincula aos principais conceitos da teoria saussuriana: o arbitrário, que acabamos de expor; o valor linguístico; e, ainda, a continuidade da língua no tempo[189]. De fato, a partir do momento em que se considera que o arbitrário se situa na relação entre significante e significado, o papel da referência na língua é ressignificado: ela não é mais fator primordial do funcionamento linguístico, mas sim algo que lhe é exterior.

Nessa mesma direção, tem-se que arbitrário e valor possuem uma relação estreita na teoria saussuriana. No capítulo destinado à teoria do valor, Saussure explicita que não "há ideias preestabelecidas e nada é distinto antes do aparecimento da língua. Algumas páginas depois, ele afirma:

> Não só os dois domínios ligados pelo fato linguístico são confusos e amorfos, como a escolha que se decide por tal porção acústica para essa ideia **é perfeitamente arbitrária**. Se esse não fosse o caso, a noção de valor perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora. Mas, de fato, os valores continuam a ser inteiramente relativos, e eis porque o vínculo entre a ideia e o som é

[189] Trataremos desse aspecto adiante.

> **radicalmente arbitrário**. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 160, grifos nossos).

É interessante pensar nos advérbios utilizados pelo linguista para se referir à força do princípio da arbitrariedade: "perfeitamente" e "radicalmente". Isso parece contrastar, de certa forma, com a própria divisão entre arbitrário relativo e arbitrário absoluto que é exposta algumas páginas à frente, no capítulo destinado a expor o mecanismo da língua. Ao que nos parece, o uso desses advérbios indica um posicionamento irredutível em relação à negação da concepção de língua como nomenclatura e, consequentemente, à existência de algo anterior ao aparecimento da língua. Por outro lado, isso não implica uma contradição no que diz respeito ao arbitrário relativo, tendo em vista que este se encontra no interior da língua e sua existência é dada pelo funcionamento linguístico.

O que nos interessa no arbitrário não é somente a sua importância para o arcabouço teórico saussuriano, mas também as consequências de seu deslocamento para a referência. E essas consequências podem ser evidenciadas de maneira mais latente quando nos detemos na distinção entre valor e significação. Para Saussure, essas duas palavras não são sinônimas, apesar de ser fácil confundi-las. Além disso, haveria algo de "delicado" e "difícil" nessa distinção:

> O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é dificílimo saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência. É necessário, contudo, esclarecer essa distinção sob pena de reduzir a língua a uma simples nomenclatura. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 161).

Deve-se atentar para a presença, mais uma vez, da nomenclatura. Não distinguir valor de significação implica contribuir para a concepção de que a língua é uma simples lista de etiquetas coladas nos objetos. Já vimos, anteriormente, que essa concepção "é criticável em diversos aspectos", e a necessidade de afastar a referência do funcionamento linguístico é, inclusive, reiterada várias vezes pelo linguista. Mas por qual motivo essa necessidade é tão latente e em que sentido a distinção entre significação e valor possui relação com a referência?

Uma pista para responder a essa questão pode ser encontrada no debate, já citado, entre Édouard Pichon, Émile Benveniste e Charles Bally. Os dois primeiros se dedicam a uma investigação sobre o arbitrário que resvala na noção de referência de maneira determinante. Bally, por sua vez, apesar de também trazer à tona a referência, insere no debate o valor, a significação e a distinção entre língua e fala. No próximo tópico, deter-nos-emos de maneira mais detalhada nesse debate, evidenciando a relação entre essas noções para que, depois, nos dediquemos à análise dos manuscritos saussurianos sobre as lendas germânicas.

## 2 O arbitrário do signo, o valor e a significação: debates

Iniciaremos este tópico seguindo a ordem cronológica de publicação dos artigos. E isso porque os três primeiros autores – Pichon (1937), Benveniste (1939) e Bally (1940) – estão estritamente relacionados: seus artigos se relacionam e, principalmente, o de autoria de Bally se constitui como uma resposta aos dois primeiros.

Em 1937, Édouard Pichon publica o artigo "La linguistique en France: problèmes et méthodes" no *Journal de psychologie normale et pathologique*. Esse artigo se inicia com a afirmação de que o linguista genebrino, ao colocar a linguística como pertencente à semiologia, teria se baseado no princípio do arbitrário do signo, "[...] peça fundamental do saussurianismo ortodoxo" (PICHON, 1937, p. 25, tradução nossa)[190]. Para Pichon, assim como para Damourette e Esnault, já não seria mais possível a Saussure falar que "[...] o princípio do arbitrário do signo não é contestado por ninguém [...]". E isso porque ao explicar o arbitrário do signo, Saussure teria cometido o equívoco de recorrer ao objeto físico. A passagem à qual Pichon se refere é o famoso exemplo de *boeuf* e *ochs*:

> [...] a ideia de 'mar' não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa

[190] "[...] pièce maîtresse du saussurisme orthodoxe".

> *boeuf* ("boi") tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica e *o-k-s* (*Ochs*) do outro. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 108).

Para o gramático francês, o erro de Saussure consiste em acrescentar, em sua demonstração do arbitrário, elementos que não estão no enunciado: em primeiro lugar, "ele define o significado como sendo a ideia geral de *boeuf*; depois, se comporta como se o significado fosse o objeto chamado *boeuf* ou ao menos a imagem sensorial de *boeuf*. Ora, são duas coisas absolutamente diferentes" (PICHON, 1937, p. 26)[191]. Pichon refere-se à diferença entre o objeto real e a imagem sensorial, mas pensamos que, na verdade, trata-se de três coisas diferentes: a ideia geral de um objeto; o próprio objeto; e a imagem sensorial desse objeto. O gramático francês parece partir de uma concepção de significado que não encontra respaldo no CLG, a saber, "ideia geral". Se não há ideias preestabelecidas antes do sistema, a existência de uma ideia geral parece um tanto absurda e iria na direção de uma concepção de linguagem como representação do pensamento, o que, na teoria saussuriana, não se sustenta.

Seguindo uma linha de raciocínio similar, mas mais coerente, qual seja a de que Saussure considera o objeto físico em sua definição de arbitrário, Émile Benveniste publica, em 1939, na *Acta linguistica,* o artigo "Nature du signe linguistique". Dizemos que sua postura é similar à de Pichon, em virtude da afirmação de que "[...] o raciocínio [de Saussure] é falseado pelo recurso inconsciente e sub-reptício a um terceiro termo, que não estava compreendido na definição inicial. Esse terceiro termo é a própria coisa, a realidade" (BENVENISTE, 2005 [1939], p. 54). Entretanto, Benveniste parece ter feito uma leitura mais coerente do CLG, no sentido de apreender e dar o devido lugar ao valor linguístico.

Para o linguista francês, o arbitrário, de fato, existe, mas localizado na relação entre signo e objeto e não entre significante e significado. Entre as duas faces psíquicas do signo, a relação estabelecida é de necessidade:

---

191 Tradução nossa: "Il définit d'abord le signifié comme étant l'idée générale de bœuf; il se comporte ensuite comme si ce signifié était l'objet appelé bœuf ou du moins l'image sensorielle d'un bœuf. Or ce sont là deux choses absolument différentes."

> O conceito ('significado') "boi" é forçosamente idêntico na minha consciência ao conjunto fônico ('significante') *boi*. Como poderia ser diferente? Juntos os dois foram impressos no meu espírito; juntos evocam-se mutuamente em qualquer circunstância. Há entre os dois uma simbiose tão estreita que o conceito 'boi' é como a alma da imagem acústica *boi*. (BENVENISTE, 2005 [1939], p. 55-56).

Após essa passagem, Benveniste retoma a comparação realizada por Saussure entre o verso e o anverso de uma folha de papel e o signo linguístico. Parece-nos que a necessidade entre o significante e o significado já é dada no CLG quando se afirma que "esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro" (SAUSSURE, 2012[1916], p. 107). O que nos parece arbitrário é um momento anterior, no qual se dá a definição de tal porção acústica para tal conceito e, nesse sentido, a necessidade é uma consequência da arbitrariedade.

Há, ainda, uma questão importante a ser considerada no artigo de Benveniste: a distinção entre valor e significação. Ao tratar da mutabilidade e da imutabilidade do signo, afirmando que esses fenômenos não ocorrem entre significante e significado, mas sim entre signo e objeto, na "[...] motivação objetiva da designação, submetida como tal à ação de diversos fatores históricos", o linguista afirma que o que "[...] Saussure demonstra permanece verdadeiro, mas a respeito da *significação*, não do signo" (BENVENISTE, 2005 [1937], p. 58).

Mas, afinal, o que é a significação? Vimos no tópico anterior que Saussure fala da necessidade de se distinguir significação e valor de maneira cuidadosa, sob o risco de reduzir a língua a uma nomenclatura. Retomemos novamente uma parte dessa passagem para evidenciar um aspecto importante: "**O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação**, e é dificílimo saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência" (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 161, grifo nosso).

Revisitando essa citação, lembramo-nos de dois aspectos: primeiro, que o capítulo do valor linguístico é dividido em três partes – o valor considerado em seu aspecto material, o valor considerado em seu aspecto conceitual e o valor considerado na sua totalidade. Ao falar de significação, Saussure se encontra, então, na segunda parte, a qual é relacionada ao conceito/significado. De fato, podemos pensar que significação e conceito são

a mesma coisa, principalmente ao considerarmos que "ela [a significação] não é, como o indicam as flechas da figura, mais que a contraparte da imagem auditiva" (SAUSSURE, 2012[1916], p. 161).

O segundo aspecto consiste, por sua vez, na afirmação de que o valor é um elemento da significação. Isso nos indica que, para que haja significação, é necessário que antes haja valor. O valor é entendido, por sua vez, como a relação estabelecida entre os elementos de um sistema, o que resulta na afirmação de que a significação (ou o conceito) só existe em virtude das relações de valor.

Uma passagem equivalente a esse raciocínio pode ser encontrada em uma anotação de Émile Constantin referente ao terceiro curso de linguística geral. Nela, o aluno escreve:

> Em resumo, a palavra não existe sem um significado e sem um significante. **Mas o significado é somente o resumo do valor linguístico**, que supõe o jogo dos termos entre si, em cada sistema de língua. (CLG/E, p. 264, III C 401, tradução nossa)[192]

Podemos pensar, então, que o significado/a significação é, na verdade, determinado/a pelo valor linguístico, ou seja, pelas oposições e relações que se estabelecem no interior do sistema. Se assim o for, tiramos, então, duas conclusões: a primeira, que significação é igual a significado (na medida em que é a contraparte da imagem auditiva); e a segunda, que o valor é anterior à significação e necessário para que esta aconteça. Mas, nesse contexto, o que implicaria a afirmação de Benveniste de que as considerações de Saussure sobre o arbitrário são verdadeiras, mas a respeito **da significação e não do signo**?

Vamos deixar essa pergunta em aberto, pelo menos por enquanto, e nos dirigirmos para a contribuição de Bally (1940) nesse debate. Em 1940, o editor do CLG publica o artigo: "L'arbitraire du signe: valeur et signification", no qual recupera os principais argumentos de Pichon e Benveniste,

[192] « En résumé, le mot n'existe pas sans un signifié aussi bien qu'un signifiante. Mais le signifié n'est que le résumé de la valeur linguistique supposant le jeu des termes entre eux, dans chaque système de langue".

com o objetivo de refutá-los. Estes argumentos são: i. a contradição existente nas elaborações de Saussure sobre o arbitrário – o fato de recorrer ao objeto físico/à realidade em sua definição; ii. a relação entre significante e significado não é arbitrária, mas sim necessária. Vejamos como o linguista desenvolve sua argumentação e em que sentido ela pode contribuir para pensarmos o arbitrário saussuriano.

O primeiro aspecto evidenciado por Bally diz respeito ao que seria "realidade" nas elaborações saussurianas. Ao falar da relação entre significante e significado, Saussure afirma que "queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, **com o qual não tem nenhum laço natural na realidade**" (SAUSSURE, 2012[1916], p. 109). Para Bally (1940), há um equívoco ao se considerar que o termo "realidade", nesse contexto, se refira à realidade física e, consequentemente, à referência. Na verdade, para ele, "[...] é bem evidente que 'realidade' não designa aqui o objeto real, por exemplo, a árvore que vejo nesse momento diante da minha janela, mas o caráter lógico e necessário de uma união fundada naturalmente" (BALLY, 1940, p. 194)[193]. Por outro lado, o editor afirma que, mesmo se considerarmos "realidade" no sentido tomado por Pichon (1937) e Benveniste (1939), ou seja, como objeto físico, a postura de Saussure seria a de que a relação entre nome e objeto seria arbitrária.

Mas ele não para aí. O que se coloca, para Bally, no debate sobre o arbitrário é uma distinção entre **representação sensorial** e **conceito virtual**, que toca não só na questão da referência como também na relação entre língua e fala. Para ele, a crítica ao arbitrário

> [...] oferece a possibilidade de colocar em evidência dois aspectos fundamentais do signo linguístico, com base na distinção entre representação sensorial atual e conceito virtual. O reflexo linguístico da primeira será chamado aqui significação objetiva, ou simplesmente *significação*; assim *árvore* tem uma significação, quando falo da árvore que faz sombra em minha casa; quanto ao conceito virtual ligado à palavra na memória, sem nenhum contato

[193] Tradução nossa de : "[...] il est bien évidente que 'réalité' ne désigne pas ici l'objet réel, par exemple l'arbre que je vois en ce moment devant ma fenêtre, mais le caractère logique et nécessaire d'une union fondée en nature".

> com a realidade, nós chamaremos de valor subjetivo, ou simplesmente, *valor*. (BALLY, 1940, p. 194)[194]

Percebe-se que Bally insere em sua argumentação, além da referência, os conceitos de língua e fala, relacionando-os com o valor e a significação. O valor se situa na língua, na relação estabelecida entre os elementos no sistema; a significação, por sua vez, estaria no domínio da fala e seria, então, uma representação sensorial atual de determinado objeto. Nesse sentido, "é somente na fala, no discurso, que o signo, pelo seu contato com a realidade, tem uma significação" (BALLY, 1940, p. 194)[195].

É interessante pensar nas implicações dessa argumentação: Bally parece resolver a distinção não muito clara entre valor e significação. Além disso, ele insere o domínio da fala nessa distinção e em uma discussão maior que evidencia a relação entre esse domínio e a língua. E, por fim, a referência, que seria uma das exclusões saussurianas, também desempenha um papel em sua argumentação.

Algumas páginas à frente, Bally (1940, p. 197) afirma que há elementos materiais que interferem no valor linguístico e este, por sua vez, é determinante na significação, o que implica dizer que percebemos o mundo sob o prisma da linguagem. A posição de Bally, apesar de fazer sentido e ser coerente, inclusive respondendo a questões que nos incomodam desde sempre, como a exclusão da fala e da referência, parece ultrapassar um pouco o que é dito no CLG. Para De Mauro (1969), por exemplo, tanto Benveniste quanto Bally, apesar de possuírem posições distintas no que concerne ao arbitrário, parecem partir de uma visão de que Saussure consideraria o arbitrário como sinônimo de convencional, o que o aproximaria não

---

194 Tradução nossa de: "[...] offre l'occasion de mettre en relief deux aspects fondamentaux du signe linguistique, sur la base de la distinction entre représentation sensorielle actuelle et concept virtuel. Le reflet linguistique de la première sera appelé ici signification objective, ou simplement *signification* ; ainsi arbre a une signification, lorsque je parle de l'arbre qui ombrage ma maison ; quant au concept virtuel attaché au mot dans la mémoire, sans aucun contact avec la réalité, nous l'appellerons valeur subjective, ou simplement *valeur*".

195

somente de Whitney, por exemplo, como também de uma concepção de língua como nomenclatura, o que, como vimos, é explicitamente negado e criticado pelo linguista no CLG[196].

Um ponto que chama a atenção nessa discussão sobre o arbitrário é a conceituação dada à noção de significação. Tanto Benveniste (1939) quanto Bally (1940) tratam a significação/o significado/o conceito como algo que dá margem ao processo da referência na linguagem. No caso do primeiro, isso é somente delineado e não desenvolvido. Após desenvolver sua tese de que Saussure recorreria inconscientemente à realidade, afirma que o arbitrário saussuriano é verdadeiro no que concerne à significação e não ao signo. Bally (1940), por sua vez, desenvolve mais o conceito de significação, ao afirmar que o signo, quando mobilizado por um falante, teria a capacidade de estabelecer uma relação com a referência. Seria a significação, ao que parece, a face do signo que estabeleceria essa relação?

Percebe-se, nesse sentido, como o arbitrário mobiliza e ao mesmo tempo parece sustentar a teoria saussuriana sobre a língua. Cabe, então, nos perguntarmos, considerando a infinidade de manuscritos saussurianos, se é possível encontrar em algum deles considerações sobre o arbitrário que possam nos clarificar de que maneira esse princípio se relaciona à significação, ao valor, à referência e, ainda, à fala.

## 3 Caractères du langage: a primeira nota sobre o arbitrário

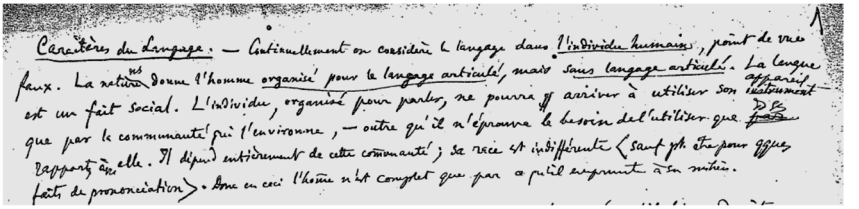
Como dissemos em nossa introdução, de acordo com Engler (1962), a nota manuscrita Caractères du langage é a primeira nota que trata sobre o arbitrário. Essa nota, composta por somente uma folha e arquivada sob o número Ms. Fr. 3951-6, não é datada, entretanto, estima-se que tenha sido escrita por volta de 1891. Quem nos dá esse indício é Godel (1957), que afirma a possibilidade de essa nota estar relacionada às *Trois Conférences à*

[196] Deve-se ressaltar que essas críticas também se encontram nos manuscritos saussurianos. Em *Notes pour um article sur Whitney* (Ms. Fr. 3951-10), datado de 1894, por exemplo, a nomenclatura é criticada. Além disso, no Notes Item. Sôme et sème (Ms. Fr. 3951-15), o qual se estima ter sido produzido no final do século XIX e início do século XX, também encontramos a negação dessa concepção.

*l'Université de Genève*, em virtude de os dois documentos possuírem a comparação entre as geleiras e a história das línguas.

Neste tópico, pretendemos analisar esse documento, com vistas a desfazer ou, pelo menos, a tentar desatar um pouco o nó conceitual do arbitrário e suas implicações para as elaborações saussurianas. Iniciamos, então, com o primeiro trecho do manuscrito, em que Saussure afirma:

Figura 1. Caractères du Langage.


Caractères du Langage. — Continuellement on considère le langage dans l'individu humain, point de vue faux. La nature nous donne l'homme organisé pour le langage articulé, mais sans langage articulé. La langue est un fait social. L'individu, organisé pour parler, ne pourra y arriver à utiliser son instrument que par la communauté qui l'environne, — outre qu'il n'éprouve le besoin de l'utiliser que dans ses rapports avec elle. Il dépend entièrement de cette communauté ; sa race est indifférente (sauf peut-être pour quelques faits de prononciation). Donc en ceci l'homme n'est complet que par ce qu'il emprunte à son milieu.

Fonte: Ms. Fr. 3951/6, p. 1.

> Características da Linguagem. – Continuamente, considera-se a linguagem no indivíduo humano, ponto de vista falso. A natureza <nos> dá o homem organizado pela linguagem articulada, mas sem linguagem articulada. A língua é um fato social. O indivíduo, organizado para falar, só chegará a poder utilizar seu ~~instrumento~~ aparelho por meio da comunidade que o cerca, - além disso ele só experimenta a necessidade de utilizá-lo ~~por~~ em suas relações com ela. Ele depende inteiramente dessa comunidade; sua raça é indiferente <salvo, talvez, por alguns fatos de pronúncia>. Assim, o homem só é completo pelo que tira do seu meio[197].

O primeiro aspecto que nos chama a atenção nesse documento é a asserção categórica de que a língua – e não a linguagem – é um fato social:

[197] Caractères du Langage. Continuellement on considère le langage dans l'individu humain, point de vue faux. La nature <nous> donne l'homme organisé pour le langage articulé, mais sans langage articulé. La langue est un fait social. L'individu, organisé pour parler, ne pourra arriver à utiliser son ~~instrument~~ appareil que par la communauté qui l'environne — outre qu'il n'éprouve le besoin de l'utiliser que dans ses rapports ~~pour~~ avec elle. Il dépend entièrement de cette communauté ; sa race est indifférente (sauf peut-être pour quelques faits de prononciation). Donc en ceci l'homme n'est complet que par ce qu'il emprunte à son milieu.

é somente em virtude de estar inserido em uma sociedade que o indivíduo se torna falante. Se retomamos o CLG, especificamente o capítulo "Objeto da Linguística", lembramo-nos da afirmação de que a língua é uma instituição social, entretanto não seria como todas as outras, como o afirma Whitney. Para Saussure, o linguista americano teria razão em pelo menos um aspecto:

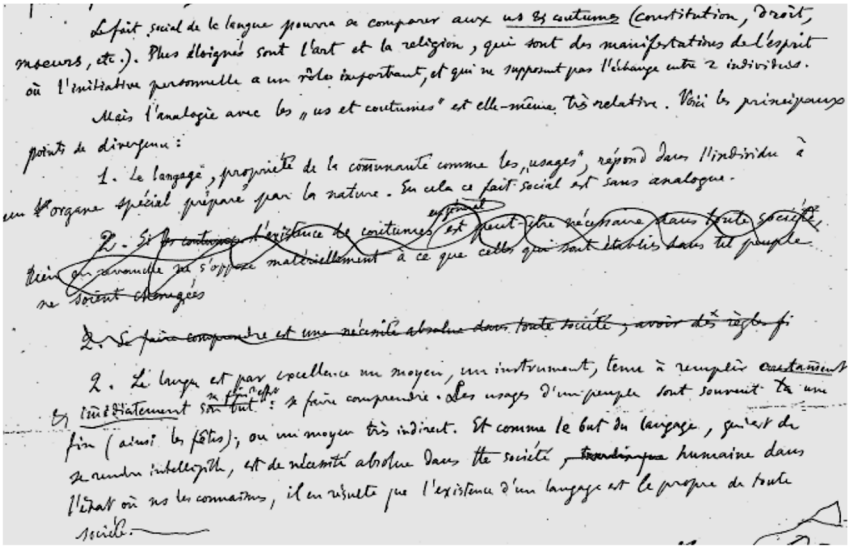
> [...] a língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente. A questão do aparelho vocal se revela, pois, secundária no problema da linguagem. Certa definição do que se chama de *linguagem articulada* poderia confirmar essa ideia. [...] não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua, vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 42).

Não sabemos dizer, por meio da comparação entre o manuscrito e o CLG, se há, nesse ponto, uma diferença entre a língua ser considerada como instituição social ou como fato social. Em pesquisa recente, Coelho (2019) demonstrou a existência de duas noções de "língua" nas elaborações saussurianas: como um modo de funcionamento (sistema) e como um idioma específico, dependendo, assim, de dados empíricos. Essas duas noções estariam, para a autora, entrelaçadas. É interessante pensar que, aqui, deparamo-nos ainda com mais duas noções: fato social e instituição social. Haveria relações entre elas? Não nos deteremos nessa questão neste capítulo – é o caso de um texto específico para tal –, mas é conveniente ressaltá-la na medida em que, tanto como fato quanto como instituição, o que se coloca a Saussure é a relação intrínseca entre língua e sociedade.

Há um segundo aspecto que gostaríamos de chamar a atenção no excerto supracitado: a diferença entre língua e linguagem é colocada e, além disso, o linguista relaciona esses dois termos, respectivamente, à sociedade e ao indivíduo. Logo depois, desenvolve o que nos parece ser um indicativo do papel da fala nesse processo: o indivíduo só se torna falante a partir do momento em que está inserido em sociedade. E esse "tornar-se falante" não possui relação com a raça, afirmação que constitui um deslocamento em relação às elaborações de Whitney, tendo em vista que o linguista americano condicionava a linguagem à raça.

Na continuação desse excerto, o linguista desenvolve uma analogia entre a língua e os usos e costumes. Vejamos se ela nos esclarece um pouco sobre essa definição de língua e sobre o arbitrário linguístico, tema que nos interessa primordialmente.

Figura 2. Caractères du Langage.



Fonte: Ms. Fr. 3951/6, p. 1.

> O fato social da língua poderia se comparar aos usos e costumes (constituição, direito, costumes, etc.). Mais afastadas estão a arte e a religião, que são manifestações do espírito em que a iniciativa pessoal tem um papel importante e que não supõem a troca entre dois indivíduos.
> Mas a analogia com os 'usos e costumes' é ela mesma muito relativa. Eis aqui os principais pontos de divergência:
> 1. A linguagem, propriedade da comunidade como os 'usos', corresponde, no indivíduo, a um órgão especial preparado pela natureza. Nisso, esse fato social é sem análogo.
> 2. Se os costumes, a existência de costumes em geral é, talvez, necessária em toda sociedade, por outro lado, nada se opõe materialmente aos que são estabelecidos em tal povo não sejam mudados

3. Se fazer compreender é uma necessidade absoluta em toda sociedade, ter regras f.
4. A língua é por excelência um meio, um instrumento, obrigado a realizar constantemente e imediatamente seu objetivo seu fim e efeito: se fazer compreender. Os usos de um povo são muitas vezes a um fim (como as festas); ou um meio mais indireto. E como o objetivo da linguagem, que é ser inteligível, é a necessidade absoluta em toda sociedade, xxxxx humana no estado em que as conhecemos, resulta que a existência de uma linguagem é própria de toda sociedade[198]. -

Se, no excerto 1, pensamos ter encontrado uma distinção entre linguagem e língua (a língua como fato social e a linguagem articulada), aqui nos parece que essa distinção é um pouco mais desenvolvida. A linguagem é um órgão preparado pela natureza, enquanto a língua é um instrumento que tem como objetivo principal se fazer compreender. Como nos mostra a rasura, "se fazer compreender é uma necessidade absoluta de toda sociedade".

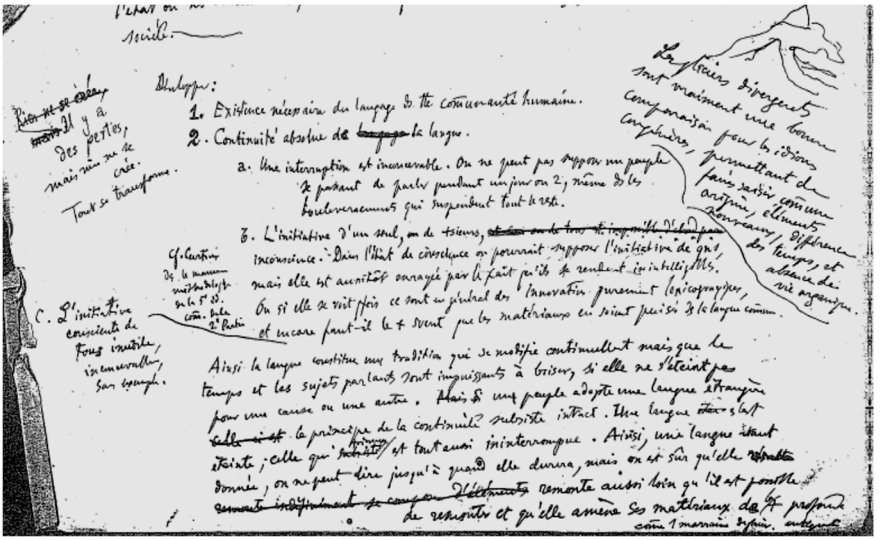
Na continuação desse excerto, encontramos o seguinte desenvolvimento[199], que nos leva não somente ao arbitrário, como também à continuidade e mudança da língua:

---

198 "Le fait social de la langue pourra se comparer aux us et coutumes (constitution, droit, mœurs, etc.). plus éloignés sont l'art et la religion, qui sont des manifestations de l'esprit où l'initiative personnele a un rôle important, et qui ne supposent pas l'échange entre deux individus. Mais l'analogie avec les 'us et coutumes' est elle-même très relative. Voici les principaux points de divergence : 1o. Le langage, propriété de la communauté, comme les 'usages', répond par l'individu à un organe spécial préparé par la nature. En cela ce fait est sans analogue. ~~Si les coutumes, l'existence de coutumes en général est peut-être nécessaire dans toute société, rien en revanche ne s'oppose matériellement à ce que celles qui sont établies dans tel peuple ne soient changées. 2o. Se faire comprendre est une nécessité absolue dans toute société, avoir des règles f.~~ 2o. La langue est par excellence un moyen, un instrument, tenu à remplir constamment et immédiatement ~~son but~~, sa fin et effet : se faire comprendre. Les usages d'un peuple sont souvent une fin (ainsi les fêtes), ou un moyen très indirect. Et comme le but du langage, qui est de se rendre intelligible, est de nécessité absolue dans toute société humaine, dans l'état où nous les connaissons, il en résulte que l'existence d'un langage est le propre de toute société."

199 Apesar de correrrmos o risco de o excerto não se tornar inteligível em virtude de seu tamanho, optamos por não o alterar para que o leitor possa perceber a disposi-

Figura 3. Caractères du Langage.



Fonte: Ms. Fr. 3951/6, p. 1.

Desenvolver:

Existência necessária da linguagem em toda comunidade humana.
2 Continuidade absoluta da ~~linguagem~~ língua.
Uma interrupção é inconcebível. Não se pode supor um povo abstendo-se de falar durante um dia ou dois, mesmo em perturbações que interrompam todo o resto.
A iniciativa de um só, de muitos, ~~e xxxx ou de todos é impossível, primeiro, por~~ inconsciência. No estado de consciência, poderíamos supor a iniciativa de alguns, mas ela é logo bloqueada porque eles se

ção dos escritos de Saussure. Se compararmos nossa transcrição com aquela apresentada nos *Escritos de linguística geral* (ELG), veremos bastantes diferenças, principalmente no que concerne à disposição dos incisos saussurianos. Deve-se ressaltar que optamos pela nossa transcrição por dois motivos principais: primeiro, não há relação semântica entre o inciso das 'glaciers divergents' (localizado à direita) e o início do parágrafo "Dévélopper", mas sim com o último parágrafo (nossa opção). Em segundo lugar, no artigo Théorie e critique d'um príncipe saussurien: l'arbitraire du signe CFS 62, de Rudolf Engler, a ordenação dos incisos não é a mesma presente no ELG, o que nos indica uma mudança posterior à edição realizada por Engler (1962).

tornam ininteligíveis. Ou, se ela ocorre algumas vezes, são em geral inovações puramente lexicográficas e, mesmo assim, é preciso muitas vezes que os materiais sejam tirados da língua comum.
<cf. Curtius no trecho metodológico da 5ª ed., começo da segunda parte>
<~~Nada se cria~~ Há perdas, mas nada se cria. Tudo se transforma.>
A iniciativa consciente de todos, inútil, inconcebível, sem exemplo.

Assim, a língua constitui uma tradição que se modifica continuamente, mas que o tempo e os sujeitos falantes são impotentes para interromper, desde que ela não se extinga por uma causa ou por outra. ~~Mas~~ Se um povo adota uma língua estrangeira, ~~essa sim é~~ o princípio da continuidade subsiste intacto. Uma língua se extingue, a que triunfa ~~xxx~~ é igualmente ininterrupta. Assim, sendo dada uma língua, não se pode dizer até quando ela vai durar, mas tem-se a certeza de que ela xxx ~~remonta indefinidamente e se compõe de elementos~~ remonta ao passado mais remoto possível e que traz seus materiais da mais profunda antiguidade, como uma moraina de geleira.

<As geleiras divergentes são, de fato, uma boa comparação para os idiomas congêneres, pois permitem transmitir origem comum, elementos novos, diferença de tempos e ausência de vida orgânica.> [200]

---

[200] Dévélopper:
Existence nécessaire du langage dans toute communauté humaine.
2. Continuité absolue de ~~langage~~ la langue.
une interruption est inconcevable. On ne peut pas supposer un peuple se passant de parler pendant un jour ou deux, même dans les bouleversements qui suspendent tout le reste.
l'initiative d'un seul, de plusieurs, ~~et xxxx ou de tous est impossible d'abord par~~ inconscience. Dans l'état de conscience on pourrait supposer l'initiative de quelques-uns, mais elle est aussitôt enrayée par le fait qu'ils se rendent intelligibles. Ou si elle se voit quelquefois, ce sont en général des innovations purement lexicographiques, et encore faut-il le plus souvent que les matériaux en soient puisés dans la langue commune.
<Cf. Curtius dans le morceau méthodologique de la 5e éd., commencement de la deuxième partie.>
~~<Rien ne se crée, mais~~ Il y a des pertes, mais rien ne se crée. Tout se transforme.
l'initiative conscient de tous inutile, inconcevable, sans exemple.
Ainsi, la langue constitue une tradition qui se modifie continuellement mais que le temps et les sujets parlants sont impuissants à briser, si elle ne s'éteint pas pour une cause ou une autre. ~~Mais~~ Si un peuple adopte une langue étrangère, ~~celle-ci est~~ le principe de la continuité subsiste intact. Une langue s'est éteinte ; celle qui triomphe

Além da questão de ordenação dos incisos, já explicada anteriormente em nota de rodapé, esse excerto nos traz a possibilidade de recuperar e desenvolver vários pontos das elaborações saussurianas não só relacionados ao arbitrário, como também a outros conceitos. O primeiro ponto que gostaríamos de evidenciar concerne ao que é mais explícito nesse trecho: a continuidade e a mudança, ou, em outras palavras, a mutabilidade e a imutabilidade do signo.

Ao dizer que não há a possibilidade de um povo abster-se de falar durante um dia ou dois, Saussure recupera a intrincada ligação entre a massa falante, o tempo e a língua e nos faz relembrar da *Première Conférènce*[201], quando afirmara que "um indivíduo emprega no dia seguinte o mesmo idioma que falava no dia anterior" (SAUSSURE, 2004, p. 133). Mas o que se deve ressaltar aqui é o fato de que a continuidade e a mudança são também um resultado do arbitrário. No CLG, encontramos a seguinte afirmação:

> A qualquer época que remontemos, por mais antiga que seja, a língua aparece sempre como uma herança da época precedente. O ato pelo qual, em dado momento, os nomes teriam sido distribuídos às coisas, pelo qual um contrato teria sido estabelecido entre os conceitos e as imagens acústicas – esse ato podemos imaginá-lo, mas ele jamais foi comprovado. A ideia de que as coisas poderiam ter ocorrido assim nos é sugerida pelo nosso sentimento bastante vivo do arbitrário do signo. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 112, grifos nossos).

A relação entre arbitrário e continuidade da língua está dada. Mas ainda encontramos mais. Ao dizer que a língua é sempre uma herança de uma época anterior, Saussure elenca dois acontecimentos que nunca poderão ser provados: o ato pelo qual os nomes foram dados aos objetos e o

---

~~xxxx~~ est tout aussi ininterrompue. Ainsi, une langue étant donné, on ne peut dire jusqu'à quand elle durera, mais on est sûr qu'elle ~~xxx~~ ~~remonte indéfiniment se compose d'éléments~~ remonte aussi loin qu'il est possible de remonter et qu'elle amène ses matériaux de la plus profonde antiquité comme une moraine de glacier. <Les glaciers divergentes sont vraiment une bonne comparaison pour les idiomes congénères, permettant de faire saisir, commune origine, éléments nouveaux, différence des temps, et absence de vie organique>

[201] Como dissemos anteriormente, Godel (1957) explicita a possibilidade de um parentesco entre essa nota e as Trois confèrences.

ato pelo qual um contrato teria sido estabelecido entre os conceitos e as imagens acústicas. Esses dois atos, como vimos no decorrer deste artigo, estão intrincados na definição de arbitrariedade e retomam uma das questões que colocamos no início de nosso texto, a saber: onde está o arbitrário? Aceitar um arbitrário extralinguístico – entre nomes e objetos – implica negar um arbitrário intralinguístico – entre significante e significado? Vimos que, para Bally (1940), um arbitrário não anularia o outro e, para Saussure, na perspectiva do editor, seria possível essa dupla arbitrariedade. Entretanto, ainda assim não podemos nos esquecer de que o interesse do linguista suíço repousa essencialmente no caráter interno desse princípio, até porque o ato original de nomeação não é possível de ser recuperado.

Retornando ao excerto do manuscrito, temos que o caráter imutável da língua continua a ser abordado. Saussure afirma que o falante por si só não consegue modificar a língua, mas, caso isso ocorra, normalmente são criações lexicográficas, ou seja, a criação de novas palavras. Essa possibilidade de mudança evidencia não só o fenômeno da analogia – a criação de novas palavras por meio de palavras já existentes – como também nos mostra uma face da limitação do arbitrário, na medida em que é o mecanismo linguístico – mobilizado pela analogia – que limitará esse princípio. Por fim, da mesma forma que uma moraina de geleira, "um estado de língua é sempre o produto de fatores históricos, e são esses fatores que explicam porque o signo é imutável [...]" (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 112).

## Considerações finais – provavelmente não

Neste artigo, fizemos um percurso em razão de um incômodo. Ou, na verdade, o incômodo foi o ponto de partida desse percurso. Em nosso caminho, não encontramos respostas, mas ainda mais questões: partimos do arbitrário, passamos pela referência, pela língua/fala e chegamos até a relação entre linguagem e indivíduo e, por fim, entre língua e sociedade. Esse último aspecto nos levou à mutabilidade e à imutabilidade do signo e, como em um *looping*, voltamos a todas as questões anteriores e retornamos ao nosso ponto de partida.

O arbitrário saussuriano merece essas retomadas e acrobacias e sua importância é indicada muito pela repercussão que teve no decorrer do século XX e pelas indagações que ainda nos coloca atualmente. Não está nisso a grande artimanha de um conceito? A possibilidade de ser recuperado e rediscutido sem nunca se deixar estático? Sem nunca se deixar delimitar totalmente?

Para Engler (1962, p. 46), o "arbitrário do signo é uma premissa que tem consequências sobre a língua no tempo e no espaço social"; para nós, ele parece ter consequências sobre toda a teoria saussuriana, na medida em que toca em seus conceitos nodais e, ao mesmo tempo que os ampara, também os questiona. Sabemos que deixamos muitas questões em aberto, mas este foi justamente o nosso objetivo: reavivar um debate e demonstrar sua fecundidade, relevância e, consequentemente, a necessidade de continuá-lo.

## Referências


BENVENISTE, E. A natureza do signo linguístico. In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes Editores, 2005.

BALLY, C. L'arbitraire du signe: valeur et signification. *Le Français Moderne*, ano 8, n. 3, juin/juil. p. 193-206. 1940

COELHO, M. P. Significação em Saussure: os três cursos de linguística geral. In: Anais do SILEL. *Simpósio Internacional de Letras e Linguística*, v. 3 n. 1, Uberlândia: EDUFU, 2013.

DE MAURO, T. Notes. In: SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale:* édition critique par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1969.

ENGLER, R. Théorie et critique d'un príncipe saussurien: l'arbitraire du signe. *Cahiers Ferdinand de Saussure*. Revue suisse de linguistique générale, n. 19. Genève: Librairie Droz S.A., 1962. p. 5-66.

GADET, F. *Saussure:* une science de la langue. Paris: Press universitaira, 1990. 128 p.

GODEL, R. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. De Saussure*. Genève: Librairie Droz, 1957. 282 p.

HENRIQUES, S. M. O princípio da arbitrariedade e a referência em Ferdinand de Saussure. *Revista e-scrita.* v. 3, n. 1 B, Nilópolis: 2012. p. 189-202.

MARQUES, A. C.M. Significação: a elaboração de uma noção saussuriana no CLG. In: Anais do SILEL. *Simpósio Internacional de Letras e Linguística,* v. 3 n. 1, Uberlândia: EDUFU, 2013.

NORMAND, C. Saussure: uma epistemologia da linguística. In: *As bordas da linguagem.* Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 11-30.

PICHON, E. La linguistique en France: problèmes et méthodes. *Journal de Psychologie Normale et Pathologique.* Paris, v. 34, p. 25-48, 1937.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* C. Bally e A. Sechehaye com colaboração de A. Riedlinger (org.). Tradução: A. Chelini, J. P. Paes, I. Blikstein, São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale.* C. Bally e A. Sechehaye (org.) avec la collaboration de A. Riedlinger. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot & Rivages, 1967.

SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique par Rudolf Engler (Tome 1).Wiesbaden: Harrassowitz, 1968.

SAUSSURE, F. *Escritos de linguística geral*. S. Bouquet, R. Engler (org.). São paulo: Cultrix, 2004.

TESTENOIRE, P. Y. A sombra do Curso (1960-1980). *Revista Leitura:* Novo retorno a Saussure, Maceió, v. 1, n. 62, p. 394-414, 2019.

WHITNEY, W. D. *A vida da linguagem*. Tradução de Marcio Alexandre Cruz. Petrópolis: Vozes, 2010. 288 p.

Capítulo 13

# "*A língua é forma e não substância*": revisitando um aforisma saussureano

*Maria Francisca Lier-De Vitto*
*Mariana Trenche de Oliveira*
*Brenda Sousa*

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo colocar em destaque o enunciado incisivo de Saussure sobre *la langue* – "a língua é forma e não substância" –, que entendemos ser, em grande medida, obscuro, ainda que tenha sido retomado por autores importantes, em especial por Benveniste (1989), e reintroduzido, de forma breve, por Milner (1978). Consideramos que a força e a extensão desse aforisma demandam maior esclarecimento. Gostaríamos de assinalar, de início, que este capítulo não tem a ambição de esgotar o problema que levantamos, nem aspira concluir ou encerrar a discussão; ao contrário, pretende-se, com ele, reabri-la. Para isso, incluiremos ao lado dos termos "forma" e "substância" o conceito filosófico de "matéria", que nos orienta na interpretação do aforisma em perspectiva.

A obra tributária do pensamento de Ferdinand de Saussure – o *Curso de linguística geral* –, publicada em 1916, após sua morte, influenciou profundamente o pensamento das ciências humanas no século XX (LIER-DEVITTO, 2018). Para Lier-DeVitto (2018), porém, a reverberação de Saussure na Linguística foi ínfima, com exceção feita apenas a autores como Benveniste, Jakobson e Hjelmslev, e, a partir da metade do século passado, Jean-

Claude Milner[202], em seu "retorno a Saussure". Antes de dar início à discussão, esclarecemos que nosso foco esteve voltado para dois livros de Saussure, quais sejam, *Curso de linguística geral* e *Escritos de linguística geral* (doravante referidos como CLG e ELG, respectivamente)[203].

Lier-DeVitto (2016, 2018), ao lado de Lemos *et alli* (2004), aborda equívocos na leitura do CLG responsáveis pelo encobrimento da grandeza das ideias revolucionárias de Saussure, que introduz uma nova racionalidade no campo dos estudos sobre a linguagem. Ele "instala um novo saber, uma nova discursividade: ele é um, e não 'mais um' na história das ideias linguísticas" (LIER-DEVITTO, 2016, p. 55).

A autora acima citada sustenta que o desinteresse da Linguística pela obra de Saussure pode ser justificado pela "leitura empirista, desvitalizante e encobridora da novidade saussuriana"[204] (LIER-DEVITTO, 2018, p. 803). Nesse ambiente neutralizador da originalidade do pensamento saussuriano, as operações sintagmática e associativa, que são eixos do funcionamento de *la langue,* acabam sendo, diz ela, desarticuladas e utilizadas, com frequência, como "**instrumentos de descrição**", e não como "**leis de referência interna da linguagem**". Lier-DeVitto sublinha que

> O objeto da Linguística é 'objeto integral', como sustenta Saussure, e delineado como um funcionamento ('forças em jogo, de modo perene e universal em todas as línguas). É 'objeto concreto', mas **não com perfil de entidade, substância, e sim como funcionamento** regido por leis de referência interna ao sistema (por operações *in praesentia* e operações *in absentia*) (LIER-DEVITTO, 2016, p. 55, grifos nossos).

Neste segmento, iluminamos as palavras "substância" e "entidade" como opostas a "funcionamento", essa última indicada ali como impossível de ser reduzida às duas primeiras, que vêm pareadas como sinônimas. A

---

[202] Não ignoramos aqui a presença marcante de outros autores influenciados pelo "retorno a Saussure" realizado por Milner. Optamos por mencionar, neste capítulo, apenas o gesto milneriano.

[203] Deixamos, para outro tempo, o levantamento, nos *Manuscritos* de Saussure, dos termos "matéria", "forma", ''substância" (e de expressões correlatas).

[204] Sobre a questão da recepção de Saussure na América Latina, sugerimos a leitura de Lemos et al. (2004). Sugerimos, ainda, a leitura de Silveira (2003), em que se tem uma discussão ampliada a respeito da recepção de Saussure no Brasil.

questão que levantamos, já neste ponto, diz respeito à necessidade de definir conceitualmente o termo "funcionamento", tendo em vista a sequência "matéria, forma e substância'', que nos interroga neste capítulo. Em outras palavras, parece-nos preciso compatibilizar a ideia de que a língua é um "funcionamento que tem leis próprias" com outra de que a "língua é forma e não substância".

Este é bem o momento de dar relevo à afirmação de que a língua se inscreve no domínio dialético de relações negativas, relativas e opositivas. Tais relações afastam ou complicam a consistência suposta à unidade linguística. De fato, para que possamos tratar, de maneira apropriada, a questão da substância, sempre ligada àquelas da essência e da positividade, é imprescindível sustentar a "supremacia das operações do sistema sobre seus elementos" (LIER-DEVITTO, 2018, p. 801).

Com efeito, pode-se acompanhar a elaboração fina de Saussure nesse domínio que envolve a problemática da determinação da unidade linguística e de sua discretização[205] do que se poderia conceber como entidade ou identidade; como substância independente do sistema tendo em vista que o cerne do pensamento saussuriano é tributário do recuo da referida positividade usualmente ligada à unidade.

Em Saussure, esse passo pode ser esclarecido pela afirmação de que a língua não é nomenclatura, ou seja, "uma lista de termos que corresponde a outras tantas coisas" (SAUSSURE 1969 [1916], p. 79). Em outras palavras, se *la langue* fosse meramente um conjunto que unisse termos, isto é, uma nomenclatura, ela seria logicamente um conjunto organizador de substâncias definidas previamente às operações da língua. É precisamente o que Saussure descarta ao afirmar que a unidade linguística não se compõe por meio da ligação de uma palavra a uma realidade externa, e nem a uma realidade interna, a um conceito/pensamento que lhe daria substância e positividade. Saussure abala a ideia milenar de que a linguagem é designação e representação.

Por meio da ruptura com a concepção vigente de língua como nomenclatura, o linguista aponta para o fato de que os erros terminológicos referentes aos elementos da língua derivam de uma suposição sem reflexão de que haveria **substância** no fenômeno linguístico. Assistimos, porém, à

[205] Sobre isso, recomendamos a leitura de Andrade (2003).

recusa declarada de Saussure em reter a língua e seus elementos atrelados à ideia de substância, o que permite nos aproximar da máxima saussuriana de que "A língua é uma forma e não uma substância" (SAUSSURE, 1969 [1916], p. 141).

Procuramos, até aqui, mostrar que o movimento do pensamento de Saussure no esforço de exclusão da positividade e, consequentemente, da substância atribuída ao fenômeno linguístico, desenvolve-se, em boa medida, em torno da problemática do signo linguístico, da unidade linguística. Esse trabalho de elaboração caminha ao lado da afirmação de que a língua é forma. Cabe, contudo, entender mais de perto o que, na obra saussuriana, pode ser considerado "forma". Parece estar claro que não se trata, para ele, de formas de palavras, estas que podem ser relacionadas a categorias gramaticais. "Forma", em Saussure, terá outro sentido.

## 1. Considerações sobre substância, matéria e forma

Os conceitos de matéria, forma e substância, inaugurados e articulados por Aristóteles, ocupam lugar central não só na Filosofia Clássica como também em toda a trajetória da reflexão filosófica ocidental. Trata-se de uma discussão complexa, que atravessa séculos. Neste trabalho, não temos a ambição de detalhar ou esgotar o movimento conceitual que se desenvolveu ao longo do tempo, mas de recolher dela aspectos que possam iluminar o aforisma saussuriano de que "a língua é forma e não substância".

Nos dicionários de filosofia, o termo "substância" é recorrentemente concebido como uma entidade independente, irredutível e única, além de substante, isto é, autossubsistente, que se determina e se basta a si mesma (FERRATER-MORA, 1982; LALANDE, 1999; ABBAGNANO, 1970). Inaugurado por Aristóteles, o conceito de "substância" comparece em diversos momentos de sua extensa obra, e é debatido em sua relação com "matéria" e "forma". Parece-nos importante indicar que houve sucessivas ressignificações conceituais do termo ao longo do tempo.

Aristóteles articula "matéria" à "substância sensível". Os conceitos se apresentam em uma relação metonímica (não sinonímica), sendo, para ele, a matéria parte integrante da substância, uma relação designada como "composta", indicando ser esta uma relação de imbricação. A "matéria"

torna-se uma fração que compõe a "substância" a partir de sua determinação pela "forma". Note-se a intrincada relação entre os conceitos. O caráter nodal a qualquer noção de **matéria**, em Aristóteles, é a receptividade, já que é de sua natureza ser indeterminada. O conceito de matéria envolve o de disposição para receber alguma determinação, alguma forma, que circunscreve, também, a qualidade da relação entre matéria e substância sensível. De fato, lê-se no dicionário filosófico de Ferrater-Mora (1982) que **matéria** remete, diretamente, à **matéria-prima** de qualquer espécie, isto é, à **substância** com a qual se faz, ou se pode fazer, algo. Temos, portanto, que matéria e substância entretêm relação inequívoca e incontornável.

Mas é sobretudo no livro *Metafísica* que a questão "matéria, forma e substância" será analisada em profundidade. Utilizamos, aqui, a tradução de Lucas Angioni (2005), que traz no prefácio a advertência de que o termo grego "*ousia"*, usualmente traduzido por "substância*"*, pode também ser traduzido por "essência*"*. Angioni (2005) opta por manter "essência"**,** na medida em que ela pode ser abordada em sua dupla face, qual seja: (1) como **essência sensível**, que é suscetível ao movimento e à mudança. **Forma** e **matéria** compõem a essência sensível, segundo Angioni (2005)[206]; e (2) como **essência não sensível**, que não é suscetível ao movimento nem à mudança.

Interessa assinalar, com o tradutor, que o conceito de "**substância**" tendeu a ficar atrelado à concepção de **essência sensível** e, por essa razão, a ser considerado como seu sinônimo. Assim, se **matéria** e **substância** podem ser confundidas, tal deslize liga-se, tão somente, ao fato de estar em causa a relação parte-todo. Procuraremos avaliar a importância da distinção acima no enunciado saussuriano em causa neste capítulo.

No mesmo *Dicionário de filosofia*, o conceito de "forma" é definido como "figura latente e invisível'', correspondente a uma figura captável somente pelo intelecto. A **forma** limita a **matéria** e lhe dá corpo. Em linhas gerais, **matéria** é aquilo de que se faz alguma coisa. **Forma** é aquilo que determina a **matéria***,* que, por definição, é indeterminada. Ferrater-Mora (1982) assinala que forma é aquilo por que alguma coisa é o que é.

---

[206] Juntamente com a matéria e a forma, a "privação" também compõe as essências sensíveis. Entretanto, segundo Angioni (2018), é um dos termos, entre outros, pouco definidos e insuficientemente trabalhados do ponto de vista conceitual por Aristóteles.

Em outras palavras, "matéria" e "forma" combinam-se produzindo um composto ("substância sensível"), nos termos de Angioni (2005). Entretanto, é preciso dizer que a complexidade do assunto nos leva ao fato de que a matéria é substrato, mas **que não responde**, necessariamente, a uma **realidade material**, uma vez que tal realidade, para existir, depende de uma série de determinações, ou seja, de **forma**. Note-se que a existência de uma **realidade material decorre do fato de ter forma**. Conclui-se, em face disso, que a substância sensível envolve a composição entre matéria + forma. Vale acrescentar que a forma, acima de quaisquer condições materiais, é princípio de existência.

Podemos chamar Aristóteles neste ponto, num exemplo que nos interessa de perto, por ser de natureza linguística. Ele trata da sílaba "BA" como um composto, como substância sensível: "BA" não se reduz nem ao elemento A nem ao B, nem mesmo às suas eventuais justaposições. Importa que a **ordenação** "BA" é condicionada pela forma – **forma como domínio de associações**.

Segundo Zingano (2003), desde Aristóteles, a **forma** é **causa** de B e A formarem um composto, no caso a sílaba "BA". Nesse ambiente teórico-filosófico, **forma** comparece já articulada a movimento e possibilidade de mudança. O autor aponta para o fato de que, se, por um lado, **forma** e **matéria** se distinguem metafisicamente no interior das **substâncias sensíveis**, ao subjugar a **matéria** à **forma**, evidenciando que a última é causa da primeira, Aristóteles vai em direção ao reconhecimento de uma essência outra, "puro ato, sem nenhuma potência ou matéria" (ZINGANO, 2003, p. 286). Dito de outro modo, quando se admite que a **forma** seja causa de substância sensível, esta fica impedida de subsistir separadamente. Zingano (*2003*) sustenta que, em grego, "forma" e "substância sensível" são **separáveis** (*διαχωριστός*) e que "forma" e "essência" não sensíveis são **separadas** (*σε διαστασηι*). A essência não sensível é a única que compreende a condição de separação, que é satisfeita de modo condicionado na **substância sensível**, o que significa que a possibilidade de separação da forma em relação à matéria nas substâncias sensíveis possui uma **cláusula restritiva**, qual seja, a que diz respeito **à capacidade racional de exprimi-la proposicionalmente**. A **essência não sensível**, por outro lado, é separada plenamente, sem nenhuma cláusula restritiva.

Chegamos, assim, à afirmação do início deste item, de que há uma essência não sensível e que ela não é suscetível de movimento: **ela é motor ou causa de movimento, ela move todas as coisas sem se mover**. Neste sentido, ela é essência estável, sua existência é perene. Sua atividade é constante e inalterável. Ficamos diante da possibilidade de dizer que a **essência não sensível, por não possuir matéria, existe apenas sob a rubrica de forma**.

Encerramos a discussão acima com um comentário de Ferrater-Mora que nos auxilia no entendimento sobre a delimitação e o relacionamento entre os conceitos de matéria, forma, substância:

> A relação matéria-forma permite-nos compreender como estão compostas as coisas. Por isso, o problema do par de conceitos matéria-forma é equivalente à questão das composições das substâncias e, em rigor, de todas as realidades (FERRATER-MORA, 1982, p. 116).

Assim, um composto constituído por matéria e forma produz uma substância. Nesse lugar, a forma tem opostos/contrários e está condicionada à matéria. Mas a forma, tomada isoladamente, é plena atividade universal, totalmente independente da matéria, não suscetível de mudança. Ela é essência intelectiva, causa[207].

## 2 Sobre forma: efeito e movimento

Sendo a Linguística uma ciência empírica, Saussure, ao enunciar o seu programa científico, não poderia passar ao largo das manifestações sensíveis como seu material factual. No CLG, o capítulo II da Introdução é intitulado "Matéria e tarefa da Linguística: suas relações com as ciências conexas". Nele, Saussure toma como matéria sensível “toda e qualquer manifestação da linguagem" (SAUSSURE, 1969 [1916], p. 13), ampliando, desse modo, o escopo empírico da Linguística. De fato, não só as manifestações corretas e estéticas devem ser consideradas, segundo ele. Levando em

[207] O tema da causalidade em Aristóteles foi discutido em profundidade por Fonseca (1998).

conta tal afirmação, vemos que "matéria" vem estreitamente ligada às manifestações orais ou escritas das línguas particulares. Nesse ambiente, pode-se dizer que a palavra "manifestação" nos remete à reflexão filosófica que nos coloca frente a frente com a **matéria** trabalhada pela **forma**, ou seja, diante das línguas particulares e, neste caso, diante da face sensível da linguagem.

Ainda no capítulo II, após definir a matéria que importa à Linguística, Saussure enuncia as "tarefas" que a ela cabem. Se no item a) parte dela corresponderia à manutenção da prática vigente naquele tempo, que era de natureza descritiva e, portanto, de cunho indutivo; será no item b) que a tarefa exigente, nova, original é definida com firmeza: "procurar as **forças** que estão em jogo, de modo **perene e universal**, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir **todos os fenômenos** peculiares da história" (SAUSSURE, 1969 [1916], p. 13, grifos nossos). Em outras palavras, é tarefa essencial da Linguística definir seu objeto próprio, propriamente teórico. Trata-se, como disse Rodrigues (1980), do estabelecimento de um "objeto posto", "intelectível", cujas bases estão declaradas na citação acima, quais sejam: um objeto caracterizável enquanto forças perenes e universais, enquanto leis gerais. Como se vê, o raciocínio dedutivo toma o lugar do indutivo, que, até Saussure, comandava a reflexão sobre a linguagem[208]. Neste passo, a questão da forma que definirá a língua já está anunciada. A língua não poderá ser, nos termos colocados acima, de natureza sensível/material, o que deixa interrogada ou praticamente recuada a possibilidade de ela ser definida pelo lado da substância.

Quanto às manifestações da linguagem (matéria da linguística), aquela que recebeu maior atenção de Saussure foi a oral, a materialidade fônica que nada seria sem o concurso da forma. As línguas particulares desempenham esse papel, como dissemos acima. Por meio delas, a matéria fônica se apresenta trabalhada pela forma. Ela é delineada a cada caso. Lembremos que a "matéria" é indeterminada por definição, como ensina Aristóteles. A matéria não trabalhada pela forma, na visão de Saussure, corresponderia a movimentos fonatórios sem nenhuma finalidade linguística.

[208] Sobre Saussure e a ciência, remetemos o leitor à J.C. Milner (1987)

Enfim, interessa para a Linguística, como empiria, a matéria fônica formatada. Da articulação entre matéria e forma resulta a substância sensível, a realidade material apreensível pelos sentidos.

Isto posto, caminhemos com Saussure em ELG. Ali há acréscimo de complexidade a esse respeito, já que lemos a seguinte afirmação: "uma figura vocal se torna uma forma a partir do instante crucial em que é introduzida no jogo de signos que se chama língua (...)" (SAUSSURE, 2004, p. 38). Nessa afirmação, Saussure suspende o dualismo som-ideia, usualmente atribuído ao fenômeno vocal, como figura independente do que comporia o signo, ao implicar o jogo da língua. Deixemos, portanto, a expressão figura vocal reservada para a matéria sensível/audível/substancial, como fato físico que se compõe com o fenômeno da significação como fato mental. Saussure interpõe, nessa discussão, a **imagem acústica**, que é, como ele diz, de natureza sensorial (nem física nem mental).

É sob esse domínio, o das impressões acústicas[209], sensoriais, que ele irá, na sequência, estabelecer o conceito de significante[210]. Em sua essência, o significante não é fônico, mas, como afirma o linguista, incorpóreo, "constituído não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras" (SAUSSURE, 1969 [1916], p. 138).

De maneira decidida, Saussure descola o signo da substância sensível. Convém dizer que a presença do jogo da língua faz do signo uma "unidade imaterial", "virtual", uma unidade que será demarcada, formatada pelo jogo da língua enquanto movimento, enquanto forma livre, em relação à matéria, ainda que incida nela. Entenda-se que esse movimento é um estado, é mobilidade perene e universal, é uma mobilidade imutável. Esse movimento não é sensível, mas se deixa apreender indiretamente em suas manifestações, nas formatações que esse jogo produz. Assim, o que é mais intrigante é ver Saussure sustentar que a língua é **forma**. É em busca da língua como um "jogo de forças", como um sistema que não pode ser visto

[209] Fora da sua realização como ato vocal no interior do discurso – o que exige, além da língua, uma mecânica regulada que viabiliza a combinação/ligação dos movimentos articulatórios –, Saussure oferece a "imagem acústica" como fato de língua virtual.

[210] Para acompanhar a reflexão de Saussure sobre o signo até a elaboração do algoritmo significado/significante, ver Vilar e Carvalho (2014) e Milner (2003).

ou apreendido diretamente pela percepção, que veremos Saussure definir o objeto da Linguística. Antes de passar às considerações finais, fazemo-nos acompanhar por Silveira (2009), que sublinha:

> (...) a língua passa então a ser um objeto sem qualidades; um objeto ao mesmo tempo matematizável e não simetrizável. Matematizável porque a sua negatividade implica que ela seja forma e não simetrizável porque a sua característica sistêmica implica que qualquer fato de língua não possa ser, logicamente, idêntico a si mesmo (SILVEIRA, 2009, p. 51).

## 3 Considerações finais

Resumidamente, no momento em que ganha destaque o "jogo da língua" no pensamento de Saussure, entramos na esfera teórica da língua como sistema de valores, ou seja, do motor primeiro como "pura efetividade de uma intelecção eterna absolutamente autônoma'' (ANGIONI, 2000, p. 52). A língua assume, neste momento da teoria do valor, esse perfil de ser forma nos termos acima, quer dizer, a língua é forma, "domínio das articulações", independentemente de qualquer substância.

Além disso, não deixou de nos chamar atenção que o aforisma saussuriano que sustenta o caráter da língua como forma é enunciado duas vezes e de maneiras distintas no CLG, quais sejam: (1) "**A língua é uma forma e não uma substância**" (SAUSSURE, 1969 [1916], p. 141, grifos nossos), e a combinação entre duas massas amorfas, o pensamento e o som; e (2) "**produz uma forma e não uma substância**" (SAUSSURE, 1969 [1916], p. 131, grifos nossos). Deve-se dizer que a segunda afirmação não contradiz a primeira, mas aponta para a dupla condição da forma, como foi dito acima, como forma-motor que comanda o jogo, faz cadeia, articula o sistema, ou seja, movimenta as formas-signos, os *articuli*, que dão contorno à matéria fônica.

Em linhas gerais, procuramos aproximar algumas afirmações saussurianas sobre o objeto da Linguística enquanto força perene e universal e relacioná-lo ao trabalho teórico de descolamento da forma em relação à matéria e à substância. Procuramos indicar que, enquanto perene e universal, essa força é constante, propriamente estrutural, o que nos levou a dar

destaque à relação entre forma e domínio de articulações, bastante enfatizada por Saussure, seja no CLG, seja no ELG. Disso resulta, para nós, o valor do "entre", do "intervalo" como espaço de operação da forma, que não se identifica com os elementos que produz e que mobiliza – uma lição de Aristóteles, como introduzimos no item 1 deste capítulo. Daí a característica de pulsação permanente das leis de funcionamento interno da linguagem.

Neste ponto do encerramento deste capítulo, servimo-nos da afirmação de Milner (2012 [1987]) sobre a construção do objeto da Linguística, agora mais iluminada para nós, qual seja a de que "[a língua] não poderá ser concebida do lado da substância – indefinidamente sobrecarregada de acidentes diversos –, e sim como uma forma – invariante através de suas atualizações –, visto que se define em termos de relações" (MILNER, 2012 [1987], p. 17).

## Referências


ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

ANDRADE, L. *Ouvir e escutar na constituição da Clínica de Linguagem.* 2003. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

ANGIONI, L. *A noção aristotélica de Ousia.* 2000. Tese (Doutorado em Filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

ANGIONI, L. Metafísica de Aristóteles Livro XII**.** *Cad. Hist. Fil. Ci.***,** Campinas, Série 3, v. 15, n. 1, p. 201-221, jan.-jun. 2005.

ANGIONI, L. Metafísica de Aristóteles Livro V (DELTA). *Dissertatio,* Pelotas, v. 48, p. 286-294, 2018.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

FERRATER-MORA, J. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1982.

FONSECA, S. C. Lesão x Sintoma: uma questão de causalidade. *DELTA Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 455-466, 1998.

LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico de filosofia.* São Paulo: Martins Fontes, 1999

LEMOS, C. T. G.; VITTO, Maria Francisca Lier de; ANDRADE, L.; SILVEIRA, E. M. Le saussurisme en Amérique Latine au XXème siècle. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genebra, Librairie Droz, v. 56, p. 165-176, 2004.

LIER-DEVITTO, M.F. Consequências de duas definições de *la langue* no Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure. *DELTA.*, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 799-813, 2018.

LIER-DEVITTO, M.F. *Dossiê Saussure* - O objeto da Linguística: um convite à releitura. *CULT*, São Paulo, p. 54 - 57, 10 set. 2016.

MILNER, J. C. *O amor da língua.* Campinas: Editora da Unicamp. 2012.

MILNER, J. C. *El periplo estructural:* figuras y paradigma. Buenos Aires, Amorrortu, 2003.

RODRIGUES, Neidson. Introdução ao pensamento de Saussure. *Série - Ciência e Linguagem.* Rio de Janeiro: Achiamé, 1998.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

SAUSSURE, F. *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, E. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da Lingüística*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2003.

SILVEIRA, E. A Teoria do valor no Curso de Linguística Geral. *Letras & Letras* (UFU. Impresso), v. 25-1, p. 39-54, 2009.

VILAR, M.F.; CARVALHO, G.M.M. Pontos polêmicos na concepção saussuriana de signo. *Matraga*, v. 21, n. 34, p. 168-179, 2014.

ZINGANO, M. Forma, Matéria e Definição na Metafísica de Aristóteles. *Cad. Hist. Fil. Ci.,* Campinas, Série 3, v. 13, n. 2, p. 277-299, jul.-dez. 2003.

Capítulo 14

# A linguística geral em Ferdinand de Saussure

*Micaela Pafume Coelho*

## Introdução

Ferdinand de Saussure foi um linguista que se tornou amplamente conhecido, principalmente após a sua morte – que ocorreu em 1913. Seu sucesso póstumo se deu devido à edição e consequente publicação do *Curso de linguística geral* (CLG) – um livro elaborado por dois de seus colegas (Charles Bally e Albert Sechehaye), que objetivava levar a público os ensinamentos do linguista expostos durante os três cursos que ministrou na Universidade de Genebra entre 1907 e 1911. Embora Saussure não se limitasse à abordagem dos aspectos gerais da língua (focando também em princípios da comparação das línguas), os cursos que ele ministrou foram publicizados sob o nome de *Cours de linguistique générale* – nome que foi mantido, como título, no livro postumamente publicado.

A expressão "Linguística Geral" não nasceu da teorização de Ferdinand de Saussure. Essa expressão já era utilizada entre os estudiosos da linguagem, com um sentido que poderia ser tomado, muitas vezes, como equivalente ao de "gramática" naquela época (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017). Entretanto, ainda hoje, o nome de Saussure é recorrentemente lembrado quando se fala sobre Linguística Geral. Para além do título concedido à edição que tornou pública sua geniosa delimitação do sistema linguístico, a associação que há entre Saussure e a Linguística Geral parece estar relacionada à delimitação do conceito de língua e à noção de sistema do linguista.

Ao delimitar a língua como um sistema de signos, concedendo a ela o estatuto de objeto da Linguística, Saussure permitiu que esse âmbito de estudos ocupasse seu lugar entre as ciências modernas. Desse modo, como o *Curso de linguística geral* (CLG) é tido como a obra responsável por levar a público a engenhosidade teórica que permitiu essas mudanças de paradigmas, associam-se, geralmente, esses três elementos: a cientificidade da Linguística, a expressão "Linguística Geral", e a teorização de Saussure que permitiu a delimitação da língua.

Considerando isso, em nossas reflexões, procuraremos problematizar a seguinte questão: seria a Linguística Geral um legado de Saussure? Com isso, objetivamos mostrar que, embora a expressão "Linguística Geral" não tenha seu cerne na teorização de Saussure, as reflexões do linguista permitiram que a expressão fosse ressignificada, de modo que, hoje, não possa ser pensada de forma separada da noção de sistema e, tampouco, do conceito saussuriano de língua.

## 1 Sobre a Linguística Geral

No conteúdo do CLG, a expressão "Linguística Geral" é raramente mencionada enquanto termo que dá nome a um âmbito do conhecimento ou a uma ciência já formada ou em vias de formação. Uma busca pormenorizada no texto da obra nos faz perceber que essa expressão é significativamente utilizada duas vezes: a primeira, na Introdução, quando Saussure estabelece uma "visão geral da história da Linguística" (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 12); a segunda, pouco depois, quando o autor discorre sobre "a importância da fisiologia dos grupos" de fonemas (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 64) para esse âmbito do conhecimento. Quando dizemos "significativamente mencionada" nos referimos aos trechos do livro em que a expressão é utilizada não somente para denominar o próprio livro ou os cursos ministrados por Saussure, mas para se referir ao âmbito maior de conhecimento que engloba as ideias ali expostas.

A esse respeito, Bouquet e Engler destacam que a expressão que intitula o CLG é, na verdade, um nome administrativo dos cursos de Saussure, que foi mantido na publicação da edição. Segundo os autores, o termo

"Linguística Geral" não se referia, na época, a um conteúdo conceitual unificado (BOUQUET; ENGLER, 2000, p. 12). Para nós, essa afirmação não é tão simples quanto parece ser. Antes da publicação do CLG, considerava-se que nenhuma teorização havia sido proposta de forma concreta o bastante, a ponto de originar um "Tratado de Linguística Geral" (AUROUX, 1988, p. 39). Essa era, segundo Vendryes, a consequência a que deveria levar o estudo da linguagem:

> Estudar a língua como um linguista, isso simplesmente **levaria à construção de um tratado de Linguística Geral**. [...] Para ter sucesso nisso, seria necessário um homem capaz de abraçar todas as formas de linguagem conhecidas, familiarizado com a prática de todas as línguas faladas no globo. Seria possível encontrar esse homem ideal? É duvidoso. [...] **Mas o fato é que até agora nenhum livro apareceu, onde o programa de uma Linguística Geral fosse plenamente realizado[1]**. (VENDRYES, 1914, p. 3-4, grifos nossos)[211].

Entretanto, após a publicação do CLG, em 1916, o próprio Vendryes relativizou a afirmação de que nenhum livro havia proposto uma realização plena do programa de uma Linguística Geral. Em uma nota de rodapé acrescida ao final do trecho mencionado na citação acima, Vendryes afirma:

> Isso não é mais verdade desde a publicação em 1916 do livro de F. de Saussure [...]; mas essa obra póstuma, apesar da abundância de pontos de vista que apresenta, não é uma exposição metódica e completa da linguística geral [...]. (VENDRYES, 1914, p. 4).[212]

---

211 Tradução nossa: « Étudier le langage en linguiste, cela conduisait tout simplement à bâtir un traité de linguistique générale. [...] Il faudrait, pour y réussir, un homme capable d'embrasser toutes les formes de langage connues, rompu à la pratique de toutes les langues parlées sur le globe. Cet homme idéal pourra-t-îl jamais se rencontrer ? c'est douteux. [...] Mais le fait est que jusqu'ici aucun livre n'a encore paru, où le programme d'une linguistique générale fût complètement réalisé[1]. ».

212 Tradução nossa: « Cela n'est plus tout à fait vrai depuis la publication en 1916 du livre de F. DE Saussure [...]; mais cet ouvrage posthume, malgré l'abondance de vues qu'il présente, n'est pas un exposé méthodique et complet de linguistique générale [...]. ».

Desse modo, há de se considerar que o CLG apenas apresenta, de maneira organizada em formato de livro, a teorização que é fruto de um longo processo de Saussure e que foi exposta durante as aulas ministradas na Universidade de Genebra. Nesse sentido, é preciso relativizar a afirmação de Bouquet e Engler de que o termo "Linguística Geral" consistia, nessa época, apenas em um nome administrativo dos cursos. As reflexões que permitiram a realização, mesmo que parcial, do conteúdo programático da Linguística Geral não surgiram com o CLG e tampouco foram espontaneamente criadas durante os cursos. Elas foram construídas por Saussure em seu percurso pelos estudos da linguagem, sendo expostas e, ao mesmo tempo, tomando forma em cada uma de suas aulas.

Assim, o CLG foi a público se estabelecendo como livro responsável por fazer circular essas reflexões, acolhidas sob o prisma da Linguística Geral. Como consequência, estabeleceu-se a associação quase imediata entre o nome de Saussure e a concretização da Linguística Geral enquanto âmbito de estudos – muito embora o termo tenha toda uma história anterior, que não se restringe a Saussure.

Sabendo disso e considerando que, como já afirmamos, o conteúdo do CLG reserva apenas dois trechos em que o termo alvo de análise de nosso trabalho é significativamente mencionado, cabe a nós questionar: o que faz com que o CLG seja considerado o livro que mais se aproximou de uma realização plena do programa da Linguística Geral? Colocamos essa questão como forma de orientar nossas buscas por possíveis respostas – tendo em mente que uma resposta única e verdadeira não é possível de ser encontrada, uma vez que o próprio Saussure não procurou dar, em sua teorização apresentada no CLG, um lugar explícito à constituição da Linguística Geral.

Tullio de Mauro, ao falar sobre a constituição da Linguística Geral de Saussure, relaciona-a diretamente à elaboração de sua noção de sistema. Segundo o autor, o sistema saussuriano é resultado de aquisições teóricas sucessivas, das quais algumas foram bastante precoces (DE MAURO, 1967, p. 358). Entre essas aquisições, De Mauro cita a consciência da natureza opositiva e relacional das entidades linguísticas, que já se apresentavam no *Mémoire*. O *Mémoire* foi o único livro publicado por Saussure em vida, em [1878] 1879, fruto do período que passou na Alemanha, principalmente em Leipzig. De forma sucinta, ele apresenta um estudo comparativo de algumas

línguas indo-europeias, a fim de propor um sistema de vogais que ponderasse a existência de quatro "*a*" nessas línguas, e não três, como afirmavam outros estudiosos do século XIX.

A descoberta do quarto "*a*" só foi possível de ser feita a partir de uma análise que considerava os sistemas das línguas-alvo de forma opositiva, diferencial e que pressupusesse, principalmente, o caráter relativamente negativo dos elementos linguísticos – isto é, a ausência de propriedades dadas de antemão e a sua característica de ser aquilo que os outros elementos não são. Essas premissas de análise, já presentes no *Mémoire,* mas mantidas em trabalhos posteriores do linguista, permitiram que Saussure vislumbrasse e estabelecesse a distinção entre a análise dos fatos de língua sucessivos ao longo do tempo – que guiava as pesquisas comparativas do século XIX – e a investigação dos fatos da contemporaneidade, que independem do fator tempo.

Eis, portanto, a diferenciação das análises diacrônica e sincrônica dos fatos de língua. Na sincronia, ou seja, tendo como ponto de partida, para o seu estudo, um determinado estado de língua, foi possível que Saussure observasse de que modo os signos da língua se estabelecem, desfiando seus princípios, estabelecendo conceitos e inter-relacionando-os, de modo a vislumbrar um funcionamento geral às línguas. É, sobretudo, essa percepção da existência de uma generalidade no funcionamento das línguas particulares que leva Saussure a diferenciar os estudos sincrônicos que propõe daqueles que eram feitos, por exemplo, na elaboração das gramáticas dos idiomas:

> Após ter concedido um lugar bastante grande à História, a Linguística voltará ao ponto de vista estático da gramática tradicional, mas com um espírito novo e com outros processos, e o método histórico terá contribuído para esse rejuvenescimento; por via indireta, será o método histórico que fará compreender melhor os estados de língua. A gramática antiga via somente o fato sincrônico; a Linguística nos revelou uma nova ordem de fenômenos; isto, porém, não basta: é necessário fazer sentir a oposição das duas ordens e daí tirar todas as consequências que comporta. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 98, grifos nossos).

Nesse trecho, Saussure ressalta o lugar de rejuvenescimento concedido pela Linguística – que até então era, sobretudo, histórica ou comparativa – aos estudos da linguagem, ao mesmo tempo em que reafirma a contribuição da gramática tradicional para o realce do ponto de vista estático no estudo sobre as línguas. Apesar disso, propõe um novo aparato metodológico-conceitual para esse âmbito de estudos. Aliás, arriscamo-nos a dizer que a definição de língua proposta por Saussure permite a proposta desse novo aparato, à medida que, reciprocamente, a busca pela construção dele permite a elaboração do conceito saussuriano de língua.

A partir das possíveis aproximações e distanciamentos entre o ponto de vista sincrônico e diacrônico, Saussure delimita os princípios da mutabilidade e da imutabilidade do signo linguístico. Esse movimento compõe a Primeira Parte do CLG, que é intitulada *Princípios Gerais*. Uma vez que não é esclarecido a que esses princípios gerais estão relacionados, podemos conjecturar que eles sejam os princípios da Linguística que Saussure busca teorizar em suas aulas e reflexões – que ficou conhecida, a partir daí, como *Linguística Geral*. Entretanto, não é possível afirmar isso de forma categórica.

Não obstante, a busca por fundamentos gerais não se limita a essa parte da edição. O primeiro capítulo da Segunda Parte do CLG (que é completamente dedicada à Linguística Sincrônica) é denominado *Generalidades*. Nele, são apresentados os fundamentos gerais da sincronia: quais elementos linguísticos pertencem a ela, o conceito de "estado de língua" e as principais dificuldades encontradas em sua análise. Acreditamos que seja por essa via, ou seja, da busca por compreender o que é tratado como **geral** na teorização de Saussure, que conseguiremos ao menos provocar reflexões a respeito do que caracteriza a Linguística Geral que denominou os cursos do linguista, seu livro póstumo e que está fortemente atrelada a seu nome até os dias atuais.

## 2 Um possível estatuto de geral no CLG

A fim de buscarmos compreender o estatuto do que é geral no CLG, efetuaremos a análise da Primeira Parte do livro – que, como já afirmamos,

é intitulada *Princípios Gerais*[213]. Essa parte da edição é estruturada por meio de três capítulos: i) *Natureza do signo linguístico*; ii) *Imutabilidade e mutabilidade do signo*; iii) *A Linguística estática e a Linguística evolutiva*. Os dois primeiros capítulos podem ser tomados como complementares, uma vez que tratam da constituição do signo e de seus princípios – a arbitrariedade, o caráter linear do significante e os caracteres mutável e contínuo do signo.

Sabemos que a delimitação do signo como uma "entidade psíquica de duas faces" composta pela associação entre significante e significado (ou imagem acústica e conceito) (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 80) é de fundamental importância para a delimitação da língua enquanto objeto de estudos da linguística. Vemos essa importância de forma clara em um momento inicial da edição[214] em que a língua é apresentada. Nesse momento, a definição de língua se constitui a partir do conceito de signo, unido à noção de sistema: "[...] a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas" (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 23).

Entre os princípios gerais apresentados, dois ganham lugar de destaque no capítulo sobre a natureza do signo linguístico: a arbitrariedade e a linearidade. O princípio da arbitrariedade, embora não tenha sido criado por Saussure, ganha um lugar definido em sua teorização, colocando por terra a crítica que o próprio linguista faz, na edição, a respeito da tradição desse princípio nos estudos da linguagem:

> O princípio da arbitrariedade do signo não é contestado por ninguém; às vezes, porém, é mais fácil descobrir uma verdade do que lhe assinalar o lugar que lhe cabe. O princípio enunciado acima domina toda a linguística da língua; suas consequências são inúmeras. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 82).

Na teorização de Saussure, o arbitrário encontra seu lugar a partir da própria conceituação de signo proposta pelo linguista. Ao delimitar o signo como uma entidade psíquica de duas faces – que também são psíquicas –,

---

[213] Embora o primeiro capítulo da segunda parte também trate de generalidades, não efetuaremos sua análise nos limites deste texto.
[214] No capítulo intitulado "Objeto da Linguística" – terceiro capítulo da Introdução.

Saussure limita o arbitrário a partir de uma relação entre conceito e imagem acústica, e não entre nome, sentido e objeto. A arbitrariedade está contida e é possibilitada pelo próprio sistema linguístico e não se estabelece de forma dependente das coisas ou entidades do mundo.

Passemos ao outro princípio de destaque: o caráter linear do significante. Esse caráter é intrínseco ao significante não por ele apresentar essa característica dada de antemão, mas pela necessidade imposta a ele de se desenvolver unicamente no tempo (seja pela via oral, seja pela via imagética). Não há a possibilidade de se desconsiderar o tempo na execução da língua – ou da fala; mesmo se tentarmos declamar um poema apenas "em pensamento", não é possível ignorar o fator tempo. Sendo assim, Saussure afirma que o significante "tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão; e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha" (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 84).

Além disso, é possível observar, nesse capítulo do CLG, que a união entre significante e significado se estabelece por meio de relações permitidas pelo sistema. É o sistema, também, que permite as características do signo de ser, ao mesmo tempo, mutável e imutável, que são apresentadas no capítulo seguinte. A mutabilidade e a imutabilidade do signo, então, embora não sejam explicitamente denominadas como princípios, podem ser compreendidas como tal, devido ao fato de que compõem a parte da edição dedicada à apresentação dos princípios gerais.

Esses princípios – da mutabilidade e da imutabilidade – que caracterizam o signo linguístico se entrelaçam com a arbitrariedade do signo, tirando dela consequências consideráveis. O caráter arbitrário do signo é um dos princípios que fazem com que a língua seja uma instituição social, mas diferente de todas as outras, uma vez que não consiste em "um contrato puro e simples". Por esse motivo, "o signo linguístico escapa à nossa vontade", o que permite que sejam retiradas "consequências importantes que decorram desse fenômeno" (SAUSSURE 2006 [1916], p. 85). As consequências são as seguintes:

> A qualquer época que remontemos, por mais antiga que seja, **a língua aparece sempre como uma herança da época precedente.** O ato pelo qual, em dado momento, os nomes teriam sido distribuídos às coisas, pelo qual um contrato teria sido estabelecido

> entre os conceitos e as imagens acústicas – esse ato podemos imaginá-lo, mas jamais ele foi comprovado. A ideia de que as coisas poderiam ter ocorrido assim nos é sugerida por nosso sentimento bastante vivo do arbitrário do signo. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 85-86, grifo nosso).

Das consequências que se almeja apresentar, o fato de a língua ser sempre "uma herança da época precedente" é a que mais se destaca, uma vez que essa consequência não tem um fim em si mesma. Segundo Saussure, é preciso considerar que "[...] dizer que a língua é uma herança não explica nada, se não se for mais longe. Não se podem modificar, de um momento para outro, leis já existentes?" (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 86). A resposta a essa questão colocada pelo linguista é afirmativa, embora haja ressalvas quando se considera a língua:

> Pode-se, por exemplo, discutir se a forma monogâmica de casamento é mais razoável do que a forma poligâmica e fazer valer razões para uma e outra. Poder-se-ia, também, discutir um sistema de símbolos, pois que o símbolo tem uma relação racional com o significado [...]; mas para a língua, sistema de signos arbitrários, falta essa base, e com ela desaparece todo terreno sólido de discussão; não existe motivo algum para preferir *soeur* a *sister*, ou a irmã, *ochs* a *boeuf* ou boi. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 87).

Esse caráter irracional da língua enquanto sistema de signos justifica a aleatoriedade das associações que são estabelecidas entre significado e significante (constituindo o signo) e, por consequência, justifica também a conformidade da massa com os signos que compõem a língua que fala. Todos esses fatores se unem aos seguintes, a fim de justificar o caráter imutável do signo: a multidão de signos necessários para constituir a língua, o caráter demasiado complexo do sistema e a resistência da inércia coletiva a toda renovação (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 87-88).

Além disso, paradoxalmente, é também a capacidade do signo de continuar, ao longo do tempo, que permite a ele o seu caráter mutável: "**O signo está em condições de alterar-se porque continua.** O que domina, em toda alteração, é a persistência da matéria velha; a infidelidade ao passado é apenas relativa. Eis porque o princípio da alteração se baseia no princípio da continuidade" (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 89, grifo nosso).

Além disso, é importante destacar que essas alterações possíveis são sempre ocasionadas em decorrência de um deslocamento na relação entre o conceito e a imagem acústica; esse deslocamento, contudo, só pode ocorrer por meio do sistema e das relações que o compõem – de negatividade, diferença e valor.

É neste ponto – na interdependência dos caracteres mutável e imutável do signo em relação ao sistema – que retomamos a afirmação de De Mauro (1967) de que a Linguística Geral de Saussure está relacionada à noção de sistema. Ora, é impossível falar do sistema saussuriano sem recorrer à noção de valor; em trabalhos anteriores[215] nos dedicamos a mostrar isso. Por conseguinte, ambas as noções – de sistema e de valor – evocam necessariamente todos os elementos que compõem o arcabouço teórico saussuriano. Um argumento que pode ser usado para comprovar essa afirmação é o fato de que a Primeira Parte do CLG (dedicada à apresentação dos princípios gerais) culmina no estabelecimento da diferenciação entre a Linguística Estática e a Linguística Evolutiva[216], que envolvem todo o arcabouço teórico saussuriano. Nesse sentido, é notável que os princípios gerais sejam expostos seguindo uma metodologia que parte da unidade para o todo: inicia-se com a apresentação da natureza do signo, explicitando seus elementos constituintes e seus princípios específicos; passa-se às características do signo que são mais diretamente dependentes do sistema para que sejam explicadas e compreendidas; e chega-se, por fim, à Linguística como um todo, diferenciando o caráter estático do evolutivo e delimitando-os.

A distinção entre essas duas ramificações da Linguística toma todo o terceiro e último capítulo da parte dedicada à apresentação dos princípios gerais. No final desse capítulo, Saussure afirma:

> As duas partes da Linguística assim delimitada vão-se tornar sucessivamente o objeto de nosso estudo.
> A *Linguística Sincrônica* se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e **que formam sistemas**, tais como são percebidos pela consciência coletiva.

[215] Cf. Coelho (2015).
[216] Essa diferenciação é conceituada por Saussure como "uma dualidade interna de todas as ciências que operam com valores" (SAUSSURE [1916] 2006, p. 94).

> A *Linguística Diacrônica* estudará, ao contrário, as relações que unem os termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos **outros sem formar sistema entre si**. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 116, grifos em itálico do autor, grifos em negrito nossos).

Não compete, aos limites das análises por nós apresentadas, entrar no mérito da existência ou da ausência de uma primazia da Linguística Sincrônica, que, por vezes, é afirmada. Em vez disso, compete-nos destacar que a formação ou não de sistemas é posta, pelo linguista, como um dos principais elementos de delimitação de ambas as Linguísticas, bem como utilizada para a distinção que propõe entre elas. Novamente, destaca-se o sistema (e seus elementos componentes) como central para a delimitação dos princípios gerais apresentados no CLG – o que também corrobora a tese de De Mauro (1967) de que a Linguística Geral de Saussure é fundada sobre a elaboração da noção de sistema.

Entretanto, devemos rememorar que o sistema engendra, necessariamente, todos os elementos componentes do arcabouço teórico apresentado no CLG. Vimos, desde o primeiro capítulo da parte *Princípios Gerais*, que o signo linguístico e seus elementos componentes existem e se estabelecem somente por meio das relações permitidas pelo sistema. Essas relações, por sua vez, são regidas pelo valor linguístico, e é exatamente ele que retribui aos signos a característica de não existirem *a priori*:

> Além disso, a ideia de valor, assim determinada, nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 132, grifo nosso).

A noção de valor, nesse sentido, retoma a de sistema linguístico e a dos caracteres relacional, opositivo e negativo dos elementos linguísticos – noções que De Mauro denomina como "aquisições precoces" de Saussure (DE MAURO, 1967, p. 358). Essas noções, contudo, reclamam necessariamente o princípio da arbitrariedade do signo e outros muitos elementos

apresentados na edição na parte dedicada aos princípios gerais. Por sua vez, são esses elementos, em conjunto, que permitem a conceituação de língua tal como é apresentada no CLG, e tal como é entendida enquanto objeto de estudos da Linguística.

Ao longo do século XX, período em que ocorreram os primeiros momentos da recepção do CLG e da Linguística Geral de Saussure, o conceito de língua foi recorrentemente lido e compreendido principalmente como um **modo de funcionamento geral** que vale para todas as línguas, independentemente de classificações gramaticais ou dos resultados das evoluções dos idiomas através do tempo. O conceito saussuriano de língua é entendido, majoritariamente, como algo geral, que diz respeito a todas as línguas, mas que não se refere a nenhuma em particular.

Mas o que, da teorização de Saussure apresentada no CLG, permitiu que a Linguística, até então comparativa e histórica, pudesse ser, mesmo que parcialmente, caracterizada como geral (como destaca Vendryes)? Primeiramente, acreditamos que o fato de a língua, enquanto um sistema linguístico, e todos os seus elementos e princípios, permitir que fosse proposto e sustentado um modo de funcionamento passível de ser observado em todas as línguas, constituindo-se como algo geral. Contudo, mais do que isso, consideramos que o conceito de língua em Saussure tenha permitido a caracterização como geral pelo fato de não somente decifrar as generalidades que constituem todas as línguas, mas também pela sua amplitude: trata-se de um conceito que abrange tanto o modo de funcionamento geral como as particularidades das línguas. Nesse sentido, temos duas acepções do termo geral, que podem ser ressaltadas de nossas análises do conteúdo do CLG: i) geral, em oposição a particular – aqui relacionado a um conceito de língua por meio do sistema que abrange o funcionamento de todas as línguas particulares ii) geral, no sentindo de lato, abrangente, visto que engloba todos os conceitos, noções e princípios do arcabouço teórico saussuriano.

## 3 Considerações finais

A notoriedade da teorização de Saussure apresentada no CLG raramente é contestada, embora o conteúdo da edição seja recorrentemente alvo de análises teórico-conceituais. Contudo, a expressão "Linguística Geral", que dá nome ao livro e eterniza o âmbito de estudos em que são categorizadas as reflexões de Saussure, não é revisitada com frequência; além disso, ela tampouco é retomada na edição com a finalidade de ser conceituada ou explicada. Não obstante, nossas análises mostraram que é possível depreender, a partir do conteúdo do CLG, um estatuto de "geral" que possa caracterizar a Linguística de Saussure.

Esse estatuto, em ambas as acepções que propomos, está diretamente relacionado tanto à elaboração da noção de sistema (como destaca De Mauro (1967), como aos outros princípios e elementos que constituem o conceito saussuriano de língua. Desse modo, embora a Linguística Geral não tenha sido criada por Saussure, a teorização do linguista provocou uma mudança de compreensão da expressão, deixando um legado. Consequentemente, essa mudança repercutiu no próprio âmbito de estudos, de modo que, hoje, não há como pensar em Linguística Geral sem que o nome de Saussure seja evocado.

## Referências

AUROUX, S. La notion de Linguistique Générale. In: *Histoire, Épistémolgie, Langage*, Paris, v. 10, n. 3, 1988.

BOUQUET, S.; ENGLER, R. *Escritos de Linguística Geral.* São Paulo: Cultrix, 2002

COELHO, M. P. *A noção de sistema na fundação da Linguística Moderna*. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2015.

COLOMBAT, B.; FOURNIER, J.; PUECH, C. *Uma história das ideias linguísticas.* São Paulo: Contexto, 2017.

SAUSSURE, F. Cours de linguistique general = *Curso de linguística geral.* Charles Bally e Albert Sechehaye (org.), com a colaboração de Albert Riedlinger Tradução: A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. [1916].

SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale* **-** Édition critique preparé par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1967.

SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale.* Édition critique par Rudolf Engler (Tome 1).Wiesbaden: Harrassowitz, 1968.

VENDRYES, J. *Le langage. Introduction linguistique à l histoire.* Paris: Albin Michel, 1968 [1923].

Capítulo 15

# Saussure, Freud, Marx e Musil: o espírito da época

*Eliane Silveira*
*André Santos*

## Introdução

*Zeitgeist* é uma noção que remonta à tradição romântica alemã e ficou mais conhecida através da obra *Filosofia da história*, de Hegel (1769), e aqui será utilizada em seu sentido lato, legado pelo uso, passando ao largo de um debate verticalizado sobre esse conceito que atravessa quase três séculos. Assim, nós o tomaremos especificamente por espírito da época, tal qual a tradução para o francês, e depois para o português, nos legou: uma forma de abordar ideias que estão em relação, apesar de não estarem diretamente em contato.

O *Zeitgeist*, ou espírito da época, sob o qual Ferdinand de Saussure produziu, apontava para uma mudança significativa e muitas áreas de conhecimento foram radicalmente transformadas nesse período, autorizando, por exemplo, que Saussure seja considerado o fundador da Linguística Moderna. Mas qual seria o elemento comum a tantas áreas do conhecimento capaz de fazer ecoar entre elas uma verdadeira revolução epistemológica?

Não se trata, evidentemente, de uma apropriação dos princípios epistêmicos de outra área, como fez a linguística do século XIX com o naturalismo advindo das elaborações de cunho darwinista, cuja proposta era inspirada na hipótese da evolução das espécies, que foi transposta pelos novecentistas para uma reflexão sobre a evolução das línguas. Antes, no *Zeitgeist*, ideias semelhantes e novas – em relação ao conhecimento estabelecido –,

em vista de objetos distintos, estão em ação. Mas, nesse caso, os estudiosos envolvidos não conhecem, necessariamente, um a produção do outro.

Quando tudo isso acontece de maneira potente, como foi na passagem do século XIX para o XX, produzindo saberes em consonância com o *l'air du temps*, conforme a tradução francesa para *Zeitgeist*, os efeitos do conhecimento assim produzidos tendem a irradiar e perdurar. É o caso do que foi chamado de Estruturalismo a partir da produção saussuriana.

## Breve histórico

Um autor da monta de Saussure, e com mais de um século circulando em diversas traduções e em muitas áreas, de certo que já suscitou uma discussão sobre os pontos da sua elaboração que estão em relação com questões também colocadas por seus contemporâneos. A recepção da obra do genebrino é ampla e diversa, mas podemos retomá-la, brevemente, a partir de Colombat et al., que situam historicamente essa recepção da seguinte forma: "A partir do fim da Segunda Guerra Mundial, o CLG é utilizado como um tipo de matriz em vista da modernização do conjunto de ciências humanas em círculos cada vez mais largos" (p. 31). É próprio do *Curso de linguística geral* esse contato com as outras áreas e, em muitos casos, de maneira que os conceitos presentes na publicação de 1916 permitam que outras ciências, outras áreas de conhecimento, reelaborem a relação com os seus objetos de pesquisa e trabalho.

Esse contato entre as teorias saussurianas e outras áreas de conhecimento acaba por reverberar entre os linguistas que, ao receberem os seus efeitos, também se ocupam de pensar a relação entre a elaboração de Saussure e seus pensadores. Talvez seja o caso de áreas como a antropologia e a psicanálise, que pensaram o seu objeto a partir da matriz saussuriana de língua, fala e linguagem, mas, certamente, a relação entre Saussure, a literatura e a filosofia, por exemplo, não escapou aos linguistas, contudo nos parece que, realmente, como afirmam Colombat et al., é depois da Segunda Guerra Mundial que a produção sobre esse tema sofre um impulso, especialmente na Europa, e talvez mais na França que em outros países.

Quando os primeiros manuscritos sobre o estudo de Saussure a respeito dos anagramas vieram a público, no início da década de 1960, e depois a partir da célebre publicação de Jean Starobinski, a aproximação com Freud se deu muito rapidamente. Eram duas as principais direções de reflexão: analisando a produção de Saussure a partir de Freud, ou aproximando as duas elaborações. Mas também é importante notar que a recepção de Saussure produziu uma vasta bibliografia na última metade do século passado que articula a produção de Saussure, também no CLG, com o funcionamento do inconsciente.

O fato é que muitos autores reconheceram a proximidade entre Saussure e Freud, destacando-se entre esses trabalhos o de Kristeva (1971), Rey (1973) e Irigaray (1974). Representante dessas interpretações, Michel Arrivé publica, pela primeira vez, em 1987, um livro que, entre outras coisas, destaca as articulações entre o pensamento de Freud e Saussure, livro que foi publicado muitas outras vezes e teve muita repercussão.

Claudine Normand tem um lugar especial nessa recepção, pois sua contribuição à discussão do pensamento saussuriano é indiscutível e seus trabalhos não se furtavam a assinalar a produtividade das teorias de Saussure perante os fatos da língua, assim como a relação epistemológica do linguista com notáveis de outras áreas, inclusive com Hegel, Marx ou Freud, com os quais trabalhamos neste capítulo, apesar de não explorar os mesmos aspectos que a autora.

A relação entre Saussure e Marx é muito menos notada, embora seja impossível ignorar que há uma teoria do valor [linguístico] elaborada por Saussure e uma teoria do valor [da mercadoria] elaborada por Marx. Assim, alguns autores verteram tinta sobre o tema, mas de forma assaz rápida. Já a respeito de Musil, o terceiro autor com quem tratamos, não se constata nenhuma reflexão sobre a relação entre a sua produção literária em o *Homem sem qualidades* e a produção teórica de Saussure. Não surpreende, já que estabelecer uma relação entre o que é da ordem da arte, como a literatura, e o que é da ordem da ciência, como é o caso da linguística, é bastante incomum e, para alguns, talvez não seja mesmo plausível. Contudo, é justamente sob o amplo guarda-chuva do *Zeitgeist* que essa empreitada se ampara, já que o *espírito do tempo* não reconhece as estanques divisões entre as áreas de produção intelectual ou artística; dessa forma, esta reflexão sobre as relações da produção de Saussure com o que se produziu entre a

última metade do século XIX e a primeira do XX poderia se estender muito mais e por áreas que, à primeira vista, pareceriam sem nenhuma relação com a linguística. Contudo, nunca é demais se perguntar: o que na produção humana escapa do funcionamento da linguagem?

Dessa forma, a nossa reflexão se destina a destacar esse elemento comum ao espírito da época em que Saussure realizou suas elaborações, indicando três grandes referências da modernidade que foram contemporâneas ao genebrino: Musil, Freud e Marx. O primeiro na literatura, o segundo na psicanálise e o terceiro na economia, três áreas distintas da linguística, mas que nem por isso deixam de ter fundamentos que convergem com aqueles da linguística formulada por Ferdinand de Saussure na passagem do século XIX para o XX.

## Relaçes sintagmticas e associativas

Saussure, como mostraremos na sequência deste trabalho, formula a teoria do valor – pedra angular do seu cabedal teórico – a partir da qual a consequência imediata é que tudo na língua se baseia em relações, e então se pergunta "como funcionam elas?" (SAUSSURE, 1973, p.142). A resposta é conhecida: "As **relações** e as diferenças entre têrmos linguísticos se desenvolvem em **duas** esferas distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores" (SAUSSURE, 1973).

Ele desenvolverá então um raciocínio segundo o qual os termos linguísticos ganham movimento no interior do sistema a partir de dois tipos de relações que apresentaremos brevemente para que possamos vislumbrar o contato possível entre as ideias do genebrino e as do vienense. As relações sintagmáticas, segundo Saussure, ocorreriam no eixo horizontal, e as relações associativas no eixo vertical. A primeira dar-se-ia na linearidade da cadeia linguística, através dos termos *in presentia,* e o valor de cada um seria dado pela oposição aos termos que o precedem ou sucedem. A segunda ordem de relações é chamada por Saussure de associativa e depende do que ele chama de "associação mental" (SAUSSURE, 1973, p.145), de forma que cada termo pode evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra. Se, na primeira, as relações se dão por combinação, na segunda é por substituição e, portanto, *in absentia*: "Em

realidade, a ideia invoca, não uma forma, mas todo um sistema latente, graças ao qual se obtêm as oposições necessárias à constituição do signo" (SAUSSURE, 1973, p.151). Vê-se que é no interior do sistema, por conseguinte, que o valor é estabelecido, e a partir dessas duas possibilidades de movimento, uma na cadeia sintagmática e outra na cadeia associativa. É próprio do sistema que ele implique novas posições para cada elemento transformando o seu valor.

De Mauro[217] nos dirá que o conteúdo deste capítulo é oriundo do segundo e do terceiro curso ministrados por Saussure entre janeiro de 1909 e junho de 1911, portanto, muito depois de ter publicado em Leipzig o *Mémoire*, em 1879, obra de gramática comparada na qual se reconhece muito do que depois o autor escreveu sobre linguística geral. Não é o caso específico das relações sintagmáticas e associativas. Mas é notável que o único livro que Saussure publicou foi justamente em Leipzig, lá onde essa publicação encontra a de Freud, vinte anos depois, *Interpretação dos sonhos,* que aparece em Leipzig, portanto entre a publicação do *Mémoire* e dos Cursos de Linguística Geral, no qual, se presume, Saussure formulou as duas ordens de relação no interior do sistema. Assim, o espírito da época, nesse caso, circula entre os mesmos lugares. Vejam a imagem da capa dos três livros que circulavam em espaço e tempo não muito distantes:

Figura 1. Die Traumdeutung




Fonte: https://archive.org/details/Freud_1922_Traumdeutung_7te

[217] Nota 247, p.467.

Freud publicará, no final de 1889, com data de 1990, o agora clássico *Interpretação dos sonhos* (*Die Tremdeutung*), do qual utilizaremos apenas um fragmento dessa elaboração que, assim como a de Saussure, é plena de exemplos, complexa e longa. Aqui daremos destaque ao capítulo VI, "O trabalho do sonho", no qual, já no início, ele critica a abordagem do sonho a partir do seu conteúdo manifesto e/ou como uma composição pictórica. Ao contrário, para Freud, o sonho deve ser tratado como um rébus (FREUD, 1972, p. 304), uma escrita pictográfica (FREUD, 1972, p. 303), o que permitirá chegar aos processos pelos quais pensamentos oníricos latentes se transformam no conteúdo manifesto do sonho. É pertinente lembrar aqui o apontamento de Normand ao indicar o que faz Saussure:

> A abordagem indireta e cada vez mais complicada do problema do objeto, contrária às evidências do senso comum (...), o exame de noções teóricas do ponto de vista de seu valor operatório e a reformulação de conceitos na passagem de identidade-realidade a valor parecem características de um procedimento científico que se liberta do empirismo. (NORMAND, 2009[1970], p. 34 apud MARQUES, 2020[1976])

Apesar de, aparentemente, os dois pensadores operarem com objetos distintos e não estarem em um diálogo direto, eles parecem concordar que o empirismo não é a melhor via para a área a que pertencem abordar o objeto em questão para cada um.

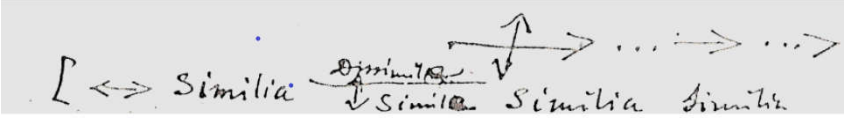
É no espírito totalmente inovador do seu tempo, portanto, apesar de desconhecido por ele, que Freud segue o caminho do rébus e da escrita pictográfica cujo percurso o levará a dois processos chamados por ele de trabalhos: a condensação e o deslocamento. Está aí o cerne do contato entre a teoria saussuriana e freudiana que trazemos nesta reflexão.

Sobre o primeiro, dirá que "a condensação onírica é uma característica notável da relação entre os pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho" (FREUD, 1972, p. 321), e, sobre o segundo, que "ocorrem uma transferência e deslocamento de intensidade psíquicas no processo de formação dos sonhos" (FREUD, 1972, p. 333). Essa formulação do austríaco está bastante articulada com as formulações de Saussure sobre as relações

sintagmáticas e associativas. Não é novo o reconhecimento de que as formulações de Freud e Saussure não são estranhas uma à outra, e Lacan mesmo tirou consequências teóricas da familiaridade entre elas.

Para finalizar este ponto da nossa reflexão e deixar que *l'air du temps* nos leve para além das relações sintagmáticas e associativas permitindo-nos mergulhar na teoria do valor, retomo aqui o trabalho de uma pesquisadora brasileira que se dedicou ao tema. Coelho (2013) nos apresenta uma análise detalhada de um manuscrito de Saussure chamado *Notas preparatórias para o terceiro Curso de linguística geral*, em que nos interessa especificamente um fragmento apresentado por ela, o último parágrafo (COELHO, 2013, p.27), que, segundo a autora, "introduz uma afirmação que é tida como incontestável, de que o valor resultante da relação entre os 'termos mutáveis' e as 'coisas mutáveis' é determinado de acordo com dois eixos concomitantes" (COELHO, 2013, p.40) Saussure, assim, se manifesta no manuscrito intitulado *Notas preparatórias para o terceiro curso*[218]:

Figura 2. Excerto do manuscrito Notas preparatórios para o terceiro curso.




Fonte: Fonte: BGE Ms. fr. 3951/23.

Vê-se que a as duas ordens de relações estão indicadas já na formulação da teoria do valor. O genebrino deixa indicado pelas setas que as relações entre os signos, no interior do sistema, que determinam o valor de cada unidade linguística têm desdobramentos que tanto podem se dar na verticalidade quanto na horizontalidade. É assim, com essa indicação manuscrita de Saussure, que passamos então a essa elaboração central do genebrino, a teoria do valor, que nos permite situar mais um ponto de contato da sua teorização com outro pensador tão caro à modernidade quanto foi Freud. Trata-se de Marx.

[218] Disponível na Biblioteca Pública de Genebra sob a inscrição Ms. fr. 3951/23, escrito, provavelmente, entre 1910 e 1911.

## Um valor carregado pelo tempo

O termo *Zeitgeist,* legado a nós por Hegel, citado no início deste trabalho, não somente representa o *espírito do tempo,* mas também, como mostramos, faz Saussure e Freud convergirem, seja na destituição completa de propriedades intrínsecas, seja na elaboração de processos duais (associativos/sintagmáticos, condensação/deslocamento). Há talvez um movimento anterior a essas manifestações dos dois autores, impressas no século XX, que possivelmente tenha servido de ebulição ao *Zeitgeist* em *Leipzig* e, posteriormente, à literatura de Musil.

É numa obra publicada em 1867 em Hamburgo que encontramos uma teoria do valor que legou ecos que se recolhem na elaboração de muitos pensadores, e acreditamos que Saussure não seja uma exceção. *O capital*, a *magnum opus* do filosofo alemão Karl Marx, trata do sistema capitalista em ascensão em sua época, mais especificamente, faz uma crítica a tal sistema, e é ali que uma teoria do valor é elaborada e nós pretendemos mostrar que guarda alguma semelhança com a teoria do valor de Saussure.

Marx é aquele que percebe que a mercadoria enquanto tal é uma mera "gelatina de trabalho" que, a princípio, possui um valor intrínseco, o qual o filosofo chama de "valor de uso". No entanto, quando a mercadoria é posta em relação com a outra, suas propriedades intrínsecas se esvaem e seu valor propriamente dito passa a ser representado unicamente pelo seu valor de troca: "(...) a coisa é diferente na relação de valor de uma mercadoria a outra. Seu caráter de valor revela-se aqui por meio de sua própria relação à outra mercadoria" (MARX, 1996, p. 179). Em linhas gerais, para Marx, a "coisa", a mercadoria propriamente dita, passa a ser percebida unicamente como valor, uma realidade falsamente suposta. Para Saussure, o mesmo ocorre de uma forma invertida: o valor de signos em relação no sistema é percebido como "coisa" pela pena do mestre genebrino: "Ao contrário, é essa tabela final e banal que faz o valor semelhante a uma coisa, deixando supor falsamente uma realidade absoluta" (COELHO, 2013, p. 41).

Se a semelhança entre as teorias do valor de Saussure e Marx reside numa inversão de uma para/com a outra, é também numa inversão que encontramos a relação de ambos com um terceiro:

> A mistificação que a dialética sofre nas mãos de Hegel não impede, de modo algum, que ele tenha sido o primeiro a expor suas formas gerais de movimento de maneira ampla e consciente. É necessário **invertê-la** para descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico. (MARX, 1996, p.140)

O próprio Saussure faz referência à economia política e a aproxima da linguística em seu *Curso de linguística geral*, classificando-as como duas "ciências de valores". Da mesma forma, não é segredo a influência de Hegel no pensamento de Marx, que faz inúmeras referências ao filósofo de Jena:

> Confessei-me, portanto, abertamente discípulo daquele grande pensador e coqueteei mesmo aqui e ali **no capítulo sobre a teoria do valor** com o modo de expressão que lhe é peculiar. A mistificação que a dialética sofre nas mãos de Hegel de modo nenhum impede que tenha sido ele a expor, pela primeira vez, de um modo abrangente e consciente as suas formas de movimentos universais. (1988, p. 27, grifo nosso)

Assim, o Marx que chega a Saussure é carregado de Hegel. Vejam que, na *Fenomenologia do espírito*, de Hegel, encontramos uma elaboração que se espraia entre muitos intelectuais da sua época e influencia os pensadores que lhe seguem no tempo. É nessa obra que encontramos o cerne da dialética hegeliana cujos ecos recolhemos na elaboração de Saussure. Vejamos, rapidamente, como.

Hegel dá à dialética, um sistema de pensamento existente desde os gregos, muito caracterizada pela tríade "tese-antítese-síntese", uma nova interpretação. Ele utiliza o verbo alemão *Aufheben,* que possui um sentido triplo, englobando negar, conservar e superar, simultaneamente, chegando desse modo a um estado elevado ao final de seu percurso, o que poderia soar um pouco confuso. Tentemos esclarecer melhor:

> Isso parece obscuro, mas fica menos confuso se observamos o que acontece no trabalho: a matéria-prima é 'negada' (quer dizer, destruída em sua forma natural), mas ao mesmo tempo é 'conservada' (quer dizer, é aproveitada) e assume uma nova forma, modificada, correspondente aos objetivos humanos (quer dizer, é elevada em seu valor). É o que se vê por exemplo no uso do trigo para

> o fabrico do pão: o trigo é triturado, transformado em pasta, porém não desaparece de todo, passa a fazer parte do pão, que vai ao forno e – depois de assado – se torna humanamente comestível. (KONDER, 2008, p. 24)

Qualquer pessoa familiarizada com o pensamento de Hegel perceberia que esse movimento de tríades se faz presente no CLG de Saussure.

Vejamos como se podem reconhecer esses ecos na elaboração saussuriana sobre o signo linguístico. Uma primeira leitura poderia nos levar a dizer que, para Saussure, a questão a princípio é dual. Lembremos das supostas "dicotomias saussureanas'. No entanto, se observarmos bem, perceberemos que significante e significado, apesar de constituírem o signo, não se confundem com ele, e o signo, em si, nega, conserva e supera o significante e o significado, como, de certa forma, aponta Silveira (2007, p. 64): "O signo, desde que estabeleça uma relação entre o significante e o significado, encontra-se grávido de uma positividade e passa a funcionar em uma relação de oposição. Haveria aí a suposição de uma substância para o signo?"

Se ousarmos sustentar uma leitura dialética de Saussure, esse suposto paradoxo poderá ser resolvido. O signo, em sua totalidade, conserva algo de um momento anterior, uma substância, ao mesmo tempo negada, conservada e elevada, realizada na forma do signo.

Este seria um dentre vários exemplos de conceitos saussureanos em que a lógica dialética de Hegel seria perfeitamente aplicável; no entanto, esse é um tema denso, e carece de investigações futuras. Mas, como tratamos aqui do *Zeitgeist* na produção de Saussure, há ainda um outro fato que julgamos digno de ser explorado. Talvez seja pela questão de um possível *Zeitgeist* que atravessou todo o século XIX e ganhou sua forma máxima na linguística saussureana, mas é mister apontarmos que a própria *Fenomenologia do espírito* se inicia com um problema da linguagem:

> "(...) não é por acaso que a dialética começa necessariamente através de uma reflexão sobre a relação entre as palavras e as coisas. Trata-se de mostrar como a dialética é dependente de um questionamento a respeito dos modos de funcionamento da linguagem em suas expectativas referenciais" (SAFATLE, 2006, p. 122)

É possível percebermos no próprio Hegel um gesto que se pode reconhecer mais tarde no pensamento de Ferdinand de Saussure no século XX. Em outras palavras, há um *Zeitgeist* que passa por Hegel, por Marx e também por Saussure, e obviamente também por tantos outros naquele período, caso de Freud, cujos conceitos Jean Hypolite já relacionou com os de Hegel, e do próprio Musil, influenciado por Nietzsche, que, por sua vez, foi herdeiro da tradição trágica do ceticismo alemão, iniciado, a princípio, por Schopenhauer, um dos rivais teóricos de Hegel em sua época.

Trazemos essas duas formulações com o objetivo de retomar uma discussão que não é exatamente nova e de levantar novamente o debate sobre a produção de Saussure em um âmbito que vai além da sua área de trabalho e até mesmo além das suas possibilidades de conhecimento, como a obra de Marx e de Freud, por exemplo, mas sobretudo de apresentar as relações da produção do linguista com a obra literária de Musil: *Um homem sem qualidades*. Essa relação, ainda inédita, ao que nos parece, nos permite mais um lance nesse jogo que compõe a renovada interpretação da produção de Saussure no início do século XXI.

## Teoria do valor

O lugar da teoria do valor no arcabouço teórico de Ferdinand de Saussure é inegável, e sobre ela muito já se disse. Retomo-a naquilo que ela deixa como consequência inexorável para qualquer elemento da língua: a destituição de propriedades intrínsecas. Todo o arcabouço teórico de Saussure concorre para sustentar que um elemento só se define a partir da diferença que mantém com o(s) outro(s) elemento(s) do sistema. Este [o sistema], portanto, é anterior ao próprio signo cuja natureza ou VALOR será definido a partir de relações, ou seja, "os valores emanam do sistema" (SAUSSURE, 1973, p. 136). A ausência de propriedades intrínsecas na língua é condição *sine qua non* para toda a teoria saussureana. Mas é preciso notar que o potencial heurístico do signo vazio, que se espraiará por outras ciências no século XX, já era, de uma certa forma, sentido inclusive fora da área científica.

Trazemos então, como último ponto da nossa reflexão, o romance de autoria do genebrino Robert Musil (1880-1942). A história da escrita e publicação desse livro é, por si só, um outro romance, e, assim como o livro, longa. Sabe-se que Musil começou a escrever em 1924, ambientando a história em 1918. A publicação dos dois volumes, que totalizaram mais de mil páginas, se deu entre 1930 e 1933. Ele continuou a escrita até a sua súbita morte, em 1943, quando preparava o terceiro volume, que foi publicado pela sua viúva com outros originais não incluídos no primeiro e segundo volumes. Trata-se de um romance inacabado, portanto, constituído de três partes, e cujo título em português é *Um homem sem qualidades*. Trago aqui a fala de um pesquisador português que assim apresenta a obra:

> (...) em *O Homem sem Qualidades* a certo momento o peculiar herói, que é Ulrich, reflecte sobre frase de um artigo desportivo, em que o articulista fala de «um cavalo de corridas genial». Para Ulrich isso afectava «toda a história do mundo», e extrai daí as consequências com que começa o seu desprendimento de todas as qualidades ou atributos. Decide então abandonar a sua carreira de matemático e toda a pretensão à genialidade, transformando-se num homem sem atributos. (MIRANDA, 1996, p. 02)

Considerando que o livro é uma referência da literatura moderna, assim como sua extensão e também sua circulação, é natural que sejam muitas as interpretações que obteve. A que trazemos aqui é corrente e, além de favorecer a nossa compreensão do quanto a narrativa de Musil tem a ver com a elaboração teórica de Saussure, Miranda finaliza o seu apontamento com uma pérola da tradução. Se, em português, a última palavra do título do livro (eigenshaften) foi traduzida por qualidade, Miranda a substitui por propriedade. De fato, a tradução do romance em espanhol é *El hombre sin atributos*. Percebe-se, assim, que a tradução poderia ser perfeitamente *Um homem sem propriedades intrínsecas*.

Evidente que não trazemos aqui uma proposta de tradução, mas a importância de apontar o lugar onde as duas obras surpreendentemente se encontram de maneira pouco notada, embora inegável, a saber: o afastamento da percepção de elementos atomizados na língua ou na sociedade, a destituição da essência própria desses elementos e um olhar para além da evidência imediata. Esse parece ser o espírito da época que atravessou os

genebrinos Musil, na literatura, e Saussure, na linguística, cuja marca Normand (apud Marques), aponta:

> A abordagem indireta e cada vez mais complicada do problema do objeto – contrária às evidências do senso comum e da tradição gramatical –, o exame de noções teóricas do ponto de vista de seu valor operatório e a reformulação de conceitos na passagem de identidade-realidade a valor parecem características de um procedimento científico que se liberta do empirismo. (NORMAND, 2009[1970], p. 34 apud MARQUES, 2020[1976])

Certamente, a chegada de Saussure à teoria do valor contribuiu para que a sua percepção da língua o libertasse também da substância, assim como do empirismo, liberdade também reclamada por Freud em a *Interpretação dos sonhos*, e que o jogava para a forma cujo valor só se obtém pelo jogo das diferenças.

Da mesma maneira, a grande insistência de Musil – nesse romance que traça com tantos detalhes a experiência única de Ulrich, um homem que rompe com a tradição do seu tempo ao abrir mão das suas qualidades, dos seus atributos, das suas propriedades ao reconhecer que elas não são intrínsecas – contribuiu para que a literatura apresentasse o homem liberto dessa pretensa substância que o constitui *a priori*, deixando outras possibilidades de entender o sujeito, como a modernidade atesta.

## Conclusão

É evidente, como aponta Normand, que "Seria pretensioso querer traçar em algumas linhas um quadro da configuração teórica do final do século XIX e do início do século XX" (NORMAND, 2009; p. 38). A elaboração do genebrino é bastante ampla, com décadas de escrita abrangendo muitos temas relativos à linguagem, e, além disso, inclui inéditos de diversas naturezas e publicações oriundas da sua pena ou de alunos. Dessa maneira, a abordagem da sua elaboração será sempre parcial em função mesmo da enorme quantidade de material ao qual o pesquisador tem acesso atualmente. Contudo, nesse caso, a aproximação de Saussure ainda deveria se dar considerando o litoral entre a produção do linguista e a de Freud,

Marx e Musil, três outros gigantes do pensamento ocidental. Portanto, são apenas traços da produção de cada autor que se recolhe neste trabalho.

Além disso, nossas observações são bastante circunscritas ao âmbito das reflexões ocidentais e mais ainda a uma certa região da Europa. Se a trazemos aqui, é com o objetivo de, na releitura atual que se faz da produção saussuriana, apontar uma saída para as leituras que alinham o linguista em uma clave científica estreita e pouco produtiva. Uma saída que não é nova, especialmente no caso de Freud, de Hegel e talvez até de Marx, apresenta Musil nessa sequência, expandindo as possibilidades de reinterpretação da obra de Saussure.

Sabe-se que a interpretação de Saussure, muitas vezes, o coloca na clave de um cientificismo positivista ao priorizar mais a ambição dos linguistas do início do século XX em consolidar a linguística enquanto ciência do que, de fato, os traços da sua produção que, não raro, eram adaptados ao projeto científico em voga. Trazer esses pontos de contato da elaboração de Saussure com a de Freud, Marx e Musil é também uma forma de nos afastarmos dessa interpretação e de destacarmos alguns aspectos em comum entre elaborações tão ímpares.

## Refemcias

ARRIV, M. *Linguistique et psychanalyse.* Freud, Saussure, Hjemslev, Lacan et les autres, Paris : Mridiens/Klincksieck, 1987.

COELHO, M. P. As notas preparatórias para o terceiro curso de Saussure: uma leitura do valor lingustico. *Crtilo:* Revista de Estudos lingusticos e Literrios, Patos de Minas, v. 6, p. 30-45, 2013. Disponvel em: https://revistas.unipam.edu.br/index.php/cratilo/issue/view/44/Revista%20Cr%C3%A1tilo%2C%20vol.%206%2C%20n.%202%2C%20dez.%202013 . Acesso em: 15 dez. 2020.

FREUD, S. *A interpreto dos sonhos.* Obras Completas, v. V, Rio de Janeiro: Imago, 1972.

KONDER, L. *O que é dialética?* São Paulo: Brasiliense, 2008.

MIRANDA, J.B. De um outro uso das paixões. In: *Biblioteca online das ciências da comunicação*, Nova Lisboa, 1996. Disponível em http://bocc.ubi.pt/pag/miranda-musil-paixoes.html . Acesso em 08 dez. 2020.

NORMAND, C. *Convite à linguística*. Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan (org.). Tradução: Cristina de Campos Velho Birck et al. São Paulo: Contexto, 2009[1970].

MARQUES, Allana Cristina Moreira. *O enigma saussuriano do ponto de vista-objeto*. 2021. 196 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.te.2021.22. Acesso em: 08 jun. 2021.

MARX, K. *O Capital:* critica da economia política. Vol I, T. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

SAFATLE, V. Linguagem e negação: sobre as relações entre pragmática e ontologia em Hegel. *doispontos,* Curitiba, São-Carlos, vol. 3, n. 1, p. 109- 146, abril, 2006.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral.* Charles Bally, Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger (org.). Tradução: Antônio Chelini, Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

Capítulo 16

# Algumas notas etimológicas de Ferdinand de Saussure nos *mémoires de la société de linguistique, vi*

*Vítor Jochims Schneider*
*Fernando Silva e Silva*

As inúmeras leituras de Ferdinand de Saussure, renovadas e reconstruídas de tempos em tempos, impõem aos investigadores desafios conceituais e práticos que orientam suas análises. Por mais banal que soe, é preciso ter em mente que Ferdinand de Saussure é um nome, um substantivo que pode ser empregado de modo abreviado para referenciar Ferdinand-Mongin de Saussure, nascido em 26 de novembro de 1857 em Genebra, filho de Louise-Elisabeth de Pourtalés e Henri de Saussure. Em paralelo a essa abreviação referente a um sujeito histórico, Ferdinand de Saussure é um nome de autor, ou seja, uma ferramenta discursiva criada e reiterada por atos de leitura que criam a imagem de uma suposta subjetividade que sustenta uma produção discursiva (FOUCAULT, 1992).

Se realizamos uma busca por Ferdinand de Saussure enquanto nome de autor, é possível que nos deparemos com um conjunto de textos bastante distintos entre si. Adotando uma perspectiva cronológica, o primeiro conjunto de textos que encontraríamos é o *Recueil des publications scientifique de Ferdinand de Saussure*, de 1922, uma coletânea dos textos publicados em vida pelo autor que soma quase seiscentas páginas. Provavelmente, o segundo título a ser indicado pelos catálogos seria *Curso de linguística geral*, obra à qual o nome Ferdinand de Saussure esteve vinculado ao longo de quase todo o século XX. A depender do grau de atualização da biblioteca, é provável que contemos com os *Escritos de linguística geral*,

uma coletânea de textos manuscritos produzidos pelo linguista que, em conjunto, só estiveram disponíveis para o público a partir de 1996.

Diante dessa diversidade de textos – que podem se tornar ainda mais diversos a depender da riqueza dos acervos bibliográficos –, podemos construir diferentes imagens de autor com o nome Ferdinand de Saussure. Sabendo que ele é uma criatura que toma existência apenas através dos atos de leitura, temos ciência de que essa criação é o resultado sempre provisório de uma operação complexa de construção da imagem de "um certo ser racional" que sustenta a materialidade dos textos. É evidente que a imagem de autor a ser produzida resulta de uma série de avanços e bloqueios realizados pelos leitores. Para compor o retrato de um autor, certas linhas são reforçadas, outras apagadas e outras ainda ignoradas.

Com o intuito de trazer uma pequena contribuição para companheiros e companheiras de leituras dedicados a construir, analisar e questionar as imagens de autor atribuídas ao nome Ferdinand de Saussure, apresentamos a tradução de um pequeno conjunto de textos publicados em vida pelo linguista nos *Mémoires de la Société de Linguistique,* de 1889. Essas "notas etimológicas" publicadas pela *Société de Linguistique de Paris* podem ser interpretadas pelo leitor contemporâneo como representantes de um gênero textual extremamente curioso para a divulgação científica, porém, se situamos a publicação em seu horizonte de retrospecção (AUROUX, 1980), o material revela-se como uma referência pertinente para a elaboração de novas compreensões do pensamento saussuriano.

Antes de tudo, é preciso ter em mente que a *Société de Linguistique de Paris* (doravante SLP) foi, sem dúvida, a instituição científica com a qual Ferdinand de Saussure estabeleceu os mais fortes vínculos em sua jornada de pesquisador. O linguista passou a fazer parte dessa sociedade científica já muito jovem, em 1876, quando contava apenas 17 anos, por intermédio de Michel Bréal, amigo de sua família e, na época, dos mais célebres linguistas da França.

Essa sociedade publica desde 1869 seus *Mémoires de la Société de Linguistique* (doravante MSL) com o propósito de divulgar resumidamente o conteúdo das conferências e debates internos, bem como de compartilhar as comunicações individuais realizadas pelos associados. A leitura dos diversos volumes dos MSL permitem, portanto, ao investigador contemporâneo visualizar a natureza dos debates investigativos da qual emergiu o

pensamento saussuriano. Para essa contribuição, selecionamos o volume VI dos MSL, publicado em 1889, visto que esse volume apresenta o maior número de contribuições de Ferdinand de Saussure: nove notas etimológicas e um artigo completo.

Conforme mencionado, as "notas etimológicas" publicadas pela SLP apresentam-se ao leitor contemporâneo como um gênero textual curioso para a divulgação científica. No entanto, se as localizamos em seu contexto de produção, podemos lê-las como a materialização discursiva do caráter coletivo da empreitada da gramática histórico-comparada. Trata-se de um texto breve, em que o investigador propõe a análise etimológica de um vocábulo da família indo-europeia, contemporâneo ou antigo, a fim de estabelecer sua relação com o proto-indo-europeu.

Nessa seleção, elaborada a partir do *Recueil de publications scientifiques de Ferdinand de Saussure* (SAUSSURE, 1922), organizado por Charles Bally e Léopold Gautier e publicado em 1922, optamos por apresentar sete das notas etimológicas que constam no sexto volume dos MLS. Escolhemos esse grupo de notas, pois em nenhum outro MLS há tão grande concentração de atividade do linguista genebrino e, devido à sua proximidade no tempo, é possível gerar uma fotografia das comunicações de Ferdinand de Saussure na SLP no período e, por conseguinte, de suas pesquisas. Nos anos 1888 e 1889, período de escrita das notas que são apresentadas, Ferdinand de Saussure estava em vias de partir de Paris, deixando seu posto como professor na capital da França para atuar na Universidade de Genebra.

Nossa intenção ao trazer essas traduções é contribuir para o conhecimento aprofundado da obra saussuriana, englobando seus trabalhos de gramática histórico-comparada. Acreditamos que a leitura de tais notas, além de apresentar a prática investigativa do mestre genebrino situada em seu tempo, nos desafiam a repensar o arcabouço conceitual saussuriano e a elaborar novas imagens para esse nome de autor.

# Referências

AUROUX, S. L'histoire de la linguistique. Langue française, Histoire de la linguistique Française, Paris, n. 48, p. 7-15, 1980.

FOUCAULT, M. *O que é um autor?*. Lisboa: Veja, 1992.

SAUSSURE, F. *Recueil des publications scientifiques*. Texte établi par BALLY, C. et GAUTIER, L. Librairie Payot: Genève, 1922. Disponível em: https://archive.org/details/recueildespublic00sausuoft. Acesso em: 30 nov. 2020.

# ΑΔΗΝ
## (*Mémoires de la Société de Linguistique*, VI, p. 53, 1889; *Recueil*, p. 408)

Temos no grego βουβών o exemplo de uma palavra que pode designar indiferentemente as glândulas situadas na virilha, um tumor causado pela inflamação dessas glândulas, ou, simplesmente, a região da virilha.

Pode-se crer que o latim *inguen*, na sua verdadeira acepção, era sensivelmente o equivalente a essa palavra grega, que tinha todos os sentidos de βουβών e que não tinha legitimamente nenhum outro. Os latinos, ao traduzir βουβών, se serviram de *inguen*. O francês, na palavra "aine" [virilha], precisou a significação sem modificá-la.

Considerando *inguen* como a virilha ou as glândulas da virilha, não há dificuldade em aproximar uma palavra até então sem congêneros conhecidos, o grego ἀδήν ou ἀδήν (gen. ἐνος) "glândula do corpo em geral"[219]. Forma primeira: *n̥g2en-. Outras palavras saídas do mesmo tronco existem em norueguês antigo e apresentam uma variedade do voclismo radical: *økkviun* = **enkvinn* [inflamado], *økkr* [tumor] já comparado ao latino *inguen* na gramática islandesa de M. Noreen, § 71, 4.

[219] Abandono para essa aproximação aquela que eu havia tentado alhures entre *inguen* e (neste caso = **hinguen*) e o sânscrito *ǵaghanam* (forma primeira; **g1hn̥g2hen-*).

## LŪDUS
## (*Mémoires de la Société de Linguistique*, VI, p. 75, 1889; *Recueil*, p. 409)

O valor do *ū* em *lūdus* é estabelecido por LOIDOS, *Corp. inscr. Lat.*, 565; cf. 566, 567. Presumo uma forma ainda mais antiga, **doidos*, na qual os sons correspondem exatamente àqueles do adjetivo do islandês antigo *teitr* "gai" [alegre], de onde *teiti* "gaîté" [alegria], *teiti-mál* "joyeuse causeries" [conversa alegre]. No antigo alto alemão, o mesmo adjetivo (*zeiz*) é dito sobretudo das crianças e significa "tendre, gracieux, qu'on aime à caresser, à choyer" [terno, gracioso, o que se ama acariciar, mimar].

Combinando as significações do norueguês e do alemão, chega-se a ideia de gentileza ou de *enjouement* [divertimento] infantil, de onde a ideia ulterior do jogo em latim. O grego ἁταλὸς, cujo sentido equivale aproximadamente ao de *zeiz*, é acompanhado de ἁταλλω, "s'ébattre, s'amuser à la manière des enfants" [divertir-se, entusiasmar-se ao modo das crianças]. Cf. também παίς e παίζω.

# GREGO ἀΛΚΥὼΝ – ALEMÃO SCHWALBE
## (*Mémoires de la Société de Linguistique*, VI, p.75. – 1889; *Recueil*, 410-411)

*Alcedo*, nome latim do martim-pescador, nada mais é do que uma alteração da palavra grega, que acabou pura e simplesmente por ser adotada (Varão, De l. l., VII, 88). O pássaro martim-pescador deve sua fama sobretudo aos gregos. Uma latinização mais exata de seu nome não poderia talvez ter ocorrido sem alguma dificuldade: ἀλκυών, ἀλκυονες teria dado a flexão insólita *alcio, alcienes*[220], ou *alcuo, alcuines* (-unes). Procedeu-se, no que diz respeito à palavra estrangeira, como no caso de *Carthago*, de *coclites*[221], de *persona* = πρόσωπον[222].

Acordadas essas premissas, podemos operar livremente sobre ἀλκυών[223], restituir-lhe um σ inicial[224], identificar-lhe assim fonema por fonema com o nome germânico da andorinha **swalwon* – (velho-alto alemão *swalawa*). Logo, admitindo como acentuação primitiva aquela que existe em grego, o *k*, segundo a lei de Verner, deveria tornar-se no germânico *z*, e não χ. O protótipo **swalzwōn*, por sua vez, deveria perder seu *z* antes de *w*. Entre essas duas palavras, que concordam até mesmo em gênero[225], a única divergência repousa no υ helênico, expresso pelo *w*; mas o germânico, se ele conheceu o hiato i+vogal, parece não ter jamais tolerado o *u* na mesma posição.

---

220 Esta flexão existia de fato em *Nerio, -ĕnis* (*Anio, -nis*). Veja L. Havet, nesses *Mémoires* V, 447.

221 L. Havet, MSL., V, 283.

222 L. Havet, citado no *Dic. étym. latin* dos Senhores Bréal e Bailly, p. 260.

223 Não devemos nos ocupar com o antigo alto-alemão *alacra*, que se tem o costume, a partir de M. Curtius, de considerar como congênere. Essa palavra obscura só é conhecida através de algumas glosas, ela traduz *mergulus* (Steinm.-Sievers, I, 340, 26; 348, 1); dificilmente poder-se-ia dizer se o seu *c* representa um *g* ou *k* gótico, isto é, um *k* (χ) ou um γ grego.

224 Para o espírito brando sucedendo à σF, cf. ἅσμενος, ηδος, ηθος, ιδιος, ιδιω. Além disso, o dialeto ático diz ἀλκυων.

225 O gênero feminino acarreta em germânico o abandono do antigo o breve (ἀλκυον-), sem exemplos femininos em -n.

Objetar-se-á que há poucos traços comuns entre a andorinha e o martim-pescador dos antigos. É necessário, no entanto, que tal semelhança tenha sido por ventura percebida para que nosso matim-pescador, antigamente matiner-pescador, seja nomeado a partir de andorinha-martiner, por causa, dir-se-ia, da analogia de seus voos (o que, de minha parte, confesso, não estar movido), pois o martim dá voos rasantes sobre a superfície da água ou do solo[226]. Acrescentamos que a andorinha e os martins-pescadores estiveram entre as espécies particularmente respeitadas e queridas pela imaginação popular.

[226] Se não se conhecesse a opinião fantasiosa dos antigos sobre o ninho do martim-pescador, seria natural acreditar que esse pássaro foi a princípio associado em seu pensamento à andorinha dos rios, cujos ninhos subterrâneos são indicados como aqueles do martim-pescador por pequenos buracos feitos ao longo das margens escarpadas. Retrospectivamente, constato que certos naturalistas, como Temminck (*Oiseaux d'Europe*, I, 418), reconhecem e destacam expressamente uma analogia geral entre a ordem dos alcyons e aquela dos chélidons.

## ΝΥΣΤΑΖΩ
## (*Mémoires de la Société de Linguistique*, VI, p. 76, 1889; *Recueil*, 412)

Νυστάζω [adormecer, estar sonolento] parece, é verdade, não poder se separar de νεύω, e Veitch (*Greek Verbs*); gostaria até mesmo de fazer dele uma simples reduplicação de νευστάζειν [inclinar ou menear a cabeça]. No entanto, uma outra possibilidade deve ser assinalada: o lituano *su-snústi*, *už-snústi* (presente -*snústu*, pretérito *snúdau*) significa, exatamente como νυστάζειν, [adormecer involuntariamente, ser surpreendido pelo sono], por oposição a *už-mìgti* [adormecer buscando voluntariamente o repouso]. Cf. também *snáusti*, *snaudžu* [dormir levemente]. Se a aproximação é correta, νυστάζω derivaria de um antigo particípio passado *σνυστὸς [dormente] (= σνυδ-τὸ-ς ou σνυθ-τὸ-ς ). O υ pode ter sido longo, como o *u* da palavra lituana.

Em germânico, três radicais começando por *snū-* exprimem a ideia de [soprar ruidosamente, fungar, roncar, etc]: 1º antigo alto-alemão *snūdan* [respirar com barulho, roncar]; 2º antigo alto-alemão *snüzen* (atualmente *schneuzen*) [assoar]; 3º médio alto-alemão *snūben* [roncar] (atualmente *schnauben* [soprar, prender fôlego]); a esse último se relaciona o médio alto-alemão *snupfe* [resfriado]. Citamos essas palavras apenas de memória; elas se parecem demasiado distantes do sentido de νυστάζω, e não o são menos do que aquele de *sú-snústi*: o grego e o lituano permanecem em perfeita harmonia.

# ΛὺΘΡΟΝ

## (*Mémoires de* la Société de Linguistique, VI, p. 77, 1889; Recueil 413-414)

Tem-se o costume de relacionar λὺθρον (ou λὺθρος) à mesma raiz que λῦμα [impureza], λὺμη [mácula e ruína], λῦμαίνομαι [sujar e destruir]. Essa etimologia tem contra ela: 1º) a quantidade breve do υ de λὺθρον; 2º) a dificuldade de fazer sair da simples ideia de *sujeira* uma significação tão espacial quanto aquela da palavra λὺθρον; ela se traduz em Homero por "manchas de sangue" ou por "barro de sangue, barro feito de sujeira e sangue", e ela designa, em medicina, certos líquidos sanguinolentos[227].

Sabe-se que *rudhiram* [rubro] é em sânscrito uma palavra muito usual para *sangue*. Ainda que estranha à língua dos Vedas, esse emprego particular de *rudhira-* parece remontar a uma alta antiguidade, pois o mesmo adjetivo em germânico não deixa outro traço de sua presença a não ser em uma palavra que segue designando *o sangue*: velho norueguês *roðra*[228] (feminino fraco do adjetivo perdido).

Datem ou não da língua-mãe, tais exemplos autorizam em todo caso a buscar em λὺθρον uma variante de (ἑ)ρυθρόν. Note-se que, segundo Pólux, λὺθρον ou λὺθρο (τῆς πορφὺρας) é dito também do pigmento do molusco púrpura, de modo que o caráter comum às diversas matérias significadas por essa palavra parece decididamente residir na sua cor vermelha. A primeira divergência entre ἑρυθρόν e λὺθρον trata da "vogal protética" e é provavelmente apenas uma sequência da divergência das consoantes; o caso lembra aquele de λεζίνθιοι = ἑρέζινθοι[229]. De resto, cf. μοιχός

---

[227] A glosa que vemos aqui nos ensina, além disso, a existência de um verbo λὺθροω, cujo sentido não devia se afastar muito daquele de "ensanguentar". Hesíquios, ed. Schimidt λελὺθρωται χωριον [=χοριον] απερρωγος. O manuscrito traz λελὺθμωται.
[228] Contra a quantidade longa do *o*, de *roðra*, ver Schade, *Altdeutsches Wörterbuch*, s.v.
[229] Curtius, Grundzüge, 346. Os dois casos não são, de modo algum, similares no que o ε de ερεβινθος (cf. ervung) não é um ε protético como aquele de ερυθρος. Pergunto-me, além disso, se λεβινθιοι não é, na verdade, algo totalmente diferente de ερεβινθος: ela se aproxima, com efeito, bastante de λεβερις, λοβος, [vagem].

em oposição a ὁμιχέω; ρωδιός e ἐρωδιός. Por sua vez, a substituição de *l* por *r* repousa sobre um fato de dissimilação, tornado possível pelo esquecimento do sentido primeiro que aproximava a palavra à ἐρέυθω. Deve-se reconhecer que a dissimilação ocorre raramente sobre dois *r* e que, em geral, o grego (assim como o latim, ver mais acima L.Havet, p. 29 s) manifesta repugnância apenas pelo retorno de *l,* como em ἀργαλέος = *αλγαλέος. No entanto, as repetições de *r* não são tampouco toleradas sem exceção. No caso particular em que cada um dos ρ se encontra entre consoante e vogal, ou ainda a palavra permanece sem mudança (χρεάϒρα), ou um dos ρ é suprimido: φ(ρ)άτρα, δρύφ(ρ)αχτος, β(ρ)άτραχος, θ(ρ)ιπόβωτος, θρέπζ(ρ)α. No caso mais simples, em que os dois ρ precedem uma vogal sem serem os dois precedidos por uma consoante, ou a palavra permanece sem alteração (é o normal), ou um dos ρ é dissimilado: ναύχλαρος = ναύχραρος, eleático χαλάδριοι de χαλάδρα, θηληήρ χυνηγός (Hes.) = θηρητήρ, χολίανδρον = *χορίανδρον (*coriandrum*), χροχόδειλος = χροχό-δειρος (?); enfim, os muito mais antigos δέλετρον = velho alto-alemão *quërdar*, λίστρον = ῥίστρον (Hes.), ρυθρον = **ruthron*. Contatamos, para nada omitir, que, no caso em que um dos ρ se encontra *depois* da vogal de sua sílaba (λὐθρον, δέρτρον), a palavra está imune a toda modificação desse gênero.

A retirada do acento em λὐθρον comparada à ἐρυθός é naturalmente a mesma que em δόλιχος em relação ao adjetivo δολιχός, etc. – O gênero é indeciso em Homero, que emprega a palavra apenas no dativo. Aparentemente λὐθρον é mais antigo que λὐθρος.

## ΙΜΒΗΡΙΣ
(*Mémoires de la Société de Linguistique*, VI, p. 78. – 1889; *Recueil*, 415)

A glosa de Hesíquio ἴμβηρις εϒχελυς. Μηθυμναιοι passou até agora despercebida; ela lembra inevitavelmente os substantivos slavo-letões de enguia: o lituano *ungurỹs*, o paleoeslavo *ągorišti*. Não é possível fixar de modo exato a relação de ἴμβηρις com εϒχελυς, enquanto questões múltiplas ainda surgem em torno do tema da família inteira εχις - εϒχελυς e do sânscrito *akis*. Lembremos apenas que o médio-alto alemão *unc*, genitivo *unkes*, supõe um protótipo em *g* não aspirado, ao qual não contradiz naturalmente nem o latim *anguis, anguilla*, nem o lituano *angis*, *ungurỹs*, e que talvez o ἴμβηρις confirmaria.

## ΚΡΗΝΗ
## (*Mémoires de la Société de Linguistique*, VI, p.119. – 1889; *Recueil*, 416)

Κρήνη, dor. κράννα, éol. κραννα, sai de *κρασνα, como σελήνη, σελάννα, de σελασνα; como ήμείς, αμες, αμμες, de *ασμε-.

A palavra sempre passou por um derivado de καρη, κρας- [a cabeça], etimologia à qual não haveria nada a objetar se κρήνη designasse propriamente o local em que começa o curso de um rio, *caput aquae*. Na verdade, é justamente nesse sentido que uma fonte, para os gregos, não se chama Κρήνη, mas πηϒή. Κρήνη significa [fonte] enquanto [chafariz], sem nenhuma ideia de origem ou ponto de partida. Ερχεσθε Κρήνηνδε [ir ao chafariz] (υ, 154), mas πηϒής επι Κηφισοιο (Β, 523), πηϒή κακων (Ésquilo).

Comparo, em virtude da identidade de forma e da analogia suficiente do sentido, o norueguês antigo *hrönn* [enchente, onda, água agitada], o qual representa em gótico **hrazna* (fem) = *κρασνα. A palavra existe também em anglo-saxão sob a forma *hærn*, pela mesma metátese que *ærn* [casa] = got. *razn*.

*Sobre o livro*

Formato: 16 x 23 cm
Tipologia: Cambria
Data de publicação: Dezembro de 2022